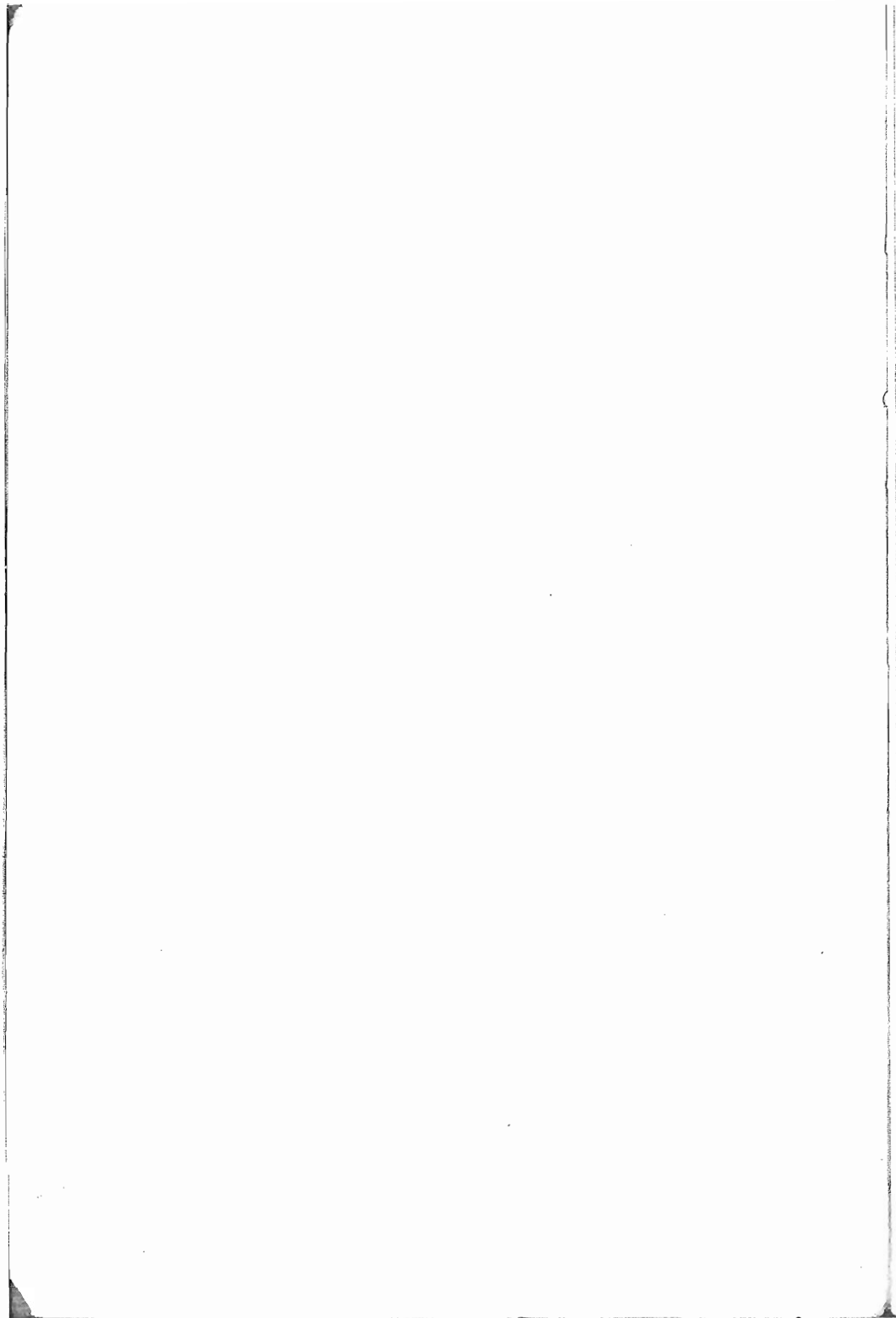
EUCLIDES DA CUNHA

À MARGEM DA HISTÓRIA

(*Autorização de Lello & Irmão*)
Portugal — Pôrto

Estabelecimento de texto e notas a cargo de
Dermal de Camargo Monfrê

Editôra Lello Brasileira S.A.
1967

NOTA EXPLICATIVA

à margem da 1.ª edição brasileira

Foi Coelho Neto, grande amigo de Euclides, que o induziu a editar seus livros na Editôra Lello, de Portugal. O êxito editorial do autor de *Livro de Prata* (pelo assunto e pelo estilo) o animou a aconselhar seu colega da Academia à prestigiosa casa do Pôrto.

A morte inesperada de Euclides, porém, as naturais dificuldades para os necessários contactos com editôres e a falta de afinidade dos portuguêses com a temática euclidiana fizeram com que as seguintes edições de *Contrastes e Confrontos* e *À Margem da História* se espaçassem cada vez mais e não tivessem a indispensável assistência direta do Autor, ou de revisores afeitos à matéria.

À Margem da História (obra póstuma que só saiu um mês após a morte do escritor) vem em sua 1.ª edição — provàvelmente pela falta de uma revisão final de Euclides — eivada de erros e descuidos. Graças ao zêlo de seus editôres, as edições seguintes se apresentam mais corretas e melhor revistas.

Sendo crescente entre nós o interêsse pela obra euclidiana e dada a importância dos livros para a perfeita compreensão da problemática do Autor, impunha-se fôssem eles editados entre nós, na nossa ortografia e sob nossos cuidados revisórios.

Graças aos entendimentos da Editôra Lello Brasileira, de São Paulo, conseguindo autorização da Editôra Lello, do Pôrto, e com o estabelecimento de textos feito pelo Sr. Dermal Monfré, temos agora (como iniciativa da editôra nacional em comemoração ao Ano Euclidiano) os dois livros editados no Brasil.

À Margem da História compõe-se de quatro partes: *Na Amazônia, Terra Sem História* (7 capítulos, sôbre essa região), *Vários Estudos* (3 capítulos, assuntos americanos), *Da Independência à República* (ensaio histórico) e *Estrêlas Indecifráveis* (crônica).

O livro apresenta, bem nítidas, quatro constantes da personalidade cultural de Euclides: o cultor da língua e verdadeiro esteta da linguagem, o ensaísta e o humanista brasileiro.

Não há preciosismo no falar euclidiano; há, sim, o rigorismo da palavra exata. Seu vocabulário riquíssimo, técnico e profissional quando necessário, era-lhe o instrumento próprio para captar tôdas as sutilezas da realidade e expor o logicismo de seu raciocínio de investigador e a lucidez do intérprete.

Nas palavras densas, carregadas de emoções e evocações, dispostas numa estruturação sintática de ritmo veemente, que se torna frêmito de vida e poesia, temos a própria autenticidade de Euclides, numa linguagem que é bem tropicalmente brasileira, no transbordamento fenomenológico de formas, sons, calor e luz. Se n'*Os Sertões* êle foi mais improvisado e por isso mais grandiloqüente e espetacular, agora ei-lo mais equilíbrio e maturidade. O capítulo *Judas Ahsverus* (que nasceu inteiriço como um bloco de beleza) continua sendo uma das melhores páginas da língua portuguêsa.

O espírito científico de Euclides, sempre estudando e sumariando os assuntos (formado na juventude conforme o espírito da época), dado a hipóteses e prefigurações muitas vêzes discutíveis, extravasa-se na insopitável vocação ao ensaísmo, exigindo-lhe conhecimentos e pesquisas, para que se torne mais lúcido, mais penetrante, melhor intérprete. Por isso achamos que há necessidade de uma iniciação cultural para se sentir e compreender Euclides. Não estranhamos ser êle um escritor pouco popular. Sua irrefreável tendência à interpretação fisiológica dos fenômenos naturais mostra-se através de uma vibração romântica e idealística, fazendo surgir, dos algarismos e teorias, sua figura inigualável de artista.

Euclides é inesgotável. Por mais que se queira defini-lo e caracterizá-lo, ainda se descobrem novas veredas e magníficas perspectivas que escaparam à delimitação...

Seu tema central é a pátria e a gente brasileira. N'*Os Sertões* o objetivo último é o homem; n'*Amazonia,* o tema principal é a terra.

Seu nacionalismo mais se prende à preocupação do bem comum e da denúncia das estruturas desequilibradas de nossa sociedade. Já de algum tempo era sua intenção escrever um "segundo livro vingador". Deveria referir-se à Amazônia, acusando os descasos pela terra e o desprêzo pelo homem.

Deveria chamar-se *Paraíso Perdido.*

Não o completou, porém, e alguns de seus capítulos constituem a *Terra Sem História,* que abre êste volume.

São, no entender de alguns euclidianos, as mais expressivas e belas páginas de Euclides.

Quando, em 1904, escreveu a José Veríssimo sôbre sua ida ao Acre (como Chefe da Comissão de Reconhecimento das Nascentes do Rio Purus) confessa o intento: "Aquelas paragens, hoje, depois dos últimos movimentos diplomáticos, estão como o Amazonas antes de Tavares Bastos; se eu não tenho a visão admirável dêste, tenho o seu mesmo anelo de revelar os prodígios da nossa terra".

Seu desejo era mostrar os aspectos físicos e as riquezas essenciais da exuberante região.

"Além disso, se as nações estrangeiras mandam cientistas ao Brasil, que absurdo haverá no encarregar-se de idêntico objetivo um brasileiro?"

O grande rio teve o intérprete à altura.

Conhecerá melhor a Amazônia aquêle que ler as páginas de *Terra Sem História.* Não é sòmente a geografia descritiva que o empolga; são suas transfigurações no tempo.

O mesmo crítico da caatinga, d'*Os Sertões,* é aqui o arrebatado revelador do sistema hidrográfico da (ainda hoje) desordenada região. E se o sertanejo é antes de tudo um forte, o seringueiro é um tipo de lutador excepcional. Devido, porém, ao egoísmo desenfreado dos patrões opulentos, o homem ali "trabalha para escravizar-se".

Se n'*Os Sertões* a denúncia fica mais como um alerta, aqui Euclides é mais objetivo e recomenda leis trabalhistas (isso em 1906. . .) para que "salvemos aquela sociedade obscura e abandonada".

Enquanto *Contrastes e Confrontos* está recheado de estudos e ensaios que são o desdobramento ou a complementação d'*Os Sertões,* êste outro em nada a êles se assemelha, a não ser pelo mesmo tema da integração nacional — através da penetração na Amazônia — e o mesmo desvêlo pelo sofrido homem de nossa pátria, o que faz de Euclides da Cunha um dos primeiros e mais ardorosos cultores do humanismo brasileiro.

Continuam aqui suas preocupações e seus interêsses pelos problemas americanos, principalmente os referentes à America do Sul. Isso em 1904. Se os tivéssemos acompanhado e estudado com igual dedicação e cuidado, hoje teríamos uma aliança latino-americana melhor e mais eficientemente estruturada e, conseqüentemente, uma vida ecônomica e social mais condizente com nossas possibilidades e riquezas.

O historiador Euclides tem, no esbôço *Da Independência à República,* um ensaio cuja leitura deve ser obrigatória mesmo para os especialistas no assunto. É lúcido e original na interpretação do evoluir de nosso processo histórico-social.

O livro termina com um capítulo que parece chamar a atenção para os céus indecifráveis, assunto que hoje seria o ponto alto das pesquisas científicas, nas penetrações espaciais. É poesia, ciência e confissão do agnóstico diante do infinito desconhecido e sua ânsia de decifrá-lo...

Os euclidianos brasileiros, exultantes, muito têm a agradecer à Lello Brasileira S.A., pelo retôrno dêstes dois filhos pródigos. . .

Oswaldo Galotti

Grêmio Euclides da Cunha,
de São José do Rio Pardo

I PARTE

NA AMAZÔNIA, TERRA SEM HISTÓRIA

IMPRESSÕES GERAIS

Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que nos sobressalteia geralmente, diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajapuru, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento. A massa de águas é, certo, sem par, capaz daquele terror a que se refere Wallace; mas como todos nós desde mui cedo gizamos um Amazonas ideal, mercê das páginas singularmente líricas dos não sei quantos viajantes que desde Humboldt até hoje contemplaram a hiléia prodigiosa, com um espanto quase religioso — sucede um caso vulgar de psicologia: ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada. Além disto, sob o conceito estritamente artístico, isto é, como um trecho da terra desabrochando em imagens capazes de se fundirem harmoniosamente na síntese de uma impressão empolgante, é de todo em todo inferior a um sem número de outros lugares do nosso país. Tôda a Amazônia, sob êste aspecto, não vale o segmento do litoral que vai de Cabo Frio à Ponta do Munduba.

É sem dúvida, o maior quadro da Terra; porém chatamente rebatido num plano horizontal que mal alevantam de uma banda, à feição de restos de uma enorme moldura que se quebrou, as serranias de arenito de Monte Alegre e as serras graníticas das Guianas. E como lhe falta a linha vertical, preexcelente na movimentação da paisagem, em poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inaturável e sente que o seu olhar, inexplicàvelmente, se abrevia nos sem-fins daqueles horizontes vazios e indefinidos como o dos mares.

* * *

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido — quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem... Os mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis, contorcidos em "sacados", cujos istmos a reveses se rompem e se soldam numa desesperadora formação de ilhas e de lagos de seis meses, e até criando formas topográficas novas em que êstes dois aspectos se confundem; ou expandindo-se em "furos" que se anastomosam, reticulados e de todo incaracterísticos, sem que se saiba se tudo aquilo é bem uma bacia fluvial ou um mar profusamente retalhado de estreitos.

Depois de uma única enchente se desmancham os trabalhos de um hidrógrafo.

A flora ostenta a mesma imperfeita grandeza. Nos meios-dias silenciosos — porque as noites são fantàsticamente ruidosas —, quem segue pela mata, vai com a vista embotada no verde-negro das fôlhas; e ao deparar, de instante em instante, os fetos arborescentes emparelhando na altura com as palmeiras, e as árvores de troncos retilíneos e paupérrimos de flôres, tem a sensação angustiosa de um recuo às mais remotas idades, como se rompesse os recessos de uma daquelas mudas florestas carboníferas desvendadas pela visão retrospectiva dos geólogos.

Completa-a, ainda sob esta forma antiga, a fauna singular e monstruosa, onde imperam, pela corpulência, os anfíbios, o que é ainda uma impressão paleozóica. E quem segue pelos longos rios, não raro encontra as formas animais que existem, imperfeitamente, como tipos abstratos ou simples elos da escala evolutiva. A "cigana" desprezível, por ex., que se empoleira nos galhos flexíveis das oiranas, trazendo ainda na asa de vôo curto a garra do réptil...

Destarte a natureza é portentosa, mas incompleta. É uma construção estupenda a que falta tôda a decoração interior. Compreende-se bem isto: a Amazônia é talvez a

terra mais nova do mundo, consoante as conhecidas induções de Wallace e Frederico Hartt. Nasceu da última convulsão geogênica que sublevou os Andes, e mal ultimou o seu processo evolutivo com as várzeas quaternárias que se estão formando e lhe preponderam na topografia instável.

Tem tudo e falta-lhe tudo, porque lhe falta êsse encadeamento de fenômenos desdobrados num ritmo vigoroso, de onde ressaltam, nítidas, as verdades da arte e da ciência — e que é como que a grande lógica inconsciente das coisas.

Daí esta singularidade: é de tôda a América a paragem mais perlustrada dos sábios e é a menos conhecida. De Humboldt a Em. Goeldi — do alvorar do século passado aos nossos dias, perquirem-na, ansiosos, todos os eleitos. Pois bem, lêde-os. Vereis que nenhum deixou a calha principal do grande vale; e que ali mesmo cada um se acolheu, deslumbrado, no recanto de uma especialidade. Wallace, Mawe, W. Edwards, d'Orbigny, Martius, Bates, Agassiz, para citar os que me acodem na primeira linha, reduziram-se a geniais escrevedores de monografias.

A literatura científica amazônica, amplíssima, reflete bem a fisiografia amazônica: é surpreendente, preciosíssima, desconexa. Quem quer que se abalance a deletreá-la, ficará, ao cabo dêsse esfôrço, bem pouco além do limiar de um mundo maravilhoso.

Há uma frase do Professor Frederico Hartt que delata bem o delíquio dos mais robustos espíritos diante daquela enormidade. Êle estudava a geologia do Amazonas quando em dado momento se encontrou tão despeado das concisas fórmulas científicas e tão alcandorado no sonho, que teve de colhêr, de súbito, tôdas as velas à fantasia:

— "Não sou poeta. Falo a prosa da minha ciência. *Revenons!*"

Escreveu; e encarrilhou-se nas deduções rigorosas. Mas decorridas duas páginas não se forrou a novos arrebatamentos e reincidiu no enlêvo... É que o grande rio, malgrado a sua monotonia soberana, evoca em tanta maneira o maravilhoso, que empolga por igual o cronista ingênuo, o aventureiro romântico e o sábio precavido. As "amazo-

nas" de Orellana, os titânicos *curriquerês* de Guillaume de L'Isle, e a *Mana del Dorado* de Walter Raleigh, formando no passado um tão deslumbrante ciclo quase mitológico, acolchetam-se em nossos dias às mais imaginosas hipóteses da ciência. Há uma hipertrofia da imaginação no ajustar-se ao desconforme da terra, desequilibrando-se a mais sólida mentalidade que lhe balanceie a grandeza. Daí, no próprio terreno das indagações objetivas, as visões de Humboldt e a série de conjeturas em que se retravam, ou contrastam, todos os conceitos, desde a dinâmica de terremotos de Russell Wallace ao bíblico formidável das galerias pré-diluvianas de Agassiz.

Parece que ali a imponência dos problemas implica o discurso vagaroso das análises: às induções avantajam-se demasiado os lances da fantasia. As verdades desfecham em hipérboles. E figura-se alguma vez em idealizar aforrado o que ressai nos elementos tangíveis da realidade surpreendedora, por maneira que o sonhador mais desensofrido se encontre bem na parceria dos sábios deslumbrados.

Vai-se, por ex., com Fred. Katzer a seriar, a escandir e a confrontar velhíssimos petrefactos ou graptólitos numa longa romaria ideal pelos mais remotos pontos nas mais remotas idades — largo tempo, a debater-se entre as classificações maciças, a enredar-se na trama das raízes gregas das nomenclaturas bravias — e de improviso, os dizeres da ciência desfecham num quase idealismo: as análises rematam-nas prodígios; as vistas abreviadas nos microscópios desapertam-se no descortino de um passado muitas vêzes milenário; e esboçados os contornos estupendos de uma geografia morta, alonga-se-lhe aos olhos a perspectiva indefinida daquele extinto oceano médio-devônico que afogava todo o Mato Grosso e a Bolívia, cobrindo quase tôda a América meridional e chofrando no levante as antiqüíssimas arribas de Goiás, últimos litorais do continente brasilio-etiópico que aterrava o Atlântico indo abranger a África... Segue-se com os naturalistas da Comissão Morgan, e a história geológica, a despeito de linhas mais seguras, não perde o traço grandioso, desenvolvendo-se às duas margens do largo canal terciário que por longo tempo separou

os planaltos brasileiros e os das Guianas, até que o vagaroso sublevar dos Andes, no Ocidente, serrando-lhe um dos extremos, o transmudasse em golfo, em estuário, em rio.

Ao cabo, ainda atendo-se aos fatos atuais da fisiografia amazônica, restam outros agentes nímio perturbadores da fria serenidade das observações científicas.

* * *

Basta mostrar-se de relance que, ainda nos casos mais simples, há no Amazonas um flagrante desvio do processo ordinário da evolução das formas topográficas.

Em tôda a parte a terra é um bloco onde se exercita a molduragem dos agentes externos entre os quais os grandes rios se erigem como principais fatôres, no lhe remodelarem os acidentes naturais, suavizando-lhos. Compensando a degradação das vertentes com o alteamento dos vales, correndo montanhas e edificando planuras, êles vão em geral entrelaçando as ações destrutivas e reconstrutoras, de modo que as paisagens, lento e lento transfiguradas, reflitam os efeitos de uma estatuária portentosa.

Assim o Hoang-Ho aumentou a China com um delta, que é uma província nova; e, ainda mais expressivo, o Mississipi assombra o naturalista, com a expansão secular do atêrro desmedido que em breve chegará às bordas da profundura onde se encaixa o *Gulf-Stream.* Nas suas águas barrentas andam os continentes dissolvidos. Mudam-se países. Deconstituem-se territórios. E há um encadeamento tão lógico nos seus esforços contínuos, onde incidem as grandes energias naturais, que o acompanhá-los implica algumas vêzes o acompanhar-se o próprio rumo de um aspecto qualquer da atividade humana: das páginas de Herôdoto às de Maspéro, contempla-se a gênese de uma civilização de par com a de um delta; e o paralelismo é tão exato, que se justificam os exageros dos que, a exemplo de Metchnikoff, vêem nos grandes rios a causa preeminente do desenvolvimento das nações.

Ao passo que no Amazonas, o contrário. O que nêle se destaca é a função destruidora, exclusiva. A enorme

caudal está destruindo a terra. O Professor Hartt, impressionado ante as suas águas sempre barrentas, calculou que "se sôbre uma linha férrea corresse dia e noite, sem parar, um trem contínuo carregado de tijuco e areias, esta enorme quantidade de materiais seria ainda menor do que a de fato é transportada pelas águas..." (1)

Mas tôda esta massa de terras diluídas não se regenera. O maior dos rios não tem delta. A Ilha de Marajó, constituída por uma flora seletiva, de vegetais afeitos ao meio maremático e ao inconsistente da vasa, é uma miragem de território. Se a despissem, ficariam só as superfícies rasadas dos "mondongos" empantanados, apagando-se no nivelamento das águas; ou, salteadamente, algumas pontas de fraguedos de arenito endurecido, esparsas, a êsmo, na amplidão de uma baía. À luz das deduções rigorosas de Walter Bates, comprovando as conjeturas anteriores de Martius, o que ali está sob o disfarce das matas, é uma ruína: restos desmantelados do continente, que outrora se estirava, unido, das costas de Belém às de Macapá — e que se tem de restaurar, hipotèticamente, em passado longínquo, para explicar-se a identidade das faunas terrestres, hoje separadas pelo rio, do Norte do Brasil e das Guianas. (2)

O Amazonas, entretanto, poderia reconstruí-lo em pouco tempo, com os só 3 000 000 de metros cúbicos de sedimentos, que carrega em vinte e quatro horas. Mas dissipa-os. A sua corrente túrbida, adensada nos últimos lances de seu itinerário de 6 000 milhas, com os desmontes dos litorais, que dia a dia se desbarrancam, fazendo recuar a costa que se desenrola desde o Paru ao Araguari, decanta-se tôda no Atlântico. E os resíduos das ilhas demolidas — entre as quais a de Caviana que lhe foi antiga barragem e se bipartiu no correr de nossa vida histórica — vão cada vez mais delindo-se e desaparecendo, no permanente assalto daquelas correntezas poderosas. Destarte, desafo-

---

(1) F. Hartt — *A Geologia do Pará* — Relatório impresso no *Diário do Grão Pará,* 1870.

(2) Walter Bates — *The Naturalist on the River Amazon* — London, 1892, pág. 55 e 56.

ga-se mais e mais a desembocadura principal da grande artéria e acentua-se o seu desvio para o norte, com o abandono contínuo das paragens que lhe demoram a leste e sôbre as quais êle passou outrora, deixando ainda, nas áreas recém-desvendadas dos brejos marajoaras, um atestado tangível daquele deslocamento lateral do leito, que tem dado aos geólogos inexpertos a ilusão de um levantamento ou de uma reconstrução da terra.

Porque, na realidade, esta se reconstitui mui longe das nossa plagas. Neste ponto, o rio, que sôbre todos desafia o nosso lirismo patriótico, é o menos brasileiro dos rios. É um estranho adversário, entregue dia e noite à faina de solapar a sua própria terra. Herbert Smith, iludido ante a poderosa massa de águas barrentas, que o viajante vê em pleno Oceano antes de ver o Brasil, imaginou-lhe uma tarefa portentosa: a construção de um continente. Explicou: depondo-se aquêles sedimentos no fundo tranqüilo do Atlântico, novas terras aflorariam nas vagas e ao cabo de um esfôrço milenário encher-se-ia o golfão aberto, que se arqueia do Cabo Orange à Ponta do Gurupi, dilatando-se desta sorte, consideràvelmente, para nordeste, as terras paraenses. (1)

The king is building his monument! bradou o naturalista encantado e acomodando às ásperas sílabas britânicas um rapto fantasista capaz de surpreender à mais ensofregada alma latina. Esqueceu-lhe, porém, que aquêle originalíssimo sistema hidrográfico não acaba com a terra, ao transpor o Cabo Norte; senão que vai, sem margens, pelo mar dentro, em busca da corrente equatorial, onde aflui, entregando-lhe todo aquêle plasma gerador de território. Os seus materiais, distribuídos pelo imenso rio pelásgico que se prolonga com o *Gulf-Stream,* vão concentrando-se e surgindo a flux, espaçadamente, nas mais longínquas zonas: a partir das costas das Guianas, cujas lagunas, a começar no Amapá, a mais e mais se dessecam avançando em planuras de estepes pelo mar em fora, até aos litorais norte-

---

(1) Herbert Smith — *The Amazons and the Coast — New York,* 1879, pág. 2 e 3.

-americanos, da Geórgia e das Carolinas, que se dilatam sem que lhes expliquem o crescer contínuo os breves cursos d'água das vertentes orientais dos Aleganis.

Naqueles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro, e está pisando em terras brasileiras. Antolha-se-lhe um contra-senso pasmoso: à ficção de direito estabelecendo por vêzes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: a terra sem a pátria. É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica. A terra abandona o homem. Vai em busca de outras latitudes. E o Amazonas, nesse construir o seu verdadeiro delta em zonas tão remotas do outro hemisfério, traduz, de fato, a viagem incógnita de um território em marcha, mudando-se pelos tempos adiante, sem parar um segundo, e tornando cada vez menores, num desgastamento ininterrupto, as largas superfícies que atravessa.

Não se lhe apontam formações duradouras, ou fixas. Por vêzes, nas arqueaduras de seus canais remansam-se as águas fazendo que se deponham os sedimentos conduzidos e as sementes que acarretam. Então as faculdades criadoras do rio despontam surpreendedoramente. O baixio prestes recém-formado e aflorando à superfície, delineia-se, em contornos indecisos; define-se logo, vivamente; dilata-se e ascende, bombeando levemente nas águas; e na ilha que se gera, crescendo e articulando-se a olhos vistos, apontoada de cabuchos, que se alongam e se retorcem à superfície à maneira de tentáculos de um prodigioso organismo — desencadeia-se para logo a luta das espécies vegetais tão viva e tão dramática que nem lhe faltam no baralhamento dos colmos, das hastes ou das ramagens revôltas, estirando-se, enredando e confundindo-se, todos os movimentos convulsivos de uma enorme batalha sem ruídos: dos aningais, que consolidam o tijuco inconsistente com a infibratura dos risomas estirados; aos mangues, que os suplantam e repelem para as bordas, em violentos e tumultuários bracejos; aos javaris altaneiros, que por sua vez recalcam os últimos expelindo-os para as margens apauladas, e senhoreando os tesos consistentes...

Assim se erigiu recentemente a Ilha de Cururu, com dois km² de área; e se constróem tôdas as que se observam acima dos canais de Breves.

Mas formam-se para se destruírem, ou deslocarem-se incessantemente. As ilhas trabalhadas pelas mesmas correntes que as geraram, desbarrancam-se a montante e restauram-se a jusante, e vão lento e lento derivando rio abaixo, ao modo de monstruosos pontões desmastreados, de longas proas abatidas e pôpas altas, a navegarem dia e noite com velocidade insensível. Por fim, desgastam-se e acabam. A de Urucurituba durou dez anos (1840-1850) mercê da superfície vastíssima; e apagou-se numa enchente...

O mesmo fato, nas margens. Os litorais do Amazonas mal lhe definem a calha desmedida. São margens que evitam o rio. Ficam-lhe, normalmente, fora das águas, para além das vastas planuras salpintadas de "lagos de terra firme", que atenuam, feito compensadores, a violência das caudais, nas cheias. Aí, num cenário mais amplo, se desdobra por vêzes a aparência de uma construção, em larga escala, de solo. O rio, multífluo nas grandes enchentes, vinga as ribanceiras e desafoga-se nos plainos desimpedidos. Desarraíga florestas inteiras, atulhando de troncos e esgalhos as depressões numerosas da várzea; e nos remansos das planícies inundadas, decantam-se-lhe as águas carregadas de detritos, numa colmatagem plenamente generalizada. Baixam as águas e nota-se que o terreno cresceu; e alteia-se de cheia em cheia, aprumando-se as "barreiras" altas, exsicando-se os pantanais e "igapós", esboçando-se os "firmes" ondeantes, para logo invadidos da flora triunfal... até que num só assalto, de enchente, todo êsse delta lateral se abata.

Numa só noite (29 de julho de 1866) as "terras caídas" da margem esquerda do Amazonas desmoronaram numa linha contínua de cinqüenta léguas.

É o processo antigo, invariável — patenteando-se ainda no diminuto raio da nossa história. As ribanceiras a pique da antiga costa do Paru, onde apareceram aos condutícios de Orellana as amazonas lendárias, reduzem-se hoje a um baixio degredado, visível apenas nas vazantes excessivas.

A inconstância tumultuária do rio retrata-se ademais nas suas curvas infindáveis, desesperadoramente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em repentinos atalhos. Assim êle se precipitou pela angustura afogante de Óbidos num abandono completo do antigo leito, que ainda hoje se adivinha no enorme plaino maremático ganglionado de lagoas, de Vila Franca; ou vai, noutros pontos, em "furos" inopinados, afluir nos seus grandes afluentes, tornando-se ilògicamente tributário dos próprios tributários; sempre desordenado, e revôlto, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios — com a ânsia, com a tortura, com o exaspêro de monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer e a recomeçar perpètuamente um quadro indefinido...

* * *

Tal é o rio; tal, a sua história: revôlta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígene que se procurou erguer aos mais altos destinos, a Metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sôbre tôdas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenares de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, àqueles rincões solitários, e armavam ràpidamente no altiplano das

"barreiras" as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; puliam as gentes; aformoseavam a terra.

Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam — e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chôfre, volvendo à bruteza original.

Já nos fins do século XVIII, Alexandre Rodrigues Ferreira, ao realizar a sua "viagem filosófica", pela calha principal do grande rio, andara entre ruínas. Na Vila de Barcelos, capital da circunscrição longínqua, antolhara-se-lhe, tangível, a imagem do progresso tìpicamente amazônico, naquele presuntuoso Palácio das Demarcações — amplíssimo, monumental, imponente — e coberto de sapé! Era um símbolo. Tudo vacilante, efêmero, antinômico, na paragem estranha onde as próprias cidades são errantes, como os homens, perpètuamente a mudarem de sítio, deslocando-se à medida que o chão lhes foge roído das correntezas, ou tombando nas "terras caídas" das barreiras...

Vai-se de um a outro século na inaturável mesmice de renitentes tentativas abortadas. As impressões dos mais lúcidos observadores não se alteram, perpétuamente desenfluídas pelo espetáculo de um presente lastimável contraposto à ilusão de um passado grandioso.

Tenreiro Aranha em 1852, ao erigir-se a província do Amazonas, assumiu a sua direção, e numa resenha retrospectiva diz-nos do extraordinário progresso que se perdera, referindo-se a "manufaturas primorosas", a uma indústria extinta em que "o algodão, o anil, a mandioca e o café tiveram cultura tal que dava para o consumo sobrando para a exportação; e assim as fábricas de anil, as cordoarias de piassaba, de fiação, tecidos e rêdes de algodão, de palhinha ou de penas; as telhas e alvenaria; as de construção civil e naval, com hábeis artistas, fazendo aparecer templos, palácios, ou possantes embarcações..."

Recua-se, porém, exatamente um século, a buscar o período decantado — e num grande desapontamento observa-se, à luz do relatório feito em 1752 por outro insigne governador, o Capitão-General Furtado de Mendonça, que a "capitania estava reduzida à última ruína..." Assim se

desconchavam os pareceres, agitando idênticos desânimos. Ou então se harmonizavam de modo impressionador no firmarem a mesma decadência das gentes singulares. Em 1762 o Bispo do Grão-Pará, aquêle extraordinário Fr. João de S. José — seráfico voltaireano que tinha no estilo os lampejos da pena de Antônio Vieira — depois de resenhar os homens e as coisas, "assentando que a raíz dos vícios da terra é a preguiça", resumiu os traços característicos dos habitantes, dêste modo desalentador: — "lascívia, bebedice e furto." Passam-se cem anos justos. Procura-se saber se tudo aquilo melhorou; abrem-se as páginas austeras de Russel Wallace, e vê-se que alguma vez elas parecem traduzir, ao pé da letra, os dizeres do arguto beneditino, porque a sociedade indisciplinada passa diante das vistas surpreendidas do sábio — *drinking, gambling and lying* — bebendo, dançando, zombando — na mesma dolorosíssima inconsciência da vida...

Assim, essa indiferença pecaminosa dos atributos superiores, êsse sistemático renunciar de escrúpulos e êsse coração leve para o êrro, são seculares; e surgem de um doloroso tirocínio histórico, que vem da "Casa do Paricá" à "barraca" dos seringueiros. Compulsai os nossos velhos cronistas, com especialidade o imaginoso Padre João Daniel, e avaliareis o travamento de motivos físicos e morais que há muito, ali, entibiam os caracteres. E lêde Tenreiro Aranha, José Veríssimo, dezenas de outros. Nestes livros se espalham, fracionadas, tôdas as cenas de um dos maiores dramas da impiedade na História.

Depois há o incoercível da fatalidade física. Aquela natureza soberana e brutal, em pleno expandir das suas energias, é uma adversária do homem. No perpétuo banho de vapor, de que nos fala Bates, compreende-se sem dúvida a vida vegetativa sem riscos e folgada, mas não a delicada vibração do espírito na dinâmica das idéias, nem a tensão superior da vontade nos atos que se alheiem dos impulsos meramente egoísticos. Não exagero. Um médico italiano — belíssimo talento — o Dr. Luigi Buscalione, [1] que por

(1) *Una Scurzione Botanica nell'Amazonia*, 1901.

ali andou há pouco tempo, caracterizou as duas primeiras fases da influência climatérica — sôbre o forasteiro — a princípio sob a forma de uma superexcitação das funções psíquicas e sensuais, acompanhada, depois, de um lento enfraquecer-se de tôdas as faculdades, a começar pelas mais nobres...

Mas neste apelar para o clássico conceito da influência clmática esqueceu-lhe, como a tantos outros, influxo porventura secundário, mas apreciável, da própria inconstância da base física onde se agita a sociedade.

A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos, sente, ao cabo de centenares de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; — o observador imóvel que lhe estacione às margens, sobressalteia-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no tempo. Diante do homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revôlta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vêzes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o.

A adaptação exercita-se pelo nomadismo.

Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam, há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril.

* * *

Como quer que seja, para a Amazônia de agora devera restaurar-se integralmente, na definição da sua psicologia coletiva, o mesmo doloroso apotegma — *ultra equinotialem non peccavi* — que Barlaeus engenhou para os desmandos da época colonial.

Os mesmos amazonenses, espirituosamente, o perceberam. À entrada de Manaus existe a belíssima Ilha de

Marapatá — e essa ilha tem uma função alarmante. É o mais original dos lazaretos — um lazareto de almas! Ali, dizem, o recém-vindo deixa a consciência... Meça-se o alcance dêste prodígio da fantasia popular. A ilha que existe fronteira à bôca do Purus, perdeu o antigo nome geográfico e chama-se "Ilha da Consciência"; e o mesmo acontece a uma outra, semelhante, na foz do Juruá. É uma preocupação: o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica às melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável.

É que, realmente, nas paragens exuberantes das *heveas e castilloas,* o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo.

De feito, o seringueiro — e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das "estradas" —, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.

Demonstra-se esta enormidade precitando-a com alguns cifrões secamente positivos e seguros.

Vêde esta conta de venda de um homem:

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150$000). Depois vem a importância do transporte, num "gaiola" qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150$000. Aditem-se cêrca de 800$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um refle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no "barracão" senhoril, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um "brabo", isto é, ainda não aprendeu o "corte da madeira" e já deve 1:135$000. Segue para o pôsto solitário encalçado de um comboio levando-lhe a bagagem

e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 paneiros de farinha de água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de xarque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cêrca de 750$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o "brabo" canhestro, de quem chasqueia o "manso" experimentado, e já tem o compromisso sério de...... 2:090$000.

Admitamos agora uma série de condições favoráveis, que jamais concorrem: *a*) que seja solteiro; *b*) que chegue à barraca em maio, quando começa o "corte"; *c*) que não adoeça e seja conduzido ao barracão, subordinado a uma despesa de 10$000 diários; *d*) que nada compre além daqueles víveres — e que seja sóbrio, tenaz, incorruptível; um estóico firmemente lançado no caminho da fortuna arrostando uma penitência dolorosa e longa. Vamos além — admitamos que, malgrado a sua inexperiência, consiga tirar logo 350 quilos de borracha fina e 100 de sernambi, por ano, o que é difícil, ao menos no Purus.

Pois bem, ultimada a safra, êste tenaz, êste estóico, êste indivíduo raro ali, ainda deve. O patrão é, conforme o contrato mais geral, quem lhe diz o preço da fazenda e lhe escritura as contas. Os 350 quilos remunerados hoje a 5$000 rendem-lhe 1:750$000; os 100 de sernambi, a 2$500, 250$000. Total 2:000$000.

É ainda devedor e raro deixa de o ser. No ano seguinte já é "manso": conhece os segredos do serviço e pode tirar de 600 a 700 quilos. Mas considere-se que permaneceu inativo durante todo o período da enchente, de novembro a maio — sete meses em que a simples subsistência lhe acarreta um excesso superior ao duplo do que trouxe em víveres, ou seja, em números redondos, 1:500$000 — admitindo-se ainda que não precise renovar uma só peça de ferramenta ou de roupa e que não teve a mais passageira enfermidade. É evidente que, mesmo nêste caso especialíssimo, raro é o seringueiro capaz de emancipar-se pela fortuna.

Agora vêde o quadro real. Aquêle tipo de lutador é excepcional. O homem de ordinário leva àqueles luga-

res a imprevidência característica da nossa raça; muitas vêzes carrega a família, que lhe multiplica os encargos; e quase sempre adoece, mercê da incontinência generalizada.

Adicionai a isto o desastroso contrato unilateral, que lhe impõe o patrão. Os "regulamentos" dos seringais são a êste propósito dolorosamente expressivos. Lendo-os, vê-se o renascer de um feudalismo acalcanhado e bronco. O patrão inflexível decreta, num emperramento gramatical estupendo, coisas assombrosas.

Por exemplo: a pesada multa de 100$000 comina-se a êstes crimes abomináveis: *a)* "fazer na árvore um corte inferior ao gume do machado"; *b)* "levantar o tampo da madeira na ocasião de ser cortada"; *c)* "sangrar com machadinhas de cabo maior de quatro palmos". Além disto o trabalhador só pode comprar no armazém do barracão, "não podendo comprar a qualquer outro, sob pena de passar pela multa de 50% sôbre a importância comprada".

Farpeiem-se de aspas êstes dizeres brutos. Ante êles é quase harmoniosa a gagueira terrível de Caliban.

É natural que ao fim de alguns anos o "freguês" esteja irremediàvelmente perdido. A sua dívida avulta ameaçadoramente: três, quatro, cinco, dez contos, às vêzes, que não pagará nunca. Queda, então, na mórbida impassibilidade de um felá desprotegido dobrando tôda a cerviz à servidão completa. O "regulamento" é impiedoso: "Qualquer "freguês" ou "aviado" não poderá retirar-se sem que liqüide tôdas as suas transações comerciais..." Fugir? Nem cuida em tal. Aterra-o o desmarcado da distância a percorrer. Buscar outro barracão? Há entre os patrões acôrdo de não aceitarem, uns os empregados de outros, antes de saldadas as dívidas, e ainda há pouco tempo houve no Acre numerosa reunião para sistematizar-se essa aliança, criando-se pesadas multas aos patrões recalcitrantes.

Agora, dizei-me, que resta, no fim de um qüinqüênio, do aventuroso sertanejo que demanda aquelas paragens, ferretoado da ânsia de riquezas?

Não o ligam sequer à terra. Um artigo do famoso "regulamento" torna-o eterno hóspede dentro da pró-

pria casa. Citemo-lo com todo o brutesco de sua expressão imbecil e feroz: "Tôdas as benfeitorias que o liqüidado tiver feito nesta propriedade perderá totalmente o direito uma vez que retire-se."

Daí o quadro doloroso que patenteiam, de ordinário, as pequenas barracas. O viajante procura-as e mal descobre, entre as sororocas, a estreitíssima trilha que conduz à vivenda, meio afogada no mato. É que o morador não despende o mais ligeiro esfôrço em melhorar o sitio de onde pode ser expelido em uma hora, sem direito à reclamação mais breve.

Esta resenha comportaria alguns exemplos bem dolorosos. Fôra inútil apontá-los. Dela ressalta impressionadoramente a urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esfôrço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer do *homestead* que o consorcie definitivamente à terra.

RIOS EM ABANDONO

O geógrafo norte-americano Morris Davis revelou o "ciclo vital" dos rios. Era uma concepção revolucionária; e não houve cientista jungido à enfezada geografia descritiva, dominante ainda entre nós, que se não escandalizasse ante o conceito desassombrado do *yankee.* Mas o antagonismo foi passageiro e frágil. Uma simples monografia, *Rivers and Valleys of Pennsylvania,* deslocou, de golpe, desde 1889, tôda a fortaleza inerte da rotina; e firmou um nôvo rumo ao critério geográfico, não já apenas pelo associar à forma a estrutura dos terrenos, completando os *facies* inexpressivos das superfícies com os elementos geológicos, senão também esclarecendo a gênese dos mais breves acidentes e descobrindo nas linhas pinturescas da móvel fisionomia da terra a expressão eloqüente das energias naturais que a modelaram e sem cessar a transfiguram. Por fim ninguém mais estranhou que Morris Davis, impelido aos últimos corolários da nova doutrina, se abalançasse a uma espécie de fisiologia monstruosa e descrevesse dramàticamente as complexas vicissitudes da existência milenária dos fartos cursos de águas, mostrando-no-los com uma infância irrequieta, uma adolescência revôlta, uma virilidade equilibrada e uma velhice ou uma decrepitude melancólica, como se êles fôssem estupendos organismos sujeitos à concorrência e à seleção, destinados ao triunfo, ou ao aniquilamento, consoante mais ou menos se adaptam às condições exteriores.

Não acompanharemos o genial biógrafo dos rios pensilvânicos no explanar a teoria admirável, que é o caso impressionador de uma entrada triunfante — ou de uma *rush* atrevida — da imaginação e da fantasia nos remansos da ciência. Basta-nos notar que ela foi aceita em tôda

a linha e é infrangível, esteando-se em dados indutivos e seguros.

Tôdas as caudais, de feito, atravessam períodos inevitáveis, de ritmos uniformes e constantes, malgrado a variabilidade do teatro em que se operam: a princípio indecisas, errantes e frágeis, derivando ao acaso, ao viés dos pendores, como à procura de um berço em cada dobra do chão, e acumulando-se nos numerosos lagos, incoerentemente esparsos, onde repousam; depois, definidas nas primeiras linhas de drenagem mais estáveis e fundas para onde convergem, adensadas, as chuvas, formando-se o aparelho das correntes, reprofundando-se os leitos esboçados e iniciando-se com a energia tumultuária das cachoeiras o choque secular com as asperezas da terra, longo tempo; até que, extintos os empeços estruturais, estabelecido um leito e definido um traçado, o rio se constitua, com os seus afluentes fixos, um declive contínuo em curvaturas regulares, um talvegue ajustado à contextura do solo e à diferenciação morfológica que lhe reflete a um tempo os seus vários estádios — das cabeceiras onde perduram as águas selvagens do antigo regime torrencial, ao curso médio que lhe caracteriza a situação presente, e ao trecho inferior, prefigurando-lhe a decrepitude, onde êle se espraia repousadamente e constrói pela colmatagem das vasas que acarreta com velocidade insensível, a própria planície aluvial em que descansa.

É a fase de madureza. O rio está na plenitude da vida, depois da molduragem complexa de todos os relevos. Atinge-a rematando um esfôrço pertinaz, que é por vêzes tôda a história geológica da região.

Não houve um ponto em todo o percurso de centenares ou de milhares de quilômetros que êle não atacasse, um grão de areia que não removesse, balanceando as escavações a montante com os aterros a jusante — construindo-se a si mesmo — obediente à tendência universal para as situações estáveis. Adquiriu, por fim, o seu perfil longitudinal de equilíbrio, e êste, ainda abrupto nas vertentes, onde a correnteza é máxima e o volume mínimo, vem contìnuamente amortecendo-se, em sucessivo decair de declive,

até ao quase horizontalismo no nível de base, da foz, onde aquêles elementos se invertem, resultando o equilíbrio dinâmico do sistema da relação inversa entre as massas liqüidas e as velocidades que se arrastam.

Como quer que seja, desde que alcança êste período, todos os elementos do seu talvegue, projetados em plano vertical, desenham-se com a forma aproximada de um ramo de desmedida parábola, de concavidade volvida para as alturas.

Assim se traduz geomètricamente um fato mecânico complexo. E bem que a tendência para aquela figura seja em geral perturbada ou extinta nas camadas de resistência variável, onde as rochas desvendadas originam o antagonismo das cachoeiras, é inegável que a curva parabólica se delineia nos terrenos homogêneos como sendo a forma definitiva da secção longitudinal de todos os rios no remate de suas vicissitudes evolutivas.

* * *

O Purus é um dos melhores exemplos.

Desenhando-se-lhe o perfil em tôda a extensão itinerária de 3 210 quilômetros que vai da embocadura no Solimões aos últimos manadeiros do Ribeirão Pucani, na serrania deprimida e sem nome que separa as maiores bacias hidrográficas da Terra, chega-se muito aproximadamente àquele ramo de parábola.

Pelo menos nenhuma outra curva o definirá melhor.

Demonstra-o êste quadro onde os vários trechos se sucedem de modo a acompanhar-se em todo o seu percurso a queda regularíssima das águas:

SECÇÕES	Distâncias itinerárias	Diferenças de nível	Declividade geral	Declive quilométrico
	(Km)	(metros)		(metros)
Das nascentes ao Curiuja	117	189	1/619	1,60
Do Curiuja a Curanja	278	60	1/4500	0,22
De Curanja à foz do Chandless	304	49	1/6500	0,16
Do Chandless à foz do Iaco	300	39	1/7700	0,13
Do Iaco ao Acre	237	27	1/8700	-0,115
Do Acre ao Pani	233	20	1/11000	0,085
Do Pani ao Mucuím	740	58	1/12900	0,077
Do Mucuím ao Solimões .	990	15	1/66700	0,015

Aí só há um dado vacilante: o que resulta da diferença de nível nos pontos extremos do último trecho. Deduzimo-lo adotando um mínimo de 18 metros para altura da foz do Purus, sôbre o nível do mar, quando ela é certamente maior e mais favorável, portanto, às nossas conclusões. Os demais elementos, devemo-los aos trabalhos de William Chandless e às nossas observações recentes.

Ora, ao mais rápido lance de vistas, e sem que se exija um desenho facílimo, verifica-se que o grande rio, atravessando um terreno homogêneo e mais ou menos impermeável, subordinado a um declive que, apesar de diminuto, é dominante na vasta planura, onde as chuvas se distribuem com regularidade incomparável — é dos que mais se adaptam às condições teóricas indicadas por Morris Davis; e no ultimar a sua evolução geológica retrata-se admiràvelmente na parábola majestosa de que tratamos há pouco.

No estudar o seu regime geral vamos, portanto, com a firmeza de quem discute a equação de uma curva.

Assim, considerando o primeiro trecho, aquela declividade de 1,60m por quilômetro, tão diversa da que se lhe sucede, de 0,22m, diz-nos para logo, dispensando o exame local, que o verdadeiro Alto-Purus — demarcado ofi-

cialmente a partir da bôca do Acre, e estendido por alguns geógrafos ainda mais para jusante — principia de fato muito além, a 3 079 quilômetros da foz, na confluência do Cujar e do Curiuja, os dois tributários em que êle se reparte numa dicotomia perfeita, perdendo o nome e esgalhando-se largamente fracionado pelos mais remotos pontos da sua vasta bacia de captação.

Por outro lado, o declive real de $\frac{1}{619}$ mal se aproxima da conhecida relação $\frac{1}{500}$ firmada como o limite mínimo das vertentes torrenciais.

Conclui-se, então, de pronto, que o rio, até no seu último segmento, onde é sempre mais difícil e remorada a regularização dos leitos, está numa fase avançadíssima de desenvolvimento. É o caso excepcional de uma grande artéria, entre as maiores existentes, capaz de ser navegada nas mais extremas nascentes, durante as cheias que lhe encubram os numerosos degraus das corredeiras — porque em tal quadra, admitindo que as águas subam de três metros numa calha de dez, com aquêle declive, que corresponde a 0,0015 m por metro, o simples emprêgo da fórmula de D'Aubuisson, nos diz que as correntes derivarão com a velocidade máxima de apenas 2,20 m, fàcilmente balanceada por uma lancha veloz.

Ora, estas deduções resultantes de breve contemplação de um quadro tão expressivo que dispensa o diagrama correspondente, ressaltam, vivamente, às mais incuriosas vistas de observador escoteiro, que ali passe depois de varar a planura amazônica num itinerário de quinhentas léguas.

De fato, o que sobremaneira o impressiona é o espetáculo da terra profundamente trabalhada pelo indefinido e incomensurável esfôrço dos formadores do rio. Chega, depois de trilhar o *canyon* coleante do Pucani, ao sopé das últimas vertentes; defronta a clivosa escarpa de uma corda insignificante de cerros deprimidos; vinga-lhe em três minutos a altura relativa de sessenta metros escassos — e não acredita que esteja na fronteira hidrográfica mais

extraordinária do globo, podendo ir de uma passada única do Vale do Amazonas ao Vale do Ucaiáli...

A altura em que se vê não lhe basta a desapertar os horizontes, ou a atalaiar as distâncias. É inapreciável. Não há abrangê-la com a escala mais favorável dos mapas. E sem dúvida jamais compreenderia tão indeciso *divortium aquarum* a tão opulentas artérias, se ao buscar aquêles rincões, varando, ao arrepio das itaipavas, por dentro das calhas reprofundadas do Cujar, do Cavaljane e do Pucani, o observador se não habituasse a contemplar, longos dias, os mais enérgicos efeitos da dinâmica poderosa das águas que transmudaram a paragem outrora mais em relêvo e dominante. Não lhe importa a inópia de conhecimentos paleontológicos ou a carência de fósseis norteadores. Está, evidentemente, sôbre a ruinaria de uma sublevação quase extinta, cujo sinclinal êle pôde reconstruir, prolongando as linhas dos estratos que afloram nos sulcos onde se encaixam aquêles últimos tributários, denunciando todos na tranqüilidade relativa, quase remansados nos intervalos de suas corredeiras (restos de velhíssimas catadupas destruídas), a derradeira fase de uma luta em que o Purus, para alongar a sua seção de estabilidade, teve que derruir montanhas. Pelo menos a atividade erosiva e o volume de materiais arrebatados de todos aquêles pendores, foram incalculáveis, para que as linhas de drenagem se abatessem até ao substrato rochoso e declinasse, como vimos, aos graus apropriados aos cursos navegáveis.

Apesar disto, a transição para o trecho seguinte ainda é repentina. Passa-se da declividade quilométrica de 4,60 m, para a de 0,22 m.

Mas é o único salto. Daí por diante, como o revela o quadro anterior, até ao último segmento extremado pela foz, onde para descer-se um metro se tem de caminhar 66,700, a atenuação dos declives prossegue com uma regularidade perfeita, incluindo o Purus entre as caudais de todo regularizadas, cujo "ciclo vital" progressivo vai cerrando-se.

Não aprofunda mais o leito. Os próprios afloramentos de grés (*Parasandstein*) aparecendo nas vazantes, dis-

persos entre Huitanaã e a embocadura do Acre, e dali para cima ainda mais raros até pouco além do Iaco, reforçam a afirmativa, bem que na aparência a invalidem. Restos de antigas corredeiras desmanteladas surgem como testemunhos das erosões primitivas e não provocam, em geral, o mínimo desnivelamento. O pequeno povoado da Cachoeira, que se erige defrontando um trecho tranqüilo do rio, tem o mais impróprio dos nomes, expressivo apenas no recordar um acidente perdido em remoto passado geológico e do qual perduram apenas alguns blocos desordenadamente acumulados em minúsculos recifes, e breves "travessões". Ali, como nos outros trechos, o mesmo quadro da terra estirando-se, complanada, pelos quadrantes, ou docemente ondulada denunciando a mais completa molduragem, associa-se aos demais caracteres no sugerir a derradeira fase do processo evolutivo do vale.

Um elemento apenas falta: a regularidade na sucessão das curvas de nível das vertentes imediatas às margens, que se fronteiam. Qualquer seção transversal do Purus representa as mais das vêzes uma praia deprimida que mal se alteia vagarosamente até ao rebordo longínquo da planície pouco elevada, contraposta a uma barranca despenhada, como a da margem oposta à bôca do Chandless, ou caindo às vêzes a prumo, feito uma muralha, como na situação admirável do Catai.

É que à imutabilidade daquele perfil de equilíbrio se antepõe a variabilidade da sua planta, em escala capaz de justificar os que o incluem entre os rios "cujos leitos e margens não estão sequer delineados em seus perfis de estrutura definida a assente".

Realmente, o Purus, um dos mais tortuosos cursos d'água que se registram, é também dos que mais variam de leito. Divaga, consoante o dizer dos modernos geógrafos. A própria velocidade diminuta, que adquiriu e vai decrescendo sempre até ao quase rebalsamento, nas cercanias da foz, aliada à inconsistência dos terrenos aluvianos, formados por êle mesmo com os materiais conduzidos das nascentes, determina-lhe êste caráter volúvel. Às suas águas, derivando em correntezas fracas, falta a quantidade de

movimento necessária às direções intorcíveis. O mínimo obstáculo desloca-as. Um tronco de samaúma que tombe de uma das margens, abarreirando-se ligeiramente, desvia o empuxo da massa líqüida contra a outra, onde de pronto se exercita, menos em virtude da fôrça viva da corrente, que da incoerência das terras, intensíssima erosão de efeitos precipitados.

A indecisa arqueadura, que logo se forma, circularmente, se acentua, e, à medida que aumenta, vai tornando mais violentos os ataques da componente centrífuga da correnteza que lhe solapa a concavidade crescente, fazendo que em poucos anos todo o rio se afaste, lateralmente, do primitivo rumo. Mas como êste se traçou adscrito aos pontos determinantes de um perfil de equilíbrio inviolável, aquêle desvio nunca é uma bifurcação, ou definitiva mudança. O rio, depois de rasgar o amplo círculo [1] de erosão, procura volver ao antigo canal, como quem contorneou apenas um obstáculo encontrado em caminho.

O círculo por onde êle se alonga tende a fechar-se. De sorte que tôda a área de terrenos abrangidos se transmuda em verdadeira península, ligada por um istmo tão delgado, às vêzes, que o caminhante o atravessa em minutos, enquanto gasta um dia inteiro de viagem, embarcado, para perlongar o contôrno da terra quase insulada. Por fim esta se destaca, ilhando-se de todo. No sobrevir de uma enchente o Purus despedaça a frágil barreira do istmo; e retoma, de golpe, o primitivo curso, deixando à margem, a relembrar o desvio por onde divagou, um lago anular, não raro amplíssimo. Prossegue. Reproduz adiante outros meandros caprichosos, completados sempre pela criação dos mesmos lagos, ou "sacados". E assim vai — perpètuamente oscilante aos lados de seu eixo invariável — num ritmo perfeito, refletindo o jogar de leis mecânicas capazes de se sintetizarem numa fórmula, que seria a tradução analítica de curioso movimento pendular sôbre um plano de nível.

---

(1) Alteramos *circo,* como aparece nas edições anteriores, para *círculo,* dada a evidência do engano. (Nota do Revisor).

Desta maneira, ali se resolve naturalmente um dos mais sérios problemas de hidráulica fluvial. De fato, aquêles lagos são verdadeiros diques, funcionando com um duplo efeito: de um lado impedem as inundações devastadoras, absorvendo os excessos das cheias transbordantes; de outro lado, regulam o regime das águas, durante as grandes estiagens, em que se abrem por si mesmos, automàticamente, "estourando", para usar uma expressão local, e restituindo ao rio empobrecido da vazante parte das massas líqüidas que economizaram.

Não se calcula o valor dêstes trabalhos colossais da natureza.

Revela-no-los bem um confronto expressivo. Os hidráulicos franceses que averbaram em 1856, como pormenor inverossímil, uma subida de 10,90 m, das águas do Garona, originando uma das inundações mais funestas que têm ocorrido na Europa, — certo não compreenderiam a própria existência do vasto território amazônico convizinho ao Purus (que vale cêrca de cinqüenta Garonas cheios) se soubessem que êle se alteia 15 metros na foz, onde tem uma milha de largo, e que dali a montante as águas tufam num crescendo espantoso até 23 metros sôbre as estiagens, na confluência do Acre.

No entanto estas enchentes são inócuas.

A massa líqüida, inflada logo às primeiras chuvas, sobe, galgando velozmente as barrancas, e em poucos dias vai bater nos esteios dos barracões eretos nos "firmes" mais altos do terreno... e todo êste dilúvio em marcha não acachoa, não tumultua, não se arremessa em correntezas vertiginosas, não enleia as embarcações torcendo-as nas espirais vibrantes dos remoinhos e não devasta a terra. Difunde-se; extingue-se silenciosamente; perde-se inofensivo naqueles milhares de válvulas de segurança; e espraiando-se, raso, pelo chão das matas, ou espalmando-se, desafogadamente, em desmarcadas superfícies onde repontam, salteadas, as últimas ramas floridas dos igapós afogados, vai, ao contrário, regenerando aquela mesma terra, e reconstruindo-a porque a torna de ano em ano mais elevada com a colmatagem perfeita de tôda a vasa que acarreta.

Assim, em tôda aquela planura, o notável afluente amazônico, serpenteando nas inumeráveis sinuosas que lhe tornam as distâncias itinerárias duplas das geográficas, inclui-se entre os mais interessantes "rios trabalhadores", construindo os diques submersíveis que o aliviam nas enchentes — e lhe repontam, intermitentemente às duas bandas, ora próximos, ora afastados, salpintando tôdas as várzeas ribeirinhas, e avultando maiores e mais numerosos à medida que se desce, e se amortecem os declives, até a larga baixada centralizada em Canutama onde as grandes águas tranqüilas derivam majestosamente, equilibradas, sulcando de meio a meio a vastidão de nível de um mediterrâneo esparso.

* * *

Mas esta formação de lagos ou reservatórios naturais, cuja função benéfica vimos de relance, acarreta inconvenientes de tal porte, que tornam, por vêzes, em alguns pontos, quase impenetrável uma artéria fluvial que pelos elementos privilegiados de seu perfil concorre com as mais acessíveis à navegação regular.

Realmente nesse afanoso derruir de barrancas, para torcer-se em seus incontáveis meandros, o Purus entope-se com as raízes e troncos das árvores que o marginam.

Às vêzes é um lanço unido, de quilômetros, de "barreira", que lhe cai de uma vez e de súbito em cima, atirando-lhe, desarraigada, sôbre o leito, uma floresta inteira.

O fato é vulgaríssimo. Conhecem-no todos os que por ali andam. Não raro o viajante, à noite, desperta sacudido por uma vibração de terremoto, e aturde-se apavorado ouvindo logo após o fragor indescritível de miríades de frondes, de troncos, de galhos, entrebatendo-se, rangendo, estalando e caindo todos a um tempo, num baque surdo e prolongado, lembrando o assalto fulminante de um cataclismo e um desabamento da terra.

São, de fato, "as terras caídas", das quais resultam sempre duas sortes de obstáculos: de um lado o inextricável acervo de galhadas e troncos, que se entrecruzam à super-

fície d'água, ou irrompem em pontas ameaçadoras, do fundo; e de outro as massas argilosas, ou argilo-arenosas que a corrente pouco veloz não dissolve, permitindo-lhes acumularem-se nas minúsculas ilhotas dos "torrões", ou, mais prejudiciais, nos rasos bancos compactos dos "salões", impropriando a passagem aos mais diminutos calados.

Não precisamos insistir neste fato.

A sua gravidade é intuitiva. E considerando-se que êle se reproduz em tôda a extensão de 480 quilômetros, que vai da embocadura do Iaco à do Curiuja, onde se acumulam cada vez mais aquêles entraves, indefinidamente crescentes, chega-se a concluir que o Purus, depois de haver conseguido um dos mais regulares perfis de tôda a hidrografia e de aparelhar-se com os melhores elementos predispostos a uma rara fixidez de regime, erigindo-se modêlo admirável entre as caudais mais bem talhadas à grande navegação — está, agora, a pouco e pouco perdendo a maior parte dos seus requisitos superiores, com o progredir de um atravancamento em larga escala, que o tornará mais tarde inteiramente impenetrável.

Dizemo-lo baseando-nos em penosa experiência culminada por um naufrágio. Sobretudo além da embocadura do Chandless, multiplicam-se tanto êstes empecilhos de todo estranhos à "tectônica" especial do rio, que em longos "estirões", com a profundidade média de cinco a seis pés, nas vazantes, onde passariam carregadas as mais poderosas lanchas, mal pode deslizar uma montaria ligeira. Escusamo-nos de exemplificar alongando estas considerações ligeiras. Notemos apenas que a partir do tributário precitado até a bifurcação Cujar-Curiuja, o Purus em vários lugares parece correr por cima de uma antiga derrubada. Vai-se como entre os galhos estonados e revoltos de uma floresta morta. E se observarmos que, além dos empeços em si mesmas encerrados, estas tranqueiras, rebalsando as águas que se filtram entre os ramos unidos, facilitam a formação de tôda a sorte de baixios, compreender-se-á em tôda a sua latitude o progredimento contínuo dessa obstrução prejudicialíssima.

Porque os homens que ali mourejam — o caucheiro peruano com as suas *tanganas* rijas, nas montarias velozes,

o nosso seringueiro, com os varejões que lhe impulsionam as ubás, ou o regatão de tôdas as pátrias que por ali mercadeja nas ronceiras alvarengas arrastadas à sirga — nunca intervêm para melhorar a sua única e magnífica estrada; passam e repassam nas paragens perigosas; esbarram mil vêzes a canoa num tronco caído há dez anos junto á beira de um canal; insinuam-se mil vêzes com as maiores dificuldades numa ramagem revôlta barrando-lhes de lado a lado o caminho, encalham e arrastam penosamente as canoas sôbre os mesmos "salões" de argila endurecida; vêzes sem conta arriscam-se ao naufrágio, precipitando, ao som das águas, as ubás contra as pontas duríssimas dos troncos que se enristam invisíveis, submersos de um palmo — mas não despendem o mínimo esfôrço e não despedem um golpe único de facão ou de machado num só daqueles paus, para desafogar a travessia.

As lanchas, e até os vapores, que ali vão aparecendo mais a miúdo, à medida que avultam as safras dos cento e vinte opulentos seringais que já se abriram acima da confluência do Iaco, viajam, invariàvelmente, nas quadras favoráveis das cheias, quando aquêles entraves se afogam em alguns metros de fundo.

Sobem, velozes, o rio; descarregam, precipitadamente, em vários pontos as mercadorias consignadas; carregam-se de borracha; e tornam logo, precípites, águas abaixo, fugindo. Apesar disto, algumas não se forram a repentinas descidas de nível, prendendo-as. E lá se ficam, longos meses — esperando a outra enchente, ou o inesperado de um "repiquete" propício, invernando paradoxalmente sob as soalheiras caniculares — nas mais curiosas situações: ora em pleno rio, agarradas pelos centenares de braços das árvores sêcas, que as imobilizam; ora a meio da barranca, onde as surpreendeu a vazante, grosseiramente especadas, encombentes, com as proas afocinhando, inclinadas, em riscos permanentes de queda; ora no alto de uma barreira, como autênticos navios-fantasmas, aparecendo, de improviso e surpreendedoramente, em plena entrada da mata majestosa.

O contraste desta navegação com as admiráveis condições técnicas imanentes ao rio é flagrante. O Purus —

e como êle todos os tributários meridionais do Amazonas, à parte o Madeira — está inteiramente abandonado.

Entretanto o simples enunciado dêstes inconvenientes, evidentemente alheios às suas admiráveis condições estruturais, delata que a remoção dêles, embora demorada, não demanda trabalhos excepcionais de engenharia e excepcionais dispêndios.

O que resta fazer, ao homem, é rudimentar e simples.

Os grandes, os sérios problemas de hidráulica fluvial que ali houve, resolveu-os o próprio rio agindo no jôgo harmonioso das fôrças naturais que o modelaram.

E êles representam um trabalho incalculável. O Purus é uma das maiores dádivas entre tantas com que nos esmaga uma natureza escandalosamente perdulária.

Vejamo-lo, de relance.

Tôda a hidráulica fluvial parece ter nascido entre os leitos do Garona e do Loire, tais e tantos os monumentos que ali levantou a engenharia francesa. Nunca o homem arremeteu com tamanha pertinácia e brilho com a brutalidade dos elementos. Os romanos transfigurando a Argélia e os holandêses construindo a Holanda, emparelham-se bem com os abnegados profissionais que durante um século, impassíveis ante sucessivos reveses, se devotaram à emprêsa exaustiva de paralisar torrentes, de atenuar inundações e de encadear avalanchas, na dupla tentativa de facilitar a navegação e de proteger os territórios ribeirinhos. E todo êsse magnífico esfôrço em que se imortalizaram Deschamps, Dieulafoy e Belgrand, resultou em grande parte inútil, Inútil ou contraproducente. Os primores da engenharia estragaram o Loire.

Os diques submersíveis ou insubmersíveis destinados a salvarem as povoações, os canais de socorro que se lhes anexavam, as margens artificiais ladeando em dezenas de quilômetros o leito menor das caudais, os enrocamentos antepostos às erosões, as barragens antepostas às correntezas — tinham em geral a duração efêmera dos seis meses da estiagem, tal a inconstância irreparável daquelas artérias.

Por fim engenharam-se estupendos reservatórios alcandorados nos Pireneus, escalonando-se por todos os pen-

dores, para armazenar as inundações. E armazenavam catástrofes — rompendo-se-lhes os muros, de onde saltavam as ondas despenhadas varrendo povoados inteiros...

Mas ainda quando estas ruturas dos reservatórios compensadores não formassem os episódios mais dramáticos da história da engenharia, e êles pudessem erigir-se estáveis e sem riscos, nós, quaisquer que fôssem os nossos esforços e os nossos dispêndios, jamais os construiríamos como no-los construiu o Purus.

Considere-se, para isto, êste exemplo. Duponchel, para dar ao Neste — um pequeno rio com a despesa média de 25 metros cúbicos — um modêlo constante, que lhe amortecesse as inundações, calculou um reservatório de 300 000 000 000 de litros e recuou ante o algarismo colossal.

Ora, o Neste é três vêzes menor que o Iaco, que, entretanto, não se inclui entre os maiores afluentes do Purus.

Diante dêstes dados formidáveis põe-se de manifesto que a construção de reservatórios compensadores no grande rio seria o mesmo que fazer um mar; e conclui-se que os existentes, numerosíssimos, às suas margens, representam um capital inestimável e acima dos mais ousados orçamentos.

Precisamos ao menos conservá-lo. Aproveitemos uma lição velha de um século. O Mississipi, que no seu curso inferior retrata o traçado do Purus com a exação de um decalque, era, pelas mesmas causas, ainda mais inçado de empecilhos, tornando-o quase impenetrável e em muitos lugares de todo intransponível. Alguns dos seus tributários não estavam apenas trancados: desapareciam, literalmente, sob os abatises.

No entanto o grande rio, hoje transfigurado, desenha-se como um dos traços mais vivos da pertinácia norte-americana.

Lá está, porém, no seu vale, em um de seus afluentes, o Rio Vermelho, um caso desalentador. É um rio perdido. O *yankee* descobriu-o tarde demais. A desmedida tranqueira, *the great raft,* exatamente formada como as que estão formando-se no Purus, estira o labirinto de seus ma-

deiros e das suas frondes mortas por 630 quilômetros — e lá está, indestrutível, depois de desafiar durante vinte e dois anos os maiores esforços para uma desobstrução impossível.

Estabelecida a proporção entre aquêle rio minúsculo e o Purus, entre nós e os norte-americanos, aquilatam-se as dificuldades que nos aguardarão, se progredirem os obstáculos apontados, e cuja remoção atual, completando-se com a defesa, embora rudimentar, das margens mais ameaçadas pelas erosões, é ainda de relativa facilidade. Ao mesmo passo se atenuarão consideràvelmente as "divagações" precitadas, que constituem verdadeira anomalia num rio aparelhado de um perfil de estabilidade demonstrável até geomètricamente, como vimos.

De qualquer modo urge iniciar-se desde já modestíssimo, mais ininterrupto, passando de govêrno a govêrno, numa tentativa persistente e inquebrantável, que seja uma espécie de compromisso de honra com o futuro, um serviço organizado de melhoramentos, pequeno embora em comêço, mas crescente com os nossos recursos — que nos salve o majestoso rio.

Von den Stein, com a agudeza irrivalizável de seu belo espírito, comparou, algures, pinturescamente, o Xingu a um "enteado" da nossa geografia.

Estiremos o paralelo.

O Purus é um enjeitado.

Precisamos incorporá-lo ao nosso progresso, do qual êle será, ao cabo, um dos maiores fatôres, porque é pelo seu leito desmedido em fora que se traça, nestes dias, uma das mais arrojadas linhas da nossa expansão histórica.

UM CLIMA CALUNIADO

Na definição climática das circunscrições territoriais criadas pelo Tratado de Petrópolis tem-se incluído sempre um elemento curiosíssimo, ante o qual o psicólogo mais rombo suplanta a competência do Professor Hann, ou qualquer outro mestre em coisas meteorológicas: o desfalecimento moral dos que para lá seguem e levam desde o dia da partida a preocupação absorvente da volta no mais breve prazo possível. Cria-se uma nova sorte de exilados — o exilado que pede o exílio, lutando por vêzes para o conseguir, repelindo outros concorrentes, ao mesmo passo que vai adensando na fantasia alarmada as mais lutuosas imagens no prefigurar o paraíso tenebroso que o atrai.

Parte, e leva no próprio estado emotivo a receptividade a tôdas as moléstias.

Atravessa quinze dias infindáveis a contornear a nossa costa. Entra no Amazonas. Reanima-se um momento ante a fisionomia singular da terra; mas para logo acabrunha-o a imensidade deprimida — onde o olhar lhe morre no próprio quadro que contempla, certo enorme, mas em branco e reduzido às molduras indecisas das margens afastadas. Sobe o grande rio; e vão-se-lhe os dias inúteis ante a imobilidade estranha das paisagens de uma só côr, de uma só altura e de um só modêlo, com a sensação angustiosa de uma parada na vida: atônicas tôdas as impressões, extinta a idéia do tempo, que a sucessão das aparências exteriores, uniformes, não revela — e retraída a alma numa nostalgia que não é apenas a saudade da terra nativa, mas da Terra, das formas naturais tradicionalmente vinculadas às nossas contemplações, que ali se não vêem, ou se não destacam na uniformidade das planuras...

Entra por um dos grandes tributários, o Juruá ou o Purus. Atinge ao seu objetivo remoto; e todos os desa-

lentos se lhe agravam. A terra é, naturalmente, desgraciosa e triste, porque é nova. Está em ser. Faltam-lhe à vestimenta de matas os recortes artísticos do trabalho.

Há paisagens curtas que vemos por vêzes, subjetivamente, como um reflexo subconsciente de velhas contemplações ancestrais. Os cerros ondulantes, os vales, os litorais que se recortam de angras, e os próprios desertos recrestados, afeiçoam-se-nos às vistas por maneira a admitirmos um modo qualquer de reminiscência atávica. Vendo--os pela primeira vez, temos o encanto de equipararmos o que imaginamos com o que se nos antolha, numa exteriorização tangível de contornos anteriormente idealizados.

Ali, não. Desaparecem as formas topográficas mais associadas à existência humana. Há alguma coisa extraterrestre naquela natureza anfíbia, misto de águas e de terras, que se oculta, completamente nivelada, na sua própria grandeza. E sente-se bem que ela permaneceria para sempre impenetrável se não se desentranhasse em preciosos produtos adquiridos de pronto sem a constância e a continuidade das culturas. As gentes que a povoam talham-se--lhe pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores emprêsas dêstes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heróicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável.

O recém-vindo do Sul chega em pleno desdobrar-se daquela azáfama tumultuária, e, de ordinário, sucumbe. Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paisagem e o quadro daquela sociedade de caboclos titânicos que ali estão construindo um território. Sente-se deslocado no espaço e no tempo; não já fora da pátria, senão arredio da cultura humana, extraviado num recanto da floresta e num desvão obscurecido da História.

Não resiste. Concentra todos os alentos que lhe restam para o só efeito de permanecer algum tempo, inútil e inerte, no pôsto que lhe marcaram; mal desempenhando os

mais simples deveres; indo-se-lhe os olhos em todos os vapôres que descem — e o espírito ausente nos lares afastados, longo tempo, em um exaustivo agitar de apreensões e conjeturas — até que o sacuda, inesperadamente, em pleno dia canicular, um súbito estremeção de frio, delatando-lhe a vinda salvadora, e por vêzes recônditamente anelada, da febre. E é uma surprêsa gratíssima. A vida desperta-se-lhe de golpe, naquela cotovelada da morte que passou por perto. O impaludismo significa-lhe, antes de tudo, a carta de alforria de um atestado médico. É a volta. A volta sem temores, a fuga justificável, a deserção que se legaliza, e o mêdo sobredoirado de heroísmo, desafiando o espanto dos que lhe ouvem o romance alarmante das moléstias que devastam a paragem maldita.

Porque é preciso coonestar o recuo. Então cada igarapé sem nome é um Ganges pestilento e lúgubre; e os igapós, ou os lagos, espalmam-se nas várzeas empantanadas como lagunas Pontinas incontáveis. Traça-se um quadro nosológico arrepiador e trágico, num imaginoso fabular de agruras; e, dia a dia, a natureza caluniada pelo homem vai aparecendo naquelas bandas, ante as imaginações iludidas, como se lá se demarcasse a paragem clássica da miséria e da morte...

* * *

O exagêro é palmar. O Acre, ou, em geral, as planuras amazônicas cindidas a meio pelo longo sulco do Purus, têm talvez a letalidade vulgaríssima em todos os lugares recém-abertos ao povoamento. Mas consideràvelmente reduzida.

Demonstra-no-lo um ligeiro confronto.

As Escolas de Medicina Colonial da Inglaterra e da França, revelam-nos, pelos simples títulos, os resguardos com que se rodeia sempre o transplante dos povos para os novos *habitats*. Há esta linha de nobreza no moderno imperialismo expansionista capaz de absolver-lhe os máximos atentados: os seus brilhantes generais transmudam-se em batedores anônimos dos médicos e dos engenheiros; as

maiores batalhas fazem-se-lhe simples reconhecimento da campanha ulterior, contra o clima; e o domínio das raças incompetentes é o comêço da redenção dos territórios, num giro magnífico que do Tonquim à Índia, ao Egito, à Tunísia, ao Sudão, à Ilha de Cuba, e às Filipinas, vai generalizando em todos os meridianos a emprêsa maravilhosa do saneamento da terra.

Da terra e do homem. A tarefa é dúplice. Aos conquistadores tranqüilos não lhes basta o perquirir as causas meteorológicas ou telúricas das moléstias imanentes aos trechos recém-conquistados, na escala indefinida que vai das anemias estivais às febres polimorfas. Resta-lhes o encargo maior de justapor os novos organismos aos novos meios, corrigindo-lhes os temperamentos, destruindo-lhes velhos hábitos incompatíveis, ou criando-lhes outros até se construir, por um processo a um tempo compensador e estimulante, o indivíduo inteiramente aclimado, tão outro por vêzes nos seus caracteres físicos e psíquicos que é, verdadeiramente, um indígena artificial transfigurado pela higiene. Para isto o colono, ou o emigrante, torna-se em tôda a parte um pupilo do Estado. Todos os seus atos, desde o dia da partida, prefixo nas estações mais convenientes, aos últimos pormenores de alimentação, ou de vestir, predeterminam-se em regulamentos rigorosos. Dentro dos lineamentos largos das características fundamentais do clima quente para onde êle se desloca, urde-se a trama de uma higiene individual, onde se prevêem tôdas as necessidades, todos os acidentes e até os perigos da instabilidade orgânica inevitável à fase fisiológica da adaptação a um meio cósmico, cujo influxo deprimente sôbre o europeu vai da musculatura, que se desfibra, à própria fortaleza de espírito, que se deprime. Assim as medidas profiláticas, que começam inspirando-se no estudo dos fatôres físicos acabam, não raro, prolongando-se em belíssimo código de moral demonstrada. De permeio com os preceitos vulgares para o reagir contra a temperatura alta, e a umidade excessiva que lhe abatem a tensão arterial e a atividade, lhe trancam as válvulas de segurança dos poros e lhe fatigam o coração e os nervos, criando-lhe, ao cabo, a iminência mórbida para os males que se desdobram do impaludismo que

lhe solapa a vida, às dermatoses que lhe devastam a pele — despontam, mais eficazes e decisivos, os que o aparelham para reagir aos desânimos, à melancolia da existência monótona e primitiva; às amarguras crescentes da saudade; à irritabilidade provinda dos ares intensamente eletrizados e refulgentes; ao isolamento — e, sobretudo, ao quebrantar-se da vontade numa decadência espiritual subitânea e profunda, que se afigura a moléstia única de tais paragens, de onde as demais se derivam como exclusivos sintomas.

Abra-se qualquer regulamento de higiene colonial. Ressaltam à mais breve leitura os esforços incomparáveis das modernas missões e o seu apostolado complexo que, ao revés das antigas, não visam arrebatar para a civilização a barbaria transfigurada, senão transplantar, integralmente, a própria civilização para o seio adverso e rude dos territórios bárbaros.

Nas suas páginas, o que por vêzes nos maravilha mais do que os prodígios da previdência e do saber, desenvolvidos para afeiçoar o forasteiro ao meio, é o curso sobremaneira lento, senão o malôgro dos mais pertinazes esforços.

A França na Indochina, de clima quase temperado, despendeu quinze anos de trabalhos contínuos para que sobrestivesse a mortalidade; e, obedecendo aos pareceres dos seus melhores cientistas, renunciou, depois de longas tentativas, ao povoamento sistemático da África equatorial. O mesmo sucede no geral das colônias inglêsas, alemãs ou belgas. Baste-nos notar que a estadia [1] regulamentar dos seus agentes oficiais tem o período máximo de três anos. A volta aos lares nativos é uma medida de segurança indispensável a restaurar-lhes os organismos combalidos. Dêste modo, a despeito de tão grandes sacrifícios e dispêndios, e dos prodígios de engenharia sanitária que transformam a rudeza topográfica dos lugares novos, formando-se uma

---

(1) Conservamos a forma que aparece em tôdas as edições, em lugar da correta — *estada* —, pela impossibilidade de averiguar se o êrro é de Euclides ou da composição gráfica. (Nota do revisor).

verdadeira geografia artística, o que nêles se forma, por fim, são umas sociedades precárias de perpétuos convalescentes jungidos a dietas inflexíveis e vivendo através das fórmulas inaturáveis dos receituários complexos.

Ora, comparando-se estas colonizações adstritas às cláusulas de rigorosos estatutos — e de efeitos tão escassos — com o povoamento tumultuário, com a colonização à gandaia do Acre — de resultados surpreendentes — certo não se faz mister registrar um só elemento para o asserto de que o regime da região malsinada não é apenas sobradamente superior ao da maioria dos trechos recém-abertos à expansão colonizadora, senão também ao da grande maioria dos países normalmente habitados.

De fato — à parte o favorável deslocamento paralelo ao equador, demandando as mesmas latitudes — não se conhece na História exemplo mais golpeante de emigração tão anárquica, tão precipitada e tão violadora dos mais vulgares preceitos de aclimamento, quanto o da que desde 1879 até hoje atirou, em sucessivas levas, as populações sertanejas do território entre a Paraíba e o Ceará, para aquêle recanto da Amazônia. Acompanhando-a, mesmo de relance, põe-se de manifesto que lhe faltou desde o princípio, não só a marcha lenta e progressiva das migrações seguras, como os mais ordinários resguardos administrativos.

O povoamento do Acre é um caso histórico inteiramente fortuito, fora da diretriz do nosso progresso.

Tem um reverso tormentoso que ninguém ignora: as sêcas periódicas dos nossos sertões do Norte, ocasionando o êxodo em massa das multidões flageladas. Não o determinou uma crise de crescimento, ou excesso de vida desbordante, capaz de reanimar outras paragens, dilatando-se em itinerários que são o diagrama visível da marcha triunfante das raças; mas a escassez da vida e a derrota completa ante as calamidades naturais. As suas linhas baralham-se nos traçados revoltos de uma fuga. Agravou-o sempre uma seleção natural invertida: todos os fracos, todos os inúteis, todos os doentes e todos os sacrificados expedidos a êsmo, como o rebotalho das gentes, para o deserto. Quando

as grandes sêcas de 1879-1880, 1889-1890, 1900-1901 flamejavam sôbre os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população adventícia de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas — a preocupação exclusiva dos podêres públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, às carreiras, os vapôres, com aquêles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia — vastíssima, despovoada, quase ignota — o que eqüivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços de família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febrentos e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo. Mas feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até aos nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um médico. Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem...

E não desapareceram. Ao contrário, em menos de trinta anos, o Estado que era uma vaga expressão geográfica, um deserto empantanado, a estirar-se, sem lindes, para sudoeste, definiu-se de chôfre, avantajando-se aos primeiros pontos do nosso desenvolvimento econômico.

A sua capital — uma cidade de dez anos sôbre uma tapera de dois séculos — transformou-se na metrópole da maior navegação fluvial da América do Sul. E naquele extremo sudoeste amazônico, quase misterioso, onde um homem admirável, William Chandless, penetrara 3 200 quilômetros sem lhe encontrar o fim — cem mil sertanejos, ou cem mil ressuscitados, apareciam inesperadamente e repatriavam-se de um modo original e heróico: dilatando a pátria até aos terrenos novos que tinham desvendado.

Abram-se os últimos relatórios das prefeituras do Acre. Nas suas páginas maravilha-nos mais do que as transformações sem par que ali se verificam, o absoluto

abandono e o completo relaxo com que ainda se efetua o seu povoamento. Hoje, como há trinta anos, mesmo fora das aperturas e dos tumultos das sêcas, os imigrantes avançam sem o mínimo resguardo, ou assistência oficial.

No entanto, as populações transplantadas se fixam, vinculadas ao solo; o progresso demográfico é surpreendente — e das cabeceiras do Juruá à confluência do Abunã alonga-se, cada vez mais procurada, a terra da promissão do Norte do Brasil.

* * *

O paralelo é expressivo. Não se compreende a reputação de insalubridade de um tal clima. Evidentemente o que se realizou e se realiza ainda, embora em menor escala no Acre, foi a "seleção telúrica", de que nos fala Kirchoff: uma sorte de magistratura natural, ou revista severa exercida pela natureza nos indivíduos que a procuram, para só conceder o direito da existência aos que se lhe afeiçoam.

Mas o processo é geral.

Em tôdas as latitudes foi sempre gravíssima nos seus primórdios a afinidade eletiva entre a terra e o homem. Salvam-se os que melhor balanceiam os fatôres do clima e os atributos pessoais. O aclimado surge de um binário de fôrças físicas e morais que vão, de um lado, dos elementos mais sensíveis, térmicos ou higrométricos, ou barométricos, às mais subjetivas impressões oriundas dos aspectos da paisagem; e de outro, da resistência vital da célula ou do *tonus* muscular, às energias mais complexas e refinadas do caráter. Durante os primeiros tempos, antes que a transmissão hereditária das qualidades de resistência, adquiridas, garanta a integridade individual com a própria adaptação da raça, a letalidade inevitável, e até necessária, apenas denuncia os efeitos de um processo seletivo. Tôda a aclimação é dêsse modo um plebiscito permanente em que o estrangeiro se elege para a vida. Nos trópicos, é natural que o escrutínio biológico tenha um caráter gravíssimo.

Não há fraudes que lhe minorem as exigências. Caem-lhe sob o exame incorruptível, por igual, — o tuberculoso

inapto à maior atividade respiratória nos ares adurentes, pobres de oxigênio, e o lascivo desmandado; o cardíaco sucumbido pela queda da tensão arterial, e o alcoólico candidato contumaz a tôdas as endemias; o linfático colhido de pronto pela anemia e o glutão; o noctívago desfibrado nas vigílias, ou o indolente estagnado nas sestas enervantes; e o colérico, o neurastênico de nervos a vibrarem nos ares eletrizados, descompassadamente, sob o influxo misterioso dos firmamentos deslumbrantes, até aos paroxismos da demência tropical que o fulmina, de pancada, como uma espécie de insolação do espírito.

A cada deslize fisiológico ou moral antepõe-se o corretivo da reação física. E chama-se insalubridade o que é um apuramento, a eliminação generalizada dos incompetentes. Ao cabo verifica-se algumas vêzes que não é o clima que é mau; é o homem.

Foi o que sucedeu em grande parte no Acre. As turmas povoadoras que para lá seguiram, sem o exame prévio dos que as formavam e nas mais deploráveis condições de transporte, deparavam, além de tudo isto, com um estado social que ainda mais lhes engravescia a instabilidade e a fraqueza.

Aguardava-as e ainda as aguarda, bem que numa escala menor, a mais imperfeita organização do trabalho que ainda engenhou o egoísmo humano.

Repitamos. O sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sôbre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

Enquanto o colono italiano se desloca de Gênova à mais remota fazenda de S. Paulo, paternalmente assistido pelos nossos podêres públicos, o cearense efetua, à sua custa e de todo em todo desamparado, uma viagem mais difícil, em que os adiantamentos feitos pelos contratadores insaciáveis, inçados de parcelas fantásticas e de preços inauditos, o transformam as mais das vêzes em devedor para sempre insolvente.

A sua atividade, desde o primeiro golpe de machadinha, constringe-se para logo num círculo vicioso inaturável: o debater-se exaustivo para saldar uma dívida que se

avoluma, ameaçadoramente, acompanhando-lhe os esforços e as fadigas para saldá-la.

E vê-se completamente só na faina dolorosa. A exploração da seringa, neste ponto pior que a do caucho, impõe o isolamento. Há um laivo siberiano naquele trabalho. Dostoïewski sombrearia as suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constrangido a calcar durante a vida inteira a mesma "estrada", de que êle é o único transeunte, trilha obscurecida, estreitíssima e circulante, que o leva, intermitentemente e desesperadamente, ao mesmo ponto de partida. Nesta emprêsa de Sísifo, a rolar em vez de um bloco o seu próprio corpo — partindo, chegando e partindo — nas voltas constritoras de um círculo demoníaco, no seu eterno giro de encarcerado numa prisão sem muros, agravada por um ofício rudimentar que êle aprende em uma hora para exercê-lo tôda a vida, automàticamente, por simples movimentos reflexos — se não o enrija uma sólida estrutura moral, vão-se-lhe, com a inteligência atrofiada, tôdas as esperanças, e as ilusões ingênuas, e a tonificante alacridade que o arrebataram àquele lance, à aventura, em busca da fortuna.

Paralelamente, a decadência orgânica.

A alimentação, que é a base mais firme da higiene tropical, não lha fornece, durante largos anos, a mais rudimentar cultura. Constitui-se, ao revés de todos os preceitos, adstrita aos fornecimentos escassos de tôdas as conservas suspeitas e nocivas, com o derivativo aleatório das caçadas.

Sobretudo isto, o abandono. O seringueiro é, obrigatòriamente, profissionalmente, um solitário.

Mesmo no Acre pròpriamente dito, onde a densidade maior das árvores de borracha permite a abertura de 16 "estradas" numa légua quadrada, tôda esta área capaz de sustentar, de acôrdo com a unidade agrícola corrente, cinqüenta famílias de pequenos lavradores, requer a atividade de oito homens apenas, que lá se espalham e raramente se vêem. Calcule-se um seringal médio, de duzentas "estradas": tem cêrca de 15 léguas quadradas; e êste latifúndio, que se povoaria à larga com 3 000 habitantes ati-

vos, comporta apenas a população invisível de 100 trabalhadores, exageradamente dispersos.

É a conservação sistemática do deserto, e a prisão celular do homem na amplitude desafogada da terra.

* * *

Ante êstes lineamentos de um quadro social tão anômalo, não é apenas opinável a letalidade do Acre. O que ressalta, irreprimível, é o conceito de uma salubridade capaz de garantir tantas existências submetidas a tão imperfeito regime. Acredita-se até que as características tropicais meramente teóricas se reduzem aos paralelos de baixas latitudes, de 8º a 11º, que interferem a região; e aquilatando-se a influência moderadora sem dúvida exercida pela estupenda massa de florestas, que a circulam e a invadem, chega-se a concluir que ulteriores observações meteorológicas, mal iniciadas agora, talvez lhe apaguem nos mapas a isoterma de 25 graus que a êsmo lhe traçaram.

Porque a despeito do incorreto e do vicioso do povoamento e da vida, a sociedade recém-chegada aclima-se e progride.

Ao mais incurioso viajante que perlustre o Purus não escapa a transformação lenta e contínua.

O primitivo explorador vai, afinal, ajustando-se ao solo, sôbre o qual pisou durante tanto tempo indiferente. As suas barracas desafogam-se nas derrubadas; e já nas praias, que as vazantes desvendam, já nos "firmes", a cavaleiro das cheias, se delineiam as primeiras áreas de cultura. Os tristonhos barracões cobertos de fôlhas de ubuçu, transmudam-se em vivendas regulares, ou amplos sobrados de pedra e cal. Sebastopol, Canacori, S. Luís de Cassianã, Itatuba, Realeza, e dezenas de outros sítios do Baixo-Purus; Liberdade e Concórdia, nos mais longínquos trechos, com as suas casas numerosas, que se arruam às vêzes ao lado de pequenas igrejas, ampliam-se em verdadeiras vilas. São a imagem material do domínio e da posse definitiva.

A evolução é, dêste modo, tangível.

Delatam-na até os nomes originais, extravagantes alguns, mas eloqüentes todos, das primitivas e das recentes

fundações. Na terra sem história os primeiros fatos escrevem-se, esparsos e desunidos, nas denominações dos sítios. De um lado está a fase inicial e tormentosa da adaptação, evocando tristezas, martírios, até gritos de desalento ou de socorro; e o viajante lê nas grandes tabuletas suspensas às paredes das casas, de chapa para o rio: *Valha-nos Deus, Saudades, S. João da Miséria, Escondido, Inferno*... De outro um forte renascimento de esperanças e a jovialidade desbordante das gentes redimidas: *Bom Princípio, Nôvo Encanto, Triunfo, Quero ver!, Liberdade, Concórdia, Paraíso*...

À medida que se sobe o rio a renascença se acentua. Passada a confluência do Acre vai-se, em vários trechos, entre as estâncias que se defrontam ou se ligam às margens, como se se percorresse cultíssima paragem há muito descoberta. Nada mais do tôsco e do brutesco dos primitivos abarracamentos.

Em Catiana, em Macapá, como nas demais a montante, até à última, Sobral, com a minúscula plantação de cafeeiros que lhe bastam ao consumo, nota-se em tudo, da pequena cultura que se generaliza, aos pomares bem cuidados, o esfôrço carinhoso do povoador que aformoseia a terra para não mais a abandonar.

E os homens são admiráveis.

Vimo-los de perto; conversamo-los.

Guardamos-lhes os nomes e os apelidos bizarros — do opulento *Caboclo-Real,* da Cachoeira, ao gárrulo *Cai N'água* das cercanias do Chandless; do velho *João Amarelo,* que fundou Catai, e leva ainda, sem titubear, pelos torcicolos das "estradas", os seus setenta anos trabalhosos, ao destemeroso *Antônio Dourado,* da Terra Alta, impecável atirador de rifle, cujos lances de ousadia nas arrancadas de 1903, com os caucheiros, são uma página vibrante de bravura.

Considerando-os, ou revendo-lhes a integridade orgânica a ressaltar-lhes das musculaturas inteiriças, ou a beleza moral das almas varonis que derrotaram o deserto — e recordando as circunstâncias lastimáveis, que os rodearam nos primeiros dias do povoamento ou que ainda os ro-

deiam, porventura minoradas — não se lhes explicam as existências vigorosas sob regime climatológico tão maligno e bruto como o que se fantasiou no Acre.

Não vinga, ademais, o argumento de que o sertanejo nortista, ou mais incisivamente, o jagunço, dotado da abstinência pastoral e guerreira do árabe, se tenha apercebido para o nôvo *habitat,* sob a disciplina inexorável das sêcas, além de haver-se deslocado seguindo mais ou menos os paralelos do torrão nativo.

O Purus e o Juruá abriram-se há muito à entrada dos mais díspares forasteiros — do sírio, que chega de Beirute, e vai pouco a pouco suplantando o português no comércio do "regatão"; ao italiano aventuroso e artista que lhes bate as margens, longos meses, com a sua máquina fotográfica a colecionar os mais típicos rostos de silvícolas e aspectos bravios de paisagens; ao saxônio fleumático, trocando as suas brumas pelos esplendores dos ares equatoriais. E, na grande maioria, lá vivem todos; agitam-se, prosperam e acabam longevos.

Registre-se êste caso. Em 1872, Barrington Brown e William Lidstone percorreram o Baixo-Purus, até Huitanaã, embarcados na lancha *Guajará,* sob o comando do Capitão Hoefner, *a german speaking both english and portuguese in addition,* consoante explicam os dois viajantes no interessante livro [1] que escreveram.

Há trinta e cinco anos...

E o Capitão Hoefner lá está, eterno comandante de lancha, a mourejar sem descanso sôbre aquelas águas malditas, onde fervilham os piuns sugadores, os carapanãs emissários das febres, e se espalmam, derivando à feição da correnteza insensível, os mururés boiantes, de flôres violáceas recordando as grinaldas tristonhas dos enterros. Mas não agourentaram o germano.

Vimo-lo, em fins de 1905, na confluência do Acre. É um velho vivaz e prestadio, diligente e ativo, de rosto aberto e rosado, emoldurado de cabelos inteiramente bran-

(1) *Fifteen Thousand Miles in the Amazon and its Tributaries.*

cos. Se aparecesse em Berlim, mal lhe descobririam na pele, de leve amorenada, o sombrio estigma dos trópicos.

Multiplicam-se os casos dêste teor, acordes todos na extinção de uma lenda.

Resta, talvez, à teimosia no propagá-la, um derradeiro argumento: aquêles caboclos rijos e êsse saxônico excepcional não são efeitos do meio; surgem a despeito do meio; triunfam num final de luta, em que sucumbiram, em maior número, os que se não aparelhavam dos mesmos requisitos de robustez, energia e abstinência.

Neste caso atiremos de lado, de uma vez, um estéril sentimentalismo e reconheçamos naquele clima um função superior. Ante as circunstâncias nocivas que originaram e impulsionaram o povoamento do Acre, largos anos aberto à intrusão de tôdas as moléstias e de todos os vícios favorecidos pela indiferença dos podêres públicos, êle exercitou uma fiscalização incorruptível, libertando aquêle território de calamidades e desmandos, que seriam além de tôda a proporção, muito maiores do que os que ainda hoje lá se observam.

Policiou, saneou, moralizou. Elegeu e elege para a vida os mais dignos. Eliminou e elimina os incapazes, pela fuga ou pela morte.

E é por certo um clima admirável o que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes e para os bons.

OS CAUCHEIROS

Aquém da margem direita do Ucaiáli e das terras onduladas, onde se formam os manadeiros do Javari, do Juruá e do Purus, apareceu há cêrca de cinqüenta anos uma sociedade nova. Formara-se obscuramente. Perdida longo tempo no afogado das selvas, apenas a conheciam raros comerciantes do Pará, onde, desde 1862, começaram a chegar, provindas daqueles pontos remotos, as pranchas pardo-escuras de uma outra goma elástica concorrente com a seringa às exigências da indústria.

Era o caucho. E caucheiros apelidaram-se para logo os aventurosos sertanistas que batiam atrevidamente aquêles rincões ignorados.

Vinham do ocidente, transpondo os Andes e suportando todos os climas da Terra, dos litorais adustos do Pacífico às *punas* enregeladas das cordilheiras. Entre êles e o torrão nativo ficavam duas muralhas altas de seis mil metros e um longo valo escancelado em abismos. Adiante os plainos amazônicos: um estiramento de centenares de milhas para NE, a perder-se, indefinido, na prolongação atlântica, sem a ajuda de um cêrro balizando a imensidade.

Nunca se armou tão imponente cenário a tão pequeninos atôres.

É natural que os sertanistas pervagassem largos anos, esparsos, diminutos, invisíveis, tateantes no perpétuo crepúsculo daquelas matas longínquas, onde, mais sérias que o desmedido das distâncias e os bravios da espessura, outras dificuldades lhes renteavam ou perturbavam os passos vacilantes.

Realmente, tôda a zona em que se traça, ainda pontuada, a linha limítrofe brasílio-peruana, e irradiam para

os quadrantes os formadores do Purus e do Juruá, as vertentes mais setentrionais do Urubamba e os últimos esgalhos do Madre de Diós, figurava entre as mais desconhecidas da América, menos em virtude de suas condições físicas excepcionais, vencidas em 1844 por F. Castelnau, que pelo renome temeroso das tribos que a povoam e se tornaram, sob o nome genérico de *chunchos*, o máximo pavor dos mais destemerosos pioneiros.

Não há nomeá-las tôdas. Quem sobe o Purus, contemplando de longe em longe, até às cercanias da Cachoeira, os paumaris rarescentes, mal recordando os antigos donos daquelas várzeas; e dali para montante os ipurinás inofensivos; ou a partir do Iaco, os tucunas que já nascem velhos, tanto se lhes reflete na compleição tolhiça a decrepitude da raça — tem a maior das surprêsas ao deparar nas cabeceiras do rio com os silvícolas singulares que as animam. Discordes nos hábitos e na procedência, lá se comprimem em ajuntamento forçado; os amauacas mansos que se agregam aos *puestos* dos extratores do caucho; os coronauas indomáveis, senhores das cabeceiras do Curanja; os *piros* acobreados, de rebrilhantes dentes tintos de resina escura que lhes dão aos rostos, quando sorriem, indefiníveis traços de ameaças sombrias; os barbudos caxibos afeitos ao extermínio em correrias de duzentos anos sôbre os destroços das missões do Pachitéa; os conibos de crânios deformados e bustos espantadamente listrados de vermelho e azul; os *setebos, sipibos* e iurimauas; os *mashcos* corpulentos, do Mano, evocando no desconforme da estatura os gigantes fabulados pelos primeiros cartógrafos da Amazônia; e, sôbre todos, suplantando-os na fama e no valor, os *campas* aguerridos do Urubamba...

A variedade das cabildas em área tão reduzida trai a pressão estranha que as constringe. O ajuntamento é forçado.

Elas estão, evidentemente, nos últimos redutos para onde refluíram no desfecho de uma campanha secular, que vem do apostolado das Maynas às expedições modernas e cujos episódios culminantes se perderam para a História.

O narrador dêstes dias chega no final de um drama, e contempla surpreendido o seu último quadro prestes a cerrar-se.

A civilização, bàrbaramente armada de rifles fulminantes, assedia completamente ali a barbaria encantoada: os peruanos pelo ocidente e pelo sul; os brasileiros em todo o quadrante de NE; no de SE, trancando o vale do Madre de Diós, os bolivianos.

E os caucheiros aparecem como os mais avantajados batedores da sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminando naqueles sertões remotíssimos os mais interessantes aborígenes sul-americanos.

* * *

Esta missão histórica advém-lhes da fragilidade de uma árvore. O caucheiro é forçadamente um nômade votado ao combate, à destruição e a uma vida errante ou tumultuária, porque a *castilloa* elástica que lhe fornece a borracha apetecida, não permite, como as *heveas* brasileiras, uma exploração estável, pelo renovar periòdicamente o suco vital que lhe retiram. É excepcionalmente sensível. Desde que a golpeiem, morre, ou definha durante largo tempo, inútil. Assim o extrator derruba-a de uma vez para aproveitá-la tôda. Atora-a, depois, de metro em metro, desde as sapopembas aos últimos galhos das frondes; e abrindo no chão, ao longo do madeiro derrubado, rasas cavidades retangulares correspondentes às secções dos toros, delas retira, ao fim de uma semana, as pranchas valiosas, enquanto os restos aderidos à casca, nos rebordos dos cortes, ou esparsos a êsmo pelo solo, constituem, reunidos, o sernambi de qualidade inferior.

O processo, como se vê, é rudimentar e rápido. Esgota-se em pouco tempo o cauchal mais exuberante; e como as *castilloas* não se distribuem regularmente pelas matas, viçando em grupos por vêzes bastante separados, os exploradores deslocam-se a outros rumos, reeditando quase sem variantes tôdas as peripécias daquela vida aleatória de caçadores de árvores.

Dêste modo o nomadismo impõe-se-lhes. É-lhes condição inviolável de êxito. Afundam temeràriamente no deserto; insulam-se em sucessivos sítios e não revêem nunca os caminhos percorridos. Condenados ao desconhecido, afeiçoam-se às paragens ínvias e inteiramente novas. Alcançam-nas: abandonam-nas. Prosseguem e não se restribam nas posições às vêzes àrduamente conquistadas.

Atingindo qualquer trecho onde os pés de caucho se descubram, levantam à beira de uma quebrada o primeiro tambo de paxiúba, e atiram-se à tarefa agitadíssima. Os seus primeiros instrumentos de trabalho são a carabina Winchester — o rifle curto adrede disposto aos recontros no trançado das ramarias —, o machete cortante que lhes destrama os cipoais, e a bússola portátil, norteando-se no embaralhado das veredas. Tomam-nos e lançam-se a uma revista cautelosa das cercanias. Vão em busca do selvagem que devem combater e exterminar ou escravizar, para que do mesmo lance tenham tôda a segurança no nôvo pôsto de trabalhos e braços que lhos impulsionem.

São bem poucos às vêzes os que se abalançam a esta preliminar obrigatória e temerária: meia dúzia de homens, dispersando-se e mergulhando silenciosamente na espessura. E lá se vão, perquirindo e sondando todos os recessos; batendo palmo a palmo todos os recantos suspeitos; anotando de cor, num exaustivo levantamento topográfico, de memória, os mais variados acidentes; ao mesmo passo que com os olhos e ouvidos armados aos mais fugitivos aspectos e aos mais vagos rumôres dos ares murmurantes da floresta, vão premunindo-se dos resguardos e ardilezas que se exigem naquele assombroso duelo sevilhano com o deserto.

Alguns não tornam mais. Outros, volvem indenes aos pousos, depois da perquirição inútil. Algum, porém, ao cabo da pesquisa fatigante, lobriga ao longe, meio indistintas nas folhagens, as primeiras cabanas do selvagem.

Mal refreia um grito de triunfo, e não volve logo a comunicar aos companheiros o achado.

Refina a sua astúcia extraordinária. Cose-se com o chão, e, de rastros, *fareando el peligro,* aproxima-se quanto pode do inimigo descuidado.

Há, realmente, neste lance, um traço comovente de heroísmo. O homem perdido na solidão absoluta vai procurar o bárbaro, levando a escolta única das dezoito balas de seu rifle carregado.

É um rastejamento longo, tortuoso e lento, em que êle aproveita todos os acidentes, encobrindo-se por detrás dos troncos ou entaliscando-se nos ângulos das sapopembas, deslizando sem ruído sôbre as camadas das ramas decompostas, ou insinuando-se entre as hastes unidas das helicônias de largas fôlhas protetoras, até que possa, no têrmo da investida surda e angustiosa, contemplar e ouvir de perto, quase à orla do terreiro claro, os adversários inexpertos, e inscientes do civilizado sinistro que os espia e os conta e lhes observa as maneiras e lhes avalia os recursos — e volta depois do exame minucioso, levando aos companheiros, que o aguardam, todos os informes necessários à "conquista".

Conquista é o têrmo predileto, usado por uma espécie de reminiscência atávica das antiqüíssimas algaras dos condutícios de Pizarro. Mas não a efetuam pelas armas sem esgotarem os efeitos da diplomacia rudimentar dos presentes mais apetecidos do selvagem. A um ouvimos certa vez o processo seguido: *"Se los atrae al tambo por medio de regalos: ropa, rifles, machetes, etc.; y sin hacerlos trabajar, se les deja que vayan al tolderío a decir a sus compañeros el como son tratados por los caucheros, que nos los obligan a trabajar, sino que les aconsejan que trabajen un poco y a voluntad, para pagar aquello que les dieron...*"

Êstes meios pacíficos, porém, são em geral falíveis. A regra é a caçada impiedosa, à bala. É o lado heróico da emprêsa: um grupo inapreciável arrojando-se à montaria de uma multidão.

Não se lhe pormenorizam os episódios.

Subordina-se a uma tática invariável: a máxima rapidez do tiro e a máxima temeridade. São garantias certas do triunfo. É incalculável o número de minúsculas batalhas travadas naqueles sertões onde reduzidos grupos bem armados suplantam tribos inteiras, sacrificadas a

um tempo pelas suas armas grosseiras e pela afoiteza no arremeterem com as descargas rolantes das carabinas.

Citemos um exemplo único. Quando Carlos Fiscarrald chegou em 1892 às cabeceiras do Madre de Diós, vindo do Ucaiáli pelo varadouro aberto no istmo que lhe conserva o nome, procurou captar do melhor modo os *mashcos* indomáveis que as senhoreavam. Trazia entre os *piros* que conquistara um intérprete inteligente e leal. Conseguiu sem dificuldades ver e conversar o curaca selvagem.

A conferência foi rápida e curiosíssima.

O notável explorador, depois de apresentar ao "infiel" os recursos que trazia e o seu pequeno exército, onde se misturavam as fisionomias díspares das tribos que subjugara, tentou demonstrar-lhe as vantagens da aliança que lhe oferecia contrapostas aos inconvenientes de uma luta desastrosa. Por única resposta o *mashco* perguntou-lhe pelas flexas que trazia. E Fiscarrald entregou-lhe, sorrindo, uma cápsula de Winchester.

O selvagem examinou-a, longo tempo, absorto ante a pequenez do projétil. Procurou, debalde, ferir-se, roçando rijamente a bala contra o peito. Não o conseguindo, tomou uma de suas flexas; cravou-a, de golpe, no outro braço, varando-o. Sorriu, por sua vez, indiferente à dor, contemplando com orgulho o seu próprio sangue que esguichava... e sem dizer palavra deu as costas ao sertanista surpreendido, voltando para o seu *tolderío* com a ilusão de uma superioridade que a breve trecho seria inteiramente desfeita. De fato, meia hora depois, cêrca de cem *mashcos,* inclusive o chefe recalcitrante e ingênuo, jaziam trucidados sôbre a margem, cujo nome, *Playa Mashcos,* ainda hoje relembra êste sanguinolento episódio...

Assim vai desbravando-se a região bravia. Varejadas as redondezas, mortos ou escravizados num raio de poucas léguas os aborígenes, os caucheiros agitam-se febrilmente na azáfama estonteadora. Em alguns meses ao lado do primitivo tambo multiplicam-se outros; a *casucha* solitária transmuda-se em amplo *barracón* ou *embarcadero* ruidoso; e adensam-se por vêzes as vivendas em *caseríos,* a exemplo de Cocama e Curanja, à margem do Purus,

a espelharem, repentinamente, no deserto, a miragem de um progresso que surge, se desenvolve e acaba num decênio. Os caucheiros ali estacionam até que caia o último pé de caucho. Chegam, destróem, vão-se embora. Nada pedem, em geral, à terra, à parte exíguas plantações de iúcas e bananas, a que se dedicam os índios domesticados. A única agricultura regular, embora diminuta, que se observa no Alto-Purus, para lá das últimas barracas dos nossos seringueiros, e a do algodão, dos *campas* aldeados, que até nisto delatam a independência nativa: colhendo, cardando, fiando, tecendo e pintando as *cushmas* de que se revestem, e descem-lhes dos ombros até aos pés, com o feitio de longas togas grosseiras. Assim, entre os estranhos civilizados que ali chegam de arrancada para ferir e matar o homem e a árvore, estacionando apenas o tempo necessário a que ambos se extingam, seguindo a outros rumos onde renovam as mesmas tropelias, passando como uma vaga devastadora e deixando ainda mais selvagem a própria selvageria — aquêles bárbaros singulares patenteiam o único aspecto tranqüilo das culturas. O contraste é empolgante. Seguindo do povoado *campa* de Tingoleales para o sítio peruano de Shamboyaco, perto da foz do Rio Manuel Urbano, o viajante não passa, como a princípio acredita, dos estádios mais primitivos aos mais elevados da evolução humana. Tem uma surprêsa maior. Vai da barbaria franca a uma sorte de civilização caduca em que todos os estigmas daquela ressaltam, mais incisivos, dentre as próprias conquistas do progresso.

Aborda a estância peruana; e nas primeiras horas encanta-o o quadro de uma existência movimentada e ruidosa. A vivenda principal e as que se lhe subordinam, arruadas alguma vez à maneira de pequenas vilas, erigem-se sempre num ponto bem escolhido a cavaleiro do rio; e a despeito de se construírem exclusivamente com as fôlhas e estípites da paxiúba — que é a palmeira providencial da Amazônia — são em geral de dois andares e têm na elegância das linhas e nas varandas desafogadas, que as circuitam, uma aparência de todo contraposta ao aspecto tristonho dos chatos barracões dos nossos seringueiros.

No terreiro amplo, acabando na crista da barranca caindo em talude vivo sôbre o rio, uma agitação animadora e álacre; carregadores possantes passando em longas filas sucessivas arcados sob as pranchas de caucho; administradores ativos rompendo das portas do andar térreo e correndo para tôda a banda, para os armazéns refertos de conservas ou para as tendas fulgurantes, onde estridulam malhos e bigornas, reparando as achas e machetes.

Embaixo no *embarcadero*, coalhado das ubás velozes, onde as tanganas fisgam vivamente os ares, vozeia a algazarra dos práticos e proeiros, e espalmam-se nas águas as balsas feitas exclusivamente de caucho, formando-se sôbre o "caminho que marcha" a "mercadoria que conduz os condutores". E em todo o correr da ladeira que dali serpeia até em cima, as saias vermelhas e os corpinhos brancos das *cholas* graciosas de Iquitos, passando e entrecruzando-se, num embandeiramento festivo. . .

O viajante atravessa os grupos agitados e as surprêsas não cessam. Galga a escada que o leva à varanda da frente, para onde dão os principais repartimentos da vivenda. No alto o caucheiro — um triunfador jovial e desempenado sôbre os rijos tacões das suas botas de mateiro — recebe-o ruidosamente, abrindo-lhe de par em par as portas numa hospitalidade espetaculosa e franca. E completa-se o encanto. Extinta a noção do tempo, ou do longo espaço de milhares de quilômetros gastos no sulcar os rios solitários para atingir aquela estância longínqua, o forasteiro insensìvelmente se imagina em algum entreposto comercial de qualquer cidade da costa. Nada lhe falta ao engano: o longo balcão de pinho abarreirando a sala principal e cerrando o recinto, onde se aprumam as prateleiras atestadas de mercadorias; os empregados solícitos obedientes às ordens do guarda-livros corretíssimo, que o cumprimentou ao entrar e volveu logo à sua escrita, acurvado sôbre a secretária inclinada; o copo de cerveja que lhe oferecem, ao invés da *chicha* tradicional; a folhinha artística a um lado, marcando o dia certo do ano; os jornais de Manaus e de Lima; e até — o que é inverossímil — a tortura requintada e culta de um fonógrafo, gaguejando,

emperradamente, naquele fundo de desertos, uma ária predileta de tenor famoso...

* * *

Mas tôda esta exterioridade surpreendente desaparece ante uma observação permitindo ao visitante ver o que lhe não mostra o seu garboso hospedeiro. A desilusão assalta-o então de chôfre; e é impressionadora. Aquêle reflexo de vida superior não vai além da escassa nesga de chão, de menos de um hectare, constrita entre a mata ameaçadora e próxima, ao fundo, e a barranca despenhada rio adiante.

Fora dêste falso cenário, o drama real que se desenrola é quase inconcebível para o nosso tempo.

Abaixo do caucheiro opulento, numa escala deplorável, do mestiço loretano que ali vai em busca de fortuna ao quíchua deprimido trazido das cordilheiras, há uma série indefinida de espoliados. Para vê-los tem-se que varar os obscuros recessos da mata sem caminhos e buscá-los nas urmanas solitárias, onde assistem completamente sós, acompanhados apenas do rifle inseparável, que lhes garante a existência com os recursos aleatórios das caçadas. Ali mourejam improfìcuamente longos anos; enfermam, devorados das moléstias; e extinguem-se no absoluto abandono. Quatrocentos homens às vêzes, que ninguém vê, dispersos por aquelas quebradas, e mal aparecendo de longe em longe no castelo de palha do acalcanhado barão que os escraviza. O "conquistador" não os vigia. Sabe que lhe não fogem. Em roda, num raio de seis léguas, que é todo o seu domínio, a região, inçada de outros *infieles*, é intransponível. O deserto é um feitor perpètuamente vigilante. Guarda-lhe a escravatura numerosa. Os mesmos *campas* altanados, que êle captou esgrimindo uma perfídia magistral contra a bravura ingênua do bárbaro, não o deixam mais, temendo os próprios irmãos bravios, que nunca lhes perdoam a submissão transitória.

Desta sorte o aventureiro feliz que dois anos antes, em Lima ou Arequipa, exercitava o trato mais gentil — sente-se inteiramente livre da pressão e dos infinitos cor-

retivos da vida social, e adquirindo a consciência do mando ilimitado, ao mesmo tempo que o invade o sentimento da impunidade para todos os caprichos e delitos, cai, de um salto, numa selvageria originalíssima, em que entra sem ter tempo de perder os atributos superiores do meio onde nasceu.

Realmente, o caucheiro não é apenas um tipo inédito na História. É, sobretudo, antinômico e paradoxal. No mais pormenorizado quadro etnográfico não há um lugar para êle. A princípio figura-se-nos um caso vulgar de civilizado que se barbariza, num recuo espantoso em que se lhe apagam os caracteres superiores nas formas primitivas da atividade.

E é um engano. Êstes estádios contrapostos êle não os combina criando uma atividade híbrida embora, mas definida e estável. Junta-os apenas sem os caldear. É um caso de mimetismo psíquico de homem que se finge bárbaro para vencer o bárbaro. É *caballero* e selvagem, consoante as circunstâncias. O dualismo curioso de quem procura manter intactos os melhores ensinamentos morais ao lado de uma moral fundada especialmente para o deserto — reponta em todos os atos da sua existência revôlta. O mesmo homem que com invejável retitude esforça-se por satisfazer os seus compromissos, que às vêzes sobem a milhares de contos, com os exportadores de Iquitos ou Manaus, não vacila em iludir o *peón* miserável que o serve, em alguns quilos de sernambi ordinário; (1) ou passa por vêzes

---

(1) Por exemplo são vulgares casos dêste teor, contados pelos próprios peruanos:

Sai um batelão de Iquitos carregado das mercadorias mais apetecidas dos habitantes ribeirinhos. Chega a um tambo do Ucaiáli, de *infieles* ou de *cholos*. Salta o patrão e trava para logo com o proprietário do sítio êste diálogo invariável:

— *Tienes caucho?*

— *Si, tengo; pero és del comerciante F... a quiém debo por la habilitación que me dió hace cuatro meses. Segun sé su lancha debe venir a recogerlo dentro de pocos dias...*

— *No seas cándido, hombre!* contravém o caucheiro, e acrescenta mentindo imperturbàvelmente: *F... no puede mandar por el caucho porque su lancha está descompuesta...*

da mais refinada galanteria à máxima brutalidade, deixando em meio um sorriso cativante e uma mesura impecável, para saltar com um rugido, de *cuchillo* rebrilhante em punho, sôbre o *cholo* desobediente que o afronta.

A selvageria é uma máscara que êle põe e retira à vontade.

Não há ajustá-la ao molde incomparável dos nossos bandeirantes. Antônio Rapôso, por exemplo, tem um destaque admirável entre todos os conquistadores sul-americanos. O seu heroísmo é brutal, maciço, sem frinchas, sem dobras, sem disfarces. Avança ininteligentemente, mecânicamente, inflexìvelmente, como uma fôrça natural desencadeada. A diagonal de mil e quinhentas léguas que traçou de São Paulo até ao Pacífico, cortando tôda a América do Sul, por cima de rios, de chapadões, de pantanais, de corixas estagnadas, de desertos, de cordilheiras, de páramos nevados e de litorais aspérrimos, entre o espanto e as ruínas de cem tribos suplantadas, é um lance apavorante, de epopéia. Mas sente-se bem naquela ousadia individual a concentração maravilhosa de tôdas as ousadias de uma época.

O bandeirante foi brutal, inexorável, mas lógico.

Foi o super-homem do deserto.

O caucheiro é irritantemente absurdo na sua brutalidade elegante, na sua galanteria sanguinolenta e no seu heroísmo à gandaia. É o homúnculo da civilização.

Mas compreende-se esta antilogia. O aventureiro ali vai com a preocupação exclusiva de enriquecer e voltar;

— *No importa,* recalcitra o selvagem, *yo cumpriré con esperar las órdenes que me mande.*

E o civilizado, insistente:

— *Y mientras tanto te prejudicas por que F... nunca te pagará mas de 12 soles por arroba, e yo te daré en el acto 16 soles...*

O peão, ávido do lucro inesperado, abala-se; o caucheiro aproveita-se hàbilmente da vacilação:

— *Vamos a la lancha que te voy a convidar a una buena copa...*

Lá se vão. E em pouco, o peão embriagado cede ao caucheiro o melhor da sua fazenda pelos mais diminutos preços.

voltar quanto antes, fugindo àquela terra melancólica e empantanada que parece não ter solidez para agüentar o próprio pêso material de uma sociedade. Acompanha-o, em tôdas as conjunturas da sua atividade nervosa e precipitada, o espetáculo das cidades vastas, onde brilhará um dia, transformado em esterlinos o *oro negro* do caucho. Dominado de todo pela nostalgia incurável da paragem nativa, que êle deixou precisamente para a rever apercebido de recursos que lhe facultem maiores somas de felicidades — atira-se às florestas: enterreira e subjuga os selvagens; resiste ao impaludismo e às fadigas; agita-se, adoidadamente, durante quatro, cinco, seis anos; acumula algumas centenas de milhares de *soles* e desaparece, de repente...

Surge em Paris. Atravessa em pleno esplendor dos teatros ruidosos e dos salões, seis meses de vida delirante, sem que lhe descubram, destoando da correção impecável das vestes e das maneiras, o mais leve resquício do nomadismo profissional. Arruína-se galhardamente; e volta... Reata a faina antiga: novos quatro ou seis anos de trabalhos forçados; nova fortuna prestes adquirida; nôvo salto sôbre o oceano; e quase sempre nôvo volver ansioso em busca da fortuna perdidiça, numa oscilação estupenda das avenidas fulgurantes para as florestas solitárias.

A êste propósito correm as mais curiosas versões, em que se destacam famosos caucheiros conhecidíssimos em Manaus.

Neste viver oscilante êle dá a tudo quanto pratica, na terra que devasta e desama, um caráter provisório — desde a casa que constrói em dez dias para durar cinco anos, às mais afetuosas ligações que às vêzes duram anos e êle destrói num dia. Neste ponto, sobretudo, desenha-se-lhe a inconstância irrivalizável. Um dêles, como lhe perguntássemos, em Curanja, onde desposara a amauaca gentilíssima que lhe assistia há dez anos com os desvelos de uma espôsa exemplar, retorquiu-nos, levemente irônico:

— *Me han hecho regalo em Pachitéa.*

Um *regalo,* um presente, um traste que êle abandonaria à primeira eventualidade, sem cuidados.

Reportado negociante daquele vilarejo decaído, que em Lima ou Iquitos seria um belo molde de burguês pací-

fico e abstêmio, ali *hambriento de mujeres,* apresenta aos amigos e ao forasteiro adventício, o seu harém escandaloso, onde se estremam a interessante Mercedes, de *ojillos de venado,* que custou uma batalha contra os coronauas, e a encantadora Facunda de grandes olhos selvagens e cismadores, que lhe custou cem *soles.* E narra o tráfico criminoso, a rir, absolutamente impune, e sem temores.

Não há leis. Cada um traz o código penal no rifle que sobraça, e exercita a justiça a seu alvedrio, sem que o chamem a contas. Num dia, de julho de 1905, quando chegava ao último *puesto* caucheiro do Purus uma comissão mista de reconhecimento, todos os que a compunham, brasileiros e peruanos, viram um corpo desnudo e atrozmente mutilado, lançado à margem esquerda do rio, num claro entre as frecheiras. Era o cadavér de uma amauaca. Fôra morta por vingança, explicou-se vagamente depois. E não se tratou mais do incidente — coisa de nonada e trivialíssima na paragem revolvida pelas gentes que a atravessam e não povoam, e passam deixando-a ainda mais triste com os escombros das estâncias abandonadas...

* * *

Estas lá estão em tôdas as voltas do Alto-Purus, aparecendo, entristecedoras, sob os vários aspectos que vão das urmanas humildes dos peões às vivendas outrora senhoris dos caucheiros.

Pouco acima do Shamboyaco, uma, sôbre tôdas, nos impressionou, quando descíamos.

Fôra um pôsto de primeira ordem. Saltamos para o examinar; e vingando a custo a barranca malgradada, descobrindo em cima o velho caminho invadido de vassouras bravas, chegamos ao terreiro onde o matagal inextricável ia peneirando e cobrindo os acervos de vasilhas velhas, farragens repugnantes, restos de ferramentas, e ciscalhos em montes deixados pelos prófugos habitantes. A casa principal, defronte, meio estruída, tetos abatidos, paredes encombentes e a tombarem despegando-se dos esteios desaprumados, figurava-se sustida apenas pelas lianas que lhe ir-

rompiam de todos os pontos, furando-lhe a cobertura, enleando-se-lhe nas vigas vacilantes, amarrando-lhas, e estirando-se à feição de cabos até as árvores mais próximas, onde se enlaçavam impedindo-lhe o desabamento completo; e as vivendas menores, anexas, cobertas de trepadeiras exuberando floração ridente, apagavam-se, desaparecendo a pouco e pouco na constrição irresistível da mata que reconquistava o seu terreno primitivo.

Mal atentamos, porém, no magnífico lance regenerador, da flora, juncando de corolas e festões garridos aquela ruinaria deplorável. Não estava inteiramente desabitada a tapera.

Num dos casebres mais conservados aguardava-nos o último habitante. *Piro,* amauaca ou *campa,* não se lhe distinguia a origem. Os próprios traços da espécie humana, transmudava-lhos a aparência repulsiva: um tronco desconforme, inchado pelo impaludismo, tomando-lhe a figura tôda, em pleno contraste com os braços finos e as pernas esmirradas e tolhiças como as de um feto monstruoso.

Acocorado a um canto, contemplava-nos impassível. Tinha a um lado todos os seus haveres: um cacho de bananas verdes.

Esta coisa indefinível que por analogia cruel sugerida pelas circunstâncias se nos figurou menos um homem que uma bola de caucho ali jogada a êsmo, esquecida pelos extratores — respondeu-nos às perguntas num regougo quase extinto e numa língua de todo incompreensível. Por fim, com enorme esfôrço levantou um braço; estirou-o, lento, para a frente, como a indicar alguma coisa que houvesse seguido para muito longe, para além de todos aquêles matos e rios; e balbuciou, deixando-o cair pesadamente, como se tivesse erguido um grande pêso:

— "Amigos".

Compreendia-se: amigos, companheiros, sócios dos dias agitados das safras, que tinham partido para aquelas bandas, abandonando-o ali, na solidão absoluta.

Das palavras castelhanas que aprendera restava-lhe aquela única; e o desventurado murmurando-a, com um

tocante gesto de saudade, fulminava sem o saber — com um sarcasmo pungentíssimo — os desmandados aventureiros que àquela hora prosseguiam na faina devastadora: abrindo a tiros de carabinas e a golpes de machetes novas veredas a seus itinerários revoltos, e desvendando outras paragens ignoradas, onde deixariam, como ali haviam deixado, no desabamento dos casebres ou na figura lastimável do aborígene sacrificado, os únicos frutos de suas lides tumultuárias, de construtores de ruínas...

JUDAS-AHSVERUS *

No sábado da Aleluia os seringueiros do Alto-Purus desforram-se de seus dias tristes. É um desafôgo. Ante a concepção rudimentar da vida santificam-se-lhes, nesse dia, tôdas as maldades. Acreditam numa sanção litúrgica aos máximos deslizes.

Nas alturas, o Homem-Deus, sob o encanto da vinda do filho ressurreto e despeado das insídias humanas, sorri, complacentemente, à alegria feroz que arrebenta cá embaixo. E os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes.

Não tiveram missas solenes, nem procisões luxuosas, nem lavapés tocantes, nem prédicas comovidas. Tôda a Semana Santa correu-lhes na mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúrias, os meios jejuns permanentes, de tristezas e de pesares, que lhes parecem uma interminável Sexta-feira da Paixão, a estirar-se, angustiosamente, indefinida, pelo ano todo afora.

Alguns recordam que nas paragens nativas, durante aquela quadra fúnebre, se retraem tôdas as atividades — despovoando-se as ruas, paralisando-se os negócios, ermando-se os caminhos — e que as luzes agonizam nos círios bruxuleantes, e as vozes se amortecem nas rezas e nos retiros, caindo um grande silêncio misterioso sôbre as cidades, as vilas e os sertões profundos onde as gentes entriste-

---

* *Ahsvero, Ahasvero* ou *Aasvero* é o nome da figura lendária que teria negado a sombra de sua porta a Jesus, no caminho para o Calvário. Foi, posteriormente, identificado com o *Judeu Errante* da saga cristã. Conservamos a forma *Ahsverus,* não só por ter sido a preferida de Euclides como por estar definitivamente associada a esta página que, tanto pela concepção como pela forma, pode ombrear com as melhores da literatura universal. (Nota do Revisor)

cidas se associam à mágoa prodigiosa de Deus. E consideram, absortos, que êsses sete dias excepcionais, passageiros em tôda a parte e em tôda a parte adrede estabelecidos a maior realce de outros dias mais numerosos, de felicidade — lhes são, ali, a existência inteira, monótona, obscura, dolorosíssima e anônima, a girar acabrunhadoramente na via dolorosa inalterável, sem princípio e sem fim, do círculo fechado das "estradas". Então pelas almas simples entra-lhes, obscurecendo as miragens mais deslumbrantes da fé, a sombra espêssa de um conceito singularmente pessimista da vida: certo, o Redentor universal não os redimiu; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário, que no próprio volver das suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfreqüentados rincões.

Mas não se rebelam, ou blasfemam. O seringueiro rude, ao revés do italiano artista, não abusa da bondade de seu deus desmandando-se em convícios. É mais forte; é mais digno. Resignou-se à desdita. Não murmura. Não reza. As preces ansiosas sobem por vêzes ao céu, levando disfarçadamente o travo de um ressentimento contra a divindade; e êle não se queixa. Tem a noção prática, tangível, sem raciocínios, sem diluições metafísicas, maciça e inexorável — um grande pêso a esmagar-lhe inteiramente a vida — da fatalidade; e submete-se a ela sem subterfugir na covardia de um pedido, com os joelhos dobrados. Seria um esfôrço inútil. Domina-lhe o critério rudimentar uma convicção talvez demasiado objetiva, ou ingênua, mas irredutível, a entrar-lhe a todo o instante pelos olhos a dentro, assombrando-o: é um excomungado pela própria distância que o afasta dos homens; e os grandes olhos de Deus não podem descer até àqueles brejais, manchando-se. Não lhe vale a pena penitenciar-se, o que é um meio cauteloso de rebelar-se, reclamando uma promoção na escala indefinida da bem-aventurança. Há concorrentes mais felizes, mais bem protegidos, mais numerosos, e, o que se lhe figura mais eficaz, mais vistos, nas capelas, nas igrejas, nas catedrais, e nas cidades ricas onde se estadeia o fausto do sofrimento uniformizado de prêto, ou fulgindo na irradiação das lágrimas, e galhardeando tristezas...

Ali — é seguir, impassível e mudo, estóicamente, no grande isolamento da sua desventura.

Além disto, só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entregá-lo, maniatado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem — e êste pecado é o seu próprio castigo, transmudando-lhe a vida numa interminável penitência. O que lhe resta a fazer é desvendá-la e arrancá-la da penumbra das matas, mostrando-a, nuamente, na sua forma apavorante, à humanidade longínqua...

Ora, para isso, a Igreja dá-lhe um emissário sinistro: Judas; e um único dia feliz: o sábado prefixo aos mais santos atentados, às balbúrdias confessáveis, à turbulência mística dos eleitos e à divinização da vingança.

Mas o mostrengo de palha, trivialíssimo, de todos os lugares e de todos os tempos, não lhe basta à missão complexa e grave. Vem batido demais pelos séculos em fora, tão pisoado, tão decaído e tão apedrejado que se tornou vulgar na sua infinita miséria, monopolizando o ódio universal e apequenando-se, mais e mais, diante de tantos que o malquerem.

Faz-se-lhe mister, ao menos, acentuar-lhe as linhas mais vivas e cruéis; e mascarar-lhe no rosto de pano, a laivos de carvão, uma tortura tão trágica, e em tanta maneira próxima da realidade, que o eterno condenado pareça ressuscitar ao mesmo tempo que a sua divina vítima, de modo a desafiar uma repulsa mais espontânea e um mais compreensível revide, satisfazendo à saciedade as almas ressentidas dos crentes, com a imagem tanto possível perfeita da sua miséria e das suas agonias terríveis.

E o seringueiro abalança-se a êsse prodígio de estatuária, auxiliado pelos filhos pequeninos, que deliram, ruidosos, em risadas, a correrem por tôda a banda, em busca das palhas esparsas e da farragem repulsiva de velhas roupas imprestáveis, encantados com a tarefa funambulesca, que lhes quebra tão de golpe a monotonia tristonha de uma existência invariável e quieta.

O judas faz-se como se fêz sempre: um par de calças e uma camisa velha, grosseiramente cosidos, cheios de pa-

lhiças e mulambos; braços horizontais, abertos, e pernas em ângulo, sem juntas, sem relevos, sem dobras, aprumando-se, espantadamente, empalado, no centro do terreiro. Por cima uma bola desgraciosa representando a cabeça. É o manequim vulgar, que surge em tôda a parte e satisfaz à maioria das gentes. Não basta ao seringueiro. É-lhe apenas o bloco de onde vai tirar a estátua, que é a sua obra-prima, a criação espantosa do seu gênio rude longamente trabalhado de reveses; onde outros talvez distingam traços admiráveis de uma ironia sutilíssima, mas que é para êle apenas a expressão concreta de uma realidade dolorosa.

E principia, às voltas com a figura disforme: salienta-lhe e afeiçoa-lhe o nariz; reprofunda-lhe as órbitas; esbate-lhe a fronte; acentua-lhe os zigomas; e aguça-lhe o queixo, numa massagem cuidadosa e lenta; pinta-lhe as sobrancelhas, e abre-lhe com dois riscos demorados, pacientemente, os olhos, em geral tristes e cheios de um olhar misterioso; desenha-lhe a bôca, sombreada de um bigode ralo, de guias decaídas aos cantos. Veste-lhe, depois, umas calças e uma camisa de algodão, ainda serviveis; calça-lhe umas botas velhas, cambadas...

Recua meia dúzia de passos. Contempla-a durante alguns minutos. Estuda-a.

Em tôrno a filharada, silenciosa agora, queda-se expectante, assistindo ao desdobrar da concepção, que a maravilha.

Volve ao seu homúnculo: retoca-lhe uma pálpebra; aviva um ricto expressivo na arqueadura do lábio; sombreia-lhe um pouco mais o rosto, cavando-o; ajeita-lhe melhor a cabeça; arqueia-lhe os braços; repuxa e retifica-lhe as vestes...

Nôvo recuo, compassado, lento, remirando-o, para apanhar de um lance, numa vista de conjunto, a impressão exata, a síntese de tôdas aquelas linhas; e renovar a faina com uma pertinácia e uma tortura de artista incontentável. Novos retoques, mais delicados, mais cuidadosos, mais sérios: um tenuíssimo esbatido de sombra, um traço quase imperceptível na bôca refegada, uma torção insignificante no pescoço engravatado de trapos...

E o monstro, lento e lento, num transfigurar-se insensível, vai-se tornando em homem. Pelo menos a ilusão é empolgante...

Repentinamente o bronco estatuário tem um gesto mais comovedor do que o *parla!* ansiosíssimo, de Miguel-Ângelo: arranca o seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça do Judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra o vulto do seu próprio pai.

É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia recalcando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram.

Isto, porém, não lhe satisfaz. A imagem material da sua desdita não deve permanecer inútil num exíguo terreiro de barraca, afogada na espessura impenetrável, que furta o quadro de suas mágoas, perpètuamente anônimas, aos próprios olhos de Deus. O rio que lhe passa à porta é uma estrada para tôda a Terra. Que a Terra tôda contemple o seu infortúnio, o seu exaspêro cruciante, a sua desvalia, o seu aniquilamento iníquo, exteriorizados, golpeantemente, e propalados por um estranho e mudo pregoeiro...

Embaixo, adrede construída desde a véspera, vê-se uma jangada de quatro paus boiantes, rijamente travejados. Aguarda o viajante macabro. Condu-lo, prestes, para lá, arrastando-o em descida, pelo viés dos barrancos avergoados de enxurros.

A breve trecho a figura demoníaca apruma-se, especada, à pôpa da embarcação ligeira.

Faz-lhe os últimos reparos: arranja-lhe ainda uma vez as vestes; arruma-lhe às costas um saco cheio de ciscalho e pedras; mete-lhe à cintura alguma inútil pistola enferrujada, sem fechos, ou um caxerenguengue gasto; e fazendo-lhe curiosas recomendações, ou dando-lhe os mais singulares conselhos, impele, ao cabo, a jangada fantástica para o fio da corrente.

* * *

E Judas feito Ahsverus vai avançando vagarosamente para o meio do rio. Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, intervêem ruidosamente, saudando com repetidas descargas de rifles aquêle botafora. As balas chofram a superfície líqüida, eriçando-a; cravam-se na embarcação, lascando-a; atingem o tripulante espantoso; trespassam-no. Êle vacila um momento no seu pedestal flutuante, fustigado a tiros, indeciso, como a esmar um rumo, durante alguns minutos, até se reaviar no sentido geral da correnteza. E a figura desgraciosa, trágica, arrepiadoramente burlesca, com os seus gestos desmanchados, de demônio e truão, desafiando maldições e risadas, lá se vai na lúgubre viagem sem destino e sem fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteando em tôdas as voltas, à mercê das correntezas, "de bubuia" sôbre as grandes águas.

Não pára mais. À medida que avança, o espantalho errante vai espalhando em roda a desolação e o terror: as aves, retransidas de mêdo, acolhem-se, mudas, ao recesso das frondes; os pesados anfíbios mergulham, cautos, nas profunduras, espavoridos por aquela sombra que ao cair das tardes e ao subir das manhãs se desata estirando-se, lutuosamente, pela superfície do rio; os homens correm às armas e numa fúria recortada de espantos, fazendo o "pelo sinal" e aperrando os gatilhos, alvejam-no desapiedadamente.

Não defronta a mais pobre barraca sem receber uma descarga rolante e um apedrejamento.

As balas esfuziam-lhe em tôrno; varam-no; as águas, zimbradas pelas pedras, encrespam-se em círculos ondeantes; a jangada balança; e, acompanhando-lhe os movimentos, agitam-se-lhe os braços e êle parece agradecer em canhestras mesuras as manifestações rancorosas em que tempesteiam tiros, e gritos, sarcasmos pungentes e esconjuros e sobretudo maldições que revivem, na palavra descansada dos matutos, êste eco de um anátema vibrando há vinte séculos:

— Caminha, desgraçado!

Caminha. Não pára. Afasta-se no volver das águas. Livra-se dos perseguidores. Desliza, em silêncio, por um estirão retilíneo e longo; contorneia a arqueadura suavíssima de uma praia deserta. De súbito, no vencer uma volta, outra habitação: mulheres e crianças, que êle surpreende à beira rio, a subirem, desabaladamente, pela barranca acima, desandando em prantos e clamores. E logo depois, do alto, o espingardeamento, as pedradas, os convícios, os remoques.

Dois ou três minutos de alaridos e tumulto, até que o judeu errante se forre ao alcance máximo da trajetória dos rifles, descendo...

E vai descendo, descendo... Por fim não segue mais isolado. Aliam-se-lhe na estrada dolorosa outros sócios de infortúnio; outros aleijões apavorantes sôbre as mesmas jangadas diminutas entregues ao acaso das correntes, surgindo de todos os lados, vários no aspecto e nos gestos: ora muito rijos, amarrados aos postes que os sustentam; ora em desengonços, desequilibrando-se aos menores balanços, atrapalhadamente, como ébrios; ou fatídicos, braços alçados, ameaçadores, amaldiçoando; outros humílimos, acurvados num acabrunhamento profundo; e por vêzes, mais deploráveis, os que se divisam à ponta de uma corda amarrada no extremo do mastro esguio e recurvo, a balouçarem, enforcados...

Passam todos aos pares, ou em filas, descendo, descendo vagarosamente...

Às vêzes o rio alarga-se num imenso círculo; remansa-se; a sua corrente torce-se e vai em giros muito lentos perlongando as margens, traçando a espiral amplíssima de um redemoinho imperceptível e traiçoeiro. Os fantasmas vagabundos penetram nestes amplos recintos de águas mortas, rebalsadas; e estacam por momentos. Ajuntam-se. Rodeiam-se em lentas e silenciosas revistas. Misturam-se. Cruzam então pela primeira vez os olhares imóveis e falsos de seus olhos fingidos; e baralham-se-lhes numa agitação revôlta os gestos paralisados e as estaturas rígidas. Há a ilusão de um estupendo tumulto sem ruídos e de um estranho

conciliábulo, agitadíssimo, travando-se em segredos, num abafamento de vozes inaudíveis.

Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espira dos remansos — lá se vão, em filas, um a um, vagarosamente, processionalmente, rio abaixo, descendo...

"BRASILEIROS"

O Peru tem duas histórias fundamentalmente distintas. Uma, a do comum dos livros, teatral e ruidosa, reduz-se ao romance rocambolesco dos marechais instantâneos dos pronunciamentos. A outra é obscura e fecunda. Desdobra-se no deserto. É mais comovente; é mais grave; é mais ampla. Prolonga, noutros cenários, as tradições gloriosas das lutas da Independência; e veio até aos nossos dias tão impartível e sem hiatos, apesar de seus aspectos variáveis, que pode acapitular-se sob o título único, geralmente adotado pelos melhores publicistas daquela República: *El Problema del Oriente.*

A designação é perfeita. Trata-se de assunto rigorosamente positivo a resolver.

Ao peruano não lho impuseram maciços argumentos de sociólogos ou a intuição feliz de um estadista, senão o próprio empuxo material do meio. Constrangida numa fita de terrenos adustos entre as cordilheiras e o mar, onde acampara durante três séculos iludida pelo fausto dos conquistadores e dos vice-reis, a nacionalidade, maior herdeira das virtudes e dos vícios por igual notáveis da Espanha cavalheiresca e decaída do século XVII, compreendeu afinal, pelo simples instinto da defesa, a necessidade imperiosa de abandonar a clausura isolante que a seqüestrava de todo o resto da Terra.

E começou a transmontar os Andes...

Fôra longo recontar a sua hégira para o levante, nas investidas sucessivas por cinco penosíssimas estradas desesperadoramente retorcidas no boleado das serras, empinando-se em ladeiras altas de milhares de metros, e unindo os portos do litoral entre Mollendo e Paita às paragens apetecidas da *montaña* na extrema orla amazônica expan-

dida do pongo de Manseriche às urmanas acachoantes do Urubamba.

Baste-nos notar que depois de transposta a última cordilheira do Oriente e atingida a bacia do Ucaiáli, pôs-se de manifesto aos seus mais incuriosos pioneiros, a par da exuberância do vale maravilhoso capaz de regenerar-lhes a nacionalidade exausta, uma anomalia física oriunda dos relevos orográficos ali predominantes: a melhor porção do país entre os que mais se afiguram ribeirinhos do Pacífico, tem como único e verdadeiro mar, capaz de consorciá-la pelo intercâmbio comercial à civilização longínqua, o Atlântico, que se lhe prende graças aos três longos sulcos desimpedidos do Purus, do Juruá e do Ucaiáli.

Nenhum milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem. A linha férrea de Oroya e as que se lhe emparelham nas ousadias do traçado — tornejando escarpas a pique, enfiando em túneis afogados nas nuvens, e correndo em viadutos alcandorados nos abismos — não criarão sistemas de comunicações mais práticas e seguras.

As suas condições técnicas excepcionais, industrialmente desastrosas, tornam-nas para sempre impropriadas a transportarem, sem fretes excessivos, os produtos do Oriente, ainda quando a abertura do Canal de Panamá dispense, mais tarde, a longa travessia contorneante do Cabo Horn.

Assim, a saída para o Atlântico, pelo Amazonas e seus tributários de sudoeste, se tornou a primeira solução claríssima do problema. E nas paragens novas, erigidas administrativamente no atual Departamento de Loreto, começou para logo um intensivo trabalho de domínio, que persiste, crescente, em nossos dias.

Abriram-se caminhos demandando a opulenta zona fluvial; planearam-se, a despeito de sucessivos malogros, colônias militares e agrícolas, reatou-se, na revivescência das missões apostólicas, a tradição admirável dos jesuítas de Maynas; engenhou-se uma vasta regulamentação de terras; construiu-se o pôrto de Iquitos, e, para aviventar-se o povoamento, aboliram-se todos os impostos, agindo o homem aforradamente na terra feracíssima. Ao mesmo tempo as expedições geográficas, iniciadas em 1834 por P. Beltran

e W. Smith, em que tanto se ilustraram depois F. de Castelnau, Faustino Maldonado, A. Raimondi, John Tucker e hoje G. Stiglich, rumaram a todos os quadrantes, ininterruptas e pertinazes, na tarefa complexa que era uma espécie de levantamento expedito de uma nova pátria.

Aos caudilhos irrequietos contrapuseram-se os exploradores tranqüilos. No litoral revôlto pelas sedições e guerrilhas sistematizava-se a incapacidade crônica dos governos revolucionários, e, derrancados os melhores estímulos da recente campanha pela liberdade, os bravos salteadores do poder desmandavam-se num militarismo pernicioso que ali, como em tôda parte, era a fraqueza irritável da nação enfêrma. Nos desertos floridos da *montaña* ao arrepio ou à feição dos rios ignorados, remoinhando nos giros estonteantes das *muyunas,* canoas despedidas, de frecha, nas *correntadas* céleres dos pongos, ou embatendo nas travancas abruptas das cachoeiras — os geógrafos, os prefeitos e os missionários demarcavam novos cenários à pátria regenerada e, apurando em tirocínio de perigos os mais nobres atributos da sua raça, reconstruíam o caráter nacional que se abatera, e davam àqueles rumos, secamente definidos por traçados geométricos, um prolongamento inesperado na História.

Porque o problema do Oriente, afinal, incluía nas suas numerosas incógnitas os destinos do Peru inteiro. (1)

Reconheciam-no os próprios caudilhos esmaniados. Não raro no estavanado e vacilante de seus atos, entre dois fuzilamentos ou entre dois combates, acertavam de considerar por momentos as paragens insistentemente aneladas, e muitos dêles, de golpe, transfiguravam-se patenteando lúcidos descortinos de estadistas.

A êste propósito poderiam citar-se numerosos casos delatadores da política bifronte, do mesmo passo reconstituinte e demolidora, que com o rigorismo de um decalque retrata na ordem moral do Peru o contraste físico entre o

---

(1) "És evidente que, en el fondo de este asunto hay una necessidad imperiosa de la república... los destinos del Perú no pueden ser cumplidos sin el dominio de esa zona." Dr. Y. Capelo. *Exposición Histórica de la Via Central,* 1898.

Ocidente obscurecido, onde as energias se quebrantam malignadas pela história emocional epidêmica dos pronunciamentos — e o Levante resplandecente, onde alvorecem as esperanças renascidas.

* * *

Aponte-se um exemplo.

Em 1841 a República estava a pique das maiores catástrofes. Imperava D. Agustín Gamarra. Aquêle zambo cesareano refletia nos atos tumultuários os desequilíbrios de seu temperamento instável, de mestiço, ferrotoado dos temores e das impaciências de um prestígio improvisado, à ventura, nos sobressaltos das guerrilhas.

O seu govêrno — govêrno de quem inaugurou no Peru o regime das deposições apeando o virtuoso La Mar — foi naturalmente agitadíssimo. O restaurador impôsto pelas armas dos chilenos, de Bulnes, sôbre os destroços da efêmera confederação perúvio-boliviana, assediado pelas ambições contrariadas, pelas exigências dos condutícios incontentáveis e pelas ameaças dos conspiradores recidivos, tonteava na vertigem daquela eminência, onde chegara desprendendo-se da parceria dos *cholos* e pisoando todos os melindres aristocráticos da terra que sôbre tôdas herdara a sobranceria tradicional da Espanha. Nas conjunturas prementes dependeu-lhe, por vêzes, a fortuna, até do gesto de uma mulher — a sua própria espôsa, amazona gentilmente heróica, que não raro travando de uma espada e precipitando-se, à espora feita, a cavalo, pelo campo das manobras ou no mais aceso dos combates, ia eletrizar com a presença encantadora os coronéis embevecidos e os regimentos vacilantes...

Assim não se poderiam exigir à vida em tanta maneira perturbada e romântica, daquele presidente, ponderosas medidas administrativas. Acompanhamo-la apenas com o interêsse artístico de quem segue a urdidura de imaginosa novela sulcada de episódios alarmantes, ou dramáticos, até desfechar no sacrifício, inútil e glorioso, do protagonista, sucumbindo sob uma carga furiosa dos lanceiros bolivianos nas esplanadas de Viacho...

Mas no volver de uma das páginas salteia-nos esta surprêsa:

"El ciudadano Agustín Gamarra — Gran mariscal restaurador del Perú, benemérito a la patria in grado heroico y eminente, etc.

"Considerando que para promover la navigación por vapor en el rio de Amazonas y sus confluentes és necesario proporcionar facilidades y ventagens que indemnicen a los empresarios...

"Decreta: 1.º Se concebe al ciudadano brasilero D. Antonio Marcelino Pereira Ribeiro el privilegio exclusivo de navegar por buques de vapor en el rio Amazonas, en la parte que corresponde al Perú e todos sus afluentes.

"... 3.º Los buques de vapor levarón el pabellón brasilero...

"Dada en la casa de Gobierno de Lima a 6 de Julio de 1841." (1)

Êste decreto, extratado nos trechos principais, inculca ao mesmo tempo o caudilho, no recacho presuntuoso que lhe emprestam aquêles adjetivos e substantivos constrangidos a escoltarem-lhe o nome, e o governante, que primeiro traçou aos seus patrícios a marcha regeneradora para o Oriente. Mas não o reproduzimos apenas para realce dos aspectos contrariantes da História Peruana; senão também para destacar aquela figura de brasileiro, que seria inexpressiva se não constituísse o primeiro têrmo de uma série de compatriotas obscuros, erradios dos nossos fastos e elegendo-se por atos memoráveis entre os melhores servidores da nação vizinha.

De fato, à medida que se rastreia a marcha peruana para o levante, exposta em todos os seus pormenores, miudeada em regulamentos, em decretos, em circulares e em ofícios — porque é a suprema preocupação política, militar e administrativa do Peru — observa-se nas referências obrigatórias e incisivas ao elemento brasileiro, o in-

(1) *El Peruano,* tomo 8.º, n.º 9.

tercurso de uma outra avançada obscura, mas vigorosa, e contrapondo-se-lhe numa expansão tão enérgica, para o ocidente, que com os seus efeitos a despontarem de longe em longe, precisamente nos períodos mais decisivos da primeira, se restauraria todo um capítulo da nossa História, que se perdeu ou se fracionou despercebido à visão embotada dos cronistas, para ressurgir agora, esparso em fragmentos surpreendentes, nas entrelinhas da História de outro povo.

É o que demonstram outros casos, entre nós inéditos. Apontemo-los de relance.

* * *

No período abrangido pelos governos do austero Marechal Castilla, as explorações prosseguiram. Castelnau desceu das cabeceiras do Urubamba às ribas do Amazonas; Maldonado imortalizou-se descobrindo, numa excursão temerária, a nova estrada para o Atlântico ajustada ao sulco desmedido do Madre de Diós; e Raimondi desvendou os tesouros da mesopotâmia de 16 000 léguas quadradas de terras exuberantes, interferidas pelos cursos do Huallaga e do Ucaiáli. Por fim Montferrir calculou, rigorosamente, as riquezas da Canaã vastíssima: 50 000 000 de hectares, valendo o mínimo de meio bilhão de pesos.

A aritmética tornava-se quase lírica nesta dilatação de números maravilhosos.

As medidas governamentais do grande Marechal tiveram para logo o alento dos mais enérgicos estímulos patrióticos, a par do anseio de fortuna dos mais desassombrados aventureiros.

Os peruanos, iludidos durante largo tempo no litoral estéril, viam pela primeira vez o nôvo mundo. E a conquista da terra, numa de suas fases mais agudas, desenrolou-se em tôda a plenitude.

Então, contravindo a tantas esperanças sob o amparo das mais lúcidas resoluções governativas — leis, regulamentos e decretos enfeixando-se num volumoso compêndio de administração fecunda e militante — principiou uma fase desalentadora de brilhantes tentativas abortícias.

As colônias planeadas, e para logo erigidas, espelhavam por algum tempo naqueles rincões solitários a fantasmagoria de um progresso artificial; e extinguiam-se prestes. Já em 1854 o governador de Loreto, *pueblo* obscuro cujo nome irradia hoje abrangendo aquêles lugares, ao informar do estado de duas colonizações sucessivas que ali se estabeleceram, centralizadas em Caballo-Cocha, próximas à fronteira do Brasil, indicava-as completamente extintas. E idênticos malogros generalizavam-se por tôda a banda.

Eram naturais. As vagas humanas nas paragens virgens não se aquietam de súbito. Carateriza-as nos primeiros estádios a instabilidade inevitável imposta pela própria fôrça viva adquirida no movimento da marcha. Precedendo ao equilíbrio das culturas, surge a pesquisa dos frutos ou das riquezas imediatas, como a permitir aos recém-vindos, na vida errante das colheitas, dos garimpos, dos pastoreios ou das caçadas, um reconhecimento imprescindível do seu nôvo *habitat,* antes da escolha de uma situação de descanso.

É a eterna função social do nomadismo, que mesmo no Peru já se manifestara na azáfama devastadora dos *cascarileros,* desvendando as paragens ignotas que vão dos cerros de Carabaya às vertentes mais afastadas do Beni.

Êste incentivo, porém, ali, estava extinto.

Por aquêle tempo, um tenaz explorador, Marckam, comissionado pelo govêrno inglês, andava nas regiões da quina *calisaya;* e conseguira transplantar tão prontamente para as Índias aquêle elemento da fortuna peruana que, já em 1862, mais de quatro milhões de árvores, em Darjeenling, com a produção extraordinária de 370 toneladas de quinino, iniciavam uma concorrência triunfante no primeiro assalto. Dêste modo, as paragens tão ansiosamente apetecidas mostravam-se, ante os novos povoadores, desnudas dêsses recursos que em tôda a parte se figuram adrede predispostos a que não se desenfluam as esperanças sempre exageradas dos que emigram.

Não lhes bastariam, certo, as bombonaças para os chapéus de palha oriundos da indústria graciosa das mulheres

do Moyobamba, ou os cascalhos auríferos das vertentes do Pastaza guardadas pelos *huambizas* ferocíssimos.

Assim, todos os atos, e magníficos decretos, e lúcidos regulamentos, e generosas concessões de terras, do último govêrno de Castilla, desfechariam nos mais lastimáveis insucessos se, precisamente na derradeira quadra da sua presidência, e no mesmo ano (1862) em que a cultura indiana da quina arrebatava daqueles desertos o seu maior atrativo — um anônimo, um outro imortal humílimo evadido da nossa História, não aparecesse, eclipsando de golpe os mais imponentes lances administrativos e oferecendo aos peruanos o reagente enérgico que os alentaria até aos nossos dias na rota da Amazônia.

Um brasileiro descobriu o caucho; ou, pelo menos, instituiu ali a indústria extrativa correspondente.

No reconstruir êste trecho da nossa História, que versado mais tarde por um historiador merecerá o título de "Expansão Brasileira na Amazônia", não vamos desacompanhados.

Diz-nos um narrador sincero: (1)

"Antes do ano de 1862, não tinha ainda sido explorada a incalculável riqueza da goma elástica... Depois da entrada de alguns brasileiros para o território do Departamento, principalmente do laborioso José Joaquim Ribeiro, começou êste rico produto a figurar no catálogo dos que o Departamento exporta para o Brasil. A primeira quantidade exportada foi de 2 088 quilogramas, produto dos ensaios daquele brasileiro que muito teria contribuído para o desenvolvimento dessa indústria, se ao iniciá-la não encontrasse contrariedades nascidas do cupidismo de alguns agentes subalternos que contra êle exerceram todos os ardis..."

Não comentemos o desquerer das autoridades peruanas. Era antigo. Desde 1811 o reportado D. Manoel Ijurra denunciava *"los Brazileros más próximos al Perú que tienen la bárbara costumbre de armar expediciones mili-*

---

(1) *Dicionário Topográfico do Departamento de Loreto*, por J. Wilkens de Matos. Pará, 1874. Págs. 30 e 31.

tares con objeto de hacer correrías sobre los indios Maynas, atropelando muchas veces las autoridades..."; ou apresentava-os como *"absolutos monopolizadores del comercio de importación o exportación."* (1) Cinco anos depois, em ofício alarmante, o Subprefeito de Maynas solicitava providências urgentíssimas *"al intuito de que los Brazileros moradores de Caballo-Cocha, salgan fuera de esta provincia, se buenamente no quieren, por la fuerza";* e pintava-os laivando-os dos mais denegridos estigmas. Por fim o Governador-Geral das Missões (1849) determinou se exigissem passaportes de todos os brasileiros que lá entrassem, gaguejando num castelhano emperrado esta razão curiosíssima: *"que no se experimentaba provecho alguno en estos negociantes del Brazil; ni menos hay bayonetas con que poder conterlos; hacen lo que quieren metiendo-se por los rios, extraendo zarza, manteca, salado e otras especies..."* (2)

Não prossigamos.

Adivinha-se nestas linhas, que poderiam ser prolongadas, a invasão formidável que se alastrava avassaladora para o ocidente, desafiando os ódios do estrangeiro; espraiando-se pelo vale do grande rio, por Loreto, Caballo-Cocha, Moremote, Perenate, Iquitos, até Nauta, na embocadura do Ucaiáli; subindo pelo Ucaiáli em fora até além do Pachitéa; deixando nos mais vários pontos, nos sítios numerosos, nas trilhas coleantes do deserto, e até nos costumes ainda persistentes, os traços indeléveis da passagem.

Se a historiássemos contraporíamos às verrinas oficiais dos subprefeitos apavorados, cujos dizeres se pejoravam à medida que progredia aquela surda conquista do solo, os próprios conceitos de Antonio Raimondi. Mas aquêle belo tipo de Joaquim Ribeiro, que em 1868 o maior naturalista peruano foi encontrar nas margens do Itaia possuindo as melhores fazendas do Departamento, concretiza uma réplica irrefragável. Não o pearam tão pequeninos

(1) *Resumen de las Viajes a las Montañas de Maynas,* por Manoel Ijurra. 1811-1815.

(2) *Colección de Leyes, Decretos, etc., Referentes al Departamiento de Loreto.* Tomos 5.º (pág. 198) e 7.º (pág. 5).

empeços. Criada a indústria extrativa, a exportação da borracha a partir de 1871 erigiu-se preeminente entre as dos demais produtos de Loreto. E as turmas dos extratores, sem nenhuns amparos oficiais, rompendo espontâneos de tôda a parte e arremetentes com as mais desfreqüentadas espessuras, ultimaram em pouco tempo a emprêsa quase secular tantas vêzes cindida de reveses.

Desvendou-se todo o Oriente.

Mas há um reverso no quadro.

A exploração do caucho como a praticam os peruanos, derribando as árvores, e passando sempre à cata de novas "manchas" de *castilloas* ainda não conhecidas, em nomadismo profissional interminável, que os leva à prática de todos os atentados nos recontros inevitáveis com os aborígenes — acarreta a desorganização sistemática da sociedade. O caucheiro, eterno caçador de territórios, não tem pega sôbre a terra. Nessa atividade primitiva apuram-se-lhe, exclusivos, os atributos da astúcia, da agilidade e da fôrça. Por fim, um bárbaro individualismo. Há uma involução lastimável no homem perpètuamente arredio dos povoados, errante de rio em rio, de espessura em espessura, sempre em busca de uma mata virgem onde se oculte ou se homizie como um foragido da civilização.

A sua passagem foi nefasta. Ao cabo de 30 anos de povoamento, as margens do Ucaiáli, tão nobilitadas outrora pela abnegação dos missionários de Sarayaco, patenteiam, hoje, nos seus vilarejos diminutos, uma decadência moral indescritível.

O Coronel Pedro Portillo, atual Prefeito de Loreto, que as visitou em 1899, denunciou-a, indignado: *"Alli no hay leyes... El más fuerte que tiene más rifles, es el dueño de la justicia"*. Verberou depois o tráfico escandaloso de escravos. [1] E, afinados pelo mesmo tom, um sem-número de outros excursionistas, que fôra longo citar, delatam, em narrativas expressivas, o regime de tropelias que se normalizou naquelas terras — e se amplia seguindo os rastros do homem que passa pelo deserto com o só efeito de barbarizar a própria barbaria.

---

(1) *Colección de Leyes,* etc. Tomo 3.º, pág. 506.

* * *

Ora, na presciência dos inconvenientes desta exploração, que, entretanto, determinou o pleno desdobramento de seu domínio no Oriente, o govêrno peruano nunca renunciou ao seu primitivo propósito de uma colonização intensiva. E para ao mesmo tempo garantir o tráfego do melhor caminho para o Amazonas, pelo Ucaiáli, que vai da estação *terminus* de Oroya aos tributários principais do Pachitéa, estabeleceu em 1857, à margem de um dêles, o Rio Pozuzo, a colônia alemã, que sôbre tôdas lhe monopolizou os cuidados e uma solicitude nunca interrompida.

Realmente, a situação era admirável. À média distância de Iquitos, próxima aos afluentes navegáveis do Ucaiáli e num solo exuberante, o núcleo estabelecido era, militar e administrativamente, o mais firme ponto estratégico daquele combate com o deserto, justificando-se os esforços e extraordinárias despesas que se fizeram para um rápido desenvolvimento, que as melhores condições naturais favoreciam.

Mas não lhe vingou o plano. A exemplo do que acontecera em Loreto, os novos povoadores, embora mais persistentes, anulavam-se, estéreis. A colônia paralisara-se, tolhiça, entre os esplendores da floresta. Reduziu-se a culturas rudimentares que mal lhe satisfaziam o consumo. E o progresso demográfico, quase insensível, retratava-se numa prole linfática, em que o rijo arcabouço prussiano se engelhava na envergadura esmirrada do quíchua. Ao visitá-la, em 1870, o Prefeito de Huanuco, Coronel Vizcarra, quedou atônito e comovido: os colonos apresentaram-se-lhe andrajosos e famintos, pedindo-lhe pão e vestes para velarem a nudez. O romântico D. Manoel Pinzás, que descreveu a viagem, pinta-nos em longos períodos soluçantes os lances daquele *¡cuadro desgarrador!*, suspendendo-o em dois rijos pontos de admiração. [1]

---

(1) *Diario de la Exploración de los Rios Palcazu, Matro y Pachitéa.* D. M. J. Pinzás. Huanuco, 1870.

Viu-o ainda, passado um lustro, com as mesmas côres sombrias, o Dr. Santiago Tavara, ao descrever a primeira viagem do Almirante Tucker.

Por fim, transcorridos trinta anos, o Coronel P. Portillo na sua rota do Ucaiáli teve notícias certas do núcleo povoador: era uma Tebaida aterradora. Lá dentro os primitivos colonos e os seus rebentos degenerados agitavam-se vítimas de um fanatismo irremediável, na mandria dolorosa das penitências, a rezarem, a desfiarem rosários e a entoarem umas ladainhas intermináveis numa concorrência escandalosa com os guaribas da floresta. [1]

Ora, o excursionista, que é hoje um dos mais lúcidos políticos peruanos, para agravar-se-lhe o desapontamento ante êste malôgro completo da colônia predileta da sua terra, tivera dias antes, ao passar em Puerto Victoria, na confluência do Pichis e do Palcazu, formadores do Pachitéa, um espetáculo completamente diverso. De fato, Puerto Victoria surgira e desenvolvera-se, tornando-se a estância mais animada e opulenta daquela redondeza, sem que o govêrno peruano soubesse ao menos do seu aparecimento.

Jamais cogitara em povoar aquêle trecho.

A paragem era malsinada. Rodeavam-na os mais bravios entre os selvagens sul-americanos: os *campas* do Pajonal, ao sul, e ao norte os caxibos indomáveis, que em 1866 haviam trucidado em Chonta-Isla, que lhe demora a jusante, os oficiais de marinha Tavara e West. O Prefeito Benito Arana, que ali andara naquele mesmo ano, fôra, em som de guerra, com dois vapôres e uma lancha artilhada, em revide àquela afronta sanguinolenta. Saltou em terra; meteu-se pela mata; travou pequeninos recontros em formidáveis tiroteios; volveu num triunfo singularíssimo, encalçado de perto pelos selvagens, que o frechavam; embarcou no tumulto da sua gente vitoriosa, e fugindo; canhoneou furiosamente as barrancas; volveu, precípite, águas abaixo, deixando na *Playa del Castigo* um traço romanesco da sua emprêsa tormentosa...

(1) *Colección de Leys,* etc., t. 3.º pág. 531.

E durante três decênios a região sinistra permaneceu no isolamento que lhe criavam as gente apavoradas...

Até que, provindos do ocidente e vencendo à voga arrancada, nas ubás esguias, as correntezas fortes do Pachitéa, atravessaram-na de extremo a extremo e foram abordar na confluência do Pichis alguns aventureiros destemerosos.

Eram uns caboclos entroncados, de tez morena e baça, e musculatura sêca e poderosa. Não eram caucheiros. A palavra remorada não lhes vibrava na fanfarrice ruidosa. Ao invés de um tambo, improvisaram um tejupar mal arranjado. Não se armaram do *cuchillo*, misto de punhal e de navalha. Pendiam-lhes à cintura as facas de arrasto, longas como as espadas.

Aperceberam-se sem ruídos para a emprêsa e penetraram, vagarosamente, na floresta...

Não se conhecem as peripécias da entrada temerária, que foram sem dúvida excepcionalmente dramáticas. Os caxibos têm no próprio nome a legenda da sua ferocidade. *Caxi,* morcego; *bo,* semelhante. Figuradamente: sugadores de sangue. Ainda nos seus raros momentos de jovialidade aquêles bárbaros assustam, quando o riso lhes descobre os dentes retintos do sumo negro da palmeira chonta; ou estiram-se de bruços, acaroados com o chão, as bôcas junto à terra, ululando longamente as notas demoradas de uma melopéia selvagem.

Atravessaram, indenes na bruteza, trezentos anos de catequese; e são ainda a tribo mais bravia do vale do Ucaiáli.

Mas ao que se figura não pulsearam com vantagem o vigor nos novos pioneiros.

É que o bárbaro sanguinário tinha pela frente, enterreirando-o, um adversário mais temeroso, o jagunço.

Os recém-vindos eram brasileiros do Norte; e o seu patrão, Pedro C. de Oliveira, mais um modêlo de lidador obscuro aparecendo em lances de fecundas iniciativas entre os acontecimentos de uma história estranha. Para aquilatar-se-lhe a valia, observemos de relance que em janeiro

de 1900 foi nomeado, apesar da sua nacionalidade, governador de tôda a zona que o seu barracão centralizava. [1]

O Coronel Portillo, que ali deparou agasalho sincero sem o pregão de rasgados oferecimentos, tão característico da nossa *gens* obscura, trai em todos os conceitos que emitiu no seu relatório — desde o primeiro dia até desperdir-se da *"muy estimable familia del señor Olivera"*, o encanto que lhe causou a estância animadíssima no centro de suas culturas fartas, e inteligentemente locada com as numerosas vivendas circulantes no alto da barranca, a prumo sôbre a margem esquerda do rio, que se alcançava subindo uma longa escadaria resistente e tôsca. Cativaram-no, sobretudo, os valentes tranqüilos que se lhe mostraram modestíssimos em pleno triunfo sôbre a barbaria e a terra. Por fim, à sua visão esclarecida não escapou que aquêle forasteiro, sem um decreto e sem uma subvenção, resolvera o problema colimado pelo govêrno de seu país, fundando no lugar mais conveniente a estação garantidora da "via central" demandando a Amazônia. Disse-o nuamente: Pôrto Vitória era o lugar mais apropriado para a guarnição militar e alfândega que protegessem a importação e exportação da colônia de Chanchamayo, norte de Pajonal, Tarma e *montañas* do Palcazu, Matro e Pozuzo.

Concluiu: *"La casa de Olivera debe ser tomada por el Supremo Gobierno como la más aparente para las oficinas de la capitanía, aduana e comandancia militar."*

Foi aceito o alvitre. Um decreto do Presidente Pierola ordenou a demarcação de Puerto Victoria para estabelecer-se *comisaría* destinada a proteger os colonizadores daquelas terras; e num grande ciúme da situação vantajosa adquirida revelou o intento de uma posse exclusiva *"no consentiendo, alli, en el radio de un quilómetro, poblador alguno"*. [2]

O Peru conseguira realmente uma estação fluvial admirável. E os brasileiros retiraram-se.

Passaram cinco anos.

---

(1) *Registro Oficial del Departamiento de Loreto.* 1900 (Pág. 10).

(2) *La Montaña,* 1899, pág. 26.

Em 1905 um *touriste* parisiense, J. Delebecque, desceu o Pachitéa, em viagem para o Amazonas, e não notaria a estância outrora florescente se não o acompanhassem alguns índios mansos conhecedores dos lugares. (1)

No alto da barranca, que os enxurros solapavam, viam-se apenas alguns tetos abatidos e restos de culturas afogadas num carrascal bravio.

O pôrto era uma ruína.

O viajante ali permaneceu por algumas horas a fim de secar as suas roupas encharcadas ao calor de uma fogueira feita com as portas desquiciadas e ombreiras vacilantes das vivendas, consoante praticam todos os que por ali passam na travessia de Iquitos; e considerou, melancòlicamente, que daquele jeito Puerto Victoria seria em breve apenas uma recordação.

Depois abalou rio abaixo, a tôda a voga, fugindo da paragem que se ermara no mais completo abandono...

---

(1) J. Delebecque, *À Travers l'Amérique du Sud,* 1907.

TRANSACREANA

A carta da Amazônia, no trato que demora ao ocidente do Madeira, é o diagrama de seu povoamento inicial. A história da paragem nova, antes de escrever-se, desenha-se. Não se lê, vê-se. Resume-se nos longos e torturosos riscos do Purus, do Juruá e do Javari.

São linhas naturais de comunicação a que nenhumas se emparelham no favorecer um dilatado domínio. Geomètricamente, os seus talvegues, rumados no sentido geral de SO para NE, num quase paralelismo, oblíquos aos meridianos, facultam avançamentos simultâneos em latitude e em longitude; sob o aspecto físico, à parte os entraves artificiais oriundos do abandono em que jazem, estiram-se de todo desimpedidos. Travam-se-lhes os mais privilegiados requisitos. Na grande maioria dos rios amazônicos, e sobretudo no Vale do Ucaiáli, os empeços naturais acumulam-se ao ponto de originarem estranhos têrmos geográficos. Nêles não há citar-se um só. Nem pongos vertiginosos, nem despenhadas urmanas, nem muiúnas remoinhantes ou *vueltas del diablo* desesperadores...

Daí esta expressiva conseqüência histórica: enquanto no Tocantins, no Tapajós, no Madeira e no Rio Negro, o povoamento, iniciado desde os tempos coloniais, se entorpeceu ou retrogradou, retratando-se na ruinaria dos vilarejos a caírem com as barrancas solapadas, ali, ajustando-se-lhes às margens, progrediu tão de improviso que determinou, em menos de cinqüenta anos, uma dilatação de fronteiras.

Era inevitável. O forasteiro, ao penetrar o Purus ou o Juruá, não carecia de excepcionais recursos à emprêsa. Uma canoa maneira e um varejão, ou um remo, aparelhavam-no às mais espantosas viagens. O rio carregava-o; guiava-o;

alimentando-o; protegendo-o. Restava-lhe o só esfôrço de colhêr à ourela das matas marginais as especiarias valiosas; atestar com elas os seus barcos primitivos e volver águas abaixo — dormindo em cima da fortuna adquirida sem trabalho. A terra farta, mercê duma armazenagem milenária de riquezas, excluía a cultura. Abria-se-lhe em avenidas fluviais maravilhosas. Impôs-lhe a tarefa exclusiva das colheitas. Por fim tornou-lhe lógico o nomadismo.

O nome de "montaria", da sua ubá aligeirada, é extremamente expressivo. Ela o ajustou àquelas solidões de nível, como o cavalo adaptou o tártaro às estepes. Esta diferença apenas: ao passo que o calmuco tem nos infinitos pontos do horizonte infinitos rumos atraindo-o ao nomadismo irradiante à roda da sua iurta, que ao mudar-se se afigura imóvel no círculo indefinido das planuras — o jacumaúba amazonense, subordinado a roteiros lineares, adscrito a direções imutáveis, ficou largo tempo constrangido entre as barrancas dos rios. Mal poderia libertar-se em desvios de poucas léguas pelos sulcos laterais dos tributários. Ao invés do que se acredita, aquelas rêdes hidrográficas, entretecidas de malhas tão contínuas, não misturam as águas das caudais diversas em largas anastomoses, insinuando-se pelas imperceptíveis linhas de vertentes abatidas nas planícies encharcadas. O paranamirim volve sempre ao leito principal de onde se esgalhou; e o igarapé acaba no lago que êle alimentou nas cheias para que o alimente nas vazantes, correndo em sentidos opostos consoante as estações; ou extingue-se, ampliando-se nos plainos empantanados escondidos pela flórula anfíbia dos igapós inextricáveis de lianas. Entre um curso d'água e outro, a faixa da floresta substitui a montanha que não existe. É um isolador. Separa. E subdividiu, de fato, em longos caminhos isolados, as massas povoadoras que demandavam aquela zona.

Viu-se então, de par com primitivas condições tão favoráveis, êste reverso: o homem, em vez de senhorear a terra, escravizava-se ao rio. O povoamento não se expandia: estirava-se. Progredia em longas filas, ou volvia sôbre si mesmo sem deixar os sulcos em que se encaixa — tendendo a imobilizar-se na aparência de um progresso ilusório, de

recuos e avançadas, do aventureiro que parte, penetra fundo a terra, explora-a e volta pelas mesmas trilhas — ou renova, monòtonamente, os mesmos itinerários da sua inambulação invariável. Ao cabo, a breve, mas agitadíssima história das paragens novas, à parte ligeiras variantes, ia imprimindo-se tôda, secamente, naquelas extensas linhas desatadas para SO: três ou quatro riscos, três ou quatro desenhos de rios, coleando, indefinidos, num deserto...

* * *

Ora, êste aspecto social desalentador, criado sobretudo pelas condições em comêço tão favoráveis, dos rios, corrige-se pela ligação transversa de seus grandes vales.

A idéia não é original, nem nova. Há muito tempo, com intuição admirável, os rudes povoadores daqueles longínquos recantos realizaram-na com a abertura dos primeiros varadouros.

O varadouro — legado da atividade heróica dos paulistas compartido hoje pelo amazonense, pelo boliviano e pelo peruano — é a vereda atalhadora que vai por terra de uma vertente fluvial a outra.

A princípio tortuoso e breve, apagando-se no afogado da espessura, êle reflete a própria marcha indecisa da sociedade nascente e titubeante, que abandonou o regaço dos rios para caminhar por si. E foi crescendo com ela. Hoje nas suas trilhas estreitíssimas, de um metro de largura, tiradas a facão, estirando-se por tôda a parte, entretecendo-se em voltas inumeráveis, ou encruzilhadas, e ligando os afluentes esgalhados de tôdas as cabeceiras, do Acre para o Purus, dêste para o Juruá e daí para o Ucaiáli, vai traçando-se a história contemporânea do nôvo território, de um modo de todo contraposto à primitiva submissão ao fatalismo imponente das grandes linhas naturais de comunicação.

Nos seus torcicolos, impostos pelas linhas mais altas das pequenas vertentes deprimidas, sente-se um estranho movimento irrequieto, de revolta. Trilhando-os, o homem

é, de fato, um insubmisso. Insurge-se contra a natureza carinhosa e traiçoeira, que o enriquecia e matava. Repele-lhe tanto os amparos antigos que realiza na maior das mesopotâmias a anomalia de navegar em sêco; ou esta transfiguração: carrega de um rio para o outro o barco que o carregava outrora. Por fim, numa afirmativa crescente da vontade, vai estirando de rio em rio, retramada com os infinitos fios dos igarapés, a rêde aprisionadora, de malhas cada vez menores e mais numerosas, que lhe entregará em breve a terra dominada.

E do Acre para o Iaco, para o Tauamano e para o Orton: do Purus para o Madre de Diós, para o Ucaiáli, para o Javari, trilhando aforradamente o território em todos os quadrantes, os acreanos, despeados do antigo traço de união do Amazonas longínquo, que os submetia, dispersos, ao litoral afastado, vão em cada uma daquelas veredas atrevidas, firmando um símbolo tangível de independência e de posse.

Tomemos um exemplo de testemunho estrangeiro.

Em 1904 o oficial da marinha peruana, Germano Stiglich, encontrou no Javari vários brasileiros, que o surpreenderam com a simples narrativa de uma travessia costumeira, ante a qual se apequenavam as suas mais estiradas rotas de explorador notável. Registrou-a em um de seus relatórios: os sertanistas entram pelo Javari, subindo o Itacoaí até às cabeceiras; varam dali, por terra, a buscarem as vertentes do Ipixuna: alcançam-nas; transmontam-nas; descem o pequeno tributário; chegam ao Juruá; navegam até S. Felipe, onde infletem, penetrando o Tarauacá, o Envira e o Jurupari até onde subam as suas canoas ligeiras; deixam-nas; rompem outra vez por terra a encontrarem o Purus nas cercanias de Sobral; descem, embarcados, 760 km do grande rio até a foz do Ituxi; e enveredando por êste último, vão, depois de uma outra varação por terra, atingir o Abunã, que baixam, abordando, afinal, à margem esquerda do Madeira.

A derrota, com a percentagem de 20% sôbre as retas da desmedida linha quebrada que a define, avalia-se em 3 000 km, ou o dôbro da estrada tradicional, dos bandei-

rantes, entre S. Paulo e Cuiabá. Os obscuros pioneiros prolongam a êstes dias a tradição heróica das entradas, que constituem o único aspecto original da nossa História.

Aquêle roteiro, entretanto, alonga-se contorcendo-se em voltas sobremaneira extensas. Abreviemo-lo, baseando-nos em alguns dados seguros.

Partindo de Remate dos Males, no Javari, nas cercanias de Tabatinga, o viajante, em qualquer estação, pode sulcar num dia o Itacoaí até a confluência do Ituí, percorrendo 140 km itinerários. Prossegue por terra em terreno firme, no rumo de SE pelo extenso varadouro de 190 km que corta as cabeceiras do Jutaí e termina em S. Felipe, à margem do Juruá, empregando apenas cinco dias de marcha. Sobe o Tarauacá, embarcado, até a foz do Envira; e desta à do Jurupari, prosseguindo a buscar as suas mais altas vertentes, num percurso máximo de 350 km que vencerá em pouco mais de uma semana. Rompe o breve varadouro que o leva ao Furo do Juruá, e atinge, descendo-o, ao fim de dois dias, o Purus. Daí à foz do Iaco há 392 km, que se correm em dois dias, de lancha, realizados os ligeiros reparos de que carece o rio. A sede da Prefeitura do Alto-Purus, distante 24 km, alcança-se em duas horas de navegação; e dali, pelo varadouro do Oriente, longo de 25 léguas percorrido normalmente em cinco dias, chega-se ao seringal Bajé, à margem esquerda do Acre. Transpondo êste rio e seguindo para leste a cortar os derradeiros tributários do Iquiri e os campos do Gavião, o caminhante vai ao Abunã, a jusante da embocadura do Tipamanu, e daí ao Beni, na confluência do Madeira, percorrendo cêrca de 300 km em oito dias, por terra.

Dêste modo, em pouco mais de um mês de travessia, vencendo-se 907 km por águas e 660 por terra, pode-se vir de Tabatinga a Vila Bela, diagonalmente, de um a outro extremo da Amazônia, naquele itinerário de 250 léguas.

A êstes números falta, sem dúvida, o rigorismo das quilometragens regulares; mas não variam talvez de um décimo sôbre a realidade, à parte os dados demasiado falíveis relativos à navegação do Tarauacá e ao rumo por terra do Jurupari ao Purus.

Excluamo-los nesta variante: partindo do mesmo ponto à margem do Javari e sulcando o Itacoaí até aos seus derradeiros formadores, o viajante encontra o antigo varadouro do Ipixuna que o conduz ao Juruá e a Cruzeiro do Sul, capital do Departamento, em percurso pouco maior do que o anterior por S. Felipe.

Ora, de Cruzeiro do Sul às sedes dos departamentos do Purus e do Acre podem remover-se todos os inconvenientes daquela navegação precária, sujeita a fatigante roteiro.

De fato, o extenso segmento retilíneo, de 605 km, da linha Cunha Gomes, é a própria linha de ensaio de um varadouro notável ligando as três sedes administrativas. Dando-se-lhe o desenvolvimento exagerado de 20 % sôbre a distância, terá a extensão de 726 km; ou sejam, exatamente, 110 léguas, que podem ser transpostas em grande parte, a cavalo, em menos de doze dias.

Observe-se, de passagem, que êste projeto não se delineia nos riscos arbitrários a que se avezam os exploradores de mapas, ou consoante "o conhecido processo do Tzar Nicolau I, riscando com a unha do polegar o traçado da estrada de Petersburgo a Moscou".

Esteia-se em reconhecimentos, certo despidos de azimutes, ou cotas esclarecedoras de aneróides, mas práticos e concludentes. O primeiro trecho, normal ao vale do Tarauacá, planeado pelo General Taumaturgo de Azevedo, já se acha em grande parte aberto por um seringueiro de Cocamera — e estende-se em terrenos tão afeiçoados à marcha que, depois de concluído o caminho, "ir-se-á do Juruá ao Tarauacá, a cavalo, em quatro dias" conforme afirma o ex-Prefeito em seu penúltimo relatório; ao passo que atualmente, para efetuar-se a mesma viagem, "em vapor, que faça poucas escalas e dobre a foz do Tarauacá, consomem-se 15 dias, no mínimo".

O segmento intermediário, de Barcelona ou Nôvo Destino à confluência do Caeté, no Iaco, por sua vez estudado pela Prefeitura do Alto-Purus, é de execução facílima, todo desatado sôbre breve altiplano livre das inundações. E o último, do Iaco ao Acre, tem há muito tempo um tráfego permanente.

Dêste modo a grande estrada de 726 km, unindo os três departamentos, e capaz de prolongar-se de um lado até ao Amazonas, pelo Javari, e de outro até ao Madeira, pelo Abunã, está de todo reconhecida, e na maior parte trilhada.

A intervenção urgentíssima do Govêrno Federal impõe-se como dever elementaríssimo de aviventar e reunir tantos esforços parcelados.

Deve consistir porém no estabelecimento de uma via férrea — a única estrada de ferro urgente e indispensável no Território do Acre.

Atalhemos uma objeção inicial.

A fisiografia amazônica figura-se sempre obstáculo indispensável a tais emprêsas. Mas os que a agitam, em argumentos que temos por escusado reproduzir, não podem, certo, compreender as linhas férreas da Índia. De fato, no Industão pròpriamente dito, o nivelamento superficial, o solo aluviano de areias e argilas acumuladas em espessuras indefinidas, e as características climáticas, patenteiam-se em condições idênticas. Ali, como na Amazônia, os rios destacam-se pela grandeza, volumes excessivos nas cheias, amplitudes das inundações, e volubilidade dos canais nos leitos divagantes. Os *nulla* incontáveis, serpeantes por toda a banda, desenham-se na hidrografia caótica dos igarapés; e o Purus, o Juruá, o Acre e seus tributários, não variam tanto de curso e de regime quanto o Ganges e os rios de Punjab, cujas pontes foram o maior problema que resolveu a engenharia inglêsa.

Na Índia, como entre nós, não faltaram profissionais apavorados ante as dificuldades naturais — esquecidos de que a engenharia existe precisamente para vencê-las. Ao discutir-se o *memorandum* Kennedy, onde germinou a viação indu, o Coronel Grant, do corpo de engenheiros de Bombaim, pilheriou sisudamente, propondo com a maior seriedade que os trilhos se suspendessem em todo o correr das linhas por meio de séries regulares de cadeias, em rijos postes fronteantes, a oito pés acima do solo... E desafiou o humor magnífico de seus fleugmáticos colegas. Os rígidos *railroadmen* replicaram-lhe tempos depois, esmagado-

ramente, com a *West Indian Peninsular,* e nobilitaram tôda a engenharia de estradas de ferro obedecendo a uma de suas fórmulas mais civilizadoras, enunciada por Mac--George: *"In every country it is necessary that railway should be laid out with references to the distribuition of population and to the necessities of people, rather than to the mere physical charateristics of its geography..."*

Ora, no caso atual, ainda êsses caracteres físicos e geográficos evidenciam-se favoráveis.

A estrada de Cruzeiro do Sul ao Acre não irá, como as do Sul do nosso país, justapondo-se à diretriz dos grandes vales, porque tem um destino diverso. Estas últimas, sobretudo em S. Paulo, são tipos clássicos de linhas de penetração: levam o povoamento ao âmago da terra. Naquele recanto amazônico esta função, como o vimos, é desempenhada pelos cursos d'água. À linha planeada resta o destino de distribuir o povoamento, que já existe. É uma auxiliar dos rios. Corta-lhes, por isto, transversa, os vales.

Daí esta conseqüência inegável: adapta-se, naturalmente, mercê da própria direção, às deprimidas áreas divisórias dos afluentes laterais, e, acompanhando-os, forra--se em grande parte aos empecilhos daquela hidrografia embaralhada.

Por outro lado, ao sul do paralelo de 8° persiste, certo, o *facies* predominante da enorme várzea amazonense. Mas atenuado. A inconstância tumultuária das águas não se retrata em curvas tão numerosas e volúveis. Os terrenos, expandindo-se em ondulações ligeiras com a altitude média, absoluta, de 200 metros, são, no geral, firmes e a cavaleiro das enchentes. Trilhamo-los em vários pontos. Está-se, visívelmente, sôbre formações mais antigas, definidas e estáveis, que as da imensa planura pós-quaternária onde ainda se adivinham as derradeiras transformações geológicas do Amazonas, no conflito inevitável entre os cursos d'água inconstantes e a várzea inconsistente.

Além disto, os obstáculos naturais, reduzem-nos, ou amortecem-nos, os traçados que se lhes afeiçoem. A via férrea em questão deve modelar-se pelas condições técnicas menos dispendiosas a um primeiro estabelecimento — ca-

racterizando-se, sobretudo, por uma via singela, de bitola reduzida, de 0,76 m ou 0,91 m, ou no máximo de 1,0 m entre trilhos, que lhe permita os maiores declives e as menores curvas, dando-lhe plasticidade para volver-se em busca dos terrenos mais altos e estáveis, que lhe alteiem o grado acima das zonas inundadas em traçados quase à flor da terra. Deve nascer como nasceram as maiores estradas atuais: trilhos de 18 quilos, no máximo, por metro corrente, capazes de locomotivas de escasso pêso aderente de 15 a 20 toneladas; curvas que se arqueiem até aos raios de 50 metros; e declives que se aprumem até 5% submetidos a todos os movimentos do solo.

Não os tem muito melhores a *Central Pacific,* de Nevada, com a sua bitola estreita, sem balastro, serpeando com a mesma levidade de trilhos em curvas de 90 metros, e tornejando pendores em rampas inclassificáveis. Ou o Transiberiano, onde locomotivas de 30 toneladas, rebocando 1/6 de pêso aderente sôbre trilhos de 19 quilos, andando com a velocidade de 20 km por hora, não raro recuavam, desandando, constrangidas, se encontravam de frente, repelindo-as, ponteiras, as ventanias ríspidas das estepes...

Sem dúvida, de uma tal superestrutura, a que se liga o imperfeito do material rodante, de tração ou transporte, resultará reduzidíssima capacidade de tráfego. Mas a linha acreana, a exemplo da *Union Pacific Railway,* não vai satisfazer um tráfego, que não existe, senão criar o que deve existir.

Como as norte-americanas, construir-se-á aceleradamente, para reconstruir-se vagarosamente.

É um processo generalizado [1]. Tôdas as grandes estradas, no evitarem os empeços que se lhes antolham trans-

---

(1) Exemplo: Recentemente ainda o Dr. H. Schnoor, um mestre, a quem se devem 2 000 km de linhas férreas, ao discutir no clube de Engenharia as condições técnicas da Madeira-Mamoré, não vacilou em aconselhar: bitola de 0,60 m, trilhos de 10 kg, tipo Decauville; locomotivas de 20 toneladas, declives de 5% e curvas de 20 metros de raio!

E diz, textualmente: "Será necessário, a meu ver, ir assentando logo os trilhos de qualquer modo, tocando para diante

pondo as depressões e iludindo os maiores cortes com os mais primitivos recursos que lhes facultem um rápido estiramento dos trilhos, erigem-se nos primeiros tempos como verdadeiros caminhos de guerra contra o deserto, imperfeitos, selvagens. E como para justificar o asserto, o primeiro engenheiro das suas obras rudimentares — que hoje se fazem como há dois mil anos — de suas estacadas, de suas pontes e pontilhões de madeira mal lavradas, superpostas em linhas sôbre os *styli fixi* dos tanchões roliços, é César.

Depois evolvem; e crescem, aperfeiçoando os elementos da sua estrutura complexa, como se fôssem enormes organismos vivos transfigurando-se com a própria vida e progresso que despertam.

É o que sucederá com a que prefiguramos. Das primeiras linhas dêste artigo ressaltam-lhe os efeitos sociais, que se não pormenorizam por demasiado intuitivos, nos múltiplos aspectos que vão do simples fato concreto da redistribuição do povoamento — locando-se com segurança os núcleos coloniais ou agrícolas e demarcando-se legalmente as terras indivisas — à gerência mais pronta, mais desimpedida, mais firme, dos podêres públicos, que hoje ali se triparte, desunida, em sedes administrativas impostas exclusivamente pelas vicissitudes geográficas.

Tais resultados por si sós bastariam a justificar excepcionais dispêndios.

Entretanto, êstes são opináveis. Sob a ação imediata do govêrno, e entregues desde a exploração definitiva à nossa engenharia militar, tudo induz a crer que as três principais secções — do Juruá ao Purus, dêste ao Iaco, e do Iaco ao Acre — atacadas ao mesmo tempo e favorecidas pelo fácil transporte fluvial dos materiais necessários, por aquêles rios, se construirão de maneira expedita e com os recursos das próprias rendas locais.

---

de qualquer forma, fazendo pontes de madeira no lugar de todo o boeiro, de tôda a obra d'arte, para construir as definitivas depois de assente a linha." (*Revista do Clube de Engenharia*, VII série, n.º 11, 1905).

Realmente, as suas obras de arte são inapreciáveis e os trabalhos mais sérios limitam-se à construção de pontilhões e aterros, e à extensa derrubada, larga de 40 metros, para a mais intensa insolação do leito. [1]

Sôbre não carecer de extensos desenvolvimentos para captar alturas, a linha não só dispensará túneis para vará-las, ou viadutos, e até cortes apreciáveis, como ainda as três grandes pontes que a princípio se afiguram obrigatórias sôbre o Tarauacá, o Purus e o Iaco. Cada estação *terminus,* extremando-lhes os segmentos precitados, servirá ao mesmo passo à navegação fluvial do rio correspondente, e as baldeações de uma a outra margem dêste far-se-ão nos primeiros tempos sem perturbarem demais o tráfego naturalmente restrito.

Assim se prorrogam dispendiosos serviços que podem efetuar-se depois, a pouco e pouco, à feição das circunstâncias. A estrada crescerá com o povoamento. E ainda que atinja àquele enorme desdobramento de 726 km e se reduza a uma via singela, com os necessários desvios, comportando apenas a velocidade diminuta de 20 km por hora, será percorrida em 36 horas justas, que podem subir a 48 aditando-se-lhes as que se empreguem na travessia dos rios.

Realizar-se-á em dois dias a viagem de Cruzeiro do Sul ao Acre, que hoje, nas quadras mais propícias, dura mais de um mês.

A conclusão é infrangível. Não nos delonguemos enumerando-lhe os efeitos extraordinários.

Fixemos outra face da questão.

A engenharia de estradas de ferro definem-na os norte-americanos nesta fórmula concisa e irredutível: "é a arte de fazer um dólar ganhar o maior juro possível".

Dobremo-nos ao preceito bàrbaramente utilitário.

O valor econômico daquele traçado é incalculável. E evidencia-se sob múltiplas formas; sendo naturalmente

---

(1) Esta grande avenida, com o seu maior desenvolvimento, terá uma superfície de 726 000m × 40m = 29 040 000 m2. Admitindo-se o valor exagerado de Rs. $050 por m2 (duplo do que orçou o Dr. Chrockatt de Sá para a Madeira-Mamoré) a sua abertura custará apenas Rs. 1 452:000$000.

mais dignas de aprêço as mais remotas, oriundas do progredimento ulterior, inevitável, da região atravessada.

Fôra longo apontá-las. Indiquemos uma única, mais próxima, imediata e impondo-se ao raciocínio mais obtuso.

A safra da borracha nos três departamentos, entre a oblíqua Cunha Gomes e a faixa neutralizada, durante o penúltimo período comercial de 1905, conforme os documentos mais seguros foi esta:

Rio Juruá	3 382 134	quilogramas
Acre e Purus	5 256 984	"
TOTAL	8 639 118	"

Variando os preços atuais entre os extremos de 6$346 e 3$865, deduz-se, em números redondos, a média de 5$000 por quilo; e, subsecutivamente, o valor total da produção — Rs. 43 195:590$000: acarretando os réditos gerais (23%) de 9 934:985$700.

Os números são claros e irrefragáveis.

Ora, êstes rendimentos tenderão a duplicar, não já em virtude de um desenvolvimento remoto, senão pelo simples fato da abertura do caminho.

A demonstração é de algum modo gráfica, visível.

A exploração das seringueiras, tôda a gente o sabe, opera-se, de um modo geral, exclusivamente nas longas fitas das massas que debruam as duas margens dos rios. Os "centros", anexos aos barracões de primeira ordem, são raros e de ordinário pouco afastados. Ali não há pròpriamentemente superfícies exploradas, há linhas exploradas. E estas, de acôrdo com os dados existentes, podem ser medidas com razoável aproximação. Alongam-se, no Purus, de Barcelona até Sobral; no Iaco, de Caeté até pouco além do seringal de S. João; de Cruzeiro à foz do Breu, no Juruá; e no Acre, do pôrto do mesmo nome até pouco a montante da confluência do Xapuri. Somando-se a êstes grandes segmentos os menores, do Tarauacá, do Envira e Jurupari, chega-se à dimensão total, aproximada, de 150 léguas de faixas exploradas, admitindo-se, o que nem sem-

pre se verifica, a continuidade das mesmas. De qualquer modo, aquela extensão é um *maximum;* e é a definição gráfica, visível, da importância econômica, atual, do Território.

Surge, como se vê, dos simples sulcos dos rios.

Ora, a nova linha será desde logo uma nova "estrada" aberta à entrada dos extratores, na colheita pronta de produtos que até hoje não lhes exigiram nenhuns esforços de cultura. Antes de ser uma estrada de ferro será, de fato, uma enorme "estrada" de 120 léguas, quase igual à soma das que se exploram. E como as *heveae brasilienses,* ao revés das *castilloas* elásticas geradoras do caucho, se caraterizam pela distribuição uniforme nas florestas, não é aventurosa a proporção que nos dê, de pronto, calcada em números rigorosos, o valor imediato da linha planeada — que se construirá, inevitàvelmente, em futuro mais ou menos próximo, submetida à diretriz que lhe marcamos.

Porque à importância que lhe é própria agregam-se as decorrentes do seu traçado articulando-se a outros.

Assim, desde que se ultime a Madeira-Mamoré, esta a atrairá, irresistìvelmente, para o levante, realizando-se o fenômeno vulgaríssimo de uma captura de comunicações. Então ela transporá o Acre indo buscar o Madeira na confluência do Abunã, ou em Vila Bela, extinguindo, de golpe, todos os inconvenientes de três navegações contorneantes e longas. Ao mesmo tempo, no outro extremo, dilatando-se para oeste, perlongando o Moa e indo transmontar os cerros abatidos de Contamana, alcançará o Ucaiáli, deslocando para Santo Antônio do Madeira parte da importância comercial de Iquitos. Então, a transacreana modestíssima, de caráter quase local, feita para combater uma disposição hidrográfica, se transmudará em estrada internacional, de extraordinários destinos.

* * *

Considere-se, a correr, outro lado, menos atraente, dêste assunto.

O valor estratégico é supletivo obrigatório dos melhores requisitos que possua qualquer sistema de comuni-

cações em zonas fronteiriças. Mede-se, avalia-se e estuda-se friamente, tècnicamente, sem intuitos agressivos, que não seriam apenas condenáveis: seriam francamente ridículos no nosso tempo e na América.

Assim apresentemo-lo em linhas despidas e sêcas, com a só eloqüência das que se gizam no resolver-se um problema de geometria elementar.

Considerem-se (1) no mapa os traçados do Purus, do Juruá e do Javari, e os do Madre de Diós e do Ucaiáli. São contrariantes. Os primeiros, nos seus rumos a bem dizer uniformes e por igual intervalados, delineiam-se como distensos valos divisórios: subdividem a terra. Os últimos são desmedidos laços de união: abarcam-na. O Ucaiáli, a partir da confluência do Marañon, alonga-se, contorcido de oito graus para o sul; inflete depois para leste, pelo Urubamba; e esgalhando-se no Mishagua e no Serjali vai quase anastomosar-se com os últimos manadeiros orientais do Madre de Diós. Êste, a partir da confluência do Beni, que o leva ao Madeira, desata-se em extensíssima arqueadura cortando sete graus de longitude, para o ocidente; inflete, de leve, para o norte pelo talvegue do Manu; e, repartindo-se no Caspajali e no Shauinto, vai quase ao encontro das derradeiras vertentes ocidentais do Ucaiáli. De permeio uma tira de chão, com 5 milhas de largura: o Istmo de Fiscarrald (2). Os dois rios abarcam quase tôda a Amazônia numa área de cêrca de 1 100 000 km2, formando a maior península da Terra.

A pintura hidrográfica é a de desconforme tenaz agarrando um pedaço de continente nas hastes que se encurvam, constritoras, articuladas naquele istmo.

---

(1) Nas edições anteriores aparece *considere-se,* que retificamos, uma vez que a primeira edição já não teve a supervisão do Autor. (Nota do Revisor)

(2) Desde a primeira, tôdas as edições registram *Istmo de Fitzgerald,* sem que se houvesse atentado para a origem do nome, explicada na página 62 e, mais minuciosamente, no *Relatório de Reconhecimento do Alto-Purus.* (Página 14 da segunda parte da edição da Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1906). (Nota do Revisor)

E figura-se-nos sobremodo desfavorável à defesa e garantia das nossas fronteiras naqueles lados.

Demonstremo-lo sem atavios.

Há a princípio uma ilusão oposta. Na hipótese de um conflito com os países vizinhos, acredita-se, à primeira vista, na valia incomparável daquelas três ou quatro estradas extensíssimas. Entrando pelo Purus, pelo Acre, pelo Juruá, ou ainda pelo Javari, podem mobilizar-se simultâneamente quatro corpos expedicionários em busca de outros tantos pontos longamente afastados numa faixa de operações de 700 km, distendida de NE para SO; e aquêles cursos d'água recordam as diretrizes estratégicas das "vias consulares" dos romanos. Caem de rijo, perpendiculares, golpeantemente, em cima da fronteira...

Anula-os, porém, a circunvalação desmesurada Madre de Diós-Ucaiáli.

Revela-se o simples contraste das posições geométricas.

De fato, ao perpendicularismo de nossos caminhos de acesso arremetentes em cheio com a orla limítrofe, que entalham — contrapõe-se o paralelismo dela com as duas enormes caudais que a envolvem, ou se lhe ajustam.

Daí êsse corolário: os pontos obrigados daquelas lindes remotas, que para nós se erigem em objetivos longínquos no têrmo da navegação dos rios — serão para os adversários os próprios pontos determinantes de suas linhas de operações. Para garantirmos um número limitado de posições precisamos de igual número de unidades combatentes e de outras tantas viagens; êles, com algumas lanchas ligeiras e de calado exíguo, defendem tôdas as entradas.

No caso de um recontro feliz, a nossa vitória resumir-se-á na conquista do campo do combate; para êles será o alastramento do triunfo. Vencidos em qualquer daqueles pontos isolados, sem ligações transversais com os restantes, resta-nos o recurso único do recuo, deixando a entrada franca à invasão; o antagonista, batido e refluindo ao Pachitéa, pelo Ucaiáli, ou ao Inambari, pelo Madre de Diós, pode refazer-se em mobilizações vertiginosas.

São deduções seguras. Completa-as outra, preexcelente, enfeixando-as: excluída a hipótese de uma ofensiva temerária, buscando o território estranho, as fôrças expedicionárias, no Juruá, no Purus e no Acre, predestinam-se à imobilidade, depois de chegarem aos seus objetivos remotos: expectantes, sem poderem fiscalizar os estirões de matas que as separam; ao passo que o Ucaiáli e o Madre de Diós, de Nauta ao Istmo de Fiscarrald e dêste à embocadura do Beni, são caminhos desimpedidos para as rondas permanentes de uma fiscalização generalizada.

Não se comparam sequer recursos tão diversos. Os dois últimos rios são uma estrada militar incomparável — no ligar ràpidamente todos os elementos de resistência e no facilitar as mais complexas mobilizações.

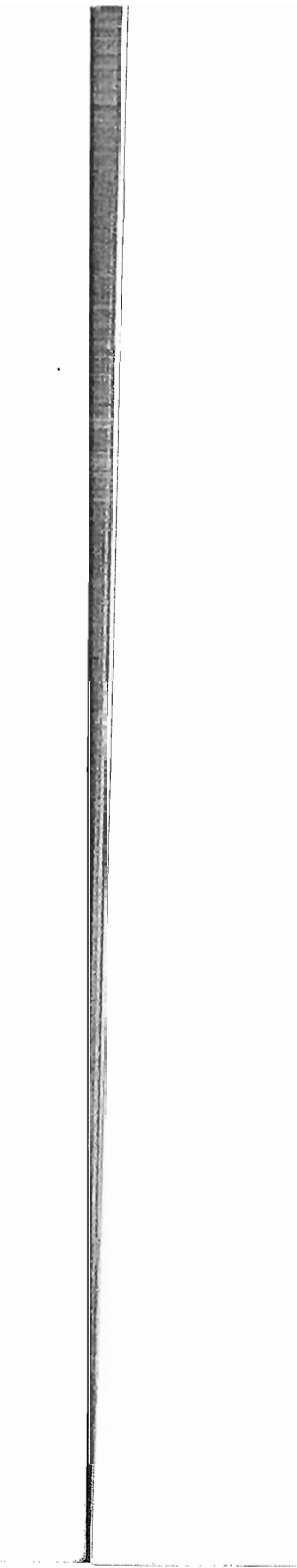
Ora, a linha férrea do Cruzeiro ao Acre balancear-lhe-á o valor.

Dirigida segundo a corda daquela enorme circunvalação, contrapesará a sua influência, erigindo-se com os mesmos requisitos.

Não precisamos demonstrar. A imagem geográfica é de si mesma bastante sugestiva.

Além disto, o que se deve ver naquela via férrea é, sobretudo, uma grande estrada internacional de aliança civilizadora, e de paz.

II PARTE

VÁRIOS ESTUDOS

VIAÇÃO SUL-AMERICANA

Em 1907 contrapunham-se 20 814 km de vias férreas, argentinas, e 17 242, brasileiras; e a diferença resultante sugeriu comentários que nos são abertamente desfavoráveis. A nossa subalternidade econômica, ou prática, ao parecer dos que os fazem, assim se expõe sem atavios, às escâncaras, em números. É uma cousa que se vê, se numera e se mede numa escala. Não há iludir-se a simples proporção capaz de alcandorar-se em fórmula apavorante do nosso atraso, admitindo-se como têrmos os povoamentos dos dois países e as linhas que um e outro percorrem para o domínio da terra. Escrevem-na:

$$6\,000\,000 : 20\,000\,000 :: 20\,814 : x$$
$$\therefore\ x = 69\,269$$

e concluem que para lograrmos a vida intensa daquele país, devêramos possuir cêrca de 70 000 km de caminhos de ferro. Não há aí boletim rebarbativo, crespo de algarismos, ou inaturável revista mercantil em que êste monótono paralelo não se haja inserido a dilatar o critério maciço dos guarda-livros filósofos, permitindo-se estabelecer, à ventura, entre duas sociedades, relação tão simples.

Não a discutiremos, delongando-nos. As marchas dos dois povos são demasiado diversas para se compararem tão de pronto.

Ainda atendo-nos a êste sêco assunto, ou aperreando-nos naquela expressão numérica, não seria difícil demonstrar que é para os argentinos uma causa o que é para nós um efeito: o progresso atual advém-lhes, antes de tudo, de suas estradas de ferro; as nossas estradas de ferro resultam, antes de tudo, do nosso progresso.

Atentos os empeços naturais, que a dois passos da costa nos repeliam, era-nos impossível o avançar pelos sertões em fora, levando a civilização no limpa-trilhos. Para vencermos a terra houvemos que formar até o homem capaz de a combater — criando-se à imagem dela, com as suas rudezas e as suas energias revôltas — por maneira a talhar-se no tipo mestiço, e inteiramente nôvo, do bandeirante, a figura excepcional do homem que se fêz bárbaro para estradar o deserto, abrindo as primeiras trilhas ao progresso. As nossas maiores linhas de penetração — desde a Mogiana seguindo para Goiás sôbre os velhos rastros do Anhangüera, até a Sorocabana, ajustando-se aos primeiros lances do longo itinerário de Antônio Rapôso e dos conquistadores de Guaíra — têm reconhecimentos que duraram dois séculos; e se os historiássemos veríamos que esta matéria esmarrida e árida pode transfigurar-se, relacionando-se aos episódios mais dramáticos do nosso passado, de modo que o seu próprio significado econômico só nos resulta bem compreensível, hoje, feito um caso particular, ou corolário, da evolução geral.

Ao passo que na Argentina o processo se inverteu. A civilização transplantada àquelas terras não carecia ter, como aqui, um período de estacionamento obrigatório, para o adaptar-se das raças que se transformam, ou se apuram, criando-se novos atributos de resistência, uma nova alma, e até um nôvo organismo para viverem em um nôvo meio. Mudou de hemisfério, sem mudar de latitudes. Deixou o solo nativo, sem deixar o clima. Poderia prolongar as qualidades avitas dentro de uma natureza protetora. E ser um desdobramento apenas: a cultura européia estirando-se pelo nível dos mares, e prosseguindo, sem tropeçar num cêrro, pelo complanado dos pampas. E como a terra se lhe submeteu desde os primeiros passos, sem a repulsa desafiadora dos píncaros arremessados e brutos, entregando-se-lhe quase tôda, humilhada no rebaixamento das planuras, a expansibilidade territorial tornou-se-lhe em tanta maneira preponderante entre quaisquer outros aspectos de sua existência, que se erigiu em norma preexcelente não só de desenvolvimento industrial ou agrícola, como do próprio desenvolvimento social ou político.

Leia-se a História da Confederação Argentina, depois da fase tumultuária da Independência e ressaltará, em nítido relêvo, êste contraste com a nossa: nós tivemos que formar num longo esfôrço, até de seleção telúrica, o homem para vencermos a terra; ela teve que transformar e aviventar a terra, para vencer o homem.

Domingos Sarmiento, ao cerrar as páginas comovidas da *Civilización y Barbarie* — páginas admiráveis de um dos maiores livros sul-americanos, ressoantes ao tropear das cavalarias disparadas dos Quirogas e dos Chachos — prognosticou o declínio inevitável da tirania revolucionária dos caudilhos sem aventar puxados raciocínios, de grave substância de sociólogo. O desfecho da tremenda crise social de sua terra, desvendava-se-lhe com esta evidência quase gráfica e singularmente prosaica ao fim da selvagem epopéia dos gaúchos: *El ferrocarril llegará en tiempo para estorbar que venga a reproducirse la lucha del desierto*... E, de feito, a civilização platina alastrou-se logo depois sôbre as planícies, com o só estirar-se de seus *rieles* paralelos, por cima dos rastros das *montoneras*. Os ideais de seus maiores estadistas, da escola de Rivadavia, têm, hoje, uma realidade tangível, mensurável até em quilômetros. E rodeada de circunstâncias tão propícias, que lhe permitiram aumentar o patrimônio das conquistas morais com o próprio aumento da riqueza, a unidade nacional, definida pelo ascendente dia a dia maior de Buenos Aires sôbre as províncias, vai-se firmando, não já em teorias ou controversos programas, senão visìvelmente, com os vínculos de aço que irradiam e se reticulam em todos os sentidos, fazendo-nos assistir em cada estação que se inaugura a uma vitória definitiva daqueles *selvagens unitários*, que tanto acirravam o ânimo retrincado de Rosas, e hoje nos aparecem, triunfantes e sem atrevidos desgarres, no aspecto modestíssimo de alguns engenheiros fleumáticos, quase todos inglêses.

Êste triunfo, onde concorrem os mais favoráveis agentes físicos e o estímulo de imperiosas necessidades políticas, não nos desaira. Aplaudimo-lo. As 21 estradas argentinas, transfigurando em vinte anos todo o país, da

Patagônia ao Grão-Chaco, de La Plata aos Andes, são uma glória de todo o continente. Não importa que nesse alastramento de *rails,* a influência da nação ativa se estenda às terras extremenhas das demais repúblicas, e lhas atravesse, senhoreando-as comercialmente. Numa rêde ferroviária, que em pouco tempo se tornou a décima do mundo, é natural a quantidade de movimento que a dilata até romper em quatro pontos longamente espaçados a cercadura das fronteiras: com a *Buenos Ayres and Pacific Railway* ligando-se em Mendoza à *Andine Railway,* estendendo-se a Valparaiso, unindo os dois oceanos e desviando o comércio exterior do Chile; com a *Entre-Rios R.* indo buscar o Uruguai em Concórdia, entroncando com a *North Eastern* dirigida à extremadura das Missões ao encontro da *Central Paraguay,* de modo a colocar dentro de pouco tempo Assunção a 36 horas do mar; e com a *Central Norte,* prolongando a *Buenos Ayres and Rosario,* envesgando pelos acidentes de Jujuí e dirigindo-se para o norte, em busca da Bolívia.

A última, sobretudo, é a diretriz mais expressiva dessa expansão maravilhosa.

Consideremo-la, de perto.

Há cêrca de dois meses inaugurou-se, com efeito, a estação de La Quiaca nas extremas da Bolívia, realizando-se a primeira ligação ferroviária, ininterrupta, entre dois países sul-americanos, e estabelecendo-se dilatado trecho da *Pan American Railway,* sugerida na conferência de Washington.

A nova linha segue para N-NO; atravessa treze graus de latitude com o desenvolvimento total de 1 941 km desde Buenos Aires até àquela estância remota, e embora torneje e vingue, à cremalheira, os cerros de Jujuí, talvez não tenha grande valia técnica.

Nela, porém, o essencial está menos nos elementos do traçado do que na sua direção dominante. Considerando-se um mapa, verifica-se que a Argentina, adicta ao empenho de curar-se *del mal de la extensión*, acaba de efetuar a mais notável de suas operações; e figuram-se de tal porte os seus efeitos, que é escusado o inquirir se ela

entrou na República contérmina sôbre uma via permanente impecável, ou inquinada dos vícios de um primeiro estabelecimento vertiginoso. Todo o ponto está em que ela chega à Bolívia. Por imperfeita que seja a tração de uma linha, onde às vêzes se chegou escandalosamente ao assentamento de 2 km de trilhos e dormentes por dia, e embora se lhe dê a velocidade escassa de 35 km por hora, o resultado final é êste: vai-se, hoje, de Buenos Aires às terras bolivianas em dois dias e meio. Quer dizer: o vasto *hinterland* que, pouco há, mal se desafogava para o N., em demanda do Pará, através de 4 650 km vencidos nas trabalhosas navegações do Beni e do Madeira; (1) para O., por um tráfego incômodo, de baldeações, em busca do péssimo pôrto de Molendo; para S O, ronceiramente, depois de percorrida a *carretera* de La Paz a Oruro, pelos 924 km constritos na bitolinha de 0,75 m, da precária estrada de Antofagasta; para L., e SE, por Santa Cruz de La Sierra e Puerto Suarez, descendo depois o Paraguai, percorrendo 3 250 km de itinerário contorneante, fluvial e terrestre — para o sul aproxima-se, de golpe, do Atlântico, de que o afastam sòmente 55 horas de viagem.

Os números são claros; a conclusão inflexível: a vida econômica da Bolívia cairá na órbita avassaladora do país que lhe faculta semelhante desafôgo.

Além disto, ela vai, de há muito, ao encontro daquela influência. De fato, um dos grandes efeitos do Tratado de Petrópolis foi a revivescência da Bolívia. A nacionalidade malignada pelo encêrro geográfico, e pelas vicissitudes políticas que lho engravesceram, afastando-a definitivamente do mar, foi amparada pelo nosso liberalismo, que sôbre

---

(1)

De La Paz a Riberalta (Beni)	1 554
De Riberalta a Vila Bela (Madeira)	83
De Vila Bela a Santo Antônio (Madeira)	316
De Santo Antônio à Foz do Madeira ..	1 034
Da Foz do Madeira ao Pará	1 504
	4 651

Nota do Revisor — Há êrro na soma. Impossível, porém, corrigi-lo sem a colaboração de especialistas.

a desoprimir franqueando-lhe o Paraguai e o Madeira, aparelhou-a de recursos para enfrentar os problemas econômicos mais urgentes. A sua política interna entrou para logo numa fase progressista destoante das funestas discórdias, que tanto a malsinavam, estimulando os interessículos dos caudilhos. E como a dominasse desde muito o intento de corrigir por meio de rápidas linhas de transportes os prejuízos oriundos de seu seqüestro mediterrâneo, o govêrno do General Montes contratou um brilhante *staff* de engenheiros norte-americanos, que perlustraram o país de extremo a extremo, elaborando ao cabo surpreendente relatório, onde os quadros das riquezas naturais e o seu futuro desenvolvimento desafiam a maior credibilidade e só se aceitam definidos, como foram, pelas curvas de rigorosos diagramas. Não o analisaremos — forrando-nos aos encantos que levaram rígido correspondente *yankee* a caracterizar o sisudo trabalho, referto de desenhos e de cálculos, *a poesy of railways*... Ao nosso intento, baste considerar-se que o sentido de maior destaque nos caminhos propostos, revivendo antigo convênio argentino-boliviano de 1894, segue a prender-se em Tupiza como o prolongamento da *Central Norte*, que neste momento se efetua a partir de La Quiaca sôbre terrenos completamente estudados. (1)

De sorte que o contrato celebrado em 1900 com o Banco Nacional de Nova Iorque para a construção de 863 milhas de caminhos de ferro destinados a ultimar-se em 1912, 495 cabem, exclusivamente, aos diversos trechos que se ligam, visando unir a capital boliviana a Tupiza, assim discriminados:

De Viacha (La Paz) a Oruro ..	215 km	$4.000.000
Oruro a Potosi	331 km	$8.000.000
Potosi a Tupiza	250 km	$5.600.000

(1) Estudos do engenheiro G. Noseti, entre La Quiaca e Tupiza:

1.ª secção:	La Linaca-Mojo	35,450 km
2.ª secção:	Mojo-Yuruma	15,149 "
3.ª secção:	Yuruma-Chuquiago	29,430 "
4.ª secção:	Chuquiago-Tupiza	20,100 "
		100,129 "

Estando em andamento a construção dos 100 km entre Tupiza e La Quiaca, vê-se, não mais ideada, ou planeada, senão reconhecida, projetada, orçada, contratada, a grande linha continental solidária com os sistemas peruano e argentino, que dentro de um quinqüênio formará mais de dois terços da *Pan American Railway.*

Lima, La Paz e Buenos Aires vincular-se-ão por meio de 3 020 km de trilhos, percorridos em três dias.

É uma dedução clara. O capital norte-americano, noviciando na indústria ferroviária da América do Sul, não se malestreará cedendo ao pêso de uma quantia que não deitará mais de dezoito milhões de dólares, o máximo requerido pelos trabalhos.

Como quer que seja, a viação internacional argentina expande-se naquele rumo e reage sôbre o continente. Completam-na, noutros, estas emprêsas notáveis: a *Buenos Ayres and Pacific,* que ao terminar, neste ano, o túnel de La Cumbre, nos Andes, fará em 48 horas a viagem de Valparaíso ao Prata; a *Argentina North-Eastern* que, estirando-se por Monte Caseros até São Tomé, chegará em 1909 a Posadas, nas divisas paraguaias, onde lhe restarão apenas 97 km para alcançar, em Pirapó, a *Central Paraguay,* que vem de Assunção e Vila Rica; e, mais interessante para nós, o ramal que partindo de Perico, próximo de Jujuí, completará a ação da *Central Norte,* seguindo por Ledesma e Oran a atravessar os chacos de Yacuiba no rumo de Santa Cruz de La Sierra — de modo a subordinar ao tráfico platino tôda a Bolívia Oriental até às terras meridionais de Chuquisaca.

Ora, balanceados êstes elementos claros, adrede expostos sem exageros de frases, deve-se convir em que Buenos Aires parece restaurar a sua antiga fisionomia histórica de quase capital hispano-americana. E não maravilha que muito recentemente, D. Ignacio Calderón, ministro boliviano, dirigindo-se à Sociedade Geográfica de Washington, arremetesse com tôdas as reservas do seu cargo diplomático, e friamente, professoralmente, agitasse a hipótese da formação do que lhe aprouve chamar — Estados Unidos da América do Sul — ou seja, a confederação política do Peru,

Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai e Paraguai... [1] O que há dois decênios seria imaginoso rapto de ideólogo e debater-se dentro da miragem do antigo Vice-Reinado, é hoje, numa época em que cada vez menos se estremam interêsses econômicos e políticos, uma proposição positiva.

Dizemo-lo sem apreensões patrióticas; sobretudo atendendo-se em que a Argentina tem um reverso sombrio nesse quadro admirável.

Poderosas circunstâncias, alheias e antepostas ao progresso irrivalizável da grande república, influirão para reduzir-lhe o prestígio internacional precisamente na hora em que êle se torna mais dominante.

Coincidindo com o remate do sistema boliviano, completando a viação argentina em um lance de trezentos miriâmetros, a abertura do Istmo de Panamá lhe sobrestará o progresso, reduzindo-lhe o tráfego e despojando-a de tôda a importância nas relações exteriores. O afastamento dos portos peruanos à Europa se encurtará até a metade do atual, passando de 12 000 a 6 000 milhas. Calau e Buenos Aires ficarão à mesma distância de Southampton e de Hamburgo. Todo o movimento mercantil do Peru se desviará para o norte. Acompanha-lo-á o do Chile, atentas as vantagens intuitivas de um só transporte marítimo, de 8 100 milhas, em contraste com o tráfego misto pela Cordilheira e Atlântico Meridional. E os próprios departamentos ocidentais da Bolívia, ligados ao litoral não já por Antofagasta, mas pela estrada de Arica, ora em construção com auxílio do Chile, preferirão um itinerário incomparàvelmente mais expedito, pelo Pacífico.

A Argentina sofrerá mais que todos os países os efeitos da vindoura rota marítima destinada a alterar profundamente o giro dos escambos internacionais. É uma causa universal; um abalo que é o da própria civilização, expandindo-se no último e maior dos cenários que se lhe descerram. Não há gênio de estadista que atenue à avantajada nação efeitos tão prejudiciais nascidos da própria fatalidade geográfica. Além disto, outras causas concorrerão no di-

---

(1) *The Industry*, Setembro, 1907. *Adress delivered by the bolivian Minister, Mr. Ignacio Calderón.*

minuir-lhe um predomínio que a própria ordem física em comêço propiciou ou favoreceu. E estas surgem exatamente dêste mal compreendido sistema ferroviário brasileiro, que por aí se obriga aos paralelos mais garrados do bom senso, e jazeu longos decênios tolhiço, esparso em traçados indecisos, ou vacilantes, a pulsear o antagonismo da terra — até ganhar em fôrça o que perdeu em velocidade e dispor-se para a conquista definitiva dos planaltos.

Realmente, é de simples intuição que a E. F. Madeira-Mamoré tornará desde já todo o departamento do Beni tributário do Pôrto do Pará; e mais tarde, construído o caminho de ferro projetado de La Paz a Puerto Pando, metade da Bolívia.

Volvendo ao sul, não seria penoso deduzir que o ramal de Iguaçu, da E. F. S. Paulo-Rio Grande, desde que se construa e efetue, por meio de um convênio com o govêrno paraguaio, o seu prolongamento natural até Vila Rica, erigirá a Baía de S. Francisco, quase no mesmo paralelo de Assunção, em melhor pôrto do Paraguai.

Dado, entretanto, que não se verifiquem tais conjeturas — que a Madeira-Mamoré mais uma vez se malogre, ou que o pôrto catarinense ainda a construir-se tão cedo não se apreste àquele elevado destino — o antagonismo brasileiro, predisposto a contrapesar o imperialismo ferroviário argentino — extinguindo ao mesmo tempo a influência tradicional do "bósforo" de águas doces, do Prata — delineia-se neste momento numa estrada de ferro, que se não desviará de uma diretriz intorcível e será a secção mais dilatada das transcontinentais sul-americanas.

É a Noroeste do Brasil.

* * *

A sua história sumaria bem os estorvos que sempre encontramos para a entrada nos sertões.

Quando o Clube de Engenharia deliberou, em outubro de 1904, indicar ao govêrno, "como problema nacional inadiável", o traçado de um caminho de ferro que partindo de S. Paulo dos Agudos (ou de Bauru), transpondo o Pa-

raná e o Urubupungá, se dirigisse a um ponto do Rio Paraguai adequado a encaminhar para o Brasil o comércio do Sudeste boliviano e Norte paraguaio, permitindo ao mesmo tempo rápidas comunicações do litoral com o Mato Grosso, independentes de percurso em território estrangeiro — resumiu dezenas de projetos cerrando um velhíssimo debate que se agitara desde 1852 pela voz do Deputado Paula Cândido, e chegara aos nossos dias refletindo, intacto, o pensamento dos mais remotos governos coloniais no empenho de destruírem com os sulcos das estradas a impenetrabilidade de um território, que com ser tão fisicamente unido se tornara o principal agente da desunião de seus povoadores. Mas esta idéia elementar, complicaram-na a tal ponto os diversíssimos meios expostos para a sua efetividade, que já em 1876 notável comissão de cinco de nossos maiores engenheiros, presidida pelo Visconde do Rio Branco, se debateu às voltas com dezesseis projetos, tão discordes que, malgrado a valia de juízes daquele porte, o controvertido tema não teve decisivo desfecho e chegou ao nosso tempo disparatando em trinta pareceres — obscurecendo-se e complicando-se à medida que se apinhavam centenares de folhetos visando simplificá-lo e esclarecê-lo. É inútil indicá-los. Advirta-se apenas que, à parte as mais singulares fantasias, laivadas de números traiçoeiros, que ainda se engenharam em matéria tão grave — e firmando-se em boa hora a preliminar de um ponto de partida invariável, impôsto pela preponderância geográfica, histórica e econômica de S. Paulo — as mais aceitáveis indicações se ordenaram segundo dois destinos dominantes: a um lado, os que, atendo-se de algum modo às marchas tradicionais das bandeiras, davam às linhas planeadas uma feição exclusivamente nacional, predeterminando-lhes os objetivos obrigatórios das capitais de Goiás e Mato Grosso; ao outro, os que, longe daquelas escalas históricas, ou tornando-as simples pontos forçados de uma rota mais longa, lhes davam um caráter internacional, não só projetando-as até à faixa de 1 080 milhas das nossas fronteiras perlongadas pelo Paraguai, como orientando-as à feição de vindouro entroncamento com os sistemas bolivianos capazes de nos conduzirem ao Pacífico.

Prevalescendo o último juízo, restaram ainda numerosas variantes acêrca dos rumos do desmedido percurso. Alinharam-se a uma banda os projetos calcados sôbre o avançamento da Mogiana, a partir de Araguari, com escalas sucessivas em Goiás e Cuiabá, indo alcançar a extremadura boliviana, por S. Luís de Cáceres — ou os definidos pelo prolongamento da Paulista com o ponto obrigado de Santana do Paranaíba, deixando Goiás de lado e indo por Cuiabá em busca do mesmo objetivo; e de outro lado, os que abandonavam, definitivamente, as duas capitais longínquas, e seguiam rumo direto do Paraguai, lançando a Sorocabana pelos chapadões meridionais do Mato Grosso.

Reduzida a simplicidade destas diretrizes — à parte um sem-número de outras, onde discrepam até os pontos de partida em tôda a orla costeira do Rio a Paranaguá — a primeira solução do problema inferiu-se do rápido confronto daqueles itinerários.

Aceito o modêlo mais geral da Mogiana, desenvolvida na distensa arqueadura de Goiás a Cuiabá — a distância total a percorrer-se até à fronteira subia a 3 020 km. Admitido o mais breve dos traçados planeados com a só escala de Cuiabá, atingia a 2 493 km. — Considerando, finalmente, a derrota direta do prolongamento da Sorocabana, distendida para Oeste, depois de transpor o Paraná, seguindo mais ou menos pelo 20º paralelo, pormenorizavam-se estas distâncias:

De Santos a S. Paulo dos Agudos	492
De S. Paulo dos Agudos a Itapura	468
De Itapura a Miranda	671
De Miranda ao Forte Coimbra	172

Total de Santos à fronteira boliviana: 1 803 km.

Assim se coligia, de pronto e de um modo geral, a preexcelência do último traçado, desde que o primitivo programa da conquista dos sertões se ampliara com o escopo de um enlace internacional impôsto pela pressão dos acontecimentos e devendo executar-se pelo caminho mais curto, no menor prazo possível.

E foi êste o resultado atingido em 1903 — um ano antes da resolução do Clube de Engenharia — pelo Enge-

nheiro Emílio Schnoor, num trabalho admirável, onde os confrontos mal esboçados nestas linhas se estendem a todos os projetos dignos de nota, contrastando-lhes o valor e os direitos, decotando-lhes exageros — até firmar-se a preferência daquele traçado em argumentos firmes, estendendo-se das condições técnicas mais vulgares às econômicas ou políticas imanentes ao progresso das zonas percorridas, ou estratégicas relativas à garantia vindoura de extenso trato de fronteiras. [1]

O experimentado profissional — um mestre, uma existência ativa e gloriosamente modesta, que se mede com 2 000 e tantos km de estradas de ferro construídas — não se limitou, com efeito, no sugerir aquêle avançamento pela Sorocabana, ligeiramente alterado no projeto atual, a patentear o valor imediato, deduzido do menor dispêndio de dinheiro e tempo, de uma linha incomparàvelmente mais curta que a menor das que se haviam proposto tocando em Goiás ou Cuiabá. Prefigurou-lhe vantagens de mais alta importância — e teve a fortuna de as contraprovar logo depois, ao realizar, de agôsto do ano passado a janeiro dêste, o reconhecimento completo dos lugares atravessados; de modo que, seguindo em seus lances principais os apontamentos, cuja leitura nos permitiu, podemos desde já definir todo o desenvolvimento ulterior da grande estrada.

* * *

A E. F. Noroeste do Brasil parte de uma cidade paulista fundada há menos de quinze anos, Bauru (22º 49' 22" lat. S., 5º 5' long. O. do Rio), distante 438 km da Capital de S. Paulo, 517 de Santos e 934 do Rio de Janeiro; e segue logo pelo *divortium aquarum* do Aguapeí e Tietê, até além dos campos do Avanhandava, por onde já se alongam hoje, com as estações recém-inauguradas, 202 km em tráfego, em 246 de linha construída. À medida que prossegue, aproxima-se da margem esquerda do Tietê. Atingi-la-á

(1) Engenheiro Emílio Schnoor — *Memória do Projeto da Estrada de Ferro Mato Grosso e Fronteira da Bolívia,* Rio, 1903.

no Canal do Inferno, 96 km além da atual ponta dos trilhos. Dali, passando à margem direita, sôbre uma ponte de 280 metros, acompanhará a histórica vereda fluvial até o seu último salto, Itapura (km 459); e logo adiante chegará ao rio Paraná (km 455) no trecho em que a Ilha Grande de Urubupungá, larga de três mil metros, o reparte em dois canais, de 75 m e 540 m, que serão transpostos por duas pontes: uma de um só lance, de 94,50 m, e outra dividida em quatro vãos de 94,50 m, além de um, central, de 126,50 m.

Está-se, então, em Mato Grosso, na borda direita do Paraná (km 453,500).

Progredindo no rumo de L-O, o eixo da linha oscila aos lados do 20º paralelo, interferindo os vales de Sucuriú, Verde, Pardo, Inhanduí e vai alcançar a 462 km do Paraná, em Campo Grande (km 915) o centro tradicional do comércio de gado do sul mato-grossense, de onde abalam, intermitentemente, as numerosas manadas de 2 a 3 000 bois, cada uma, pelas desmedidas veredas contorneantes de Santana do Paranaíba e Uberaba, a abastecerem S. Paulo e Rio, depois de fatigantes derrotas de seis meses.

A estrada atravessará sem nenhuma dificuldade a região admirável dos largos chapadões, a cêrca de 600 metros sôbre o nível do mar, a expandirem-se pelos quadrantes no ondear de sucessivas colinas, cobertas de fartas pastagens naturais recortadas pelas tiras de floresta à ourela de numerosos cursos d'água perenes. São 150 000 km de um compáscuo único, sem divisas, abarcando em parte os campos da Vacaria onde se sucedem os latifúndios das vastas fazendas de gado, sem nenhum título de propriedade, além da posse nominal de seus arrojados povoadores. Nesta enorme superfície, além dos campos nativos, de criação, valorizados pelas salinas inexauríveis e gratuitas dos "barreiros", que os tornam superiores aos do Uruguai e da Argentina, o Dr. Schnoor avaliou uma área de 6 milhões de hectares de terra roxa igual à do Oeste paulista, de fertilidade consagrada. Atravessando-a, a Noroeste desvendará à colonização estrangeira, numa área em que caberiam cinco Bélgicas, um dos mais opulentos recantos do Brasil.

Deixando-a, entra logo na Bacia do Paraguai; deriva ao viés das encostas ocidentais da Serra de Maracaiú; e prossegue até à vila de Aquidauana (km 1 066).

Está então à beira da imensa baixada dos pantanais.

É um ponto crítico de seu traçado.

Os pantanais, ou *xaraiés,* são uma das nossas mais curiosas anomalias fisiográficas. Contemplando-os, salteia-nos a idéia de um mar evanescente, ou restos apaulados daquele Mediterrâneo médio-devônico que Fred Katzer nos revelou, abrindo nos seus capítulos severos uma página de Mílton. Os raciocínios do geólogo rematam em prodígio, e, abrindo-nos à fantasia um passado milenário, restauram-nos a imagem retrospectiva da imensa massa de águas, que se adunavam sôbre Mato Grosso e Bolívia, estendendo-se para o norte, ilhando o Brasil inteiro, das ribas de Goiás para o levante. E com efeito, quando na estação chuvosa, de março e agôsto, se alagam numa extensão de 500 km de norte a sul a 350 de este a oeste, aquelas solidões, que se marulham às ríspidas lufadas do sudoeste e só se navegam com o auxílio da bússola e do sextante como o pleno oceano — é perfeita a revivescência de tôdas as linhas apagadas no quadro de uma geografia morta... Mas outros naturalistas, esteando-se em outros argumentos, dão-lhes gênese diversa. Para Herbert Smith, o mediterrâneo paleozóico expandia-se a partir da foz atual do Prata, no máximo até ao centro do Paraguai onde um estreito, de que é último vestígio o rio atual, o ligava, atravessando o Oriente boliviano, aos mares amazônicos. Então os planaltos brasileiros estendiam-se sôbre a área presente dos pantanais até às Serras de Dourados, Albuquerque e Coimbra; e todo aquêle enorme volume de terra, de 400 km de comprimento, outros tantos de largo e quinhentos metros de altura, foi desbastado ulteriormente pelas águas. O Rio Paraguai foi o principal agente dêsse desatêrro, arrastando os enxurros de argilas e areias desagregadas para construir os territórios a jusante. "Assim, dêste bloco roubado ao Brasil se formou grande parte das planícies do Grã-Chaco e pampas argentinos"; gerando-se os pantanais não em terras cobertas outrora pelo antigo Mediterrâneo, mas no

espaço vazio da zona onde o planalto se destorroou para aterrar aquêle mesmo mar...

De lado, porém, a fascinante tese, notemos que os pantanais, onde nas cheias se perdem ou se confundem as correntes do Jauru, Paraguai, Taquari, S. Lourenço, Cuiabá, Aquidauana e Miranda, ao mesmo passo que contribuíram para o aplainamento do território platino, tão propício às suas estradas, foram sempre o pior obstáculo para as nossas, que no se projetarem para o Mato Grosso estavam adscritas, como o vimos, aos mais divergentes rumos, dirigindo-se exageradamente, já para o norte, já para o sul, de modo a evitarem a grande depressão continental distendida, segundo a meridiana, do 16º ao 21º paralelo.

A Estrada de Ferro Noroeste, porém, e neste lance está a maior valia técnica de seu traçado, evitou-o em grande parte. De Aquidauana a Miranda (km 1 150) o seu grado assentará em terrenos estáveis contorneando os contrafortes da Serra de Maracaju; e da última cidade ao Rio Paraguai — isto é, no trecho denunciado por todos os geógrafos como intransponível em uma longura de 160 km — o Dr. E. Schnoor, esclarecido por uma lúcida observação de F. Castelnau, logrou reduzir as dificuldades, verificando a existência do maciço calcáreo da Serra de Bodoquena, que se orienta a partir de Miranda no sentido das sublevações da mesma estrutura, de Corumbá e Albuquerque. De fato, ajustando-se às suas faldas, a linha terá um leito longo de 121 km, todo êle a cavaleiro das maiores inundações, restando-lhe apenas seis léguas de baixada periòdicamente inundável para chegar à borda esquerda do Paraguai, na Fazenda Esperança (km 1 314). Destarte se restringirá a 36 km de aterros, com a altura média de três metros, a secção mais trabalhosa da travessia para Mato Grosso. Segue-se-lhe a passagem do Paraguai exigindo uma ponte giratória e algumas centenas de metros correntes, de viadutos — para alcançar-se, afinal, a margem direita do grande rio e, transcorridos 92 500, a estação *terminus* de Corumbá (km 1 403,5).

Apreciadas estas distâncias, que a locação definitiva não alterará sensìvelmente, resulta-nos o seguinte quadro:

De Corumbá ao Rio Paraná	953
De Corumbá a Bauru	1 403,5
(correspondentes a 57% sôbre a reta)	
De Corumbá a S. Paulo	1 845
De Corumbá a Santos	1 924
De Corumbá ao Rio de Janeiro	2 311

isto é, poderá realizar-se em dois dias e meio, com a velocidade de 40 km por hora, a viagem do Rio de Janeiro até Corumbá — que se efetua hoje num mês.

Ora, à parte as considerações econômicas e estratégicas para logo depreendidas do simples exame dêstes elementos, e sem deixarmos o objetivo destas notas, observemos desde já que aos 1 403 km da Noroeste se aditarão, gratuitos, ou sem nenhum dispêndio apreciável, mais de dois mil de navegação fluvial com a simples passagem dos trilhos sôbre a vindoura e majestosa ponte do Urubupungá.

Com efeito (seguindo à letra os apontamentos do Dr. Schnoor) o salto que ali existe é a divisa natural de dois grandes trechos navegáveis do Rio Paraná, de 100 km a montante dêle e 500 a jusante até a Cachoeira das Sete Quedas, que com os cursos praticàveis dos respectivos tributários, ampliarão consideràvelmente naquela zona a nossa imperfeita navegação interior.

Além disso, como observa o Dr. Hermilo Alves na sua notável monografia (*Problema da Viação Férrea para Mato Grosso*) os terrenos compreendidos entre as duas quedas, Urubupungá no Paraná e Itapura no Tietê, apenas distantes uma légua, são a base vindoura *do mais importante dos centros industriais da América do Sul,* dispondo da energia mecânica incalculável daquelas catadupas, que somando-se à derivada do Salto de Avanhandava, e transformando-se em energia elétrica, não só satisfará a todos os misteres das indústrias como à tração das estradas de ferro que por ali passarem.

Assim se loca, idealmente, mas com previsão segura, naqueles lugares desfreqüentados, onde mal se distinguem, hoje, afogadas em carrascal bravio, as ruínas de malograda colônia militar — uma cidade opulentíssima do futuro.

Sobretudo se advertirmos que ela será uma das mais concorridas escalas do maior tráfico interoceânico dêste continente.

Porque o destino intercontinental da Noroeste é inevitável e extraordinário.

De fato, aos *ferrocarriles* bolivianos, que vimos, de relance, há pouco, projetando-se para o sul a entroncarem com os argentinos segundo os ramais de La Quiaca e Ledesma, de modo a submeter-se a Buenos Aires tôda a exportação da Bolívia austral — contrapõem-se, de há muito, os que se projetam para o levante, visando unir Cochabamba e Santa Cruz de la Sierra à margem direita do Paraguai. Mesmo antes do Tratado de Petrópolis, a só história da sociedade belga *L'Africaine,* concessionária da construção "de um pôrto na Baía Negra e de um *ferrocarril* dali a Santa Cruz", é muito eloqüente no delatar o antigo propósito do govêrno boliviano de impelir àquele rumo as transações de suas terras orientais. E é tão constante êste empenho que, malgrado os estorvos oriundos das pretensões paraguaias, em um pleito de limites ainda não resolvido, e do fracasso da primitiva companhia, — a estrada de Santa Cruz de La Sierra a Puerto Suarez (Lagoa de Cáceres) autorizada pelo Congresso há dois anos e contratada pelo sindicato *Fomento del Oriente Boliviano,* chegou já a iniciar os seus trabalhos, transportando-se muitas toneladas de materiais pelo Prata; sendo de presumir que, passados os primeiros desfalecimentos, ela prossiga, sobretudo considerando-se, como o revelaram os estudos feitos, que no longo percurso não se lhe oporão insuperáveis obstáculos *por ser terreno plano y sin más inconveniente que el paso del Rio Grande,* consoante a própria linguagem do Govêrno da República. (1)

Tudo concorre, destarte, para um entrelaçamento; e se, a exemplo dos argentinos e chilenos, firmarmos com a Bolívia os convênios indispensáveis a regulamentá-lo, ter-se-á assegurado à Noroeste do Brasil uma missão internacional que os melhores elementos propiciam.

---

(1) Memoria que Presenta el Ministro del Fomento, etc. al Congreso Ordinario de 1903, La Paz — 1903.

Realmente, articulando-se aos caminhos bolivianos que partam de Corumbá, ou de suas cercanias na faixa ribeirinha até à Lagoa Gaíba, ela se destina a ligar a Bolívia e o Chile ao Atlântico, ao mesmo passo que, seguindo por Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba, transpondo as cabeceiras navegáveis do Guaporé e Chimaré, prosseguindo para Oruro, ponto forçado da *Pan-American Railway*, e para La Paz, de onde derivará pela estrada de Arica, o Brasil se aproximará consideràvelmente do Pacífico.

A longa travessia especifica-se em dados rigorosos, conforme os estudos já feitos nos países percorridos:

Brasil ...	Santos-Bauru	521 km	
	Bauru-Corumbá	1 403 "	
	Total no Brasil		1 924 km
Bolívia ..	Corumbá-Santa Cruz de La Sierra (582 + 20%) ...	698 km	
	Santa Cruz-Cochabamba ..	466 "	
	Cochabamba-Oruro	213 "	
	Oruro-La Paz	215 "	
	La Paz-Fronteira do Chile	236 "	
	Total na Bolívia		1 828 km
Chile	Fronteiras da Bolívia-Arica	202 km	202 km
Total de Santos a Arica			3 954 km

— realizando-se a viagem transcontinental de Santos a Arica em cinco dias e meio, com a reduzida velocidade de 30 km por hora.

Dados por igual seguros traçariam os quadros das comunicações de Buenos Aires ao mesmo ponto, segundo os dois rumos, de La Quiaca e Ledesma; e considerado apenas o último, mais digno de interêsse por dirigir-se ao Oriente Boliviano, parcelam-se estas distâncias:

Argentina .	Buenos Aires-Rosario	304 km
	Rosario-Tucuman	852 "
	Tucuman-Perico	470 "
	Perico-Ledesma	82 "
	Ledesma-Oran	91 "
	Oran-Yucuiba	196 "
	Total, na Argentina	1 995 "

Bolívia ..	Yucuiba-Santa Cruz de La Sierra — (500 + 40%)	700 km
Buenos Aires a Santa Cruz de La Sierra		2 695 "
Santa Cruz-Arica (calculada)		1 332 "
Total Buenos Aires-Arica (via Santa Cruz) ..		4 027 "

Ora, dentre as numerosas deduções resultantes dêstes números, uma se destaca suprindo as mais interessantes que se fizessem: o Pôrto de Santos, mais próximo da Europa que o de Buenos Aires, de cêrca de mil milhas náuticas, é o pôrto natural da Bolívia, no Atlântico; e terá, além disto, na luta que se travar entre os sistemas ferroviários argentino e brasileiro para a conquista dos mercados do Oriente Boliviano, as vantagens decorrentes de um traçado menor do que o dirigido à capital platina.

Revela-se, assim, de maneira gráfica, iniludível, a concorrência formidável desta estrada mato-grossense que vai aproximar-se do Pacífico, seguindo, paralelamente, o próprio deslocamento da civilização geral.

MARTIM GARCIA

À margem de *Martin Garcia y la Jurisdición del Plata,* de Agustín de Vedia

I

O Prata é uma ilusão geográfica que a pouco e pouco se apaga. Mais claramente: um estuário e extinguir-se nas derradeiras fases da evolução de um rio.

Desde 1832, numa das escalas da viagem clássica da *Beagle,* C. Darwin, embora traído por outros estudos, definiu-lhe aquêle caráter transitório. Calculando a verdadeira idade dos restos fósseis de uma fauna extinta, conservados nas argilas calcáreas dos terrenos pampeanos, descerrara para logo a imagem retrospectiva de um grande braço de mar que em épocas remotíssimas cobria inteiramente a atual província de Entre-Rios. Dez anos depois, d'Orbigny confirmou-lhe o asserto. Ampliou-lho. Distendeu o velho *mare clausum* até ao Médio Paraná. E quase em nossos dias, Herbert Smith, enfeixando um sem-número de investigações esparsas, delimitou a moldura do antiqüíssimo quadro de uma hidrografia morta: a expansão oceânica, estirando-se pelas áreas onde hoje se desatam as terras ondulantes dos pampas, dilatava-se até além das extremaduras setentrionais de Corrientes; e nela afluíam, totalmente distintos, com as suas embocaduras separadas de centenares de quilômetros, o Paraguai, o Paraná e o Uruguai.

Sobreveio então um longo período de reconstrução prodigiosa. À maneira do Nilo, que carregou montanhas para edificar as planuras estendidas a jusante de Tebas, os três rios, em cujas águas barrentas, de lamas e detritos, passavam os planaltos diluídos do Brasil Central e do

Oriente boliviano — começaram pelos séculos em fora a aterrar a desmedida bacia: precintando-a das primeiras faixas arenosas, a prefigurarem aparelhos litorais; dos primeiros baixios, aflorando ilhados, nos baixamares, à mercê dos fluxos e refluxos; das primeiras dunas inconscientes e friáveis — marejadas de saibro, a amontoarem-se, a espraiarem-se e a delirem-se à feição dos ventos; até se formarem as primeiras ilhas, multiplicando-se em arquipélagos, travando-se em istmos, ou articulando-se em penínsulas prêsas aos pontais arremessados das costas, — no vagaroso processo da constituição dos territórios, a princípio largamente reticulados no cruzamento dos "paranás" numerosíssimos, ou salteadamente afundando em depressões de que são hoje testemunhas as lagoas salgadas de Córdova e La Rioja — e, subsecutivamente, mais íntegros e unidos, de modo que, em remate, todo aquêle espaço fôsse ocupado por uma planície fluvial, de nível, encobrindo a superfície perturbada dos terrenos mais antigos onde assentava o mar.

Ora, êste ciclo não se ultimou ainda. O mesmo naturalista adverte-nos que o Paraná e o Uruguai porfiam em aterrar o último trecho da baía evanescente, "de sorte que os restos da fauna moderna serão, por sua vez, encarneirados nas novas planuras que se formarão, exatamente como os milodontes e megatérios se amortalharam outrora nos lençóis de lama de que se formaram os pampas argentinos." (1)

A dedução é segura. O crescimento da terra continuará, ali, pelos tempos adiante, adscrito ao mesmo processo natural que presidiu às formações pampeanas, até se entupir completamente a célebre "garganta" do organismo argentino, consoante a curiosa hipérbole ùltimamente aventurada entre as fórmulas da política internacional para exprimir, simbòlicamente, a entalhadura que se escancela na costa, entre Montevidéu e Punta de Las Piedras.

Não há em verdade impedir-se-lhe, em futuro remotíssimo, aquêle engasgamento.

---

(1) Herbert H. Smith. *Notas de um Naturalista.* Rio de Janeiro, 1866.

Mas os profissionais argentinos exageram-no. A sua marcha, de fato imperceptível, assume-lhes aspectos estranhos de um movimento assaltante da terra, recordando uma volta de tôda a geologia aos imaginosos cataclismos de Cuvier. Cotejam as velhas cartas do estuário no século XVI; confrontam-nas com as de agora; e registam-lhes, apreensivos, as mudanças. Revendo-as em 1902, Elmer Carthell, consultor técnico do Ministério de Obras Públicas, observou alterações profundas, e não as encobriu. (1)

A seu parecer, o delta platino, extremado hoje em Punta Morón, avança incessantemente à maneira dos do Ganges e do Danúbio. Outros vêem na superfície líqüida que o defronta desde as desembocaduras do Paraná e do Uruguai até a barra limitativa do Atlântico, expressivos atestados de um atêrro em larga escala: multiplicam-se os baixios; cegam-se, lento e lento, os canais, invadidos das areias; acentuam-se a mais e mais os espaldões das "barras"; e avolumam-se os bancos, nomeando-se sobretudo o que se alonga da Bôca de Santa Lúcia a Buenos Aires, atravessando a meio o estuário, e prefigurando um outro delta, lateral, capaz de acelerar consideràvelmente aquela obstrução enorme.

Por outro lado, em tôda a cercadura da margem meridional, novas terras emergem, enxundiando, numa sublevação contínua nímio prejudicial ao pôrto de Buenos Aires. E as plantas hidrográficas ou estudos de várias comissões nomeadas para elucidarem esta circunstância alarmante, convergem, consoantes, na afirmativa do levantamento paulatino do litoral portenho, onde se adunam de preferência os sedimentos aluviais. A terra cresce. Rasam-se as águas. Por fim se desviam rumo feito às ribas da Banda Oriental, de formação mais antiga e firme, onde, como corolário dêste desequilíbrio do regime fluvial, cada vez mais se reprofundam os canais afeiçoando-se à grande navegação.

É, como se vê, e êles julgam demonstrar, uma fatalidade física, tangível, apavorante, crescente.

---

(1) *International Bureau of the American Republics — Argentine Republic.*

Daí os trabalhos notáveis já feitos a muito custar pela República Argentina, e os que se planeiam numa escala indefinida: as dragagens sistemáticas acarretando serviços de conservação dispendiosíssimos; os balizamentos longos, dos canais, desenhando-se, a resplandecerem, à superfície das águas nas linhas pontuadas das bóias iluminativas; os semáforos flutuantes para assegurarem roteiros dúbios e penosos; as docas monumentais e *jetées* armadas à captura de uma profundidade escassa, de 23 pés, no máximo, aquém do calado mínimo dos menores transatlânticos; os projetos arrojados de canais laterais, a exemplo do que ligará La Plata ao ancoradouro de Buenos Aires, paliando--lhe apenas os defeitos irremediáveis; e a imponente construção de portos artificiais, como o de Samborombom, vindoura maravilha entre os prodígios da hidráulica contemporânea...

Recordam-nos o ressurgir da engenharia titânica dos holandeses. Mas com um objetivo oposto: para afastar a terra e atrair o mar.

Realmente, entre as linhas sêcas, e os desenhos, e as páginas crespas de algarismos dos projetos, dos pareceres, dos diagramas e dos relatórios, que conjeturas tão sombrias agourentam, se poderiam inserir as linhas comovidas de uma frase de Domingos Sarmiento escrita há cinqüenta anos: *El Rio de la Plata se embanca rápidamente em toda su extensión y en pocos siglos más Buenos Ayres dejará de ser puerto...*

Não maravilha que há pouco tempo o engenheiro Barabino, Director do *Departamiento de Obras Públicas de la Nación,* ao repelir o projeto de um canal que a seu parecer redundava no prejuízo de favorecer aquêle deslocamento das massas líqüidas para o litoral uruguaiano, garantisse, sem vacilar, que êle engravesceria a situação delicadíssima de Buenos Aires, predestinada a isolar-se em um internamento, que a despojará das vantagens de sua posição fluvial; e exemplificasse citando o caso acontecido às vistas da geração atual, de se haverem retirado as águas que formavam os antigos banhados de Palermo.

Aí se trata, evidentemente, de uma circunstância local impropriada a generalizar-se, ou a constituir-se exemplo

dominante. Tão certo é que não será em poucos, senão ao cabo de muitos séculos que desfecharão estas transfigurações vagarosas da terra — e se reduzirá o espraiado platino a um grande e verdadeiro rio, prolongando o Uruguai, de que o Paraná se tornará tributário, e ajustando-se, definitivamente, à Banda Oriental. Para isto, mais do que os sedimentos trazidos pelos rios, concorrerá a lei hidrográfica de Bear, ou seja, o próprio fatalismo astronômico da rotação terrestre, impondo aos rios orientados como o Prata, no hemisfério sul, a torção obrigatória para leste, já a se denunciar, hoje, gràficamente, na convexidade das costas ribeirinhas do Uruguai.

Entretanto, a importância histórica que porventura se ligue a um fato, de marcha muitas vêzes secular, atenua-se consideràvelmente, ou desaparece na sua própria distensão indefinida, no tempo.

Não acontece o mesmo com as suas fases atuais, intermédias. Tornaram-no de algum modo preponderante na política platina. O *facies* imanente ao estuário, no período em que o encontrou a História, figurava-se com efeito, de par com tantos inconvenientes, vantajosíssimo sob muitos aspectos à nação que lhe senhoreasse as águas, sobretudo atendendo-se que a sua condição semifluvial faria que se não pudesse limitar a sua jurisdição interior, privativa, com os princípios gerais de direito que regem os mares livres.

Ao mesmo tempo, uma navegação tateante, a colear pelos canais, tornejando baixios, submetida ao comando adventício dos práticos, criaria, fàcilmente, às mais formidáveis esquadras, situações de fraqueza irremediáveis; — e o Prata, apesar de desmarcada porta, larga de 50 léguas, que escancara ao tráfego fluvial de quase um quarto da América do Sul, poderia ser trancado de golpe, no sobrevir de qualquer conjuntura que exigisse esta medida, constituindo-se extraordinário elemento de defesa. No seu âmbito, tão ao parecer desimpedido e franco, a grande navegação até Callastiné, onde se liga à rêde ferroviária de todo o Norte argentino, depois de um trajeto de 470 km a partir da cabeceira do delta, só se efetua por um canal único, partindo de Buenos Aires para leste e de-

pois ao norte a buscar as confluências do Paraná-Iguaçu e do Uruguai. Assim, na ilusória fartura de suas águas, se risca aquêle rio estreitíssimo que ninguém vê, serpeante na profundura, escondido debaixo da carena dos barcos e, por vêzes, divagante ou vário.

Eram intuitivas as vantagens ao país que o possuísse, indenizando-se sobradamente dos dispêndios de uma conservação dificílima, com os direitos e recursos de uma fiscalização soberana. O simples apagamento das bóias iluminativas, seria o cerrarem-se de improviso tôdas as passagens.

Além disto, rematando dispositivos infavoráveis a derivarem de elementos tão prejudiciais, aquela estreitíssima trilha batimétrica antes de atingir as costas do Uruguai, e a 8 km delas, evita-as vivamente. Inflete para o norte; e depois de um curso de dezesseis milhas, ladeia os flancos de uma ilha, que comanda de alto e de perto, inteiramente, a passagem. Deixando-a, o canal alcança logo adiante o ponto onde se forqueiam o Paraná e o Uruguai.

A importância excepcional da Ilha de Martim Garcia ressalta, evidentemente, das condições naturais daquela passagem a prender-se-lhe à ilharga, e do local, tornando-a de fato a chave de tôdas as entradas para o interior por intermédio do Prata.

Revejam-se os inumeráveis projetos que de 1876 a 1899 se elaboraram e discutiram, atinentes a melhorar a travessia do estuário, sujeita sempre à preliminar de efetuar-se, de extremo a extremo, em águas argentinas, de modo que nenhum outro país compartisse a jurisdição sôbre ela; e ver-se-á como aquêle nome ressoa monòtonamente em todos os pareceres. Os mil e poucos metros do *Paso de Martín García* eram diretriz intorcível, fatal, dos mais discordantes roteiros — desenhando-se como trecho pré-estabelecido e imutável, ante o qual eram preteríveis quaisquer outros, embora dotados de melhores requisitos de navegabilidade.

É que a formação típica do Prata, originando aquela única e exclusiva linha de penetração, e bipartindo-a nas que conduzem aos seus dois grandes rios formadores, pre-

cisamente depois da passagem obrigatória, ajustada aos flancos ocidentais de Martim Garcia, fora de tôda influência estranha, revestira naturalmente a ilha de um valor que certo não teria se a rodeassem águas mais praticáveis e profundas.

Compreendem-se então tôdas as controvérsias ou convênios apaixonadamente debatidos que no correr de um século se travaram à roda de um ilhéu, de si desvalioso, e a que Diaz Solis, na falta de melhor nome, dera o de seu dispenseiro de bordo, sem imaginar que o tornaria imortal.

* * *

Sem dúvida a fisionomia histórica de Martim Garcia é uma prova do quanto importam, por vêzes, às mais complicadas relações políticas, os fatos físicos mais simples. Do ponto de vista argentino ela figura-se uma dádiva da própria natureza. Pelo menos os rios trabalhadores que construíram, conforme os cálculos exagerados de Carthell, 1 554 000 km dos melhores terrenos agrícolas da República — e que hoje estão perlongando-lhe desastrosamente para o levante o domínio territorial —, têm naquela ponta de rocha o último marco de uma tarefa milenária; desde que, evidentemente, depois dela, para leste, a correnteza forte do Uruguai, volvendo entre as barrancas firmes de formação mais antiga e estável, sobrestará de vez o avançamento dos aluviões e aterros. Além disto, enquanto êstes malsinam tôda a economia do país — rasando-lhe portos, entulhando-lhe enseadas, abarreirando-lhe os caminhos marítimos para a sua capital, ameaçando interná-la, seqüestrada dos mares, num círculo isolante de sedimentos acumulados — foi ainda à sua ilharga, a correr providencialmente no lado argentino, fora do domínio e das vistas da nação vizinha, permitindo-lhe jurisdição privativa, que se lhe abriu o desafôgo de uma passagem praticável e segura para os recessos da terra.

Então se aclaram numerosos aspectos dessas velhas questões platinas, onde os acontecimentos algumas vêzes refletem, incoerentes e discordantes, a instabilidade e as

vicissitudes do ciclo evolutivo do Prata — como se as linhas mais expressivas da História política sul-americana traduzissem ou copiassem aquela página admirável da História Natural.

Mostra-no-lo o livro de Agustín de Vedia, onde sobressai, na primeira parte, a apologia mais apaixonada e viva que ainda se fêz da posse argentina sôbre a ilha requestada. Lendo-o, depois de *La Isla de Martín García,* de Setembrino Pereda, colhe-se em flagrante a inconstância singular de muitos sucessos sujeitos na mais completa passividade à molduragem dos mais opostos juízos, à feição do subjetivismo dos que os discutem.

As mesmas coisas e os mesmos homens oscilam, bifrontes, como símbolos invariáveis, a que se trocam apenas os sinais para passar-se das fórmulas uruguaias às fórmulas argentinas.

Fôra longo reproduzi-los arrostando-lhes a inaturável monotonia. A tarefa viria a talho para demonstrar-se o quanto a História se mascara e dana com a intrusão ilógica dos casos nascidos esporàdicamente das paixões ou das discrasias de momento — espécies singularíssimas de realidades inexistentes, coisas que de fato aconteceram e històricamente não existiram pelo próprio aparecerem fora da diretriz geral das idéias e intuitos verdadeiramente dominantes de uma época.

Mas isto fôra escrever um livro apagado, paralelo às páginas fulgurantes do escritor platino. Então o caso original de Martim Garcia despontaria com interessante destaque nessas margens indecisas da pequena história, urdida de meias verdades e meias mentiras, onde rebrilha a anedota, e esfarelam-se as esquírolas das conjeturas discordantes, e campeia a farfalha dos incidentes pessoais, e releva a peripécia inexpressiva, e domina o fortuito, e pontificam soberanamente os rubros exegetas de todos os preconceitos patrióticos. Pelo menos, demonstrar-se-ia que desde a sua gênese, êle vem malignado de todos os inconvenientes e exclusivismo de uma idéia fixa e irredutível, tão obsessora que suplantou por vêzes, escandalosamente, no ânimo dos mais lúcidos estadistas, outros pensamentos e outras idéias incomparàvelmente mais altas.

Vale a pena mostrá-lo, a correr embora.

Foi em 1827 que D. Pedro I, num de seus garbosos gestos de imperador romântico, abriu ruidosamente um debate, destinado a perturbar, intermitentemente, as grandes linhas retilíneas da diplomacia imperial.

Negociava-se no Rio de Janeiro, com o plenipotenciário argentino, Garcia, o Tratado de 24 de Maio daquele ano, quando o Imperador lançou, do próprio punho, na minuta das condições que deu ao Marquês de Queluz, nosso Ministro dos Estrangeiros, a cláusula do art. 6.º, estatuindo que "se entregasse ao Brasil a Ilha de Martim Garcia, de que o Império necessitava para melhor segurança de suas fronteiras e da sua tranqüilidade." (1)

Os torcicolos das maranhas diplomáticas, cortava-os, como se vê, a linha reta daquela decisão golpeante. E o Imperador podia vibrá-la. A situação das gentes platinas era desesperadora. O recontro, lìricamente romanceado, de Ituzaingó, tivera os efeitos que devera ter — desvaliosos e inapreciáveis — próprios a uma batalha indecisa que não sombreia as nossas glórias militares.

Entretanto aquêle artigo foi para logo repelido pelo negociador argentino, embora o Presidente Rivadavia, impressionado ante o espetáculo das Províncias Unidas do Prata cindidas das discórdias civis, lhe insinuasse como elemento principal de seus esforços "e ponto de partida para tudo, a paz".

A repulsa era compreensível. D. Manoel J. Garcia era a figura preeminente da diplomacia argentina, que êle representava, quase isolado, desde os tempos agitadíssimos das lutas da liberdade. Tinha uma cultura clássica excepcional, com o supletivo de conhecimento perfeito dos homens que o rodeavam. Assistira ao nascimento da pátria. Adestrara-se no govêrno desde 1821, como ministro: era o companheiro predileto de Rivadavia, e êmulo de Julián Aguero. Além disto, a sua negociação tinha como objetivo expresso, à parte a paz anelada, a "devolução da Província

---

(1) A. Pereira Pinto. S. Paulo — 1867 — *Estudos de Algumas Questões Internacionais,* pág. 7.

Oriental à Argentina, ou a ereção dela em um estado separado, livre e independente..."; e fôra em verdade lastimável que, ainda para propiciar o conseguimento de tão elevados intuitos, êle se submetesse a uma resolução, imposta de uma forma tão abertamente imperialista.

Repeliu-a. Reaviaram-se as negociações perturbadas; e concertaram-se por fim no tratado abortício de 24 de maio de 1827.

Relendo-o, vê-se que venceu o precavido negociador, substituindo-se a cláusula alarmante pelo art. 4.º daquele acôrdo, consignando apenas que a ilha seria "reposta no *statu quo ante bellum*, retirando-se dela as baterias e petrechos".

Porém, ao mesmo tempo estonteia-nos uma surprêsa, nota-se, com espanto, a violação integral da fórmula superior de suas instruções, e que as nobilitava: pelos art. 1.º e 2.º, a Província Cisplatina continuaria incorporada ao Império, renunciando as Províncias Unidas do Prata a todos os direitos sôbre o território respectivo.

Veja-se o contraste. Martim Garcia é um rebento granítico, de duas milhas de roda, mal apontoando nas águas, com uma altura escassa, cingida de recifes fervilhantes a recordarem a ruinaria e o desmantêlo das costas uruguaias, de onde êle se desarticulou em épocas remotíssimas.

E por aquela partícula exígua do velho presídio da Metrópole, o homem mais representativo da política internacional argentina trocava um país inteiro, esquecia uma nacionalidade nova e vivaz, traindo ao mesmo passo a causa mais elevada de sua missão. Comentando êste caso de daltonismo político, observaríamos ainda que o convênio fracassou, salteando-o as rajadas patrióticas a irromperem do seio de todos os partidos em que se fracionava a República, acarretando a queda da presidência Rivadavia: e que as mais ríspidas passavam, indiferentes, de alto, sôbre o pecaminoso abandono do Uruguai, indo bater de preferência o plenipotenciário que consentira naquele tocar-se de leve na paragem intangível e sacratíssima.

Não se impressiona, contudo, A. de Vedia, com a antilogia. Cega-o a mesma fascinação. Encanta-o o romance histórico de Martim Garcia. Acompanhando-o, qualquer

leitor inexperto acaba convencendo-se que o domínio pleno de Buenos Aires, ali, se firmou como invariável preliminar de tôdas as negociações e artigo implícito, sem número, de todos os tratados. O assunto, miudeado aos mínimos pormenores, refulge em páginas que seriam subscritas pelo mais fervoroso portenho; e em tôdas elas eriça-se aquela soberania plena, apenas limitada por uns frágeis princípios gerais de livre navegação dos rios; a resistir a todos os transes; a recalcitrar, irritantemente, em todos os debates; e a sobrancear, brilhantíssima, as mais violentas crises das guerras, que não raro se centralizam em Martim Garcia: desde fins de 1825, em que a ocupou a esquadra do vice-almirante brasileiro, Lôbo, deixando-a voluntàriamente para reforçar a praça da Colônia; até meados do século, quando a expugnaram e ocuparam, durante a intervenção estrangeira, os marinheiros franceses do Almirante Le Blanc, empareceirados aos orientais de Fructuoso Rivera; ou mais tarde, durante a intervenção britânica, outra vez pelos orientais, ao mando do Coronel Garibaldi. É de ver-se então como se transfigura o significado real da conjuntura gravíssima, naquele período em que tremularam sôbre os espaldões rasteiros dos pequenos fortes da ilha, as bandeiras da França e do Uruguai. No ensofregado afã de elidir o hiato e abrir-se numa posse, que se lhe faz mister seja sempre contínua, nunca discutida, nunca perturbada, para estabelecer que a usurpação também é um meio de adquirir, imprescritível sob a consagração do tempo, e mais necessário até entre os Estados soberanos que entre os indivíduos, o escritor — não lhe importando que aquela posse tenha sido negada, solenemente, pela própria Confederação Argentina, no Tratado de 7 de Março de 1856, demasia-se às ultimas temeridades da tese preconcebida. Ininvertem-se os fatos: põe-se a História pelo avêsso; e todo afestoado das grinaldas ricas de um estilo exuberante, transfigura-se o fato desfavorável. Aproveita-se a circunstância de se ter refugiado ali, entre os desvelos de franceses e orientais, o grande e infeliz General Lavalle, com os seus companheiros repelidos pela ditadura de Rosas, para firmar-se, curiosamente, a continuidade do direito.

A ilha faz-se então o território virtual da Argentina futura, transformando-se no mais seguro abrigo da sua liberdade ao ensaiar contra o tirano uma reação predestinada a agitar-se longo tempo inútil, sulcada intermitentemente pelos revides tremendos do ditador, até que as armas brasileiras se associassem àquela aspiração nobilíssima e desfechassem a vitória internacional do Monte Caseros.

Entretece-se-lhe a legenda heróica, a um tempo fulgurante e fugacíssima, em que tanto se aprazia a inteligência sonhadora de Juan Bautista Alberdi.

"La isla tomaba para los Argentinos contornos fantásticos en ese tiempo. Lavalle estaba allí como un león encadenado, tratando de organizar el cuerpo de ejército que necessitaba para atacar Rosas en el centro de su poder. Allí se reunió su secretario y consejero D. Felix Frias, quien debía acompañarle en toda sua campaña fiel en la vida y en la muerte. Allí se fueron incorporando antiguos compañeros de armas: Olavarria, Pueyrredón, Benavente, Gonzales... Martín García recebió entonces el nombre de "Isla de la Libertad". De allí debía salir la cruzada redentora, al mando del héroe de la emancipación americana, en quien todos los proscritos de la tiranía cifraban sus esperanzas de salvación..." [1]

O estilo é quase bíblico, na simulcadência dêstes períodos breves. Compassa-o o reiterativo de um advérbio martelante a marcar o passo grave de um pensamento solene. Mas é por isso mesmo eloqüente. Se a algum pensador vadio acudisse o intento de interpretar a odisséia das ilhas, numa longa derrota pelos séculos em fora, desde Ítaca a Santa Helena, ao chegar à bôca do Prata bastar-lhe-ia traduzir, justalinearmente, as páginas mais gongóricas da literatura hispano-americana.

Por aquêles tempos o espírito maravilhoso de Alberdi doidejava em ditirambos sem rimas, contemplando-a:

"Martín García! apenas conocido de los marinos de los ríos, este nombre obscuro como tus rocas y tus aguas,

---

(1) Agustín de Vedia, *Martín García y la Jurisdición del Plata,* Buenos Aires, 1908, pág. 112.

representará en adelante una leyenda gloriosa, un monumento eterno de sublimes recuerdos..."

Ou, mais longe, arrebatado na visão dos sonhados dias da liberdade:

"El navegante solitario no verá tus montes, ni tus rocas, como esas creaciones indiferentes al corazón. Tus aguas serán queridas y tu tierra respetada. — "En ella se reunirán!" dirá. Y esta palabra recordará una época entera..."
"Martín García! bendición sobre ti!"

Por fim a sua fisionomia histórica ampliou-se numa utopia. Nos últimos tempos da ditadura de Rosas todos os alentos da nacionalidade dessangrada pela *Mashorca* parecia concentrarem-se na fortaleza moral de um homem. Domingos Sarmiento sobressaía nas crises da sua terra despedindo os clarões de suas grandes esperanças, presságios de um próximo amanhecer depois de uma noite nacional de vinte anos.

E entre os planos engenhados pela sua inteligência infatigável, idealizou aquela cidade maravilhosa que seria um dia capital dos *Estados Unidos da América do Sul* e sede fundamental, aduaneira, do majestoso *zollverein* do Brasil, Uruguai, Paraguai e República Argentina. Porém, locando-a em Martim Garcia, que êle percorrera e medira, muito a sério, muito convencido, sem que o desinfluísse base tão exígua a ideal tão desconforme — o extraordinário escritor no que sobretudo atentou foi naquela situação preexcelente, à forquilha dos dois grandes rios, com os dispositivos hidrográficos, que revimos, e tanto a aparelham para submeter ao critério argentino tôda a navegação do Prata.

Não o disfarçou. É para ver-se-lhe o ingênuo entusiasmo: "*Aquela islita que los Europeos ocupaban siempre sin darse cuenta por que, es hoy, moral y politicamente hablando, un Gibraltar, un capitolio, un mundo. Ahí está el nudo gordiano de la cuestión argentina. De ahí dependen los destinos de las provincias del interior, del Paraguay y mucho del Uruguay...*"

É quase a apologia do velho espectro histórico do Vice-Reinado. Uma linha mais, e o espírito glorioso do pensador da *Civilización y Barbarie* resvalaria ao imperialismo raso de Manoel Rosas.

Mas, ainda neste caso, a sua ilusão era enorme. Jacente a menos de três milhas da costa do Estado Oriental, o Gibraltar ardorosamente proclamado seria hoje derruído em poucos dias, aluindo-se pedra por pedra, desmantelando-se, desmontado por qualquer bateria de canhões modernos que se emparquem na margem uruguaiana e se conteirem, diminuindo até os ângulos de mira para que não passem altas de mais, sôbre ela, as trajetórias distensas de três léguas.

Dado, porém, que a indústria da guerra não se aperfeiçoasse tanto — e pondo de lado uma hipótese deplorável cada vez mais repelida pela cultura sul-americana — a legenda heróica de Martim Garcia, urdida pelos agentes terrestres articulados às agitações humanas, seria inteiramente desfeita com o simples progredir do fato natural que lhe propiciou condições tão vantajosas.

Desde 1855 um oficial da marinha norte-americana descobrira, por acaso, à outra banda, entre ela e a margem uruguaia, um nôvo canal, de requisitos superiores de navegabilidade a contrastarem em todos os pontos com o estado cada vez mais precário da antiga passagem histórica, do Ocidente argentino, que de ano para ano ia tornando-se menos praticável, apesar dos incessantes e pertinazes serviços de dragagem quase inúteis ante a invasão contínua das areias.

E êste incidente que, inexplicàvelmente, Agustín de Vedia não cita, esta maravalha banida às últimas notas dos anais geográficos, ao mesmo passo que apagaria de vez no quadro das relações internacionais os contornos da ilha memorável — ou atenuar-lhe-ia a primitiva importância, destruindo-lhe o primitivo encanto —, acarretou conseqüências mais sérias, substituindo o remoído debate da soberania sôbre uma rocha quase a afogar-se nas águas, pelo mais complexo, ou mais inçado de preconceitos patrióticos, que se diz a "jurisdição do Prata".

II

Referindo-se ao canal que se predestinava a deformar e torcer o rumo das questões platinas, Agustín de Vedia aponta-nos como documento mais remoto revelador de sua existência um informe do século XVIII, do pilôto castelhano Oyarvide, destinado a ilustrar mais tarde os debates de limites entre Portugal e Espanha. O descobridor dera-lhe então o nome de Canal do Inferno, *"por las muchas corrientes que en él hay y la gran marejada con vientos del sur"*.

Poderíamos reivindicar a nossa primazia, herdada, no acontecimento, destacando expressivos tópicos do diário da navegação da armada que veio ao Brasil em 1529, de Pero Lopes de Sousa, de onde se concluiria que o destemoroso cavaleiro do mar, esclarecendo a rota de Martim Afonso, perlustrou aquelas paragens.

E seria um encanto o seguir-se, longamente, a esteira secular da dilatada derrota descrita naquela áspera língua portuguêsa do tempo, onde as sílabas duras traem a palavra robustecida e feita para ser ouvida entre os barulhados ruídos das vagas e das tormentas.

Vindo do Cabo de Santa Maria, na larga volteadura da costa, e fazendo o seu caminho ao longo dela a um tiro de besta da terra, o grande marinheiro penetrou no Prata, "onde o mar era tão grande que não lhe poderia parecer que era rio", num mau dia de tempestade, sob um resplandor de coriscos a sarjarem o cariz dos céus, e a romper sôbre as vagas rijamente picadas do sudoeste, "correndo tanta fortuna quanta homens nunca passaram". Prosseguiu ao arrepio da correnteza, rumo feito a noroeste, "com pouca vela e a sonda na mão" impressionado com os muitos fumos que via no litoral convizinho, pelo que determinou de "pôr a artelharia em ordem, a irem concertados para pelejar"; e lavrou, temeràriamente, as águas daquele impetuoso canal. Alargou-se de terra; e foi surgir à "pustura do sol a hua ilha grande, redonda, tôda chêa de arboredo", à qual pôs o nome de Santa Anna, e é hoje Martim Garcia. Pernoitou-lhe à ilharga, "matando muito pescado de muitas

maneras, pexes d'altura de hum home, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas".

Ao outro dia saiu em terra; mas o vento saltou, ao sul, obrigando-o a por-se da banda do norte da ilha, "com muita tempestade"; até que se abonançou o tempo e êle foi de nôvo à ilha "onde mandou pôr fogo em três partes dela, para ver se lhe acudia gente, e não virão senão fumos". Deixou-a, velejando a nornoroeste. Foi surgir, ao cabo de dois dias, à bôca de "hum rio de mea legua de largo, e de hua banda e doutro tudo chêo de arboredos" — que é hoje o Paraná-Iguaçu. "A água corria muito teza para baixo; havia de fundo dez, doze braças de lama mole". Apesar disto "foi avante aos remos"; e penetrou-o. Debateu-se longos dias, estonteado no labirinto dos paranás, "onde tudo eram braços e ilhas e eram tantas as bôcas dos rios que nam sabia por onde andava"; até chegar à terra, que chamou "dos Carandins", mandando "fazer muitos fumos, a ver se lhe acudia gente... e no sartam responderam com fumos muito longe". E "porque via que nam podia tomar pratica da gente da terra, e havia muito que era partido donde Martim Afonso estava", resolveu se tornar dali "pondo dous padrões das armas de El-Rei e tomando posse da terra", cuja latitude determinou — 33°45'. [1]

Êste périplo, porém, distancia-se exageradamente no passado.

Mais expressiva para o nosso caso, até pelas considerações que no momento sugeriu, foi a notícia transmitida de Buenos Aires em dezembro de 1855, pelo Tenente Page, comandante da *U. S. Steamer Water Witoh,* à Real Sociedade Geográfica de Londres, que sôbre reivindicar para o marinheiro *yankee* a precedência da descoberta, nestes tempos, daquele canal, depois de um apagamento três vêzes secular, tem o mérito de expor imparcialmente, às claras, sem preconcebidos intuitos, um juízo superior quan-

---

(1) *Diário da Navegação da Armada que Foi à Terra do Brasil em 1530,* escrito por Pero Lopes de Sousa, e publicado em Lisboa em 1839 por Francisco Antônio Varnhagen. Rio, 1874.

to aos limites jurisdicionais das águas do estuário, robustecidos do beneplácito da mais ilustre entre tôdas as associações geográficas.

Traduzindo-se o comunicado inserido em um dos boletins daquela sociedade, observa-se, realmente, que naquele ano o Comandante Page descobrira uma nova passagem entre a Ilha de Martim Garcia e a costa oriental, tendo mais dois pés de fundo, do que a antiga. "Mas, a importância do achado não estava apenas naquela maior profundidade do nôvo canal, senão também no caráter político que êle assumiria. Êle destinava-se a despojar Martim Garcia da importância geográfica que lhe dava o Govêrno de Buenos Aires, porque à exclusiva jurisdição que até àquela época êste último exercia sôbre o antigo canal a correr todo em seu território, se iria contrapor, na nova passagem, a jurisdição concorrente da Banda Oriental. O nôvo caminho, além de mais praticável, afastava-se 1 ¼ de milha da ilha, retirando-lhe assim o comando perfeito anteriormente exercido sôbre as entradas dos rios Paraná e Uruguai." (1)

A tradução é quase literal. E deve-se convir, deletreando-a de par com o original em inglês, em que o Comandante Page parece haver traçado aquelas linhas como se em largo descortino contemplasse o futuro. É de lamentar-se que Agustín de Vedia não as interserisse na sua argumentação poderosa.

---

(1) Sublinhem-se os lances mais decisivos do original.

"The importance attached to this discovery is not confined to the greater depth of water in the new channel, *but it assumes political character. It deprives Martin Garcia of the important geographical position which is attached to it by the Government of Buenos Aires,* in whose hands it is at this time.

"Instead of Buenos Aires possessing, as she now claims, *exclusive jurisdiction* over the old channel leading into the rivers Paraná and Uruguay, on the ground that her territory is on both sides, over the new channel, she has *only concurrent jurisdiction with the Banda Oriental.*

"The new channel is more easily entered, and in it vessels are not obliged to pass near to Martin Garcia than 1¼ m., *this taking from (despojando) this island the perfect command it formerly had* over the entrance to the rivers Paraná and Uruguay". *Proceedings of the Royal Geographical Society.* Vol. 1.º, 1855-7. Rear-Admiral F. W. Beschey's addres. — pág. 170.

Com efeito, não só elas reúnem, como resolvem o embaraçadíssimo assunto.

Senão, vejamos.

A questão do Prata, relativa à soberania, e subsecutiva jurisdição das suas águas — excluído o incidente da posse de Martim Garcia, hoje desvalioso e apto a ser resolvido à parte —, divide-se em dois aspectos fundamentais, consoante os critérios divergentes, naturalmente oriundos da própria feição ambígua, meio fluvial, meio marítima, do estuário.

A uma banda, alinham-se os que o consideram uma reentrância, ou entalhadura atlântica, submetida ao regime internacional dos mares livres. É o critério britânico, ainda há pouco formulado entre violentos protestos da opinião uruguaia, a contrastar com a injustificável indiferença da opinião argentina.

À outra banda estão os que ali vêem, esteando-se nas mais firmes, nas mais infrangíveis e nas mais claras noções fisiográficas, um rio, e conseqüentemente adscrito à jurisdição interior, ou privativa, dos países circundantes. É o critério uruguaio neste momento; e o critério argentino, tradicional, até pouco tempo.

Poder-se-ia aditar uma terceira forma, a que mais a engravesce e dana, dos que, caracterizando-o como rio, ampliam desmedidamente os direitos de uma posse exclusiva, admitindo que sôbre todo êle, até ao último farelhão de ilhota inapreciável, até ao último grão de areia das suas barrancas, molhado das enchentes, até à última ponta de cabucho a arremessar-se das costas, se possa generalizar a soberania indiscutível de uma nação isolada, criando-se o "monopólio das águas". E êste seria o critério argentino atual, se, como veremos depois, os juízos mais elevados e lúcidos emitidos pelos melhores homens de govêrno da República, desde princípios do século até hoje, não livrassem uma nacionalidade de subscrever a doutrina singularíssima de Estanislau Zeballos, malgrado a sua invejável inteligência. [1]

Não antecipemos.

---

(1) *Correndo o véu*... 14 de setembro de 1907

Daquela comunicação, propagada depois pelo presidente da grande associação científica da Inglaterra, resultam desde logo duas conseqüências essenciais.

A um lado, é ilativo que já naqueles tempos, ao parecer das autoridades mais sérias, e filhas da nação entre tôdas mais interessada em se definirem as bases físicas, onde se decalcam os princípios reguladores da navegação geral — o Prata não se considerava um mar livre. A opinião do oficial norte-americano não era isolada.

Além de seu prestígio oficial, refletiu, naturalmente, a de outros profissionais, sobretudo inglêses, que naquele mesmo ano estudavam, por ordem expressa do Almirantado, aquêles lugares: bastando nomear-se o *Lieut.* Sidney encarregado das sondagens nos baixios circunjacentes a Martim Garcia, ou o *Lieut.* Day, a quem se deve uma das melhores cartas do Paraná a partir de Corrientes. Ademais a Sociedade Geográfica de Londres reforçara-lhe, implìcitamente, o asserto. Destarte o protesto recente do Uruguai contra o govêrno da Inglaterra, quando êste considerou o estuário um braço de mar, tentando debruar-lhe as margens com a faixa ideal das três milhas dos limites territoriais, contestando às nações ribeirinhas velhíssimos podêres incorporados no Direito Internacional desde os tratados de Paris e de Viena (1815 e 1816) — naquele lance, a diplomacia uruguaia poderia religar os seus argumentos com as linhas tradicionais da geografia britânica. Elas asseguram o caráter fluvial do estuário, aliás derivado da sua interessante gênese geológica. E removem da discussão, simplificando-a, aquelas regras instáveis das demarcações das águas jurisdicionais, que intermitem a variarem em todos os convênios, sempre mudáveis, sempre provisórias no recortarem as faixas dos mares territoriais, que hoje se alargam entre os limites extremos de três e cinco milhas, e serão amanhã mais largas, e irão aumentando a pouco e pouco, indefinidamente elásticas, dilatadas pela voz troante dos canhões de costa e submetendo o espírito do legislador aos ramos ascendentes das parábolas das balas.

A outro lado, conclui-se que já naqueles tempos, entre profissionais de todo despeados das lutas ou rivalidades

acaso existentes entre as Repúblicas platinas, se punha de manifesto o conceito de que o rio, nos limites das regras normais estabelecidas, era também parte integrante do Uruguai, compartido por êle e pela Argentina. Os dizeres são límpidos; o canal recém-descoberto despojaria a Ilha de Martim Garcia da importância política e geográfica que lhe dava o govêrno de Buenos Aires em virtude de um motivo essencial, resumindo-se em que dali por diante a entrada nos rios Paraná e Uruguai, que ela comandava do lado argentino, deslocava-se para a outra banda, onde haveria de repartir-se com a República Oriental numa fiscalização até àquela época indivisa e privativa.

O lance de vistas do Comandante Page, porém, foi ainda mais longe. Naquele conceituar que a valia de sua descoberta estava menos nos requisitos físicos da nova passagem do que no caráter político que ela assumiria, o seu magnífico bom senso dilatou-se na visão de um estadista. Adivinhou, com surpreendedora presciência, que aquela jurisdição comparte, naturalmente e obrigatòriamente comparte, tão clara, tão de si mesma evidente, tão a desenhar-se nas mais nítidas linhas geográficas, teria de ser iludida, ou discutida, ou quase sonegada mais tarde, acarretando ilógico e condenável tumulto em tôda a política internacional sul-americana.

E relanceou um futuro obscurecido, do qual, sòmente passados cinqüenta e dois anos, se "descerrariam os véus..."

* * *

Neste lanço o livro de Agustín de Vedia é admirável. A monstruosa anomalia, a tese aventurosa segundo a qual a *"República de las Antiguas Provincias Unidas de La Plata, hoy Confederación Argentina, es la soberana exclusiva de la boca y de la navegación del rio de la Plata"* (para deixar-se, prudentemente, nos seus próprios dizeres a cinca resvaladia), a quimera retardatária ressurgindo à última hora para espanto de tôda a civilização, redu-la a pena desfibradora do velho escritor a um caso vulgaríssimo de

ignorância de Geografia e História; e, sobretudo, de desconhecimento de elementares noções políticas, porque sobrecarrega a singular pretensão de constringir, impacta, a República do Uruguai aos limites secos de suas costas nos baixamares, com a obstinada recusa em submeter ao *veredictum* supremo da arbitragem tão lastimável pendência.

Quer dizer: para que seja viável aquêle pensamento retrógrado, faz-se-lhe mister aberrar da linha superior da própria política internacional da Argentina, tão nobremente fundada no direito e na justiça nas suas questões territoriais com o Brasil e o Chile — e, ainda, do rumo geral da política americana, que já vem de um itinerário quase secular, desde a Conferência de Panamá (1826), às de Lima (1817 e 1865), à de Caracas (1888), à Pan-Americana de Washington (1889), aos Congressos Ibero-Americanos de Madrid (1892 e 1900), ao científico de Montevidéu (1901), aos Pan-Americanos do México e Rio de Janeiro (1902-1906) — resumidos todos na sanção universal da Segunda Conferência de Haia.

E esta só consideração a invalida e esmaga.

Mas embora a excluíssemos, o quadro da política argentina é o melhor reverso de tão revolucionária tese. Agustín de Vedia desenha-no-lo em páginas extraordinárias, onde o escritor é por vêzes suplantado pelo assunto, tão vivas são as cargas cerradas dos fatos que êle revela, tão numerosos os argumentos que o atropelam, claros, irrefragáveis, interpretando-se no próprio enunciar-se sem deixarem frinchas ao comentário mais breve, articulando-se, espontâneamente, no discorrer sucessivo e contínuo, ou deduzindo-se uns de outros numa seqüência tão lógica e irresistível, que as simples datas de seus aparecimentos se alinham com o rigorismo e a convergência inflexível de uma verdadeira série matemática. Aqui, é a convenção que congregou em 1854 o melhor da mentalidade argentina para deliberar-se acêrca dos limites territoriais do nôvo estado platino — a adotar, por unanimidade, a linha divisória do Rio da Prata, pela metade de sua corrente. E ouve-se a palavra soleníssima de Bartolomeu Mitre, acentuando a êste propósito que "certas linhas gerais traçadas pela Providência,

aceitas como leis naturais escritas sôbre o terreno, e sancionadas não só pela consciência do povo de Buenos Aires, como também pela de todos os povos, se não podem riscar porque as delineou a própria mão de Deus. . ."

Além, como a mostrar a altitude da Justiça, capaz de nivelar figuras tão diversas, irradiando ao mesmo tempo nos mais luminosos e nos mais obscuros espíritos — é o govêrno crepuscular de Juan Manoel Rosas, que ao despedir um de seus decretos tirânicos relativo ao tráfego fluvial do rio, atentatório da soberania do Uruguai, não reluta em acolher o protesto dêste, e declara que, de fato, para a soberania generalizada, argentina, naquelas águas *"no puede alegarse título alguno, siendo comunes las aguas."*

Além são os tratados: o brasílio-uruguaio, de comércio e navegação, de 1851; o de 1853, entre a Inglaterra, França, Estados Unidos e República Argentina; os de 1853 e 1859 do Paraguai, França e Inglaterra; a convenção fluvial de 1859 do Brasil e Argentina — uns expressa, outros implìcitamente aceitos por esta última, a fixarem regras e medidas fiscais, a redundarem todos no conhecimento pleno do território fluvial que hoje se discute. Mais longe, é o célebre Canal do Inferno, que se desvenda de todo em 1877, fazendo que se realizem logo por iniciativa do govêrno oriental sérios trabalhos de balizamento e dragagens, abrindo-se subsecutivamente ao tráfego comercial, sem que o govêrno da República defrontante proteste. No mesmo ponto, em 1890, é a administração argentina, resolvendo-se a dragar ou melhorar o Passo de Limetas: protesta o govêrno do Uruguai contra o que considera uma invasão, e o Ministro das Relações Exteriores, Dr. Estanislau Zeballos, exculpa-se nobremente, declarando tratar-se de um simples conhecimento, caso de pouca monta, *"operación que reputaba inocente."* Logo depois, a legação argentina, em Montevidéu, a dirigir-se à chancelaria oriental, em ofício seguido dos planos e memórias dos serviços que se projetam naquela passagem — e declarando que o seu govêrno cumpre um dever, esclarecendo-a de tudo, porque as *"obras a realizarse pasan por aguas de jurisdición oriental."* Um ano antes, é o Ministro da Fazenda argentino, Dr. Vicente Lopez,

a insinuar, em nota ao plenipotenciário uruguaio, que *"en esas aguas comunes se assimile la bandera oriental y la nacional"*. No ano seguinte (1893), é outra vez o Dr. Zeballos, ministro então da presidência Pelligrini, enviando uma memória ao Congresso, a explicar que instruiu a legação argentina de Montevidéu para conseguir do govêrno do Uruguai a indispensável aquiescência aos reparos dos *pasos* de Martim Garcia, caso alguns dêles tocassem em *"algún punto canales sometidos a la jurisdición de aquel país..."*

Fôra inútil prosseguir. Sôbre tudo isto paira, soberanamente, a grande voz desta glória sul-americana, que é Domingos Sarmiento: *"Convendría, para terminar este embroglio que los Estados del Uruguai, del Plata, del Paraná, y del Paraguay, el Brasil incluso, celebrasen un congreso de plenipotenciarios para ponerse de acuerdo sobre el trecho del Gentes que ha de regir "en aguas que son comunes a todos"*.

E esta jurisdição comparte, do estuário, que, como se vê ofuscantemente, foi sempre norma em todos os tempos assentada por todos os governos argentinos, incluindo a ditadura de Rosas — e teve o beneplácito de chefes de estado do porte de um Bartolomeu Mitre ou de um Sarmiento, assim como de todos os presidentes constitucionais, de Avellaneda, de Julio Roca, do próprio Juarez Celman, de Pelligrini, de Urubiru, de Quintana; a comunhão que jamais se contestou, ou foi sequer opinável, e sobressai a cada passo inteiriça, em todos os tratados, em tôdas as notas diplomáticas, em todos os relatórios ministeriais ou técnicos, nas mensagens presidenciais, na vasta cópia de documentos trocados entre as duas repúblicas; a associação jurisdicional, que no Prata seria até um belo princípio de alta moralidade histórica, sancionando os laços consagüíneos de duas nacionalidades irmãs — tornou-se, inexplicàvelmente, passível da mais singular teoria, que ainda engenhou a metafísica política dos que se divertem em revolucionar as próprias leis naturais do desenvolvimento das nações.

Esta, porém, ficará como um epílogo idealista, e nada mais, indispensável ao formoso romance histórico de Martim Garcia.

A jurisdição do Uruguai sôbre as águas platinas, nos limites normais do direito, imposta vigorosamente pelos antecedentes históricos e pelas próprias leis naturais, é dessas causas superiores, que para triunfar dispensam a fragilidade das espadas, amparando-se exclusivamente na fortaleza eterna e tranqüila da justiça.

NOTA — Êste ligeiro ensaio foi vertido para o castelhano, por Agustín de Vedia.

O PRIMADO DO PACÍFICO

A fórmula geral dos destinos norte-americanos traça-se com a singeleza e o rigorismo de uma identidade matemática: *Far West* = *Far East*.

É uma expressão positiva. Não a escrevemos sob o encanto e o estonteamento dos devaneios tremendos, lírico-militares, do Comandante Mahan. Podemos demonstrá-la, rijamente repregada de algarismos duros, seguindo, por citar só um nome, o *Hon.* O. P. Austin, que no superintender a estatística geral da grande república, desbanca qualquer presunçoso sociólogo, definindo-lhe a expansibilidade econômica irrivalizável.

Pelo menos, acompanhando-o, não mais nos maravilhará que os Estados Unidos hajam exagerado em tanta maneira as rêdes de seus caminhos de ferro, articulando-os às seis estradas, tão ao parecer excessivas, entre o Atlântico e o Pacífico, que possam hoje, desdobrando-as, enrolar oito vêzes uma cintura de aço em tôrno da Terra, no Equador, graças ao estiramento espantoso de 382 000 km de duplos trilhos.

É que lhes não basta — a exemplo da Rússia com o precário e tardo transiberiano, ou da Inglaterra, com a linha única, transcontinental, do Canadá — ligar, linearmente, um litoral a outro, para o só transporte de passageiros e de cargas. Torna-se-lhe urgente deslocar para o Pacífico o melhor das energias nacionais, nascentes nas mais distantes zonas do país. As vagas povoadoras que durante meio século se desencadearam para o *Far West*, atraíram também àquele rumo as tendências mais enérgicas de tôda a nacionalidade, impossibilitando-a de estacar nos litorais do Oregon e da Califórnia. A mesma fôrça viva

acumulada na marcha impele-a, agora, para o grande oceano.

Ela vai transpô-la, dilatando nas esteiras de uma navegação intensíssima os leitos de suas estradas.

O movimento é irresistível. Não no-lo justificam dúbias ou imprecisas teorias, opináveis e vacilantes. Desenham-no-lo diagramas traduzindo, gràficamente, expressões numéricas irredutíveis. Sobressaindo aos mais arrojados ideais políticos, domina-o, com efeito, antes de tudo, a fatalidade física de um exagêro de crescimento e de fôrças de tal porte, que o encêrro cauteloso da grande república, nas linhas de suas fronteiras, com o insuficiente derivativo do comércio tradicional do Atlântico, lhe acarretaria perigos mais sérios que os imanentes ao mais aventuroso e combativo imperialismo. Pelo menos determinaria uma catástrofe original na História: a de um povo morrendo pelo excessivo da vida, tombando fulminado por uma pletora industrial maravilhosa. Tão certo é que o excesso da produção agrícola e das manufaturas da América do Norte, sendo o traço mais vivo da atividade contemporânea — ocasiona ao mesmo tempo entre o seu comércio geral, menor que o da Inglaterra ou da Alemanha, e o exportador, maior que o de qualquer destas duas grandes nações ativas, um desequilíbrio crescente, de efeitos tão funestos, que ameaçam desfechar na anomalia de uma sociedade prejudicada pelo seu próprio desenvolvimento.

Daí os lances de um expansionismo sem par, que é o encanto e o assombro de todos os economistas, bastando, a êste propósito, recordar-se o caso significativo da improvisa "invasão *yankee*", rechaçando, em 1899-1900, as manufaturas européias dentro dos mercados da Europa, e excitando alarmas e pavores só há pouco tempo apaziguados, graças ao antagonismo e à concorrência poderosa da Alemanha. Mas ainda quando se não verificasse a reação germânica, precisamente definida por um triunfo ruidoso e definitivo nas indústrias do ferro, aquêle sucesso transitório não trairia o descortino dos estadistas norte-americanos, do mesmo modo que o revés subsecutivo não os desenfluiu ou amedrontou. Porque, quando vieram a medir-se, daquela forma, as duas grandes indústrias, os mais seguros

elementos já lhes haviam desvendado, fora e longe da Europa, e ainda da América do Sul, na Ásia, a base real da vitalidade econômica da república.

Revelavam-lha para logo os grande números da estatística nos efeitos finais de suas estimativas, mostrando-lhes que, nesta quadra, enquanto os Estados Unidos exportam para tôda a Terra apenas 30% de seus objetos manufaturados, destinam mais de 60% dêles ao consumo exclusivo do Levante. E êste contraste subia-lhes de ponto ao acompanharem de perto a evolução geral do tráfico asiático. Assim é que — excluídos apenas em parte o cautchu e o café — consideravam que o melhor da importação, cada vez mais avultada, dos materiais indispensáveis à vida e às artes norte-americanas, procedia, imediatamente, do *Far East*: a sêda bruta subira, de 500 000 libras em 1870, a 12 000 000 em 1900; as várias espécies de fibras vegetais passaram de 100 000 000 a 600 000 000 de libras; o chá aumentara de 5%; e o açúcar de que se consumira em 1870 um milhão de libras, em 1901 atingira a quantidade fantástica de 4 500 000 000.

Resumindo estas medidas formidáveis: a importação de produtos tropicais e subtropicais provindos das paragens asiáticas, ribeirinhas do Pacífico, alçara-se no comêço do século a 400 000 000 de dólares, quase igual ao resto de tôda a importação mundial norte-americana. (1)

Por outro lado, à exportação de seus principais artefatos descerravam-se desmedidas perspectivas. Os mercados que se lhes antolham no Extremo-Oriente avolumam-se em cifrões ainda mais estonteadores: a China poderá importar-lhes, desde já, em números redondos, $190 000 000; o Japão, $140 000 000; a Australásia, $250 000 000; a Índia (porque o comércio inglês remorado na travessia do Suez será batido nas viagens rápidas pelo Pacífico), ... $300 000 000; e a Rússia asiática, a Coréia, a Indochina permitindo prefixar-se, sem exageros, nos primeiros tempos, às vendas exclusivamente norte-americanas o mínimo de

(1) *An Address Before the National Geographic Society*, by the Hon. O. P. Austin, April, 2, 1902.

$1 300 000 000, anuais, que o nosso desfalecimento financeiro traduz tìmidamente: três milhões e novecentos mil contos...

Ora, por desconformes que se nos mostrem, êstes valôres hipertrofiados de zeros ressaltam de elementos concretos, mensuráveis e claros. (1)

Acompanhando-se justalinearmente os argumentos de Austin, que neste assunto, até pelo título oficial, supre por quaisquer outras autoridades, conclui-se que desde a abertura do canal de Suez (1869), e apesar dela e dos auxílios dados ao intercâmbio europeu, o trato mercantil do Extremo-Oriente tendeu sempre, numa direção uniforme e firme, a gravitar inteiramente na órbita avassaladora do industrialismo *yankee*. Em seu cálculo êle considerou o semicírculo de países que vão da Coréia ao Japão, à China e à Australásia, tendo o centro geométrico em Manilha, e abrigando nas suas terras cêrca de um têrço da humanidade. E demonstrou que as suas compras, orçadas, em 1868, em $575 000 000, ascendiam a $760 000 000 em 1880; a $1 025 000 000 em 1890; e a $1 260 000 000 em 1900, ao mesmo passo que as vendas iam de $588 000 000, no primeiro ano nomeado, a $1 257 000 000, hoje. Então, com igual inflexibilidade aritmética, definiu a trajetória vitoriosa da indústria e da agricultura norte-americanas, ajustando-a com impecável paralelismo a todo aquêle maravilhoso despertar do Oriente. Os números travam-se, outra vez, em relações inflexíveis. Em 1868 os países precitados compravam à República mercadorias eqüivalentes a... $8 000 000 apenas, isto é, menos de 2% do que lhes fornecia a Grã-Bretanha; em 1880, entretanto, a importância

---

(1) Aquelas importâncias são naturalmente nímio diminutas ante as de um próximo futuro.

Em estudo recente, o ministro japonês Eki Hioki demonstrou que só a China, com uma população oito vêzes maior que a do Japão, num território vinte e seis vêzes mais vasto, pode, de acôrdo com a razão de $27 *per capita*, estabelecida hoje para a riqueza européia, figurar no comércio universal com o número assombroso de 10 800 000 000 de dólares por ano, se não se tolher o seu inegável desenvolvimento atual. (Vide o n.º XVII, de setembro de 1906, do *National Geographic Magazine*).

saltara a $30 000 000; excedia $60 000 000 em 1890; chegando, em 1901, a $110 000 000 — exigindo-se a percentagem relativa de 10%, ao revés dos escassos 2% de há trinta anos. Ora, defrontadas tais importâncias e as correlativas do comércio inglês no mesmo período, inferiam-se os mais golpeantes resultados. Realmente, apesar de sua antiga soberania açambarcadora de tôda a economia oriental, os produtos remetidos da Inglaterra, que já em 1868 se computavam em $310 000 000, alcançavam, a cabo de três décadas, apenas $162 000 000. E a simples diferença destas quantias, confrontada com a das que lhes correspondem no tráfico dos Estados Unidos, patenteia, deslumbrantemente, ao mais rombo calculista, que ao diminuto acréscimo de 50% da exportação britânica contravêm cêrca de 1 000% — mil por cento! — da exportação *yankee*.

Entretanto, os resultados surpreendentes desta enorme invasão pacífica do *Far East*, realizaram-se tolhidos de permanentes obstáculos, oriundos, sobretudo, das desmarcadas distâncias daqueles mercados antípodas. A despeito de um farto sistema ferroviário, a simples circunstância de estarem no litoral atlântico os seus mais intensos centros produtores e consumidores, de par com a insanável inferioridade econômica dos transportes terrestres em relação aos marítimos, subordina os Estados Unidos a uma situação sobremaneira desvantajosa, de quase vassalagem comercial, perante os concorrentes europeus. Atente-se apenas em que as três grandes estradas, ainda hoje percorridas por dois terços de seus navios, em demanda do Oriente, são — a do Canal de Suez (12 500 milhas), igual à metade da circunferência da Terra; a do Cabo da Boa Esperança . . . (15 000 milhas); e a desproporcionada volta contorneante pelas águas lavradas de tempestades, do Cabo Horn, com 16 000 milhas; ao passo que o máximo de todos os roteiros europeus se dilata até às 10 500 milhas, entre Londres e Xangai.

Não se comentam dados dêste teor. Evidentemente o corte do Istmo de Panamá, ainda admitindo-se que não o inspirassem imperiosos motivos sociais e políticos, rasgar-se-ia à pancada dêste *rush* irreprimível para o Levante, destinada a rematar no desafôgo dos mares o movimento

que, há muito, arrebatou por terra para o *Far West* os pioneiros mais heróicos do industrialismo contemporâneo. Mas o decênio que ainda gastará a sua abertura avoluma-se sobremodo no vertiginoso dos acontecimentos atuais. Vale por um século antigo.

No decurso dêste período podem torcer-se as diretrizes da História. O *wakening of the East,* se o medirmos pela escala do Japão — isto é, por um décimo da sua valia futura — originará indescritíveis surprêsas. Não há prefigurá-las. Não existe em todo o passado um só elemento, ou sucesso, ou ponto de referência, para se avaliar o renascimento quase repentino de um têrço da humanidade e sôbre um têrço da superfície útil da Terra. A literatura que a êste propósito se engenha hoje na Europa, e mesmo nos Estados Unidos, é instável e vacila no próprio assombramento de suas conjeturas apocalípticas e desvairadas. Mas por anômalas que se nos figurem estas visões apavorantes do futuro, pode-se presumir que, se porventura houver de reproduzir-se um conflito universal, entre mongóis-malaios e caucásios, o cenário não se armará como na Idade Média, nas estepes da Europa Oriental.

Desenrolar-se-á no Pacífico...

Então os interêsses, raramente econômicos, ou financeiros, que revimos, conchavam-se não já aos mais proeminentes móveis políticos norte-americanos, senão com os de tôda a civilização. E a abertura do Canal de Roosevelt, sugerida por motivos utilitários, sob a injunção premente de todos os interêsses materiais, transforma-se, de golpe, num episódio culminante do progresso universal, exigindo uma preliminar obrigatória e urgentíssima: o pleno domínio das águas do grande oceano. O corolário é intuitivo. Não o embruscam os disfarces ou recatados véus das acomodações diplomáticas. Vimo-lo sobressair aos algarismos opulentos de uma tumultuosa campanha mercantil, que dia a dia se tornará mais séria; e adivinhamo-lo como efeito imediato das maiores exigências da nossa cultura, diante do despertar das velhas sociedades milenárias. Vemo-lo, por fim, sobranceando tôda a ordem política americana.

Realmente, quando os Estados Unidos conseguiram em 1898 que a Espanha, dessangrada, lhes cedesse as três

mil ilhas das Filipinas, a sua política deslocou-se para o Pacífico, estremando-se em dois objetivos preponderantes. De um lado, ádita às tradições nacionais, repeliu a idéia de uma conquista, proclamando que a tutela sôbre os países recém-adquiridos perduraria o tempo necessário ao tirocínio dos filipinos no se aparelharem para o próprio govêrno. De outro, submetida às exigências da expansibilidade industrial, reavivou o antigo anelo do primado mercantil no grande oceano, erigindo o nôvo território em base de operações garantidora da presidência comercial do Levante. Eram desígnios impróprios a uma solução simultânea.

O ideal político da formação de um país livre, capaz do *self-government*, não coexistiria com o econômico, visando transformá-lo no campo de manobras de uma luta de mercados. Nem se compreende que se constituísse uma nacionalidade, colhida, logo ao ensaiar dos primeiros passos, pela pressão violenta dos interêsses que lhos perturbariam. A questão, nímio complexa, requeria soluções sucessivas. Devera partir-se do fato econômico, mais simples e mais urgente, para chegar-se, consoante o sistema britânico, ao político, capaz de resultar mais tarde, espontâneamente, de um largo esfôrço de domínio intenso e fecundo.

Na precipitação dos acontecimentos modernos, porém, é evidente que não podem os Estados Unidos copiar a Inglaterra de há dois séculos, adscrita às normas demoradas de uma colonização tranqüila. Impõe-se-lhe o problema, em globo, sob tôdas as faces, desde a mais modestamente utilitária à quase idealista — planeando-se, no mesmo lance, o domínio da Terra e a maravilha da criação artística de um povo com a matéria-prima grosseira de numerosas tribos ferocíssimas. E atenta à distância daquelas possessões, gravada da temorosa vizinhança do Oriente renascido, põe-se de manifesto que a formação histórica das Filipinas, a maior tentativa de política experimental que se conhece, só se pode realizar, a cabo de um longo tempo, em condições de manter-se íntegra em tanto afastamento de suas fontes originárias, se, sobretudo, se caracterizar como um episódio dominante da conquista do Pacífico.

* * *

Sôbre tudo isto há um conjunto de circunstâncias naturais tão caprichoso, ou adrede disposto a um inevitável recontro dos dois mundos, que se fronteiam em uma e em outra borda do maior dos mares, que o próprio quadro geográfico, naqueles lados, se nos afigura o decalque impressionador de um emocionante quadro do futuro...

A Geografia prefigura a História.

O conflito mercantil, ou militar, de qualquer modo o embate das duas raças defrontantes, terá, tudo o denuncia, a forma inicial de uma luta entre os Estados Unidos e o Japão. Predeterminou-a de alguma sorte a própria natureza física, construindo entre os dois países, ligados pelos mesmos paralelos, a única estrada de comunicações, prática e acessível, para atravessar-se a mais ampla das superfícies líqüidas.

Com efeito, o Pacífico, ao contrário dos outros mares, é um grande isolador de povos. Nas latitudes austrais é quase intransponível. Os arquipélagos que o rendilham, da Austrália para leste, acabam, de improviso, nos últimos farelhões de Tomuatu. Da Ilha de Pitcairn, a buscar as costas sul-americanas, mal afloram, nas vagas, rarescentes abrolhos desabrigados e sem nome, perdidos num êrmo apavorante de 6 600 km de águas profundas e revôltas. Não há em tôda a Terra outra zona tão desfreqüentada, ou tão inútil. Não a lavram as navegações regulares, refugindo aos roteiros torcidos das tempestades, sem abrigos; e não a transpõe a celeridade avassaladora das correntes elétricas, atenta àquela largura dupla do limite máximo experimentalmente prefixo aos intervalos das estações no telégrafo submarino. Os melhores engenhos humanos anulam-se naquela imensidade deserta. É um trecho morto do planêta.

Ao passo que no hemisfério norte — dispositivos contrários. O oceano é mais vazio. A rareza de ilhas compensa-lha, porém, a distribuição uniforme delas; e os arquipélagos distensos abrangem vastíssimas superfícies. Entre a América do Norte e a China, o máximo trecho isolante es-

tira-se da Califórnia às Sandwich, e mal excede 2 000 milhas. Os demais, sucedendo-se em espaços regulares, afeiçoam-se à travessia franca. De S. Francisco a Honolulu, nas Havai (2 074 milhas); de Havai a Wake (2 004); de Wake a Guam (1 304); de Guam a Manilha (1 360), e de Manilha ao litoral chinês (600); o longo itinerário de 7 346 milhas atenua-se, repartindo-se em cinco escalas seguras, e, excluído o percurso contorneante do Estreito de Behring, não há outro laço de aliança entre os dois continentes. Mas não bastam estas conformações favoráveis. Aditam-se-lhes outras influências físicas propícias. Trai-se, ainda mais vivamente, a ordem natural, no emprestar as suas energias perpétuas e gratuitas, vazando-as ao encontro formidável dos dois mundos. Não lhes traçou apenas, sem outros que lhos substitua, aquêle caminho único, senão que o anima, e o agita, e o orienta, ao ponto de se marcar, com antecedência, a singradura das frotas que, sulcando-o, até podem dispensar a bússola, avançando sem riscos ou desvios, com o só obedecerem à translação eterna das ondas na trajetória invariável das correntes equatoriais. Porque do 10º ao 30º paralelo o Pacífico-norte é um dilatado rio pelágico, elítico e fechado, ilhando as suas próprias águas e volvendo entre as margens líqüidas a correnteza sensível de dez milhas por dia. Nasce na ponta meridional da Califórnia, rumo feito ao sul; volve para oeste transpondo tôda a largura dos mares, sob a diretriz do 10º paralelo até às Filipinas; inflete depois ao norte, perlongando as plagas japonêsas; e toma para leste, atravessando, ainda uma vez, os mares, até ao ponto de partida, descrevendo um ciclo de cinco mil e muitas léguas. Os navios abalam de S. Francisco, ou de Vancouver, e o segmento costeiro do enorme redemoinho condu-los no bordo do sul até à latitude do vindouro Canal de Panamá; daí, ao som das vagas e dos ventos, amaram para oeste a um tempo propelidos pelas correntes marítimas e aéreas; e, a exemplo das antigas caravelas no Atlântico, *van con los cielos* até às terras asiáticas.

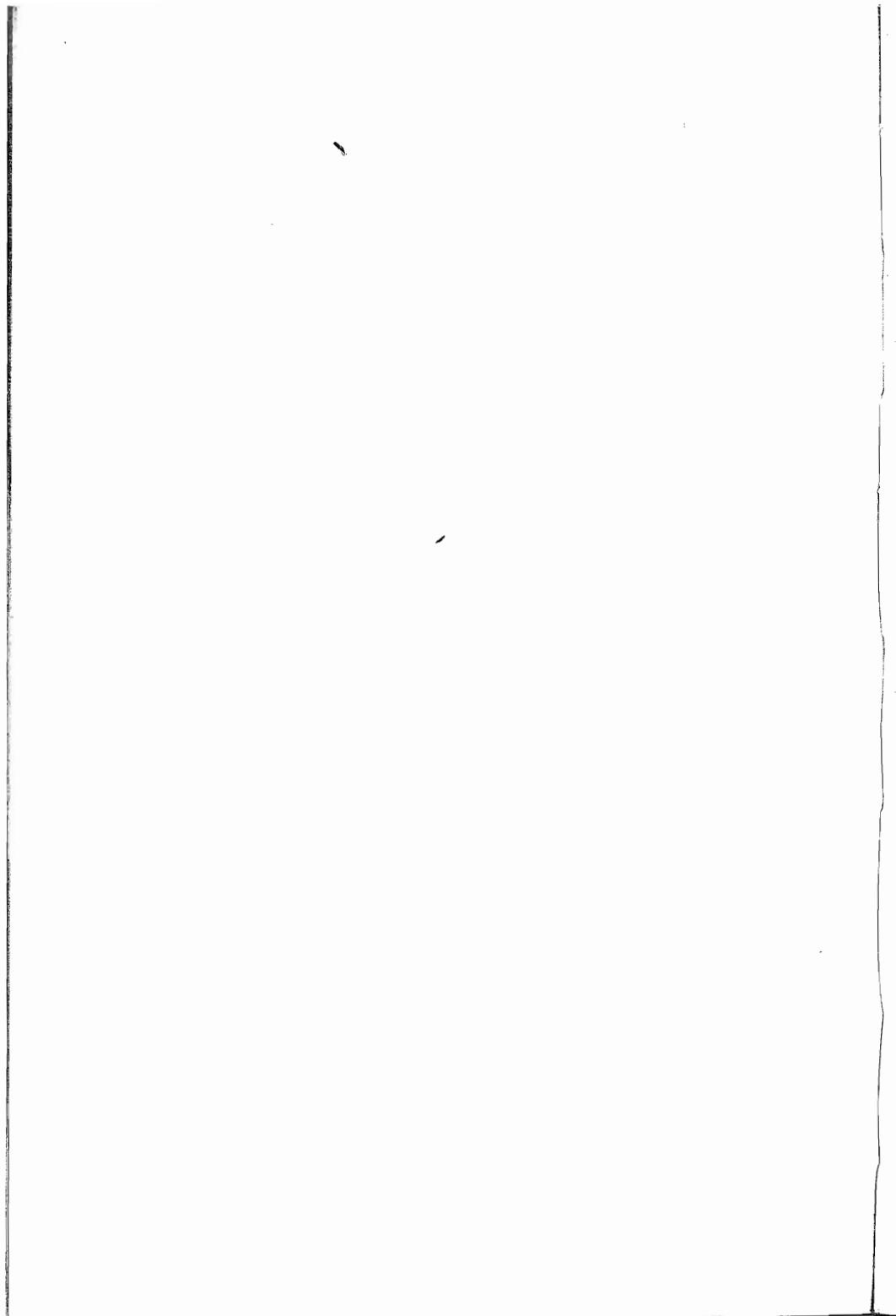
Mas os mesmos fatos hidrográficos, agindo em sentidos opostos, propiciam, por igual, aos navegantes que arrancam de Iocoama, ou de Xangai, singrando para o

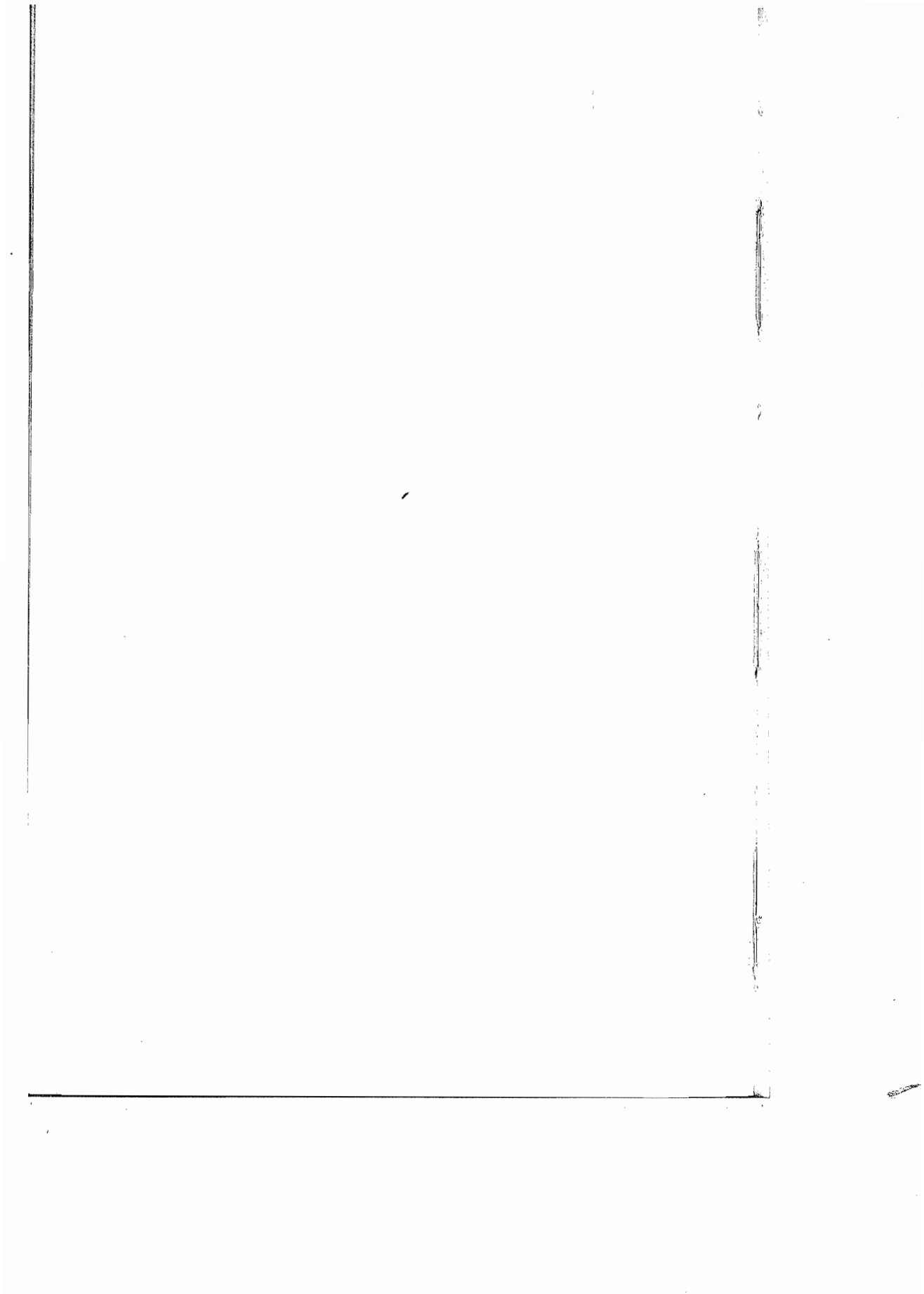
norte e rumando depois para leste, postos no mesmo giro das águas, o abordarem fàcilmente os litorais do Nôvo Mundo — cerrando-se, então, o *great circle* do majestoso oceano.

Destarte se desenha, na trilha única e praticável da América para o Levante, a "linha vermelha" da nova estrada histórica. Não é uma conjetura; é uma dedução geométrica, a riscar-se e a medir-se, substituindo-se com vantagem o mais ensofregado devaneio por um duplo decímetro ajustado a uma figura regular e simples. A previsão vê-se em qualquer mapa. As ilhas de Havai, Midway, Mariana e Filipinas, que os abalos do maior centro vulcânico do globo espalharam por aquelas águas, alinhando-as e intervalando-se de um modo tão regular, malgrado a sua gênese tumultuária, são, de fato, agora, as *least stones* em que se levantarão todos os pilares da ponta ideal de cento e vinte graus de longitude de vão, por onde a civilização caminhará, tentando ultimar o circuito da Terra, ou por onde refluirá, arremetente, o mundo asiático despertado de uma letargia milenária, pelo rejuvenescimento do Japão.

Ora, os Estados Unidos, tendo no grande oceano uma linha de costas de 12 425 milhas, superior às de tôdas as nações ribeirinhas, sem excluir a Grã-Bretanha — dupla da Rússia (6 260), tripla do Japão (4 590), quádrupla do Celeste Império (3 130), quíntupla do litoral chileno (2 460) — pelo rumo intorcível de seu desenvolvimento econômico, aliado à fatalidade geográfica têm, hoje, todo o seu destino submetido à condição da hegemonia plena naqueles mares.

The Pacific is, and will remain an american ocean... parece um maravilhoso verso errado de algum êmulo de Kipling, e é um conceito inabalável e sêco do rígido Austin, ao fim de um de seus relatórios crespos de algarismos.

Assim se articulam os mais díspares elementos para o desenlace de um encontro que nenhuns arranjos políticos, ou diplomáticos, lograrão sobrestar. A esquadra do Almirante Evans não irá, talvez, atear, desde logo, uma guerra no Pacífico. Mas efetua uma evolução ousada e francamente militar. Nesta marcha de flanco desmedida vai decidir da sorte de uma campanha vindoura inevitável.

III PARTE

ESBÔÇO DE HISTÓRIA POLÍTICA

DA INDEPENDÊNCIA À REPÚBLICA

(Esbôço Político) *

O Brasil chegou ao século XIX na plenitude da expansão territorial, expressa nos Tratados de Madrid (1750) e Santo Ildefonso (1777). Apagara-se a linha ideal da Concordata de Tordesilhas; e a penetração colonizadora, já seguindo a rota acelerada das Bandeiras, já o passo tardo dos missionários, irradiara por três quadrantes — para o norte, buscando os talvegues do Oiapoque e do Amapá; para o ocidente, a encontrar as missões do Equador e as terras bolivianas, e para o sul, procurando o Prata, onde se erigira a baliza extrema da Colônia do Sacramento.

O grande trato de terras retratava aproximadamente a sua configuração atual, indefinida. Firmada a leste e ao sul pela desmedida faixa de uma costa maciça, pelo poente e norte ela derivava em traços indecisos, raro modelados pelas conformações geográficas, e ambíguos no fugitivo de linhas imaginárias lançadas em regiões desconhecidas, ou cindindo as cabeceiras de rios problemáticos.

Extremava a desmedida fronteira um único ponto astronômicamente determinado na foz do Arroio Chuí, ao sul (33º 45' lat. S., 53º 25' 05" long. O.G.).

Partia dali num traçado flexuoso, pela Lagoa Mirim, interferindo sucessivamente as cabeceiras dos rios Negro e Ibicuí, cuja correnteza a conduzia ao Uruguai. Desatava-se depois pelo Pepiri, buscando-lhe as nascentes; alcançava-as; transpunha-as; descia pelo Santo Antônio até ao Iguaçu,

---

* Êste esbôço histórico foi escrito em São José do Rio Pardo, em fins de 1899, e publicado n'*O Estado de São Paulo* por ocasião da comemoração do IV centenário do Brasil, com o título *O Brasil no Século XIX*.

seguindo-o até o Paraná; e alongando-se ao arrepio da corrente dêste atingia a confluência do Igureí. Subia-o até as cabeceiras, volvendo ao ocidente e depois em cheio para o norte, quase ao acaso, divagante entre vertentes indecisas até ao Paraguai. Prosseguia pelo Paraguai acima até as cercanias da Baía Negra, onde o deixava, ilògicamente, para formar as lindes da Bolívia demarcadas pelos mais apagados pontos determinantes, rompendo pelo meio das corixas alagadas que salpintam vasta região de nível, até à foz do Jauru, onde uma reta para o ocidente — um capricho de cartógrafo — a distendia até à confluência do Guaporé com o Sararé. Descia tortuosamente em dilatada longura por esta divisa firme até a um ponto no Madeira, médio entre a sua foz e a do Mamoré — para se estirar de nôvo no desconhecido, em longo e imaginoso traçado retilineo, procurando as fontes problemáticas do Javari, seguindo ao som das águas até a entrada no Amazonas. Depois novas lindes imaginárias, em que mal se fixa o traço inseguro do Japurá, até atingir, numa inflexão definitiva para leste, o *divortium aquarum* do Amazonas e Orenoco.

Seguindo esta curva irregularíssima, mal delimitando o teatro da nossa existência naquele século, a carência de divisas arcifínias prendeu-nos, na fase decisiva da nossa organização nacional, a sérios problemas de organização do território.

Os limites com o Uruguai só se firmaram em 1857, depois dos sucessivos acôrdos de 12-maio-1851 e 15-outubro-1852 em que intervieram o Marquês de Paraná e o Visconde de Uruguai.

Com a República Argentina originaram a questão quase secular das Missões, em que uma troca de nomes dos rios estremenhos, tendo anulado todo o esfôrço do visconde do Rio Branco, em 1857, se destinava, depois de longas negociações, à solução pela arbitragem em nossos dias (1895), e a reviver no de um digno herdeiro o nome daquele grande estadista.

Depois de uma campanha vitoriosa fixamos definitivamente as fronteiras com o Paraguai, desde a foz do Iguaçu à do Apa, passando pelas magistrais das serras de

Maracaju e Amambaí, conforme o Tratado de 9 de Janeiro de 1872, negociado com admirável brilho pelo Barão de Cotegipe.

As estremaduras extensíssimas da Bolívia, porém, mal reguladas pelo Tratado de 27 de Março de 1867, do Conselheiro Lopes Neto, onde se trocou o critério geográfico das linhas naturais, que nos garantiam a posse dos tributários meridionais do Amazonas, pela base indefinida do *uti possidetis,* destinavam-se a chegar indeterminadas ao século XX, sob o aspecto ameaçador das questões incandescentes do Acre, travadas em tôrno da linha imaginária que, partindo de uma coordenada fixa naquele tratado (10º 20' lat. S.), na margem esquerda do Madeira, se alonga às cabeceiras do Javari.

As do Peru acordaram-se pelo Tratado de 23 de Outubro de 1851, sob o princípio, expresso, da posse, traçando-se, definitivamente, em 1874.

As do Equador e da Colômbia ficaram insolúveis durante o correr do século. Antepunham-se-lhes, como preliminar indispensável, as questões de limites entre estas repúblicas e a do Peru. Quanto às da Colômbia, adscritas, por sua vez, a sérias dúvidas com a Venezuela e o Equador, encerravam germes de complexo litígio nas paragens desconhecidas do Alto Rio Negro.

Atingido o norte, liquidamos, pelo Tratado de 5 de Maio de 1859, negociado por Pereira Leal, as nossas divisas com a Venezuela, restando-nos, adiante, no rumo de leste, duas outras: — com a Guiana Inglêsa, visando a posse do território neutro de Pirara, e com a Francesa, relativa à região contérmina que se desdobra entre o Amapá e o Oiapoque.

Velha de três séculos, porque podemos considerá-la nascente desde 1605 com La Revardière; transitando em sucessivos tratados e convênios que fôra longo rememorar; parando no *statu quo* do arranjo de 5 de Julho de 1841, constituindo o Contestado; permanecendo inextricável a despeito das negociações entabuladas de 1853 a 1856; revivendo mais tarde na república extravagante de Cunani (1887); provocando, em 1895, um choque pelas armas en-

tre nacionais e franceses — aquela última destinava-se à mais bela consagração do princípio civilizador da arbitragem, rematando nos últimos dias do século (1900), à luz do vigoroso espírito do Barão do Rio Branco, todo êsse longo trabalho de reivindicação do solo.

E fizemos, certo, muito, nesse desdar e corrigir ou reatar tantas linhas confinais enleadas, revôltas e até partidas pelo repentino abalo do domínio espanhol que se dissociara, de chôfre, em novos estados.

Porque no fim da quadra colonial não havia curar-se de tais compromissos, entregues ao futuro. O Brasil era amplo demais para os seus três milhões de povoadores em 1800. Além disto, à contigüidade territorial, delineada no litoral inteiriço, contrapunha-se completa separação de destinos. Os vários agrupamentos em que se repartia o povoamento rarefeito, evolvendo emperradamente sob o influxo tardo e longínquo dos alvarás da Metrópole, e de todo desquitados entre si, não tinham uniformidade de sentimentos e idéias que os impelissem a procurar na continuidade da terra a base física de uma pátria.

Formações mestiças, surgindo de uma dosagem variável de três raças divergentes em todos os caracteres, em que as combinações díspares e múltiplas se engravesciam com o influxo diferenciador do meio físico, de par com as mais opostas condições geográficas num desdobramento de 35 graus de latitude, — chegavam ao alvorar da nossa idade com os traços denunciadores de nacionalidades distintas.

Dizem-no todos os casos dos tempos anteriores.

O drama da Inconfidência terminara recentemente no Sul, sem que o seu desenlace trágico comovesse o Norte, onde, por sua vez, em quadra mais remota, a luta contra os batavos se abrira e se encerrara com o divórcio completo das gentes meridionais.

Entretanto, acima desta divergências de ordem étnica e política reinava inteira uniformidade nas situações mental, moral e social da Colônia. As duas primeiras tinham o lastro uniforme das crenças católicas triplamente inquinadas das superstições medievas, do fetichismo indígena e do animismo africano; e a última, caracterizando

um estado semibárbaro, em que todo mérito estava na coragem pessoal e todo prestígio na glória militar, repousava sôbre a escravidão.

Destarte, insulados no país vastíssimo em que se perdiam, os nossos patrícios de há cem anos tinham frágeis laços de solidariedade. Distanciava-os o meio: isolavam-nos destinos divergentes; separavam-nos profundamente as discordâncias étnicas. A diretriz da nossa história retorcia-se sem uma caracterização precisa, em movimentos parcelados, estritamente locais. E punha-se de manifesto um corolário único: a formação de algumas repúblicas turbulentas, sem a afinidade fortalecedora de uma tradição secular profunda.

* * *

Alguém, porém, cuja missão prejudicial é hoje ponto incontroverso, malgrado os brilhos de uma glória militar indiscutível, ia realizar, sem o querer, completa transmutação em nossos destinos.

Napoleão Bonaparte, que se propunha derramar sôbre a Terra o fulgor da elaboração emancipadora da Enciclopédia no coruscar das fuzilarias, lançou, em 1807, as tropas de Junot sôbre a Península Ibérica. E foi, como se sabe, um rude passeio militar...

O imortal sargentão entrou pelas fronteiras desguarnecidas de Portugal, e apavorou o mais inofensivo dos reis.

O príncipe regente da terra, D. João de Bragança, não se modelara para aquêle transe. Representara, desde 1792, ao assumir a regência de Portugal, pelo interdito de Maria I, infelicíssimo papel nas agitações da Europa, oscilando entre as mais opostas atitudes. Partidário, a princípio, da Liga contra-revolucionária, abandonara-a, depois da paz de Basiléia, para cortejar o Diretório. Volvera-se depois à velha aliança inglêsa, aplaudindo o revide fulminante de Nélson; para a deixar logo, numa curvatura lastimável à auréola imperial do menor dos grandes homens, emergente de 18 de brumário. Completara, afinal, a fraqueza, prendendo-se às cláusulas humilhantes do Tratado de Madrid

(1801) e pagando a pêso de ouro a própria neutralidade, até surgir, em 1806, a conjuntura do bloqueio continental, acarretando-lhe novas oscilações, novas incoerências, novos desastres.

Titubeando entre a Inglaterra e o seu pertinaz adversário, despertara o desquerer dêste último. Procurara serôdiamente afastá-lo, enviando os passaportes ao ministro britânico, Visconde Strangford, e extremando-se no excesso de zêlo de determinar o seqüestro das propriedades inglêsas em Portugal.

Mas definira-se tarde. O próprio chefe da esquadra britânica, que começara o bloqueio do Tejo, Sidney Smith, remeteu-lhe, irônicamente, o número do *Moniteur* onde se estampara o Tratado de 27 de Outubro de 1807, de Fontainebleau, dividindo-lhe o reino entre a França e a Espanha; e, simultâneamente, a notícia da invasão francesa. Não a aguardou. Fugiu — para escrevermos o verbo que lhe sombreia a memória, empanando o significado mais verdadeiro de uma hábil retirada. Embarcou com a família e a côrte alarmada (29 de novembro de 1807) nos restos de uma frota que abrira esteiras nos mares nunca dantes navegados, e, passível do mais caprichoso joguetear do destino, comboiado pelos próprios navios inglêses, inimigos da véspera, seguiu para o Brasil.

Ora, êstes fatos, vertiginosamente desencadeados no passo de carga de uma invasão, iam ter conseqüências memoráveis.

Lançavam à nossa terra o único estadista capaz de a transfigurar.

* * *

De fato, na situação em que nos achávamos, impropriávamo-nos por igual ao império de um caráter forte e aos lances de um reformador de gênio. O primeiro seria nôvo estímulo às revoluções parciais, acarretando a desagregação inevitável; o último agitar-se-ia inútil como um revolucionário incompreendido. Precisávamos de alguém capaz de nos ceder, transitòriamente, feito um minorativo

às cisões emergentes, o anel de aliança da tradição monárquica, mas que a não soubesse implantar; e não pudesse, por outro lado, impedir o advento das aspirações nacionais, embora estas houvessem de aparecer, paradoxalmente, no seio de uma ditadura desvigorada e frouxa.

E D. João VI, um medíocre, foi um predestinado. Avesso a bravuras, alma ingênua e comodista, ornada de uma placabilidade burguesa, abatido ademais pelas desordens de um lar infeliz, entristecido pela figura da velha Rainha-Mãe D. Maria I, que enlouquecera — a inércia e a visão restrita foram-lhe atributo preeminente: permitiram que lhe agisse intacta, sôbre o ânimo, a vontade de alguns homens superiores que em boa hora o rodeavam.

Revelam-no todos os fatos subsecutivos à sua chegada à cidade da Bahia, em 22 de janeiro de 1808.

Ali, o seu primeiro ato foi um golpe sulcando a fundo todo o regime colonial, pela franquia dos portos brasileiros ao comércio das nações amigas, que o eram tôdas, excetuada a França. Mas na Carta Régia de 28 de janeiro daquele ano, que a estatuiu, reflete-se, exclusiva, a sugestão direta do nosso primeiro economista, José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu. Neste lance o fato econômico da impossibilidade de manter-se regularmente com a Metrópole as comunicações marítimas sobreleva a tudo. A necessidade premente de paliar os efeitos de uma crise comercial fàcilmente prevista, determinou incidentemente a elevada resolução política.

Completou-a, depois de chegar ao Rio de Janeiro, com a de 1.º de abril, desafogando as atividades e derrogando o alvará de 5 de janeiro de 1785, que ordenara o fechamento de tôdas as fábricas, extravagante traço legal sublinhando o vadeísmo indígena.

Quaisquer que tenham sido, entretanto, os seus móveis estranhos, êstes dois decretos, eqüivalentes aos efeitos de duas revoluções liberais, bastavam a enobrecer-lhe o nome de Regente. Relegam a segundo plano tôdas as falhas de uma educação imperfeita que, ligadas ao desadorar os mínimos rigores da pragmática, o tornaram por vêzes inferior às exigências da dignidade real, jungindo-o para sem-

pre ao humorismo nem sempre justo, e ao enxovalho dos cronistas, ou historiadores de anedotas. Porque quem lhe restaura hoje a figura — expungida de um sem número de pormenores lastimàvelmente hílares, e a enquadra, de preferência, logo em princípio, naqueles decretos decisivos e quase revolucionários, aprecia-a sob outro aspecto.

Foi, em primeiro lugar, um estóico.

Não o abatera o súbito declínio de uma pátria em despenhos do fastígio efêmero em que a alcandorara a ditadura de Pombal; não o abalara, depois, a troca de uma capital suntuosa pelo Rio de Janeiro de então, grande aldeia de 45 000 almas, salpintada de mangues, invadida pelas marés, que lhe intumesciam as lagoas, e construída desajeitadamente, a êsmo, pelo recôsto das colinas, atulhando os vales apaulados, com as suas vielas em torcicolos, orladas de gelosias de urupema, pelas quais embitesgava o paupérrimo trem real de velhas seges de cortinas de couro, recordando os últimos frangalhos de uma opulência extinta.

Depois, um convencido e um sincero.

Se não traçou, pelo próprio punho, no manifesto de 1.º de maio de 1808, o compromisso de "levantar a voz do seio do nôvo império que ia criar", compreendeu-o, lùcidamente.

Pelo menos deixou vacilante o juizo da História, inclinando-o de preferência ao parecer de um contemporâneo ilustre, Luckok, quando assentou que "êle possuía mais sentimento e energia de caráter do que ordinàriamente lhe atribuíam amigos e inimigos".

É o que, de fato, delatam todos os atos subseqüentes que vamos apontar apenas, neste relancear o passado da nossa terra.

Foi a princípio uma reação contra o inimigo longínquo.

Uma expedição militar fulminante, ao mando do General Marquês d'Elvas, dirigiu-se para a Guiana Francesa, chegando, a 15 de dezembro, às cercanias de Caiena. Assediou-a; e expugnou-a a 12 de janeiro do ano seguinte (1809), expulsando o Governador Victor Hugues e tôda a guarnição. Desta guisa a nossa primeira ação externa no

século XIX tem muitos pontos de contacto com a última: àquele choque armado da ditadura real contrapor-se-ia, em 1901, vitoriosa pela arbitragem, contra os mesmos adversários e no mesmo campo, a ação pacífica da República.

A segunda extremou-se no Sul, e prolongar-se-ia intermitentemente até aos nossos dias. Traía, ao parecer, mal encoberto anelo da espôsa de D. João, D. Carlota Joaquina, que imaginara restaurar, no Vice-Reinado do Prata, o trono castelhano desabado na Europa com Fernando VII. Mas realizou-se ao reclamo do próprio governador espanhol, General Xavier Elio, que, depois da revolução emancipadora de 25 de maio de 1810, de Buenos Aires, se viu assediado no ano seguinte na praça de Montevidéu pelas tropas argentinas e orientais do General Rondeau e José Artigas. Depois de alguns combates inúteis — em que o Capitão-General do Rio Grande, D. Diogo de Sousa, invadindo o Estado Oriental, desbaratou os guerrilheiros que se lhe antepuseram —, a luta terminou (1812), pelos bons ofícios do Ministro Rademaker, dedicado fiscal da política britânica, e teve como efeito mais próximo ligar-nos à convivência perigosa dos caudilhos, de que José Artigas foi o primeiro molde.

Falecendo por êste tempo o Conde de Linhares, ministro que estimulara estas duas aventuras guerreiras, pôde D. João devotar-se à administração interna do país.

Começou a reagir, então, sôbre os nossos destinos, por uma série de medidas que, refletidas mais tarde na ordem política, com a resolução de 16 de dezembro de 1815 elevando o Brasil à categoria de Reino, tiveram, segundo outra ordem de idéias, uma significação mais alta no propelirem o nosso desenvolvimento intelectual.

Foi a sua ação realmente útil.

Propiciara-a o meio.

O espírito nacional, apesar da situação inferior da massa da colônia, começara a despertar alguns anos antes.

Revelam-no alguns nomes expressivos.

Conceição Veloso, o nosso primeiro botânico, fôra na própria Metrópole um vulgarizador de trabalhos utilíssimos. Vicente Seabra, Nogueira da Gama e José Boni-

fácio de Andrada e Silva, incluíam-se entre os lentes da Universidade de Coimbra e Escola de Marinha de Lisboa, além de gozar o último de reputação quase européia como cientista. José da Silva Lisboa era um digno discípulo de Adam Smith e criterioso comentador de Burke. Hipólito José da Costa, no *Correio Brasiliense,* publicado em Londres, agitava com brilhantismo raro dois sérios problemas — a independência política e a emancipação dos escravos. Arruda Câmara, José de Sá Betencourt e José Vieira Couto, nos sertões de Pernambuco, Bahia e Minas, abriram em nossa terra as primeiras veredas à ciência, fora das picadas tortuosas das bandeiras. Silva Alvarenga, Tenreiro Aranha, Vilela Barbosa e Sousa Caldas, esboçavam a nossa vida literária. E sôbre todos, representando notàvelmente a cultura do tempo, o grande matemático e economista notável, aquela rara mentalidade do Bispo Azeredo Coutinho, que de alguma sorte já prefigurava, no versar os mais díspares assuntos, o traço essencial do nosso espírito vezado às generalizações brilhantes em detrimento das especializações fecundas.

Ora, o atributo preexcelente da ditadura real consistiu em favorecer êsse germinar da expansão civilizadora.

Fundou a Imprensa Régia, abrogando de golpe o deprimente alvará de 6 de julho de 1747; e a *Gazeta do Rio,* órgão oficial, apareceu iniciando o jornalismo no Brasil.

Ali se imprimiram páginas que ainda hoje deletreamos com vantagem: *o Dicionário da Língua Portuguêsa,* de A. Morais e Silva, e a *Corografia Brasílica,* de Aires de Casal; livros que com a *História do Brasil,* de Southey (1822), os volumes descritivos do Príncipe de Neuwied, os trabalhos de Arruda Câmara, as primeiras linhas de Martius, os escritos de Aug. Saint-Hilaire, Eschwege, Varnhagen, Feldner, e as *Memórias Históricas,* de Pizarro, os *Anais do Rio de Janeiro,* de Baltasar Lisboa — delinearam o primeiro quadro da nossa cultura.

Concorrentemente, outros pioneiros substituíam o bandeirante e o missionário no desvendar a terra, prolongando os esforços, até então esparsos, de Gabriel Soares, Lacerda e Almeida, Silva Pontes e Alexandre Ferreira.

Eram uns nomes estranhos — Mawe, Koster, Waterton... — batedores de outros mais ilustres, nacionalizados todos entre nós pelo carinho com que olharam para uma natureza portentosa.

O agasalho que encontravam denunciava novos estímulos no govêrno. Havia pouco ainda, no comêço do século, um governador suspicaz lançara, zeloso, um decreto de expulsão "contra um tal Barão de Humboldt", indivíduo suspeito e vagabundo, que andava pelas extremas setentrionais do Amazonas...

Mudavam-se, evidentemente, os tempos. A côrte atraía os abnegados naturalistas, alguns dos quais, sob o razoável pretexto de enriquecerem as coleções do Museu Nacional recém-instituído, se tornaram pensionistas do Estado.

Renovou-se do mesmo passo o movimento artístico que, apenas iniciado, ao Norte, durante o domínio holandês, por Eckhout e Pieter Post, e escassamente definido por alguns talentos nacionais, sem cultura — teve, desde 1816, o amparo permanente da Academia de Belas-Artes, que a recente paz com a França aparelhara de todos os elementos de êxito com a vinda de Joachim Le Breton, membro do Instituto, que a dirigiu, assistido de um pintor notável, Debret, de um artista cujo nome se vincularia à nossa história em progênie ilustre, Nicolau Taunay, de um arquiteto de gênio, Grandjean de Montigny, e do escultor Marc Ferrez.

Volvendo a outros ramos administrativos, fundou D. João as Academias de Marinha e Artilharia, o Arquivo Militar e a Escola Médico-Cirúrgica, e — frisemos esta circunstância digna de nota — desfazendo-se dos seus livros, a Biblioteca Nacional. Gizou depois o primeiro esbôço de um Jardim Botânico, futuro índice da nossa flora.

Rematou tudo isto com a criação da primeira instituição de crédito do país, o Banco do Brasil. Um estudo pormenorizado revelaria excepcional descortino nessa administração onímoda. Nada lhe escapou ao influxo: as questões mais altas e os casos mais ao parecer despiciendos revezam-se aclarando todos os aspectos do existir da nacionalidade nascente, onde tudo estava por fazer-se. Os atos adminis-

trativos vão, de terra a terra, das medidas mais simples às resoluções mais complexas. Na capital: ordenando a destruição das tradicionais gelosias que davam às vivendas uma aparência desgraciosa e triste, ou mandando contar as nascentes dos mananciais que abasteciam os reservatórios públicos, ou ensaiando a aclimação de exóticas especiarias na Real Quinta e Jardim da Lagoa de Freitas; no interior: favorecendo a abertura das estradas, aviventando a mineração geral e sistematizando a extração e o preparo do ferro em Minas, sob a direção do Barão de Eschwege, e em S. Paulo (Ipanema) sob a de Frederico Varnhagen — pelos mais diversos pontos do país irradiava a influência governamental com uma intensidade que nunca mais desenvolveu em tôda a nossa existência político-administrativa. A ditadura real, no construir de fato o "nôvo império" anunciado em 1808 às nações amigas, patenteava, sobretudo, uma compreensão admirável do seu problema econômico, como no-lo mostra a simples referência de suas leis e decretos, atinentes aos prêmios, privilégios e isenções altamente protetores da cultura do algodão e da sêda, à diminuição dos direitos de entradas, à isenção do serviço militar para os "climatizadores" de plantas estrangeiras, e, ao cabo, a instituição liberalíssima de um verdadeiro *homestead* rodeando, pelo alvará de 21 de janeiro de 1809, de garantias excepcionais os agricultores cujos engenhos e terras em condição alguma poderiam ser executados. Neste rumo admirável incluiu o próprio problema, ainda hoje não resolvido, do povoamento do solo, já concedendo datas de sesmarias aos estrangeiros, em contraposição a tôdas as leis proibitórias do regime colonial, já atraindo e favorecendo as primeiras levas de imigrantes suíços, que se localizaram na província do Rio de Janeiro, fundando Nova Friburgo.

Analisando-se mais ìntimamente essa administração surpreendente, ver-se-ia que aquela figura histórica tão deselegante e vulgar, de D. João VI, lançou todos os fundamentos essenciais do nosso destino.

Mas esta imperfeita resenha diz tudo por si mesma. Traduz inestimável legado que outros fatos, sem a mesma altitude, não empanam.

Nestes incluem-se todos os renovamentos das supérfluas velharias de uma sociedade desfibrada, em que a burocracia se tornara o ideal da vadiagem paga: a Mesa de Consciência e Ordens e outras, que nos forramos de citar, entre as quais uma Intendência-Geral da Polícia, centralizando-se na Côrte, como se pela vastidão do Brasil um Pina Manique titânico pudesse alongar os seus braços de Briaréu... E, mais nefasto ainda, despontando com a Ordem da Tôrre e Espada, um prodigalizar fabuloso de comendas em tal cópia que, segundo Armitage, ultrapassaram as doadas por tôda a dinastia; iniciando-se nesta terra a mais achamboada das aristocracias e êsse dissipar de "honras", que tanto desaira a honra pura e simples.

Acrescente-se a anexação estéril da Banda Oriental do Uruguai (16 de julho de 1821), constituindo a Província Cisplatina, que devíamos perder mais tarde depois de longas fainas guerreiras, e teremos esfumado a única face obscura do quadro.

Releve, entretanto, considerar que neste lance a política exterior de D. João VI feriu, por acaso, a questão internacional mais séria dêste continente. Aproveitando-se das discórdias entre os orientais daquele José Artigas, que é a figura mais representativa da caudilhagem sul-americana, e os argentinos, para firmar desde 1817, com a espada de Frederico Lecor, Barão da Laguna, o seu domínio em Montevidéu, ela lançara as primeiras linhas de uma oposição até hoje vitoriosa contra o pensamento da reconstituição do Vice-Reinado platino, que se planeara desde 1811, na Junta Governativa de Buenos Aires, e erigiu-se pelos tempos adiante até aos nossos dias como ideal preeminte do patriotismo argentino.

* * *

A ditadura real encerrara com esta ação externa a sua fase reconstrutora e útil.

Iam assaltá-la e abatê-la dois movimentos inopinados — a revolução de 17, em Pernambuco, e a de Portugal, em 1820.

A primeira, à parte as causas secundárias e imediatas da indisciplina militar, estampando o rótulo falso das agitações nacionais, tinha origens profundas. Domingos Teotônio Jorge e o impetuoso Barros Lima, o "Leão Coroado", assassinando o comandante militar do Recife, e expulsando o Capitão-General Antônio Pinto de Miranda Montenegro, agiam, heróis autômatos, sob o impulso incoercível das tendências nativistas, sob o disfarce republicano, cujos chefes reais, o comerciante Domingos Martins, o Padre Miguel Joaquim de Almeida e o malogrado Padre Roma, secundados pelo seminarista Martiniano de Alencar, pertenciam a profissões pacíficas por excelência.

Depois de um triunfo efêmero, em que a Junta Revolucionária pernambucana, legando-nos exemplo que não foi esquecido, adotou como mais sérias e urgentes medidas o aumento do sôldo às tropas, o acesso de três postos aos oficiais revoltosos, e o tratamento oficial de *vós,* o revide legal vibrado pelo pulso vigoroso do Conde dos Arcos, governador da Bahia, sopeou-a, maculando-se depois com levar ao patíbulo os rebeldes suplantados.

D. João VI vencera, porém, a tempo de atender a outros antagonistas, que lhe surgiam na própria pátria com a revolução liberal de 24 de agôsto de 1820, no Pôrto.

Na revolta portuguêsa o que aparece no primeiro plano é a corrente generalizada do constitucionalismo, que ia assoberbando a Europa depois da Restauração. Mas os seus reagentes mais enérgicos eram outros. Resumiam-se na circunstância de haver-se deslocado o trono para o Brasil, instituindo, aqui, a autonomia econômica, preliminar da autonomia política e colocando a antiga Metrópole em situação visìvelmente inferior.

Houvera, de fato, uma troca de papéis. Portugal, empobrecido desde a franquia dos portos, agravada com o escoar-se-lhe, de Lisboa para o Rio, as rendas da realeza e do seu séquito — era a colônia de fato. Ao mesmo tempo a abertura dos portos deslocara as transações, de Portugal para a Inglaterra; de sorte que ainda em 1817 o comércio direto do Brasil com a antiga Metrópole estava muito aquém dos valôres atingidos em 1808. Os números secos

das estatísticas comerciais valiam neste caso pelos mais apaixonados libelos patrióticos.

Assim, a revolução portuense era menos a luta por um princípio que a revolta de uma nacionalidade iludida e sacrificada.

A nova chegou ao Rio de Janeiro, trazendo, desde o Pará, a sobrecarga agravante da adesão das tropas lusitanas das privíncias setentrionais. E reviveu na alma timorata do rei antigas e deslembradas comoções: a ressonância longínqua do tropear dos granadeiros de Junot...

D. João VI não balançeou a crise. Tergiversou, consoante o seu antigo hábito, irresoluto, entre os brasileiros, que o atraíam, e os portuguêses, que o intimavam a aceitar a Constituição da Junta revolucionária de Lisboa e a voltar depois para o Reino. Jurada, finalmente, aquela, e marcadas, de acôrdo com o que ela estatuíra (7 de março de 1821), as eleições de deputados às Côrtes de Lisboa, novas vacilações do tímido monarca no deixar a terra a que se afeiçoara, originaram sanguinolentos recontros nas ruas do Rio de Janeiro entre os nacionais e as tropas auxiliares portuguêsas. Por fim, cerrando sua carreira política do mesmo modo porque a inaugurara, com uma fuga ou com uma hábil retirada, perpètuamente oscilante entre díspares desígnios, com as mesmas peripécias dolorosamente ridículas, que temos por excusado reviver, partiu, a 26 de abril, para Portugal, deixando ao seu filho mais velho, D. Pedro de Alcântara, então à volta dos 23 anos de idade, uma coroa que julgava passível de ser preada por um aventureiro qualquer.

* * *

Houve, então, na nossa história uma antinomia notável.

O nativismo nacional que, à parte a breve irritação pernambucana, de 1817, tolerara o absolutismo da realeza, começou de ser rudemente aferroado pelo liberalismo português.

Contravindo ao espírito superior do pensamento político que as inspirara, as Côrtes de Lisboa planearam revo-

gar as reformas feitas anteriormente e adotaram, quanto ao Brasil, o programa extravagante de recolonização: votaram a supressão das escolas e tribunais superiores; a revogatória do Govêrno-Geral do Rio, completada com a tentativa de fazer regressar à Europa o Príncipe D. Pedro; e fracionando a administração inteira, com o impor a cada província a sujeição aos tribunais da Metrópole rediviva, fantasiaram um Brasil anterior a Tomé de Sousa.

Não trancaram outra vez os portos porque o comércio geral era, em última análise, o comércio inglês.

A minoria de cinqüenta representantes brasileiros em Lisboa — em que se destacavam um orador impetuoso e vibrante, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, um pensador por igual poeta e matemático, Francisco Vilela Barbosa, um argumentador tenaz, Lino Coutinho, e aquêle perfil escultural de Diogo Feijó, e o lúcido Pedro Araújo Lima, Vergueiro e outros — tentou debalde opor-se àquele recuo.

Protestando, pela voz enérgica de Antônio Carlos, e abandonando um pôsto inútil, emigraram os deputados para a Inglaterra, ou demandaram a pátria.

Aqui, a discordância dos partidos, espelhando todos os cambiantes, do nativista exaltado ao reacionário ferrenho, engravescia-se com o antagonismo crescente dos dois elementos, nacional e português, crescentemente malavindos. E no baralhamento das paixões vivamente acirradas pelas sucessivas notícias gravíssimas de ultramar, o primeiro, cindido de facções, sem comando porque havia chefes demais, certo não pulsearia o último, mais unido e centralizado pela Divisão Auxiliadora do General Jorge de Avilez, onde se esteiava a resistência da Metrópole.

Dado o divórcio, que até aquêle tempo isolara uns de outros os vários agrupamentos em que se subdividia o país, punha-se de manifesto o seu desmembramento. As revoltas parciais, que iriam irromper repelindo a ameaça recolonizadora, sujeitar-se-iam a destinos vários nas diversas zonas do território, e na melhor hipótese pressagiavam, a exemplo do que sucedera recentemente no Vice-Reinado do Prata, a formação de minúsculas repúblicas, entregues

às intrigas impunes do estrangeiro, ou à fantasmagoria de uma liberdade sangrando sob a espora dos caudilhos.

Impediu-o o Príncipe Regente.

Menos pelo valor individual que pelo prestígio da posição, fêz-se árbitro entre os partidos, e o inclinar-se para os naturais do país propiciou-lhes em grande parte o triunfo, criando à Monarquia o seu mais elevado destino na nossa terra.

D. Pedro de Bragança talhara-se, realmente, para aquela crise. Mediano em tudo — parte soldado, rei em parte, em parte *condotieri* — essa ausência de uma linha firme e estável, no caráter, dava-lhe plasticidade para se amoldar ao incoerente da sociedade proteiforme em que surgira. A situação histórica só lhe exigia a índole cavalheiresca, brilhante e arrebatada, a bravura impetuosa e, por fim, a própria inconstância que o levaria, tempos depois, após representar o seu papel revolucionário, a abandonar o país, quando despontou a fase reconstrutora de 1831.

A exemplo do pai, ia agir sob a influência dos homens de valor que o assistiam.

Tínhamo-los, felizmente.

José Bonifácio de Andrada e Silva chegara da Europa com renome feito de proeminente cultor da filosofia natural, e tornara-se a figura dominante de um grupo de patriotas apercebidos para as exigências complexas do momento.

* * *

Não há abranger-se na concisão destas linhas a figura anormal dêsse homem que sobranceou o seu tempo, mercê de uma cultura integral dilatando-lhe o espírito por tôdas as ordens de conhecimentos, da mineralogia transfigurada por Werner à química recém-instituída por Lavoisier, até as mais transcendentes cogitações de Kant ou de Fichte. Na sua mocidade deslumbrante êle fôra uma espécie de ministro plenipotenciário do espírito e do sentimento da nossa nacionalidade nascente, acreditado em tôdas as capi-

tais do velho mundo. Naturalista viajante, a perlustrar durante dez anos as terras civilizadas do extremo sul da Itália até à Noruega, fôra carinhosamente acolhido em tôdas as academias, nobilitando-se com a estima dos maiores pensadores. Exercitara-se por vêzes nas mais díspares funções: — deixando o pôsto de diretor das minas da Noruega, para criar a cadeira de Mineralogia na Universidade de Coimbra, acumulando depois os cargos de intendente-geral das minas de Portugal e desembargador da Relação do Pôrto, ou abandonando-os para dedicar-se à mais rude prática profissional da engenharia nos trabalhos de canalização do Rio Mondego. Em todos êsses misteres diversíssimos rebrilhara-lhe o espírito e deixara o traço de uma vontade inabalável; até que a invasão francesa, arrancando-o de chôfre às suas preocupações científicas, obrigara-o a transmudar-se em militar, levando-o às linhas mais arriscadas dos combates onde conquistou o pôsto de tenente-coronel, senhoreando em tanta maneira a confiança geral que, depois de repelido o invasor, fôra nomeado Intendente da Polícia do Pôrto, cidade que sôbre tôdas sofrera as conseqüências pesadíssimas da guerra.

Cerrara por fim esta primeira fase da vida que bastaria a dar-lhe o mais invejável destaque, recolhendo-se à pátria, na cidade nativa de Santos, de onde se afastou quando compreendeu que todos os lances, anteriormente sumariados, de uma carreira brilhante, eram apenas os preparatórios de uma emprêsa mais alta.

* * *

Mas como entrávamos em período forçadamente demolidor e crítico, coube ao jornalismo os primeiros passos na emprêsa.

Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa, no *Revérbero Constitucional;* Fr. Francisco de Santa Teresa Sampaio e João Soares Lisboa, no *Correio do Rio,* esboçaram a reação nativista, e deslocaram para o âmago das agitações nacionais o que elas ainda não haviam tido, o vigor moral da opinião pública. E como nas províncias,

desde Maranhão até S. Paulo, outros jornais se fundaram, reforçando-lhes os esforços, a imprensa fêz-se instrumento preexcelente da luta iniciada, generalizando-a a todos os ângulos do país e favorecendo um movimento de conjunto que ainda não existira. A agitação doutrinária, que até então se amortecera nos prelos londrinos do *Correio Brasiliense,* de Hipólito da Costa, com todos os inconvenientes da distância e do isolamento, deslocava-se de súbito para o âmago do espírito nacional.

E bem que a inquinasse uma metafísica dissolvente, e êsse lirismo político, que tanto comprometera a elaboração recente do século XVIII, o seu papel, embora exclusivamente crítico, traduziu-se como uma redistribuição de alentos e não conseguiu dilatar a energia centrífuga além dessa propaganda tenaz.

Porque se lhe contrapusera, no Rio, a fôrça central, oportuna e necessária, da realeza.

Não vacilemos em reconhecê-lo.

Somos o único caso histórico de uma nacionalidade feita por uma teoria política. Vimos, de um salto, da homogeneidade da colônia para o regime constitucional: dos alvarás para as leis. E ao entrarmos de improviso na órbita dos nossos destinos, fizemo-lo com um único equilíbrio possível naquela quadra: o equilíbrio dinâmico entre as aspirações populares e as tradições dinásticas. Sòmente estas, mais tarde, permitiriam que entre os "Exaltados", utopistas avantajando-se demasiado para o futuro até entestarem com a República prematura, e os "Reacionários", absolutistas em recuos excessivos para o passado, repontasse o influxo conservador dos "Moderados", ou liberais-monarquistas da Regência, o que equivalia à conciliação entre o Progresso e a Ordem, ainda não formulada em axioma pelo mais robusto pensador do século.

Destarte, a luta da Independência teve, no englobar elementos destruidores e reconstrutores, o caráter positivo de uma revolução.

E desenrolou-se com uma finalidade irresistível.

Mas o princípio foi esparso, dispartindo nos mesmos atos sem solidariedade, tão característicos da nossa história.

As Juntas Governativas, que para logo se fundaram, constituíram-se em pequenos estados, e volviam ao aspecto exato dos tempos coloniais, numa espécie de decomposição espontânea. Algumas, como a de Pernambuco, ainda reassumindo a atitude batalhadora, tendo suplantado o elemento português na Capitulação do Beberibe (outubro de 1821), subtraíram-se do mesmo passo ao influxo dos governos do Rio e do Reino, revivendo o antigo sonho da existência autônoma. Outras, as demais do Norte, volvendo a obedecer aos antigos dominadores, facilitavam o programa da recolonização.

Apenas quatro — Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul — aceitaram desde logo o govêrno do Príncipe, forrando-se igualmente à autonomia completa e à dependência colonial.

Nessa instabilidade de três situações contrapostas, é claro que o pensamento libertador, adstrito à contingência de captar o beneplácito preliminar dos agrupamentos de nôvo dissociados, tinha um destino duplo: confundiam-se, penetrando-se entrelaçados, o ideal da Independência e o da unidade nacional. Assim se traçou lìmpidamente, em que pese ao caráter de indeterminação que lhe davam três incógnitas envolvendo três soluções distintas, a equação fundamental de nossos destinos.

E coube ao Sul resolvê-la, a começar pelo Rio de Janeiro, onde chegavam diretamente os decretos retrógrados da Metrópole.

Ocorrera ademais, ali, uma transigência forçada, contraproducente no irritar os ânimos: as tropas do general lusitano Jorge de Avilez haviam, desde junho, impôsto o juramento da Constituição das Côrtes portuguêsas, vivamente combatida pelos deputados brasileiros, e a formação de uma junta governativa destinada a agir em correspondência direta com o govêrno de Lisboa, a que devera submeter-se.

Foi no regime transitório desta vitória efêmera, que entraram os decretos recolonizadores. Declaravam-se independentes do Rio de Janeiro os governos das províncias, e suprimidos todos os tribunais superiores. Impunha-se, por fim, a partida improrrogável de D. Pedro para a Europa.

Esta última cláusula rompeu as reprêsas da revolta.

Amotinou-se a multidão no Rio (9 de janeiro de 1822), estimulada pela propaganda anterior de Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa, chefiada pelo presidente do Senado da Câmara, José Clemente Pereira, português ádito aos mais ferventes nativistas, impondo ao Príncipe, talvez vacilante, a permanência no Brasil.

Impondo, é o têrmo. A representação de oito mil assinaturas, que lhe foi lida, não era um pedido; era uma intimativa.

Redigira-a um lutadôr, que ainda não tem o renome merecido, Fr. Francisco de Sampaio; e o sacerdote rebelde fôra singularmente franco na primeira frase que traçara: "a partida de S. A. seria o decreto que teria de sancionar a independência do Brasil".

O Príncipe cedeu, substantivando-se num verbo único — *fico* — o primeiro capítulo da história da Independência; e êste rompimento, não já da solidariedade política, senão da do sangue, completado, três dias depois, pela capitulação da Divisão Auxiliadora do General Avilez, apoio material e último resquício da ação longínqua do ultramar, foi o traço mais intenso, naquela quadra, da reação nativista.

Ao mesmo tempo definiam-se as províncias. A Junta de São Paulo, cujo presidente, João Carlos Augusto Oyenhausen, se norteava pela vontade firme de José Bonifácio, ligara-se em manifesto enérgico aos sucessos anteriores — e no Norte, a antiga fidelidade à Metrópole partia-se (19 de fevereiro) precisamente na terra onde era clássica, a Bahia, levantada em massa contra o General Madeira de Melo.

Estava declarada a campanha libertadora.

Dado o primeiro choque vitorioso contra o exército estrangeiro, antes mesmo que a sua repercussão nas províncias se coroasse de idêntico sucesso, o govêrno recém-organizado, dirigido por José Bonifácio, a quem se confiara o cargo de Ministro do Reino e Estrangeiros, começou a deliberar, sobranceando os tumultos, como se o não rodeassem as maiores dificuldades.

Caracterizaram-no para logo três medidas radicais, de pronto decretadas: a chamada dos representantes das províncias para concertarem nas reformas urgentes; a preliminar do "cumpra-se" do Príncipe D. Pedro imposta à efetividade das leis portuguêsas; e por fim, medida mais séria porque valia por um ato de independência, a convocação de uma Assembléia Constituinte Legislativa (decreto de 3 de junho de 1822).

Enquanto isto sucedia, o Príncipe, numa viagem triunfal a Minas Gerais, em março, onde à sua chegada se deliram nocivas discórdias emergentes, representava o seu papel real e único — o da ação de presença — como se nas transformações sociais se torne também preciso, às vêzes, essa misteriosa fôrça catalítica que desencadeia as afinidades da matéria.

O título que anteriormente lhe fôra oferecido, pela Câmara Municipal dó Rio de Janeiro numa data que se tornaria ainda mais célebre (13 de maio), de "Defensor Perpétuo do Brasil", já valia por um pálido eufemismo, escondendo o de Imperador, em que desfechariam todos os acontecimentos.

Ampliou-o a proclamação de 1.º de agôsto. Aí êle se intitula defensor da independência das províncias, e pede que o "grito de união dos brasileiros ecoe do Amazonas ao Prata".

Redigida por Gonçalves Ledo, agitador que recorda um girondino desgarrado em nossa terra, ela foi por isto mesmo altamente expressiva. Expunha o único destino da monarquia entre nós, o de transitório agente unificador; e como êste seria nulo sem o alento das expansões populares, o pensamento do futuro imperante devia realmente vibrar na pena de um nervoso chefe liberal.

É inexplicável, por isto, que aquela data tenha escapado à consagração do futuro. Falta-lhe, talvez, como já se observou, a exterioridade de outras, menos eloqüentes e mais ruidosas: a de 7 de Setembro, por exemplo.

Com efeito, o interessante episódio da viagem que levara o Príncipe a S. Paulo, com o seu efeito — em nada modificou o curso natural dos fatos. Apenas teve, diante

da compreensão tarda e rudimentar do povo, a clareza sugestiva das imagens, e deu-lhe a minúcia singularmente valiosa de um símbolo, o tope nacional, auriverde, substituindo a tradicional divisa portuguêsa quando esta foi violentamente despedaçada pelo régio itinerante ao receber, sôbre a Colina do Ipiranga, a notícia das decisões arbitrárias das Côrtes de Lisboa, que lhe anulavam tôdas as reformas praticadas...

"Independência ou morte!", bradou varonilmente, no meio da comitiva eletrizada. E a revolução teve afinal uma fórmula sintética, armada ao apercebimento imediato do povo, encantando-o pela nota romântica e teatral, e, como tantas outras por igual detonantes, desferindo o repentino surto da energia potencial das idéias.

Prosseguiu dali por diante vertiginosamente.

Aclamado e coroado (12 de outubro e 1.º de dezembro de 1822), Imperador constitucional, D. Pedro I não lhe cerrara o ciclo inflexível. Dilatara-lho.

O movimento libertador teve, então, o inconveniente da própria fôrça adquirida; e agindo numa sociedade inconsistente conduziria a resultados desastrosos ou imprevistos.

Era forçoso regulá-lo, contendo-o e retificando-o.

Foi a notável tarefa de José Bonifácio, cujo ministério salvou a revolução, com uma política terrível, de Saturno: esmagando os revolucionários.

Sombreiam-no, com efeito, à luz de um critério superficial, medidas odiosas: destruiu a liberdade de imprensa, suprimindo os próprios jornais que o aplaudiam na véspera; e, com rigor excessivo, arredou da cena ruidosa, em que eram protagonistas, Clemente Pereira, Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa, desterrando-os para o Rio da Prata e para a França. Esta reação contra os três maiores agitadores da Independência é expressiva.

Vê-se que o grande homem vingara, num lance genial, o fastígio de uma crise. Iniciava a função reconstrutora urgente, sôbre o terreno móvel das paixões.

Mostra-o acontecimento capital, subseqüente: a Assembléia Geral Constituinte, reunida a 3 de maio de 1823.

À parte as desordens que a perturbaram numa curta existência setemesinha, até 12 de novembro, quando foi dissolvida por "haver perjurado na defesa da pátria e da dinastia", previa-se que, ainda quando transcorressem calmos, os seus trabalhos provocariam agitações profundas.

Uma constituição, sendo uma resultante histórica de componentes seculares, acumuladas no evolver das idéias e dos costumes, é sempre um passo para o futuro garantido pela energia conservadora do passado. Tradicional e relativa, despontando de leis que se não fazem, senão que se descobrem no conciliar novas aspirações e necessidades com os esforços das gerações anteriores, é um traço de aliança na solidariedade dos povos. E nós íamos parti-lo.

Com efeito, legislar para o Brasil gregário de 1823 — agrupamentos étnica e històricamente distintos — seria tudo, menos obedecer à consulta lúcida do meio. Era trabalho todo subjetivo, ou capricho de minoria erudita discorrendo dedutivamente sôbre alguns preceitos abstratos, alheia ao modo de ser da maioria. A nossa única tradição generalizada era, a do ódio ao dominador recente ainda em armas, e esta, servindo como recurso de momento no propagar a rebeldia, extinguir-se-ia com a vitória, deixando aos formadores da nova pátria um problema ainda mais formidável: erguer, unido ao regime constitucional, nôvo na própria Europa, um povo disperso, que não atravessara uma só das frases sociais preparatórias. Um salto desmesurado e perigoso. Incidia-se na tentativa temerária da mais grave das revoluções, a exemplo daquela paradoxal revolução "pelo alto", que o gênio de Turgot, poucos anos antes, concebera como recurso extremo para salvar Luís XVI aos rumores profundos de 89.

Invertidas as suas fontes naturais, as reformas liberalíssimas, ampliando tôdas as franquias do pensamento e da atividade, iriam a descer a golpes de decretos, à maneira de decisões tirânicas. Impô-las um grupo de homens que, mais do que representantes dêste país, eram representantes do seu tempo. Despeados das tradições nacionais, que a bem dizer não existiam, arrebatava-os, exclusiva, a miragem do futuro.

Mas esta deu-lhes intuição genial, esclarecendo-os na tarefa estranha de formar uma nacionalidade sem a própria base orgânica da unidade de raça.

Porque estávamos destinados a formar uma raça histórica, segundo o conceito de Littré, através de um longo curso de existência política autônoma. Violada a ordem natural dos fatos, a nossa integridade étnica teria de constituir-se e manter-se garantida pela evolução social. Condenávamo-nos à civilização. Ou progredir, ou desaparecer.

E nas aperturas desta alternativa a intervenção monárquica foi decisiva, oportuna e benéfica.

* * *

Os debates da Constituinte principiaram malignados, desde os primeiros dias, pelo lirismo revolucionário dos que a compunham.

Insurgindo-se contra o ministério Andrada, no impugnar as medidas repressivas que êste resolvera, a oposição parlamentar acarretou-lhe a queda, após sucessivos reveses: já retirando-lhe a confiança, ao eleger-se a Mesa, tôda com adversários; já favorecendo a absolvição dos desterrados políticos; já repelindo um imponderado projeto de suspeição contra os portuguêses domiciliados, que tivera, lastimàvelmente, o apoio da palavra inflamada de Antônio Carlos.

Apeando-se do poder, a trindade ilustre dos Andradas apelou para os recursos que condenara na véspera. Aproveitando-se da liberdade de imprensa, que ela própria destruíra, restaurada pelo nôvo govêrno, de José Joaquim Carneiro de Campos (Marquês de Caravelas), fêz de seu jornal, o *Tamoio,* o órgão de um radicalismo infrene; e, emparceirando-se numa aliança extravagante com os exaltados da Constituinte, rodeou a nova situação de tôda a espécie de empeços — erigindo-se, por fim, inspiradora da lei que incompatibilizaria de todo aquela Assembléia com o imperante: a que tornava independente do veto imperial o código orgânico que se elaborava.

Era colocá-lo sob o golpe de Estado.

De fato, ao aparecer, em 30 de agôsto, o projeto constitucional, quase abortício ou temporão, precipitado nas votações atropeladas, ou tangidas pelos ultra-radicais, estava pronto o ambiente que o afogaria.

O antagonismo pessoal de D. Pedro I ostentara-se já na proteção desafiadora que êle dera aos oficiais e soldados portuguêses da Bahia, onde, entretanto, se traçara a legenda patriótica do 2 de Julho; e, se não ocorressem as dificuldades de comunicações, Lord Cochrane e Grenfeld não completariam a rota pacificadora do Norte, do Maranhão ao Pará (junho a agôsto de 23), nem Frederico Lecor (Barão da Laguna) debelaria em Montevidéu (18 de novembro) a última resistência das fôrças áditas à Metrópole.

Porque o divórcio do Imperador e da Assembléia atingira o desenlace tempestuoso da dissolução desta, logo após a formação do ministério contra-revolucionário de Vilela Barbosa (12 de novembro de 1823).

Ao mesmo tempo fêz-se o avêsso da situação anterior: os cascos dos batalhões portuguêses, do Rio, agremiados em S. Cristóvão, tornaram-se a última garantia do trono, tendo sido um dos seus comandantes o portador do decreto ditatorial. Cominou-se o destêrro aos Andradas, Montezuma, Vergueiro e outros patriotas ferventes. E, como supletivo do rompimento, a multidão, no Rio, entre alegrias inexplicáveis, realizou, pela primeira vez, a sua simbiose moral com um triunfador do dia, aplaudindo-o. Como pormenor deploràvelmente pinturesco cita-se a circunstância de haver o próprio D. Pedro dirigido as manobras da tropa assaltante contra a Assembléia.

Felizmente nos livraram de todos os efeitos da contra-revolução, de um lado, o temor de um levante nas províncias, e de outro, a própria índole sonhadora e cavalheiresca do monarca, que não abdicara o seu papel de cortesão pertinaz da Liberdade.

Assim, êle congregou os melhores espíritos que o rodeavam — Carneiro de Campos, Vilela Barbosa, Carvalho e Melo, Nogueira da Gama, Pereira da Fonseca (Marquês de Maricá) e outros, cometendo-lhes a tarefa de escreverem um código orgânico.

Aquêles eruditos, olhos fixos na Europa e no constitucionalismo nascente, não o elaboraram. Qual a qual mais teórico, reuniram as melhores conquistas liberais, joeirando-as dos exageros democráticos, e ressaíram, por fim, inatingíveis, sôbre a cultura do país, na Constituição jurada a 25 de Março de 1824.

Tinham cravado um marco, ao longe, no futuro.

A nossa história daí por diante recorda um fatigante esfôrço para o alcançar.

Apesar disto esta Carta outorgada, que ainda hoje seria um código liberal, despertou, incompreendida, revolta. Mas, nestas, quem lhes destrama a meada dos fatos secundários, verifica apenas a incompatibilidade dos vários grupos brasileiros para a existência autônoma e unida. A de 1824, em Pernambuco, teve o lastro exclusivo das tendências separatistas. À primeira vista, surge daquela anomalia de um regime constitucional impôsto sôbre as ruínas de uma constituinte — aquêle bizarro contra-senso da liberdade doada, arrogantemente, por um decreto; mas o que vislumbram as linhas do *Desengano Brasileiro,* de Soares Lisboa, ou os períodos explosivos de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o terrível panfletário do *Tifis,* jornalistas e representantes naturais de Pernambuco, é o eterno perigo da unidade política contrastando com a heterogeneidade da raça.

De sorte que a efêmera Confederação do Equador, ligando as províncias que vão de Alagoas ao Ceará, precisamente no trato de terras onde as vicissitudes da História mais se uniformizaram nas lutas contra os holandeses, destacando-as das gentes meridionais, é um caso franco de diferenciação étnica.

Dirigida por um dos patriotas da revolução de 1817, Manuel de Carvalho Paes de Andrade, reflete-lhes os mesmos estímulos; e ao ser esmagada pelas fôrças combinadas de mar e terra de F. Lima e Silva e Lord Cochrane, deixou, a exemplo de tôdas as revoltas infelizes, na memória de seus 14 enforcados, os germes de outros elementos revolucionários.

Êstes reuniram-se com um traço legal na primeira Assembléia Legislativa do Brasil, de 1826, que a Constituição instituíra, e onde se agruparam, sob todos os matizes, federalistas e republicanos.

A maioria, de liberais monarquistas, adeptos do regime parlamentar inglês, deliberava no tumulto.

Dois assuntos predominantes denunciaram para logo o divórcio entre o Imperador e a Câmara dos Deputados: a revivescência do partido absolutista, abertamente favorecido pelo primeiro, e o antagonismo crescente da segunda contra as "comissões militares" que se alastravam pelo país instituindo um regime de terror generalizado. Destacaram-se então em pleno contraste com a subserviência do Senado, que na mesma ocasião se congregara, alguns nomes novos predestinados a grafarem-se para sempre em nossos fastos: Odorico Mendes, o genial helenista, para logo se salientara objurgando veementemente as atrocidades perpetradas no Pará por um almirante mercenário, o repugnante Grenfeld, que no último lance de sua estranha missão pacificadora trucidara 253 brasileiros em massa, dentro dos porões irrespiráveis do navio que comandava; José Custódio Dias, tão injustamente esquecido hoje, arremetia diuturnamente, na tribuna, com a facção áulica dos "absolutistas infernais"; Lino Coutinho, incorruptível e impávido, persistia na agitação ruidosa a que se afeiçoara nos grandes dias das lutas da liberdade; Bernardo Pereira de Vasconcelos, vindo de Minas — uma alma titânica dentro de um arcabouço abatido e afistulado de moléstias — aparecia, surpreendedoramente, cedendo aos máximos arrancos de seu temperamento impetuoso ao ponto de ferir de frente a própria integridade do regime; e predestinado a tornar-se maior do que todos, um padre jansenista da vila de Itu, Diogo Antônio Feijó, estremava-se num radicalismo alarmante, com os seus projetos relativos à eleição por círculos, à abolição das condecorações e do celibato clerical, imprimindo tonalidade excepcionalmente revolucionária em todos os debates.

O Imperador parecia não os escutar. Trancara-se no círculo isolante de um gabinete secreto, onde pontificavam

singularíssimos personagens, que mal se distinguem hoje e se apagam na História, entre as graçolas rasteiras e as picuinhas do funambulesco Francisco Gomes da Silva (o Chalaça), guindado às graves funções de secretário particular, e o maravilhosamente ridículo Gordilho da Barbuda, ofembaquiano Marquês de Jacarepaguá e Senador do Império, por decreto... Superponha-se a tudo isto o ruge-ruge das saias da Marquesa de Santos, e avaliar-se-á o declive por onde ia em despenhos o prestígio imperial.

Por fim só o sustinham os braços vendidos de 3 000 mercenários, irlandeses e alemães. Mas eram contraproducentes: em 1828 desmandaram-se em motins a muito custar reprimidos pelo povo do Rio, e acirraram todos os agentes de cizânia entre o Imperador e o país. Comentando êstes acontecimentos na *Aurora Fluminense,* um jornalista incorruptível e viril, Evaristo Ferreira da Veiga, traçara períodos amaríssimos destinados a reviverem todos os alentos e exageros nativistas:

"Desgraçado povo que sofre o jugo do estrangeiro!" e nesta apóstrofe percebia-se o nome do monarca de envolta com os dos chefes daquele rebotalho dos exércitos europeus sovados pelos sabres napoleônicos...

Destarte o antagonismo entre a opinião nacional e o govêrno era irremediável; e na legislatura de 1829 atingiu ao ponto crítico. Bernardo de Vasconcelos, O. Mendes e Limpo de Abreu denunciaram os ministros da Guerra e da Justiça, como réus da criação inconstitucional das "comissões militares". Atacava-se de frente a ortodoxia governamental. As sessões transcorreram tumultuárias, ruidosas. E quando chegou o dia da votação no meio de vozeria insultante das galerias atestadas de patriotas pagos e a sôldo dos absolutistas, ouviu-se dominadoramente, impressionadoramente, a palavra severa de Diogo Antônio Feijó:

"A Constituição não pode marchar sem a responsabilidade do govêrno; voto, portanto, pela acusação dos ministros!"

Estávamos como nos grandes dias da Convenção...

* * *

As crises ministeriais refletiam, por sua vez, a desordem geral. Caindo o ministério de Vilela Barbosa (Marquês de Paranaguá), o que lhe sucedeu (16 de janeiro de 1827), de J. F. Fernandes Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo, teve a existência inútil de alguns meses até ao primeiro ministério parlamentar, do Deputado Pedro de Araújo Lima (novembro de 1827).

Daí por diante o desequilíbrio governamental vai acentuando-se num crescendo, até ao desabamento de 1831.

O Imperador vacila, sondando a opinião, procurando-a mesmo entre os liberais extremados que o repelem, mal permitindo-lhe constituir o ministério de um trânsfuga, José Clemente Pereira (15 de Junho de 1828); e volta-se, intermitentemente, para o homem que lhe monopolizara a confiança, Vilela Barbosa.

Intervêm fatos externos acirrando a crise.

A Banda Oriental levantara-se em 1825, à voz de Lavalleja, protegido pelo govêrno de Buenos Aires, e travara-se a mais inglória das nossas guerras numa sucessão de combates inúteis, onde apenas sobressaem as vitórias de Rodrigo Lôbo contra o Almirante Brown. Os exaltados, no Rio, tornam-se quase sócios dos orientais rebeldes. O fracasso do Marquês de Barbacena, em Ituzaingó (28 de fevereiro de 1827), no recontro desigual com o exército de Alvear, provoca-lhes singulares júbilos, como se por uma intuição profunda prefigurassem os perigos da volta triunfante de um general vitorioso para a pátria anarquizada, depois de cursar, nos pampas, a escola tradicional da caudilhagem. E quando, depois da guerra, rematada com o Tratado de 27 de Agôsto de 1828, sancionando a independência da Cisplatina, a esquadra do Barão de Roussin exigiu imperativamente a entrega de alguns navios franceses preados no bloqueio do Prata, a conjuntura em que se encontrou o govêrno, dobrando-se à intimativa contra a vontade das duas Câmara, feriu fundo as suscetibilidades patrióticas e arrancou da fronte do Imperador a sua auréola de valente.

Êle estava, além disto, em situação que o impropriava afoitar-se com a adversidade crescente. De posse da coroa portuguêsa por morte de D. João VI (1826), repartia-

-se em preocupações opostas, das quais sòmente em parte o libertara a abdicação em favor de sua filha Maria II. Mas embora o animasse o desejo de transpor o mar para fazer-se paladino do constitucionalismo em Portugal, tentou ainda em 1831 (19 de março) um último esfôrço de reconciliação, abraçando-se ao partido liberal, com o ministério de Carneiro de Campos.

Era tarde. Nas eleições de 1830 haviam triunfado, em maior número ainda, radicais e federalistas; e a imprensa, com um vigor que nunca mais teria no Brasil, dirigida pela *Aurora Fluminense,* de Evaristo da Veiga, tomara a direção do movimento, tornando-o irreprimível, generalizando-se nas províncias com o *Observador Constitucional,* de Líbero Badaró, em S. Paulo, com o *Universal,* em Minas, e no Norte com o *Baiano,* de Rebouças. Neste recrudescer de antagonismos, exercia-se também o influxo moral de um acontecimento externo: a revolução de 1830, da França, delirantemente saudada pelos liberais do Brasil. Na *Aurora* de 27 de setembro daquele ano, Evaristo sintetizara o sentimento geral: "Carlos X deixou de reinar; o mesmo aconteça a todo aquêle monarca, que traindo os seus juramentos, tentar destruir as instituições livres de seu país". A situação, como se vê, precipitava-se para um desfecho vertiginoso.

O ministério liberal de Carneiro de Campos durou um mês.

O país era ingovernável. O baralhamento das idéias principiava a alastrar-se nas ruas em desordens sanguinolentas entre nacionais e portuguêses, de que foi modêlo a tormentosa "noite das garrafadas" (13 e 14 de março de 1831).

Dominante sôbre tudo isto avultava a crise econômica e financeira, que se esboçara desde o govêrno de D. João VI, e viera, gravada de sucessivos empréstimos, até a desastrosa liqüidação forçada do Banco do Brasil em 1829. O câmbio caíra, ficando abaixo do par. A dívida passiva herdada da Metrópole quintuplicara, ao mesmo passo que as emissões de títulos inconversíveis varriam as últimas moedas de ouro e prata da terra prodigiosa das minas. "Claro

é a tôdas as luzes o estado miserável a que se acha reduzido o Tesouro Público... desastroso deve ser o futuro que nos aguarda", dissera o próprio Imperador na Fala do Trono de abril de 1829. E comentando logo depois a situação irremediável, Evaristo da Veiga atribuíra-a em grande parte a "uma Côrte que com o seu esplendor insulta a miséria pública..."

Nesta emergência, o Imperador apelou mais uma vez para Vilela Barbosa, constituindo um ministério de senadores, velhos serventuários, leais mas fragílimos.

Foi o pretexto de maiores tumultos.

O povo do Rio enviou uma deputação a S. Cristóvão exigindo a reposição do ministério liberal, anterior. Repelindo-a nobremente D. Pedro, a multidão alvorotou-se e, captado o apoio da tropa (7 de abril), confiou a um dos chefes militares, o Major Miguel de Frias, nova intimativa imperiosa.

Era o desfecho. D. Pedro I abdicou no imperador infante, confiado à tutela de José Bonifácio, repatriado em 1830, e, embarcando na nau inglêsa *Warspite,* cerrou a primeira fase da sua carreira aventurosa.

* * *

O 7 de Abril era inevitável.

Tinha dez anos o embate entre as correntes monárquica e democrática e como a divergência das idéias atingisse a um *maximum* gravíssimo, impunha-se o domínio de uma delas.

Mas — embora o favorecessem todos os resultados de uma ação que abatera não só o princípio monárquico, como também, pelo caráter militar que assumira, o prestígio da autoridade civil — o liberalismo triunfante não foi levado às suas últimas conseqüências. Porque entre as fôrças adversas dos federalistas extremados e triunfantes (Partido Liberal Exaltado) e reacionários absolutistas (Partido Restaurador ou Caramuru), surgira, *tertius gaudet,* na luta que não compartira, fortalecido pela situação neutral entre aquêles rivais que se maniatavam, um outro, o Liberal

Monarquista (Partido Moderado), que, conciliando as conquistas dos combatentes da véspera com as reservas da sociedade conservadora retraída, lhes repelira por igual as tendências exclusivas, evitando dois perigos extremos que se fronteavam: a república prematura e o absolutismo revivente.

O papel da Regência, ponto culminante da nossa História Política, instituiu-se, assim, como um ponderador das agitações nacionais: um volante regulando a potência revôlta de tantas fôrças disparatadas. Compreenderam-no os homens extraordinários que ao assumirem naquele momento o govêrno "se temiam de si mesmos, no entusiasmo sagrado do patriotismo e do próprio amor da liberdade", que os armara.

Nem careciam para isto de aquilinos lances de vistas.

Os perigos da situação não lhes demandavam a cogitação mais breve. Eram intuitivos. Assoberbavam-nos. Estadeavam-se, francos, impressionadoramente. E entre êles, pior do que uma ditadura real, surgia a aspiração federalista, colimando o rompimento definitivo dos frágeis elos entre as províncias.

Um estrangeiro ilustre, Augusto de Saint-Hilaire, depois de caracterizar o estado revôlto das repúblicas platinas, volvia naquela época o olhar para o Brasil, e apontava-lhe idêntico destino, se acaso fôssem satisfeitos, pelo regime federal, os desejos de mando das patriarquias aristocráticas, que o retalhavam: "...que os brasileiros se acautelem contra a anarquia de uma multidão de tiranetes mais insuportáveis do que um déspota único." (1)

---

(1) Diante do quadro lastimável da política nacional, têm ainda hoje a mais perfeita oportunidade as palavras austeras do grande naturalista, em 32: "Les brésiliens ne sauraient étabir chez eux le système fédéral sans commencer par rompre les faibles liens qui les unissent encore. *Impatients de toute supériorité, plusieurs chefs hautains de ces patriarchies aristocratiques dont le Brésil est couvert, appellent sans doute le fédéralisme de tous les vœux; mais que les brésiliens se tiennent en garde contre une déception qui les conduirait à l'anarchie et aux vexations d'une foule de petit tyrans, mille fois plus insupportable que ne l'est un seul despote.*"

Ora, a missão da Regência consistiu em afastá-los.

Contrasta em tanta maneira com as revoltas anteriores, que o 7 de Abril passou em julgado, consoante a expressão de Teófilo Otoni, com *une journée de dupes*: iludidos os exaltados que o precipitaram, o exército que os amparou e a própria nação para quem a abdicação fôra uma surprêsa. (2)

Mas o conceito é falso. Dos vitoriosos da véspera despontariam os três maiores homens do tempo, Evaristo da Veiga, Bernardo Pereira de Vasconcelos e o Padre Diogo Antonio Feijó; e o general que chefiara o movimento, Francisco de Lima e Silva, seria membro imutável dos triunviratos, de 31 a 35.

O que houve foi o caso vulgar nas revoluções triunfantes: o radical, o agitador vermelho, extinta a sua função demolidora, fazia-se conservador no govêrno, e vibrava a autoridade recém-adquirida contra os que o haviam auxiliado a destruir a autoridade antiga.

Mudavam por coerência.

Adivinhando a missão histórica do império, Evaristo da Veiga salvou o princípio monárquico, identificado, então, com a unidade da pátria; prevendo a anarquia que esfacelaria o país, Feijó restaurou, por um milagre de energia incomparável, a autoridade civil.

Completam-se. São dois nomes que são dois índices de uma época inteira. Ambos apareciam sem linhagem no meio de nomes já tradicionais. O primeiro, vindo do fundo de uma tipografia modesta, constituiria o nosso primeiro modêlo de um jornalista político, inflexível e cortês, nunca abdicando a altitude do pensar e do dizer no meio das mais tumultuárias controvérsias.

O segundo, vindo de uma paróquia de S. Paulo, dilataria em pouco tempo a sua individualidade, sôbre a amplitude indefinida da pátria que se construía.

Domina inteiramente o quadro.

Recorda o herói providencial, de Tomás Carlyle.

---

(2) Joaquim Nabuco, *Um Estadista do Império*, t. I.

Ministro da Justiça, na primeira Regência Permanente Trina, sofreu rijamente todo o ímpeto da torrente revolucionária.

O seu primeiro golpe foi contra os companheiros da véspera, suplantando (14 e 15 de julho) fortes levantamentos militares que estalaram no Rio. Foi um golpe fulminante. Reprimiu as desordens; dissolveu alguns batalhões indisciplinados; fragmentou os demais, destacando-os para as províncias.

Nunca se vira autoridade dêste tope. Ela golpeou de espanto o próprio govêrno, determinando a saída de alguns ministros assombrados e a entrada de Bernardo de Vasconcelos e Lino Coutinho.

Diogo Feijó prosseguiu, inflexível. Tendo-se apenas apercebido de estoicismo raro, que o levava intrêmulo às decisões mais arriscadas, criou a Guarda Nacional (18 de agôsto de 1831) e com ela, logo depois (7 de outubro), reprimiu nôvo levante do Corpo de Infantaria de Marinha, que foi por sua vez extinto, depois de severamente corrigido, sendo entregues os negócios da marinha a um lente da academia militar destinado a longa carreira, Rodrigues Tôrres (Visconde de Itaboraí).

Dêste jeito, em poucos meses a anarquia emergente da indisciplina militar dobrava-se, jugulada, sob as mãos inermes de um padre. E o govêrno pôde devotar-se à organização administrativa, criando o Tesouro Nacional e tesourarias provinciais; sancionando e procurando aplicar, ainda que inùtilmente, a primeira lei repressiva do tráfico (7 de novembro de 31); e reorganizando as escolas.

Edificava sôbre o solo vibrante da revolução.

O ano de 1832 antolhou-se-lhe referto de ameaças.

Os três partidos que se enterreiravam nas Câmaras tinham elementos que se contrabalançavam. Aos moderados dirigidos por Evaristo, Vergueiro, Limpo de Abreu, Carneiro Leão e Paulino de Sousa, contrapunham-se os exaltados de Paes de Andrade, de Bernardo Pereira de Vasconcelos, dos Franças, da Bahia, e de Miguel de Frias; enquanto o "caramuru" enfeixava os nomes tradicionais de José Bonifácio, Paranaguá, Cairu e Martim Francisco, lastimà-

velmente aberrados da trajetória superior que tinham sido os primeiros a traçar, ao ponto de maquinarem a volta de D. Pedro I.

Na imprensa, o *Repúblico,* de Borges da Fonseca, e a *Aurora,* batiam-se sob ataques convergentes dos jornais federalistas (o *Exaltado,* a *Matraca* e a *Sentinela,* de Cipriano Barata) e reacionários (o *Caramuru,* o *Tempo* e o *Diário do Rio*).

E, fora dêstes dois campos, a Sociedade Federal, a Sociedade Militar, dos absolutistas, e a notável Sociedade Defensora, de Evaristo, onde se ensaiava a oratória imponente de Francisco de Sales Torres-Homem, transmitiam, agravadas, ao povo, estas divergências insanáveis.

A 3 de abril rebentou nôvo motim, impelido por Miguel de Frias, liberal extremado: foi suplantado. Seguiu-se-lhe, dias depois, um outro, desencadeado pelos absolutistas e dirigido por um alemão aventureiro, o Conde Von Bulow: foi completamente suplantado. O inflexível Ministro da Justiça firmava definitivamente a ordem. De sorte que, a exemplo do ano anterior, os trabalhos do govêrno e das Câmaras puderam traduzir-se em medidas fecundas, em que sobressaem: a sanção do nôvo Código do Processo Criminal, à luz das modificações profundas que o constitucionalismo imprimira na vetusta legislação portuguêsa; a reforma das Ordenações; estabelecimento do júri; e o abandono de uma velharia colonial, a Casa da Suplicação.

Os podêres constituídos, galvanizados pelo ânimo inflexível de Diogo Feijó, atravessaram, afinal, mais firmes, todo o ano de 33, demasiando-se até em atos de energia inúteis e condenáveis: a destruição, pela justiça sumária do empastelamento, da imprensa adversa; e, a 15 de dezembro, a prisão de José Bonifácio, suspenso do cargo de tutor da família dinástica.

Nesta, como nas repressões anteriores, o govêrno reagia simultâneamente contra os ideais extremos que entre si mesmos se repeliam.

O Partido Moderado preponderou por fim, incondicionalmente, desde 34.

Pertence-lhe, inteira, a lei de 3 de agôsto daquele ano, o Ato Adicional. Aí há um transigir cauteloso com o libe-

ralismo atenuado, senão com as próprias tendências federalistas: substituem-se os conselhos pelas assembléias provinciais; suprime-se o Conselho de Estado e, como um minorativo a estas franquias, ou anódino consôlo ao absolutismo suplantado, faz-se a concentração do govêrno na Regência Una, e institui-se o Poder Moderador.

Uma proposta dos separatistas para que os presidentes das províncias se escolhessem numa lista tríplice das respectivas assembléias, caiu, impugnando-a Evaristo da Veiga, o grande inspirador dos Moderados, que lhe lobrigara nas entrelinhas o fracionamento do país.

Justificavam-no todos os fatos, além dos que ocorriam na capital. As revoltas nas províncias desatavam-se em datas, vinculadas em série: no Ceará (1831-1832), em Pernambuco (1832-1835), no Pará (1835-1837), na Bahia (1837-1838), no Maranhão (1838-1841) e abrangendo-as, somando-as, a longa agitação no Rio Grande (1835-1845).

Debelada a primeira pela Regência Trina, as duas seguintes deparariam adversário mais tenaz.

Diogo Feijó, já então senador pelo Rio de Janeiro, fôra eleito regente (12 de outubro de 1835).

Mas parecia mudado.

As lutas ferozes que compartira haviam-no tornado vacilante sôbre o futuro. As cláusulas que impôs para aceitar o govêrno, uma das quais, a 8.ª, prevê a hipótese da secessão das províncias, mostram-no aperrado de desânimos. Compreendera, talvez, a enormidade do problema que se propunha atacar; e que os tumultos federalistas, os mais lógicos entre os que abalavam o país, tinham gênese inacessível, exigindo operação mais séria do que cargas das baionetas. Uma daquelas revoltas, a ferocíssima Cabanagem do Pará, vencida pelo General Soares de Andréa, em 1836, dera um tipo nôvo à nossa história — o "cabano". Simbolizava o repontar de questão mais séria, que passou despercebida à sua visão aguda, e se destinava a permanecer na sombra até aos nossos dias.

Era o crescente desequilíbrio entre os homens do sertão e os do litoral. O raio civilizador refrangia na costa.

Deixava na penumbra os planaltos. Os maciços de um continente compacto e vasto talhavam uma fisionomia dupla à nacionalidade nascente. Ainda quando se fundissem os grupos abeirados do mar, restariam, ameaçadores, afeitos às mais diversas tradições, distanciando-se do nosso meio e do nosso tempo, aquêles rudes patrícios perdidos no insulamento das chapadas. Ao "cabano", se ajuntariam no correr do tempo o "balaio", no Maranhão, o "chimango", no Ceará, o "cangaceiro", em Pernambuco, nomes diversos de uma diátese social única, que chegaria até hoje, projetando nos deslumbramentos da República a silhueta trágica do "jagunço"... Observe-se, contudo, de passagem, que não escapou de todo ao descortino excepcional de Diogo Feijó o meio preexcelente para quase remover-se esta fatalidade, em grande parte resultante da nossa amplitude e impenetrabilidade continental. Na lei de 31 de outubro de 1835, a primeira que êle promulgou ao assumir a Regência Una, traçam-se as primeiras linhas do nosso desenvolvimento econômico: autorizava-se a construção de uma estrada de ferro para ligar-se a Capital do Império às províncias de Minas Gerais e S. Paulo. Mas o belo pensamento administrativo avantajava-se demais à própria sociedade. Foi inviável. Ao grande homem ficou, porém, a glória de haver adivinhado êsse antagonismo formidável do deserto e das distâncias, que ainda hoje tanto empece o pleno desdobramento da vida nacional.

Vencida a "cabanada", curou o regente da insurreição rio-grandense, dirigida por um campeador, Bento Gonçalves da Silva, com quem não desadorava ombrear um outro predestinado a maior fama, Giuseppe Garibaldi.

A ação do govêrno foi, entretanto, frouxa, permitindo que, apesar de aprisionado o primeiro em sangrento combate de três dias (2, 3 e 4 de dezembro de 1836) se avantajassem os "farrapos", sobranceiros ao revés, ao ponto de proclamarem, um mês depois daquele fato, a República de Piratinim, sendo eleito presidente o próprio general prisioneiro.

As vacilações governamentais favoreciam-nos.

Bento Gonçalves, conseguindo evadir-se do Forte do Mar, na Bahia, dera-lhes nôvo alento; e o melhor chefe

legalista, Bento Manuel, que se notabilizara em 1818 na campanha contra Artigas, com êle se bandeou numa defecção lastimável.

Ao mesmo tempo, agravava-se nas Câmaras a oposição liberal dirigida por Bernardo Vasconcelos, Araújo Lima e Rodrigues Tôrres, a que se aliavam dois grandes predestinados, Carneiro Leão e Paulino de Sousa. E para malignar as coisas, a morte de D. Pedro (1834), que se figurava circunstância favorável, destruindo de golpe as esperanças dos reacionários, ocasionara a aliança dêstes com a oposição parlamentar, criando-se o Partido Conservador, triunfante nas eleições daquele mesmo ano e maniatando de todo o govêrno.

Sombreava ainda mais o quadro uma situação financeira quase irremediável. A atividade incipiente do país, danada por êsse intermitir de revoltas, e as suas precárias fontes de rendas exauridas pelas despesas feitas para as debelar, agravavam de ano a ano a dívida pública, sobretudo externa, cujos compromissos mal paliara a resolução legislativa (1833), que quebrara o padrão monetário em vigor desde os tempos coloniais.

Diogo Feijó, avaliando a situação, resolveu-a com a antiga retitude. Nomeou ministro do império o seu principal adversário, o chefe oposicionista, Pedro de Araújo Lima; e no dia seguinte (19 de setembro de 1837) entregou-lhe o cargo da Regência, ultimando-se a missão histórica do Partido Moderado.

Desaparecia nobremente e no momento oportuno.

Nobilitara a lei; ressuscitara a autoridade; dignificara o govêrno.

Diante de sua alma de romano, quebrara-se, amortecida, a vaga de uma Revolução.

Ficava-lhe, adiante, um remanso: o Segundo Império.

"Depois de 1836 a História Política do Brasil se resume na luta dos dois partidos, o conservador e o liberal". (Barão do Rio Branco).

Mas, desde logo, é claro o descambar do princípio democrático, até então predominante. A regência de Araújo Lima esboça a reação monárquica, favorecida inesperada-

mente pelos dois maiores paladinos das franquias liberais, Evaristo da Veiga e Bernardo Pereira de Vasconcelos.

O último traçou com incomparável lucidez a sua nova atitude:

"Fui liberal, então a liberdade era nova no país; e estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas idéias práticas; o poder era tudo: fui liberal. Hoje, porém, é diverso o aspecto da sociedade: os princípios democráticos tudo ganharam e muito comprometeram; a sociedade, que então corria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganização e pela anarquia. Como então quis, quero hoje servi-la, e por isto sou regressista. Não sou trânsfuga, não abandono a causa que defendo no dia de seus perigos, de sua fraqueza; deixo-a no dia em que tão seguro é o seu triunfo que até o excesso a compromete."

Aí está todo o ementário da época. Não temos em tôda a nossa vida política, em tão poucas linhas, programa tão vasto. Bernardo de Vasconcelos não se justificava; justificava a sua nacionalidade. Seria incoerente se não mudasse.

O grande homem, aprumando-se na encruzilhada a que chegara a fase preparatória da Regência, trancava a passagem para a República. O Império surgiria com a Maioridade antecipada, e inconstitucional, feito anelo comum dos liberais de Antônio Carlos e conservadores de Paranaguá.

Foi o que sucedeu a 23 de julho de 1840.

A maioria do país estava em paz. Debelara-se na Bahia a Sabinada (1838) e a efêmera República Bahiense; e no Maranhão os Balaios fugiam diante de um general feliz, L. A. de Lima e Silva (Caxias), cuja espada seria a escora de um reinado. No Sul, malgrado dois lidadores iguais no destemor e no renome, separados depois por uma variação de cenário, Davi Canabarro e Giuseppe Garibaldi, os rebeldes recuavam ante a firmeza do General Soares de Andréa (Barão de Caçapava).

Decaíam as paixões. A própria imprensa abdicara de si o papel agitador, que monopolizara. Dois jornais, o *Brasil,* de Justiniano José da Rocha, e o *Maiorista,* de Sales

Tôrres-Homem, ambos bem escritos, frases limadas, sem o afôgo e a sinceridade dos anteriores, bastavam às exigências políticas. Percebia-se a infiltração do artritismo monárquico no corpo fatigado do país. Vão surgir ainda algumas revoltas, as últimas. E nestas, nas de Minas e S. Paulo (1842) sufocadas por Lima e Silva, nos combates de Santa Luzia e Venda-Grande; na de Pernambuco (1848), o que se observa é apenas o desapontamento partidário. Não havia princípios políticos em jôgo. A de Minas, por ex., determinaria o fato subalterno de uma reforma do código do processo. Os rebeldes timbram no conclamar a adesão ao trono. Batem-se saudando a realeza.

Imprimira-se uma inflexão na diretriz da nossa história.

Era obrigatória. O nosso desenvolvimento social fôra até ali quase nulo. A vida nacional ativera-se aos interêsses absorventes da política.

A cultura literária permanecera inapreciável. A filosófica papagueava no ecletismo massudo do Padre Mont'Alverne. Os talentos que apareciam — resumamo-los em Araújo Pôrto-Alegre, Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias — tinham educação alienígena, através da preliminar obrigada de uma viagem à Europa, de onde nos vinham os únicos contingentes da ciência, emalados. Nas ciências restringíamo-nos à figura solitária daquele notável Padre Custódio Alves Ferrão (1842) incompreendido e inútil nas salas desfreqüentadas do Museu Nacional incipiente.

Seguindo o exemplo de Saint-Hilaire, alguns eleitos saltavam, envoltos de indiferença geral, num ponto qualquer da costa, e iam descerrar as opulências de uma natureza sem par, imensa página da História Natural que não sabíamos ler.

D'Orbigny segue para Mato Grosso; Pedro Clausen (1841) para Minas; Helmreich (1846) para a Bahia; Gardner, para o extremo norte; Pissis delineia o nosso primeiro mapa geológico; Castelneau (1843) afunda nos planaltos; e mais ilustre que todos, Wilhelm Lund, de seu retiro tranqüilo da Lagoa Santa, principiara a abalar o

mundo científico com as suas extraordinárias descobertas sôbre o brasileiro pré-histórico.

Ninguém os percebia.

Sob o aspecto intelectual, reduzidos à literatura apressada dos jornais e às rimas de um e outro poeta de talento a errar pelas encostas da inspiração nacional que culminava nos *Suspiros Poéticos,* de Magalhães, estaríamos aquém da ditadura real; e, sem magoar a História, poder-se-ia dar a D. João VI o título de Mecenas, se, desde 1838, a fundação do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* sob a direção do Marechal R. da Cunha Matos e Cônego Januário Barbosa, não se erigisse como um centro de convergência das energias dispersas do nosso espírito. A simples lista de seus primeiros sócios, onde a par dos nomes estrangeiros, presuntuosamente decorativos, de Chateaubriand e de Humboldt, se destacam os de Marques Lisboa, Vasconcelos Drumond, Maciel Monteiro, Pedro de Ângelis, Ladislau Monteiro Baena, paciente compilador das *Eras da Província do Pará,* Visconde de S. Leopoldo (*Anais da Província de S. Pedro do Sul*), Inácio Accioli (*Memórias Históricas e Políticas da Bahia*), Marquês de Maricá, Pedro de Alcântara Belegarde, Joaquim Caetano da Silva e um môço, Varnhagen, que seria mais tarde o Visconde de Pôrto Seguro — é por si só bastante expressiva no revelar uma vivacidade espiritual amplamente generalizada. Mas aperreavam-na as desordens dispersivas dos partidos.

Na própria ordem prática, as mais imperiosas medidas despontavam abortícias. A idéia de bater-se a distância e abreviar-se a enormidade da terra pelas linhas férreas, ressurgira em 1840, no privilégio concedido a um estrangeiro pertinaz, Tomás Cochrane. Mas o lúcido profissional agitou-se debalde no meio da sociedade desfalecida, até ao malôgro completo de seu pensamento progressista.

Assim, a nossa evolução, por ser estritamente política, era problemática. Pelo menos ilusória. Estava numa minoria educada à européia. O resto jazia no ponto em que o largara a Metrópole, obscuro e dúbio — amálgama proteiforme de brancos, pretos e amarelos, uns e outros prática e moralmente prejudicados pela escravidão crescente com o tráfico, que se não extinguira.

De sorte que embora a Regência, com ser eletiva, exemplificasse a praticabilidade da república, foi providencial a atitude dos que lhe prorrogaram o advento. Seria, então, artificial e forçada. Contraviria à situação social.

Esta, cindida de crises, viera desde a constituição de 24, que impusera (permita-se-nos a antilogia) a liberdade, numa ascensão vertiginosa para que se não aparelhara.

O Segundo Império foi uma parada. Digamos melhor: uma situação de equilíbrio.

Predominara, logo em boa hora, o elemento conservador.

Na Câmara de 1843, uma firgura isolada, Antônio Rebouças, único a representar a falange liberal decaída, aparecia como uma evocação do passado. Fundindo duas raças, aquêle ariano bronzeado desdobrou, inútil, diante dos reacionários tranqüilos, a sua sólida envergadura de lutador. Era um incompreendido. Falava uma língua morta no recinto onde, entretanto, eclipsando os grandes nomes do Senado, iam surgindo Maciel Monteiro, Abrantes, Vanderlei, Eusébio de Queirós e Nabuco.

É que a regressão ou a parada, segundo o ideal de Bernardo de Vasconcelos, fôra completa.

Começando a governar com os liberais — Antônio Carlos, Martim Francisco, Limpo de Abreu, A. Coutinho e Holanda Cavalcanti — o Imperador fizera-o por gratidão aos batedores da sua maioridade inconstitucional.

Este ministério não durou um ano.

A reação monárquica desmascarou-se logo com o Marquês de Paranaguá (23 de março de 41) e foi desde logo exagerando-se até golpear o Ato Adicional: restabeleceu-se, por uma lei ordinária, o Conselho de Estado; e, por uma outra de 3 de dezembro, foi entregue a distribuição da justiça a um complicado aparelho policial.

Carneiro Leão (depois Marquês de Paraná, 20 de janeiro de 43), um convencido que atrairia todos os ressentimentos do Monarca para lhe amparar melhor o trono, continuou êste esfôrço. E ao entregar em 44 o govêrno aos liberais do Visconde de Macaé, viu-se que o fazia menos

pelo decair do programa conservador que por um ressentimento pessoal do Imperador.

Com efeito, a preocupação absorvente de estancar as reformas ia nivelando os partidos. Tinha-se andado demais. O próprio Antônio Carlos, desequilibrado no estonteamento da altura a que se chegara, atirava no seio da representação nacional um grito de espavorido:

— Senhores! a Constituição foi feita às carreiras!

Era preciso parar, embora repelindo-se as melhores figuras do passado: Feijó e Campos Vergueiro, duas tradições vivas e belíssimas, comprometidos nas revoltas que irromperam em 42, em Minas e S. Paulo, foram desterrados. Desfechou-se em 45 o último golpe no federalismo, no Rio Grande, caindo a República de Piratinim.

Por fim, o Partido Liberal saiu em 1848 do poder para a revolução malograda de Pernambuco. Desenhou-se o perfil do último revolucionário, Nunes Machado. E a crise extinguiu-se de vez — dominado o horizonte político (29 de setembro de 48) pelo Marquês de Olinda, a quem o cargo de último regente dera quase a majestade de um rei.

Começava a política imperial.

* * *

Nobilitou-a, a princípio, uma medida civilizadora.

Uma questão incômoda, a da escravidão, viera desde o século anterior (1758) com o *Etíope Resgatado,* de M. Ribeiro da Rocha, intermitentemente revivida. Em 1810, Veloso de Oliveira apresentava-a a D. João VI, com a idéia de libertação dos nascituros. Hipólito da Costa agitara-a, pelo *Correio Brasiliense,* discutindo a emancipação gradual e inspirando, talvez, o tratado de 22 de Janeiro de 1815, com a Inglaterra, no qual o govêrno português se obrigou a abolir o comércio de escravos ao norte do equador. O Visconde da Pedra Branca, um sentimental, levantara-a, sem resultado, nas Côrtes de Lisboa, em 21. Em 1825, José Bonifácio apresentava notabilíssimo projeto sacrificado nas desordens do tempo.

Sobreviera por fim, de nôvo, a influência da Inglaterra (Convenção de 1826), visando refrear o tráfico, a partir de 1830. Depois a lei inexecutada ou intermitentemente violada pelos contrabandistas, de 7 de novembro de 31, inspirada por um projeto anterior e malogrado dos irmãos Ferreira França.

Sucedeu um hiato durante a Regência e comêço da maioridade, até ao *bill* Aberdeen (1845). A nova intervenção inglêsa, porém, malestreara-se com estatuir a captura do negreiro mesmo nas águas territoriais e o seu julgamento nos tribunais britânicos. Foi contraproducente: o traficante, emboscado no ressentimento nacional, tornou-se um quase vingador da nossa soberania melindrada e ferida.

A Inglaterra, porém, insistiu ao ponto de influir excepcionalmente no ministério do Visconde de Monte Alegre, em que se recompusera anteriormente o do Marquês de Olinda.

A lei de 4 de setembro de 1850 imortalizou o Ministro da Justiça Eusébio de Queirós e, severamente aplicada, avantajou-se às balas dos cruzeiros inglêses, extinguindo inteiramente o tráfico.

O grande mérito de Monte Alegre está no haver pairado a cavaleiro das explorações que se exercitaram sôbre o melindre nacional. A pressão das armas inglêsas era iniludível. Não havia obscurecê-la nem ao seu caráter irritante. Mas era também uma intimativa austera da civilização.

O mesmo se dirá de um outro ato, subsecutivo: a intervenção nos negócios do Prata (1851), depois de um longo afastamento em que um nome, Ituzaingó, se escrevia isolado, desairando o nosso prestígio no exterior. O Ministro dos Estrangeiros, Paulino de Sousa (Visconde do Uruguai), aproveitou um lance magnífico para ampliar, de golpe, o campo da ação inegàvelmente civilizadora da diplomacia imperial.

Realmente, as tropelias de D. Manoel Rosas, que desde 1835 submetia a Confederação Argentina a tirania deplorável — desencadeavam-se próximas demais das nossas fronteiras. Constituíam ameaça de complicações. O velho

sonho imperialista do Vice-Reinado entontecia a alma do tirano, levando-o a intervir intermitentemente nos negócios do Estado Oriental do Uruguai, há longo tempo cindido pela rivalidade dos caudilhos Manoel Oribe e Fructuoso Rivera. Rosas, inclinando-se ao primeiro, em 1851, ao ponto de fornecer-lhe tropas para assediar Montevideu, desvendara os seus intuitos. Mas, contravinha à política tradicional do Brasil, essencialmente baseada na manutenção da autonomia não só do Uruguai, como do Paraguai, a quem nos ligáramos por uma aliança em 25 de dezembro de 1850. De sorte que a Tríplice Aliança de 29 de maio de 1851, entre o Império, o Uruguai e a província de Entre-Rios, dirigida pelo General Urquiza, instituindo-se para debelar a ditadura tumultuária da *Mashorca* de Buenos Aires, que ameaçava alastrar-se pelas nações vizinhas — foi, ao mesmo passo, ato de defesa nacional e um lance superior de liberalismo incomparável na política exterior. Tão certo é que os 20 000 soldados do Marechal Duque de Caxias, reforçados pelos marujos de Grenfeld, não foram repelir apenas as arremetidas do alucinado que no carimbo das notas oficiais completaria o dístico — *mueran los selvages unitários!* — com insultos ao *infame govêrno do Brasil,* senão também para, de acôrdo com o art. 1.º do Convênio de 29 de Maio, "manter a independência da mesma República do Uruguai, fazendo sair do território desta o General Oribe e as tropas argentinas que êle comandava".

A campanha, rematada com o melhor êxito em Monte Caseros (13 de fevereiro de 1852), de que resultaram a queda do tirano e o reacender-se a nossa glória militar depois do eclipse parcial de Ituzaingó, teve dois notáveis efeitos: a libertação do Uruguai e a navegação franca no estuário do Prata.

Em tudo isto um inconveniente único: a Aliança de 12 de Outubro de 1851, negociada pelo Marquês de Paraná, que nos arrastaria outra vez em armas, mais tarde, para o Sul. Ou êste descuido: o não aproveitar-se o triunfo de Caseros para naquela ocasião resolverem-se decisivamente muitos assuntos delicados, entre os quais o da neutralidade completa e definitiva da Ilha de Martim Garcia, que chegou lastimàvelmente indefinido até aos nossos dias.

Êste ministério, porém, e a sua segunda recomposição, em 11 de maio de 1852, com a presidência do Visconde de Itaboraí, realizara trabalhos tão notáveis que não há insistir nestes breves deslizes.

Completou em parte, na ordem prática, a tarefa da unidade nacional, batendo de frente o obstáculo da extensão do território, com as primeiras linhas de estradas de ferro e navegação. O decreto de 26 de junho de 1852, estabelecendo as garantias de juro, iniciou, pràticamente, a indústria ferroviária, que para logo se delineou no Norte com a estrada do Recife a S. Francisco (decreto de 19 de outubro de 1853) e no Sul com a de D. Pedro II (decreto de 9 de outubro de 1853). Antes, porém, sem nenhuns favores do govêrno, a iniciativa individual definira-se na vontade triunfante de Irineu Evangelista de Sousa (Barão de Mauá); e os 17 km da linha do Grão-Pará investiam com as encostas da Serra do Mar, nos primeiros passos da conquista majestosa dos planaltos, ouvindo-se o primeiro silvo da locomotiva na América do Sul.

O govêrno secundou êste renascimento. Regulou a fortuna pública pela emissão bancária de 1853, Código Comercial, leis de terras e reformas do Tesouro. Criou as províncias do Amazonas e Paraná. Expandiu a vida internacional, reorganizando a diplomacia. Abriu o livre trânsito do Paraguai, com o Tratado de 25 de Dezembro de 1850. E, por fim, deu eficaz impulso à corrente imigratória que, esboçada com D. João VI (colônias Leopoldina e Nova Friburgo), D. Pedro I (S. Leopoldo), e, em 1840, com a fundação de Petrópolis, teria, desde 1850, com a vinda de Hermann Blumenau, um traçado contínuo, de que restam, como pontos determinantes, Blumenau, Joinvile, Mundo Nôvo, S. Lourenço, Teutônia e outras.

Nunca uma situação conseguira tanto.

Abandonando o poder, em 6 de setembro de 1855, o govêrno fazia-o sem um golpe adverso, como que assaltado de fadigas.

Entregava-o ao homem que lhe fôra inspirador encoberto nas administrações interna e externa, o Marquês de Paraná.

* * *

O grande estadista voltava ao poder como um triunfador. Fôra a alma dos ministérios anteriores, já na presidência perigosa de Pernambuco anulando os restos do movimento de 1848, com setembristas de Pedro Ivo, já na missão ao Prata amparando a reação de Urquiza contra Rosas.

Conquistara o mando, em que pese ao desquerer do Imperador, que lhe estranhava o gênio áspero, altivo e autoritário.

Mas, por uma circunstância notável, foi através do seu espírito independente e de sua altaneria que se transmitiu pela primeira vez a influência preponderante daquele nos acontecimentos políticos.

De fato, o seu principal programa — o da conciliação dos partidos — executado em todos os pontos, refletia uma inspiração do alto, um "pensamento augusto" no dizer de Araújo Lima. E a anomalia de se ter apeado o govêrno anterior tão enigmàticamente, sem nenhum conflito partidário, reforça a presunção de ter sido êle chamado a efetuar um intento preestabelecido.

Além disto o "cansaço" a que se referiram Eusébio de Queirós e Rodrigues Tôrres (Visconde de Itaboraí), como motivo único do abandono do lugar em que tanto se haviam nobilitado, era-o, de fato, não já sòmente dêles, senão do país.

Chegava-se ali depois de trinta anos de lutas. Urgia um armistício. Sales Torres-Homem, quebrada a pena do *Libelo do Povo,* definiu, depois, o caso:

"Entre a decadência dos partidos velhos que acabaram o seu tempo e os partidos novos a quem o porvir pertence, virá assim interpor-se uma época sem fisionomia, sem emoções, sem crenças, mas que terá a vantagem de romper a continuidade da cadeia de tradições funestas e de favorecer pela sua calma e pelo seu silêncio o trabalho interior de reorganização administrativa e industrial do país."

Foi o que aconteceu. Atreguados os despeitos partidários, indistintos liberais e conservadores, no período de

1853-1858, com os ministérios sucessivos de Paraná, Caxias e Olinda, a caracterização do govêrno é "antes moral que material; o traço predominante de sua política é o arrefecimento das paixões que produziam as guerras civis".

O caráter de unidade desta longa administração foi tão firme que ao falecer em setembro de 56 o homem cuja vontade de ferro a equilibrara, apesar do abalo produzido não se lhe sentiu o vácuo. Permanecera imortal sôbre a sólida arquitetura governamental construída, tornando-se uma espécie de Presidente do Conselho póstumo dos dois gabinetes (Caxias e Olinda) que o substiuíram. Rodeara-se de homens que iam bastar a tôdas as exigências do Império até quase à República: Caxias, o mais prudente dos heróis; Limpo de Abreu (Visconde de Abaeté), vindo desde a Regência galgando tôdas as posições sem desejar nenhuma; J. Maurício Vanderlei (Barão de Cotegipe), fervente autor da lei libertadora de 5 de junho de 54, destinado, entretanto, a ser mais tarde um paladino da escravidão; Nabuco de Araújo, que reorganizara a Justiça e o Direito; J. M. da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco), removido sucessivamente da ciência para o jornalismo, para a diplomacia e para a política; Couto Ferraz, que refundiu a instrução pública; Pedro Belegarde, que nobilitou o Exército.

Fora dêste círculo, outros, adversários ou adeptos, mas crescendo no ambiente propício que se formara: José Antônio Saraiva, Sales Torres-Homem, J. Maria do Amaral, Teixeira de Freitas, Fernandes da Cunha, Cansanção de Sinimbu, Justiniano da Rocha, e, sôbre todos, se não o afastasse a morte prematura, um gigante intelectual, a nossa mais completa cerebração no século, Joaquim Gomes de Sousa, o "Sousinha", jurista, médico e poeta, legando-nos sôbre o cálculo infinitesimal páginas que ainda hoje sobranceiam tôda a Matemática.

Está aí a significação moral do govêrno de Paraná.

Lembra uma arregimentação de fôrças, adestrando-se para cometimentos ulteriores mais sérios.

Na ordem prática refundiu a instrução pelos novos estatutos dos cursos jurídicos, e faculdades médicas, regulamentando o ensino primário e criando o Instituto dos

Cegos. Ampliou o desenvolvimento econômico, melhorando a Companhia de Navegação do Amazonas, organizando a Estrada de Ferro de Pedro II, e concedendo a de Santos a Jundiaí, que seria a aorta de tôda a existência econômica de S. Paulo (dec. de 26 de abril de 1856). Firmou a paz exterior, repelindo o êrro da intervenção ativa no Prata e ligando-se em tratado de comércio com a Argentina. Aderiu dignamente aos princípios do direito marítimo do Congresso de Paris (1856). Completou por fim a lei destrutiva do tráfico, com a de Vanderlei, que proibia o comércio interprovincial de escravos.

Sugeriu a reforma hipotecária, e, mais civilizadora e urgente, a judiciária — reconstituindo o Direito, destruído pelo odioso aparelho policial da lei de 3 de dezembro de 1841.

Completou êstes atos, com um que devia dali em diante reagir poderosamente sôbre tôda a política — a lei eleitoral dos "Círculos", destinada a grafar com um rigorismo de cópia a vontade nacional.

* * *

Mas o que dá ao Marquês de Paraná a linha superior de um estadista, é ter compreendido que na nossa *gens* complexa, sem tradições profundas, e democrática apenas pela carência de uma seleção histórica, a existência dos partidos era por sua natureza efêmera, adscritos ao malôgro ou ao sucesso das necessidades de ocasião que representavam. A política nacional da época tinha que se adaptar às exigências de momento e a tôdas as combinações concretas, a tôdas as surprêsas de uma pátria em formação acelerada; e partiria as molas de um partido moldado em fórmulas prefixas.

A conciliação dos partidos, gastos no atrito de suas próprias lutas, era lógica. A lei eleitoral dos "Círculos", o seu complemento indispensável.

Com efeito, o que houvera desde 22 até àquele tempo, fôra uma convergência de fôrças. A princípio a dispersão revolucionária, o ideal da independência, revôlto ou esparso em facções, patrulhas sem número, mal arregi-

mentadas sob o prestígio de um príncipe. Depois, em 31, a delimitação dos lutadores, nos três partidos definidos da Regência. Subsecutivamente, com o despertar do prestígio monárquico em 1837, nova concentração em dois partidos únicos.

Mas êste movimento, que se ostenta em nossa história com um rigor de traçado geométrico numa composição mecânica de fôrças — o que acentuadamente reflete é a vitória dos elementos conservadores sôbre os progressistas: um contínuo amortecimento do princípio democrático; uma revolução triunfante que a pouco e pouco se gasta e se remora, perdendo num curso de 34 anos (1822-1860) tôda a velocidade da corrente, até desaparecer, afinal, de todo, no remanso largo do Império.

Tínhamos por isso necessidade de alguém que se não deslumbrasse pelo quadro único da ordem inaugurada, e pudesse, sondando o sentimento do povo, despertar a pouco e pouco o elemento progressista, que tombara na sangueira das revoltas infelizes.

Foi a missão do Marquês de Paraná.

Com êle extinguiram-se partidos em cujo antagonismo havia, desde 48, a fôrça dispersiva do ódio; e sob o seu influxo iam aparecer partidos modelados pela fôrça construtora das idéias.

O criador da conciliação — e esta nada mais foi do que a absorção do partido liberal exausto pelo conservador pujante — seria o criador póstumo da Liga, de 62, que nada mais foi do que a absorção da maioria do partido conservador cindido, pelo liberalismo revivente. A eleição por distritos, de cada deputado, erguendo diante das velhas influências históricas, sobretudo conservadoras, o prestígio nascente dos chefes ou influências regionais, alastraria de fato, sôbre todo o país, as responsabilidades políticas. Seria realmente, consoante a frase de um jornalista da época, o triunfo da causa territorial, "contra o entrincheiramento à beira mar do velho regime".

Pelo menos, extintos os "deputados de enxurrada", conforme a ironia fulminante de Paraná, os novos eleitos retratariam com mais fidelidade a vontade do país.

Dêste modo o grande homem demarca um trecho decisivo da nossa História Constitucional; e centraliza-a. Enfeixa as energias do passado e desencadeia as do futuro.

Separa duas épocas.

Foi o ponto culminante do Império.

Depois dêle, o que dizem todos os fatos é o decair contínuo do princípio monárquico até 1889, gastando na descenção quase tanto tempo quanto para a subida.

Realmente, a República, que não devemos confundir com a bela parada comemorativa de 15 de Novembro de 1889, tinha, lançados, os seus primeiros fundamentos.

O princípio democrático renasceu da lei dos "Círculos". Triunfou ruidosamente nas eleições de 1860.

Pouco antes, faltando o ponto de apoio do homem em que se esteara, a situação se revelara flutuante, prevendo-se uma transmutação de cenário.

Caxias, frágil para a herança que o esmagava, cedeu o govêrno ao Marquês de Olinda, e êste, ligando-se a Sousa Franco, um intransigente liberal de 48, traiu na hibridez desta aliança o enfraquecimento conservador. Apeou-se do poder assim como o gabinete que lhe sucedeu, do Visconde de Abaeté, com o pretexto de divergências sôbre reformas bancárias, mas de fato pela falta de um apoio na sociedade inconsistente. O Imperador recusara-lhes tenazmente o recurso de dissolução da Câmara, como se temesse uma consulta ao país.

Era a "época sem fisonomia", de Timandro, que findava. Esboçavam-se, dúbios ainda, três partidos: o liberal revivente, o conciliador decaído, e o conservador estreme. Os governos vacilavam entre uns e outros, agremiando ao mesmo passo a adesão e as desconfianças de todos.

Na imprensa soava uma palavra nova, que era uma palavra de combate. Francisco Otaviano aparecia no *Correio Mercantil,* na atitude correta que sempre manteve, vibrando, sem perder a linha da sua organização finamente aristocrática, golpes mortais "no monopólio do govêrno entregue a mãos desfalecidas". Era a primeira voz do espírito nôvo renascido.

Nesta situação, o último ministério reacionário de Diogo Ferraz (10 de agôsto de 1859), organizou-se como

uma torção violenta para a ordem antiga, mal combatida no Parlamento por Landulfo Medrado, Tito Franco e Martinho Campos.

Aquêle refluxo, porém, corria, quando o têrmo legal da câmara de 1856 entregava ao povo um pleito que a monarquia evitava.

E o resultado foi admirável.

Mostram-no as eleições no Rio, que já então era a miniatura do Brasil.

"Essa eleição de 1860, pode-se dizer que assinala uma época em nossa História Política; com ela recomeça a encher a maré democrática..." (1)

De fato, tôda a agitação daquele ano decisivo se fêz em roda de três nomes que, vitoriosos nas urnas, faziam mais do que ressuscitar o Partido Liberal lentamente destruído numa luta de quarenta anos: Francisco Otaviano, Teófilo Otoni e Saldanha Marinho. O primeiro, um ateniense dos trópicos, sonhador e poeta, ficaria abraçado à legenda histórica do liberalismo; o segundo, cujo papel foi o de detonar a expansão popular pela eloqüência explosiva, que o incompatibilizaria depois com a luta no parlamento, permaneceria para sempre dúbio, com a sua feição de rebelado. O último, porém, dava os primeiros passos de longo itinerário...

Abria-se uma era nova.

O último gabinete reacionário caíra como que ao baque de uma revolução. Não aguardara a abertura das Câmaras. E o que lhe sucedeu, de Caxias, começando com elementos incolores (Visconde de Inhambupe) ou francamente conservadores (Paranhos e Saião Lobato), a breve trecho transigiu com a nova ordem de coisas, vinculando-se, numa recomposição forçada, à opinião vitoriosa, por intermédio de um deputado, José Antônio Saraiva, destinado a reunir os atributos mais nobres dos nossos homens políticos.

É que o velho militar — cabo-da-guarda do Império — aquilatara a crise.

---

(1) Joaquim Nabuco — *Um Estadista do Império.*

Mudavam-se os tempos. No Parlamento, formara-se a liga dos liberais com os conservadores moderados (1862) e um nôvo partido, "Progressista", enterreirava a velha falange reacionária de E. Queirós, Itaboraí e Uruguai. Fora, irradiando pelo país e fulgurando na capital, na *Atualidade,* de Lafaite R. Pereira, Pedro Luís e Flávio Farnese, o ultra-liberalismo avassalava os espíritos, visando conclusões extremas. Desenhava-se no cenário político a tríplice organização partidária de 1831. Mas a componente maior tendia visìvelmente para a democracia.

Naquele mesmo ano um fato secundário objetivara o nôvo rumo das idéias.

Inaugurou-se a estátua de D. Pedro I.

Era oportuno lance para reacender-se a tradição monárquica, deletreando-se a página histórica da Independência. O sentimento popular, porém, derivou à cadência dos versos desafiadores da *Mentira de Bronze,* de Pedro Luís; e da esfera superior da política, a palavra que desceu pelo órgão do Senador Nabuco de Araújo, timbrara no afirmar que o monumento, longe de significar a glorificação de um reinado, traduzia apenas a justiça de um povo livre, que não esquece os serviços prestados.

Entalhava-se a ortodoxia monárquica. Pedia-se em todos os tons a representação das minorias; condenavam-se as patriarquias governamentais das câmaras unânimes; e, em pleno Senado, uma frase histórica — *O rei reina e não governa* — soava como um refrão ameaçador e estranho.

Por fim, a política imperial que, havia pouco, perdera um ministério ante uma manifestação popular, perdeu um outro batido pelo Parlamento. O Gabinete Caxias caiu (21 de maio de 62) e com êle a situação conservadora, no poder desde 48.

A Câmara, quase tôda de liberais e dissidentes, readquirira, depois de um esbulho de 14 anos, o direito de dispor do govêrno.

Equilibravam-se, porém, no seu seio, os dois partidos extremos, e esta igualdade levava, paradoxalmente, ao desequilíbrio. O ministério de um lutador de pulso, Zacarias de Góes e Vasconcelos, onde aparecia um herói das campanhas do Sul, o Barão de Pôrto Alegre, durou apenas

três dias. Nesta emergência, o Imperador apelou de nôvo para o Marquês de Olinda e o antigo regente formou, então, o único ministério possível, o "gabinete dos velhos", venerandos aposentados de 31, entre os quais só havia um môço, à volta dos cinqüenta anos, Cansanção de Sinimbu.

Êste govêrno emoliente, inapto para dominar a Câmara, dissolveu-a.

O país ia outra vez definir-se; e fê-lo incisivamente. Ampliando a de 60, a eleição de 63 levantou liberais e democratas, numa maioria desproporcionada e alarmante.

Por outro lado, o espírito popular desatava-se em rebeldias desde muito deslembradas. Foi o que sucedeu por ocasião da questão dos salvados da barca *Prince of Wales* e conseqüentes represálias da fragata inglêsa *Forte* à entrada da barra.

Amotinou-se a multidão no Rio. Tomou-lhe a frente Teófilo Otoni. Um protesto ameaçador arrebentou junto do trono: e o Ministério Olinda, num esvaimento de sombras — as últimas sombras do passado — extinguiu-se ante a palavra coruscante do tribuno.

* * *

Ao reassumir o govêrno (15 de janeiro de 64), Zacarias de Vasconcelos podia dizer que reatava o seu ministério, de três dias, de 24 de maio de 62. A situação antecedente fôra um desvio morto, removendo da larga estrada que se abrira em 1860 todos os elementos, cujo papel findara.

A Câmara de 64 refletia a um tempo a vitória democrática e o rejuvenescimento do espírito nacional. Lá estavam:

F. Otaviano; Tavares Bastos, o pensador irônico das *Cartas de um Solitário;* Pedro Luís, o lírico iconoclasta da *Ode a Tiradentes;* José Bonifácio, o moço; o romancista Joaquim Manuel de Macedo; Feitosa, o jornalista vibrante de 48; o Barão de Prados, um dos raros cientistas brasileiros do tempo; Martinho Campos, que se tornaria o terror de tôdas as situações; Urbano Sabino Pessoa e Filipe

Lopes Neto, duas figuras vingadoras, dois nomes que recordavam um único, o de Nunes Machado, sacrificado 16 anos antes; Liberato Barroso, Cristiano Otoni, Sousa Dantas, Silveira Lôbo; e, obscuro ainda, um predestinado, Afonso Celso.

Sôbre todos, dominando-os, centros atrativos em tôrno aos quais já se desenhavam os dois partidos em que se fracionaria a Liga, Teófilo Otoni e Saraiva.

O elemento conservador, suplantado, só tinha um nome — Junqueira.

Apesar disto, o ministério progressista, fortalecido de tais elementos, numa câmara quase unânime, ia dobrar-se à pressão do próprio movimento liberal, caindo de improviso a 29 de agôsto daquele ano.

É que o liberalismo, avançando, distanciara-se dos aliados da véspera. A cisão da Liga, como a da conciliação, operava-se ante o expandir da democracia. E, dividida em dois partidos, o "histórico", com os elementos radicais, e o "progressista", com os modernos, reproduziam êstes, ante o conservador inalterável, a tríplice fisionomia partidária da Regência. Abria-se, ao parecer, na nossa história, o círculo fantasista de Vico.

Mas era uma semelhança exterior.

Ia operar-se um movimento oposto. Ao invés da arregimentação em tôrno dos elementos moderados e conservadores — o destaque cada vez maior e irresistível do liberalismo.

Pelo menos, a unificação sucessiva dos três grupos já não se faria em tôrno da bandeira reacionária.

Levava um outro norte. Não se tratava mais de fazer parar, como em 1837, uma revolução que preenchera o seu destino.

Ia-se começar uma outra...

* * *

Impediu-a ou remorou-a, porém, um fato esporádico — a guerra com o Paraguai.

Tinha, certo, antecedentes que permitiam prevê-la.

Era, sobretudo, uma resultante do *facies* geográfico impondo-nos as comunicações com Mato Grosso pelo longo desvio contorneante do Prata.

Desta circunstância já haviam resultado graves atritos.

Garantia a passagem o Tratado de 25 de Dezembro de 1850.

A situação moral do Paraguai, porém, que saíra da rígida ditadura do Dr. Francia para a tirania de um verdugo inapto a avaliar o esfôrço do estadista, certo feroz, mas talvez único para ressuscitar um país que o jesuitismo matara, anulava todos os convênios.

Os dois Lopes, em cujo espírito o sonho do Vice-Reinado se ampliava com o da conquista de Mato Grosso, predispunham-se há muito para a luta. Organizaram um exército desproporcionado — o maior exército permanente que ainda houve na América do Sul; ouriçaram as ribas do Paraguai de fortalezas extremadas pelos fortes Olímpio e Humaitá; e, desde 1853, Carlos Lopes provocara um rompimento, enviando ao ministro brasileiro, Leal, os passaportes, sob o pretexto extravagante de se dedicar êle à intriga contra o Supremo Govêrno. Salvaram-nos, então, da luta, duas circunstâncias: a tibieza do Almirante Pedro Ferreira que, sendo enviado a exigir pronta reparação do insulto, quedara inerte, tolhido pelo temor de uma intervenção anglo-francesa; e o sólido critério do Marquês de Paraná, que iniciava o govêrno de todo entregue à obra da reorganização nacional.

Êste desastre diplomático teve depois (1856) o corretivo da Missão Paranhos (Visconde do Rio Branco), firmando com o plenipotenciário Borges um tratado de livre trânsito fluvial.

A regulamentação do convênio, porém, anulava-o. A travessia era uma tortura, através de fiscalização humilhante, impondo contínuos desembarques e insidiosos exames dos passaportes crivados de vistos irritantes; além de outros entraves, que determinaram, em 1857, a ida de outro plenipotenciário nosso, José Maria do Amaral, a Assunção, com o resultado único de contemplar de perto a altaneria de Lopes 1.º, estranhando-lhe o ter ido até lá em um vapor armado em guerra.

Por fim, nova intervenção de Paranhos (Visconde do Rio Branco) originou o Tratado de 12 de Fevereiro de 1858, franqueando o Rio Paraguai a tôdas as nações.

São antecedentes expressivos. Revelam no ânimo do paraguaio o anelo da luta, para que procurava apenas um pretexto.

Ora, êste antolhou-se-lhe em 64.

O Tratado de 12 de Outubro de 51 — contrato unilateral que nos fizera protetores platônicos do Uruguai, contemplando, neutros, as arrancadas entre *blancos* e "colorados" perpètuamente malavindos, prendera-se às discórdias platinas. Tornara-nos, margeando o palco de uma revolução crônica, espectadores dos escândalos entre os caudilhos, e estimulara entre os rio-grandenses as mais pecaminosas algaras, as famosas califórnias, cópia das *montoneras* platinas, em que sucessivos grupos invadiam a campanha oriental, agravando-lhe os tumultos. Dêsse modo, a nossa neutralidade era oficial apenas: colaborávamos também a golpes de lanças e patas de cavalos naquele regime clássico de tropelias; e é compreensível que nos envolvêssemos, por fim, sèriamente, nas desordens.

De fato, em 64, sobrevieram as notícias de vexames e torturas de tôda a sorte exercidas sôbre os brasileiros, nas lutas do Uruguai, onde um revolucionário, o General Flôres, "colorado", se insurgia contra o presidente *blanco,* Aguirre. E a opinião, no Rio, ainda abalada pela recente questão inglêsa, inflamou-se. Não se cogitou que os brasileiros torturados, amatulando-se com as tropas daquele general, haviam trocado a bandeira da pátria pelo poncho do caudilho. Eram, afinal, soldados de Flôres, e o govêrno oriental, repelindo-os, não podia distingui-los nas fileiras adversas.

Estas circunstâncias atenuavam os atentados cometidos, permitindo afastar-se, sem desaire, um conflito inútil.

Mas os fatos precipitaram-se. Enviado ao Uruguai, José Antônio Saraiva, a despeito do seu ânimo superior e nímio tolerante, não pôde evitar o rompimento. O Presidente Aguirre repeliu uma intervenção que era, de feito, um apoio ao cabecilha rebelde. Devolveu o *ultimatum* de 4 de agôsto e aprestou-se para a refrega, enquanto os na-

vios da nossa esquadra, sob o mando do Almirante Tamandaré, singravam ameaçadoramente as águas do Uruguai.

Solano Lopes aproveitou então o momento que lhe vinha a talho para uma aspiração antiga. Ofereceu a sua mediação em junho. Logo depois, em setembro, protestou contra o auxílio que se dispensava ao General Flôres. Num e noutro caso a sua atitude foi irritantíssima. A nota extravagante que dirigiu ao diplomata brasileiro em Assunção, Viana de Lima (Barão do Jauru), em que se intitula garbosamente defensor da independência e do equilíbrio político das repúblicas platinas, repassava-se de tão afrontosas ameaças que orçava por uma declaração formal de hostilidades. Completou-a o aprisionamento (12 de novembro de 64) do vapor comercial *Marquês de Olinda,* onde se embarcava o Coronel Carneiro de Campos, presidente do Mato Grosso. Assim, a campanha do Uruguai, desfechada pelas baionetas do General Mena Barreto, ultimando-se com as tomadias de Paiçandu e Montevidéu e pela deposição do Presidente Aguirre, substituído pelo nosso aliado General Flôres, foi apenas o prelúdio de uma outra maior.

Mas passemos, à carreira, sôbre uma página tristemente gloriosa.

A Guerra do Paraguai é um desvio na nossa história. A sua causa mais próxima está, talvez, na interferência de duas vontades, injustificáveis ambas. De um lado o delírio de grandezas de um déspota minúsculo demais para a sua própria ambição, de outro a diversão temerária de um imperador constitucional, porventura impressionado com o cenário da política interna do seu país.

O primeiro era mais lógico. Aquêle anelar por um grande império baseava-se, afinal, nas cisões de outras repúblicas platinas e na nossa relativa fraqueza militar. Os noventa mil homens de Lopes tornavam-lhe factível a emprêsa.

Faltou-lhe, porém, a envergadura e o lance de vistas de um conquistador. Comprometeu logo a sua causa com duas invasões desastrosas: a de Estigarribia, no Rio Grande, avançando no desconhecido até perder-se na rendição de Uruguaiana; e a mais infeliz, de Robles, em Corrien-

tes, que mais do que a aliança da Argentina, pôs ao nosso lado o grande prestígio moral de Bartolomeu Mitre.

Com êstes dois erros estava perdido aos primeiros passos. O que houve depois foram cinco anos de memoráveis conflitos.

Não os descreveremos. Fôra perdermos a linha essencial dos acontecimentos, que trilhamos.

* * *

Durante a campanha, assistiu-se na política interna do país a um espetáculo naturalmente previsto: a lenta ascensão do partido conservador, ostensivamente estimulada por D. Pedro II.

O govêrno, genuìnamente liberal, de Francisco José Furtado, onde se destacavam Liberato Barroso, Dias Vieira e o General Beaurepaire Rohan, caíra (abril de 65), substituído sucessivamente, com aplausos de todos os reacionários, que compreendiam a necessidade de uma transição pouco violenta, pelos progressistas do Marquês de Olinda e de Zacarias de Vasconcelos; até que, com a retirada dêste último, em 16 de julho de 68, se definisse às claras a situação com a subida dos conservadores do Visconde de Itaboraí, sendo dissolvida a Câmara, quase tôda liberal, que o combatera para logo violentamente com a palavra vigorosa de José Bonifácio.

Ora, esta reviravolta, ilógica e contrastando com todos os sucessos anteriores, com um inesperado refluxo, fôra determinada por um incidente mínimo que dispensa, pela eloqüência do próprio enunciado, maiores comentários: o govêrno de Zacarias, e com êle a situação liberal, caíra em virtude de um pedido de demissão do General Caxias, então à frente do exército vitorioso, esclarecido por uma carta ao próprio Ministro da Guerra, em que o velho militar, conservador da velha guarda, num espelhar de ressentimentos inexplicáveis, se declarava tàcitamente incompatível com o gabinete "que visava quebrantar-lhe por diversos modos a fôrça moral".

Esta circunstância diz tudo.

No opinar entre aquela autoridade militar e a legalmente superior, do ministro, a política do Imperador desvendava-se inteiramente, franca, sem que a tolhesse a circunstância de ter sido o Ministério Zacarias o organizador da vitória na luta com o Paraguai, graças à atividade admirável dos ministros da Guerra e da Marinha, Angelo Ferraz (Barão de Uruguaiana) e Afonso Celso (Visconde de Ouro Prêto).

Mas não foi uma surprêsa. A política nacional, iludida pela preocupação absorvente da campanha externa, desviara-se, transitòriamente, de seu rumo histórico.

Pronunciara-se já, em todos os tons, uma palavra, "imperialismo", que a pouco e pouco ia imprimindo um traço cesariano no platônico Poder Moderador, e forjando a extravagância de uma autocracia constitucional.

Falseado de todo em todo o processo eleitoral, que, à breve revivescência impressa pelo Marquês do Paraná, bastara para originar a vitória democrática em 1860, o poder dinástico, completando a sua faculdade privativa da escolha dos depositários do Poder Executivo com a cumplicidade das câmaras nomeadas, iniciava uma reação extemporânea, sem o traço superior oportuno das de 1837 e 1848.

Perceberam-na, desde 65, os próprios representantes dos partidos monárquicos; e o alinhar-se-lhes, ao acaso, as frases, eqüivale a retratar com fidelidade aquêle período artificial e retrógrado, forrando-nos a uma missão de Tácito.

Sousa Carvalho, naquele mesmo ano, dera o grito de alarme apelando para o paliativo de eleição direta.

Tito Franco indicava, logo depois, em 67, a causa única da decadência do país "no polichinelo eleitoral dançando segundo as fantasias dos ministérios nomeados pelo Imperador". Saião Lobato, antigo reacionário, caracterizava em frases vigorosas o contraste da esplêndida arquitetura governamental com os vícios e abusos que a derrancavam. José de Alencar comprometia a sua próxima escolha para ministro, ferretoando com aticismo incomparável todo o regime. Para José Antônio Saraiva, o paraninfo da Liga de 1862, "o poder ditatorial da Coroa era uma verdade só

desconhecida pelos néscios ou pelos subservientes aos interêsses ilegítimos da monarquia". Um caráter austero, D. Manuel de Mascarenhas, pronunciara em pleno Senado uma frase cruel: "Morreram os costumes, o direito, a honra, a piedade, a fé, e aquilo que nunca volta quando se perde, o pudor." Completou-o, no mesmo recinto, Silveira Lôbo, deplorando a morte do sistema representativo e chegando, temeràriamente, à conclusão de que "o vício não estava nos homens, mas sim nas suas instituições". Para Francisco Otaviano, o império constitucional "era a última homenagem que a hipocrisia rendia ao século", e a frase ficou célebre.

Tavares Bastos, o paladino da franquia do Amazonas, num quase ostracismo, na Europa, volvia o último brilho de seu grande espírito para a República, para a qual se dirigiria em breve, ostensivamente, um outro, José Maria do Amaral. O Visconde de Camaragibe e o grupo conservador do Norte previam a desagregação do país na condenável concentração que se formava. Antônio Prado, João Mendes de Almeida, Duarte de Azevedo, conservadores do Sul, estadeavam em frases por igual amargas o desquerer pelo trono.

Por fim, alguém culminou sôbre esta situação moral.

O Conselheiro Nabuco de Araújo, enfeixando num plano superior todos os desânimos e tôdas as revoltas da nacionalidade traída, abalara o Senado com um sorites formidável, condensando em frase, que é um prodígio de síntese, tôda a política do tempo:

"O Poder Moderador pode chamar a quem quiser para organizar ministério; esta pessoa faz a eleição porque há de fazê-la; esta eleição faz a maioria. Aí está o sistema representativo do nosso país!"

E nesse torvelinho retalhado de desapontamentos, e tristezas, e desânimos, e revoltas — dois liberais, obscuros ainda, sem frases afogueadas, quase sem ruído, transpunham tranqüilamente as fronteiras da República: Francisco Rangel Pestana e Henrique Limpo de Abreu.

De sorte que, ao irromper a reação monárquica, ressuscitando uma rígida figura de 37, antigo companheiro de Feijó, o Visconde de Itaboraí, estava descoberta a estrada

que a contornaria. Além disto, o Partido Liberal unira-se de chôfre, como se o abalo daquela lhe anulasse as discórdias intestinas, em tôrno dos seus melhores representantes. E, delidos os ressentimentos pessoais da véspera, sopeado o radicalismo de muitos que com os Otoni e Silveira Lôbo propunham a eliminação do Poder Moderador, num perigoso avançar para a frente — firmou, no terreno partidário, sob as grandes responsabilidades de Zacarias, Teófilo Otoni, Nabuco, Sousa Franco, Otaviano e Paranaguá, o protesto do abstencionismo, ante a mentira eleitoral, e no terreno político o Manifesto de 1869, com êstes cinco compromissos:

"a reforma eleitoral, única capaz de se opor ao absolutismo emergente;

"a reforma judiciária, desbancando a justiça russa instituída em 41 pelo Código de 3 de dezembro;

"a abolição do recrutamento e da Guarda Nacional, que abdicara o seu nobre papel da Regência e se tornara a guarda pretoriana das urnas;

"e, afinal, a emancipação dos escravos".

Rematou com um dilema entre cujas pontas oscilaria dali por diante todo o edifício monárquico:

"Ou a Reforma ou a Revolução".

Mas opinava logo:

"A reforma para conjurar a revolução.

"A revolução como conseqüência necessária da natureza das coisas, da ausência do sistema representativo, do exclusivismo e oligarquia de um partido.

"Não há que hesitar na escolha.

"A Reforma!

"E o país será salvo".

Ora, agindo no centro dos acontecimentos em que eram autores e atôres, sem a visão de conjunto permitida por um afastamento do cenário, os reformadores, ainda adictos ao trono pela fôrça prodigiosa da inércia, não podiam perceber que aquela condicional era serôdia. As duas palavras não extremavam mais uma alternativa. Conjugavam-se: reforma e revolução...

Foi o que os acontecimentos depois revelaram.

O govêrno de Itaboraí, um anacronismo palmar, em cujo tirocínio de quase dois anos só ocorreu um sucesso apreciável, o têrmo da Guerra do Paraguai (1.º de março de 70), completada pela missão do Ministro dos Estrangeiros, Visconde do Rio Branco, incumbido de organizar o govêrno nacional da República vencida — caiu por evitar o problema emancipador, apenso em aditivo proposto pelo Senador Nabuco de Araújo à lei do orçamento daquele ano. Provocara ao mesmo tempo a formação da dissidência conservadora dirigida por Jerônimo Teixeira Junior e composta de elementos — Antonio Ferreira Viana, Junqueira, João Mendes de Almeida, Duarte de Azevedo e Perdigão Malheiros —, que dariam em breve àquele partido o compromisso anômalo de se bater por tôdas as idéias liberais.

O Marquês de S. Vicente (Pimenta Bueno), que lhe sucedeu, tentou uma conciliação impossível. Suspeito ao liberalismo, com refletir, numa passividade de espelho, o desejo claro manifestado sem rebuços pelo Imperador, de obstar a todo o transe quaisquer reformas no aparelho das eleições; suspeito à velha guarda conservadora já dirigida por Paulino de Sousa (Andrade Figueira, José de Alencar, A. Prado e Francisco Belisário), pelos seus antigos projetos emancipadores discutidos no Conselho de Estado desde o Ministério Zacarias — viu-se em situação instável. Não puderam firmá-lo ministros e partidários da estatura excepcional de Sales Tôrres-Homem (Visconde de Inhomerim), João Alfredo Correia de Oliveira, Gomes de Castro, Pereira Franco e Teixeira Junior.

Abandonou o govêrno legando-nos, como efeito único de sua passagem, a fundação do Conservatório Dramático...

É que a conciliação planeada — um outro "pensamento augusto" — impropriava-a não a falta de um Marquês do Paraná, mas a transformação das coisas.

A monarquia preenchera o seu papel. As reformas liberais, erigindo-se para logo no pensamento da eleição direta e da emancipação dos escravos, embora acabassem por senhorear o espírito do próprio Imperador, iriam abalar tôda a arquitetura monárquica. Percebera-o o Visconde de Itaboraí, graças à visão exercitada em meio século de ativi-

dade política. Mortos Pedro Araújo Lima e Eusébio de Queirós, êle era o último dos velhos construtores do regime. Conhecia tôdas as falhas e o gastamento inevitável do aparelho extraordinário dentro do qual se constituíra a nossa nacionalidade. E compreendia, avassalado de espantos, que êle não resistiria ao empuxo dos novos ideais. "Não queiramos aluir de chôfre os fundamentos em que se acha assentada a associação brasileira!" exclamara no Parlamento, em 1870, com a intuição profunda de um vidente.

Com efeito, no seu ministério esboçou-se o declínio do Império.

Daí por diante o triunfo democrático não se manifestará mais, como em 62, por uma liga de liberalismo redivivo, atraindo ao seio os conservadores adiantados. Prosseguirá isolado. Destaca-se-lhe dos flancos um partido nôvo — o Republicano. Dificilmente se depara em nossa História acontecimento mais lógico.

O manifesto de 3 de dezembro de 1870 fêz-se, realmente, a segunda página do manifesto liberal do 1868.

Mas inclinada ao outro vértice do dilema.

O programa ali exposto foi o que devera ser — um libelo.

Fazia-se o processo de um reinado.

E em que pese aos exageros da metafísica política, que as debilita, aquelas linhas, as primeiras linhas escritas da História da República, grafavam um ditado antigo.

Entre as suas assinaturas — a de Joaquim Saldanha Marinho, nome já tradicional, as de Cristiano Otoni e Flávio Farnese, vindos das tendas liberais, as de Lafaiete Rodrigues Pereira e Salvador de Mendonça, as de Quintino Bocaiuva, Aristides Lôbo e Francisco Rangel Pestana, que prosseguiriam até à vitória, e outras, que se apagariam na obscuridade — faltava uma que seria a mais expressiva de tôdas, a de Teófilo Otoni, o agitador destemeroso de 62.

As linhas anteriores justificam o asserto.

O nôvo pensamento político, incaracterístico ou mal vinculado às tendências separatistas nas insurreições incoerentes que vieram até 1817; inoportuno em 1822 e 1831, por contrariar o interêsse maior da unidade da pá-

tria; repelido em 1837-1848 porque ainda se tornara indispensável a ação exclusiva da fôrça centrípeta da realeza; evolvendo, imperceptível, e perdendo de ano em ano o caráter separatista com esposar os ressentimentos alastrados pelo país inteiro na trégua partidária de 1853-1858; aflorando, por fim mais íntegro, no violento revide de 1862, que uma guerra externa abrandou, desviando as preocupações nacionais: — depois dessas vicissitudes, em 1870, impunha-se. Para vencer tinha a fôrça das novas aspirações sociais tão vigorosas que se refletiam nos próprios partidos dinásticos, talhados em dissidências que se degladiavam, dessangrando-se, sem pouparem dos golpes, como vimos, a própria figura imperial.

Invertiam-se evidentemente os papéis: o perigo separatista estava naquela concentração monárquica golpeada de crises. E o Partido Republicano crescendo desde logo, mercê dos contingentes sucessivos que lhe advinham de todos os desiludidos e de todos os desesperados dos dois outros — o que aconteceria até às vésperas do 15 de Novembro — começava a esboçar, de fato, uma outra "conciliação", mas, esta, agora, definitiva — a República.

Saíra, das divagações do manifesto de 70, para o terreno da propaganda. Delineavam-se em S. Paulo, em linhas cada vez mais nítidas, até se imprimirem profundamente na nossa História Política, os perfis de Américo Brasiliense, Rangel Pestana, Américo de Campos, Campos Sales, Prudente de Morais e Venâncio Aires.

Ao mesmo tempo, o povo tomava um lugar na representação nacional. Ouviu-se dentro da Câmara dos Deputados uma palavra estranha com a tonalidade imponente dessas vozes proféticas que anunciam a ruína dos impérios. Não era a dialética vibrátil de Zacarias, a argumentação fria, sulcada de súbitos lampejos de gênio, de Nabuco, a fluência cantante de José Bonifácio, ou o período artístico e sonoro de Sales Tôrres-Homem, a que se havia afeiçoado o nosso Parlamento. Mas uma eloqüência quase selvagem na sua esplêndida rudeza, na energia nunca vista com que reivindicava os direitos populares, e nas suas rebeldias da forma, e nas suas grandes temeridades de conceitos...

Silveira Martins desdobrava, improvisamente — passando fugaz, num fulgor instantâneo e desaparecendo — a sua estatura atlética, de Danton.

* * *

O govêrno do Visconde do Rio Branco (7 de março de 71) sobreveio, então, à maneira de uma longa trégua civilizadora.

Antes diplomata que político, o grande homem fêz o milagre de dirigir ùltimamente o país até 1875, no mais dilatado ministério que tivemos.

E fê-lo, sobretudo, porque não representava realmente nenhum dos dois partidos monárquicos.

Demonstra-o o caráter antinômico, mas expressivo, de uma situação conservadora esgotando quase todo o programa liberal — e apelando, indistintamente, para a dissidência do seu próprio partido e para a boa vontade dos adversários, liberais ou republicanos.

Êstes últimos podiam, com efeito, permanecer espectantes, como o fizeram.

O govêrno do estadista que tinha a investidura única da parte sã de sua terra — ia desbravar-lhes o caminho.

Desarraigou a escravidão do país pela lei de 28 de setembro de 1871, em que o secundou brilhantemente o ministro predestinado a vibrar o golpe decisivo de 13 de Maio, João Alfredo Correia de Oliveira; abateu pela reforma judiciária de 20 de setembro de 71 a lei tirânica de 3 de dezembro de 41, "a velha árvore de Bernardo de Vasconcelos e do Visconde de Uruguai, a cuja sombra cresceu o império" [1] e nisto o coadjuvou Saião Lobato, penitenciando-se do afêrro com que outrora se ajustara àquele tremendo aparelho de servidão civil; sulcou a fundo a ditadura espiritual, que se esboçava, reprimindo severamente, até ao extremo da prisão, os dois bispos de Olinda e Pará — e para a emprêsa perigosa que ia divorciar a causa monárquica da Igreja, o Partido Republicano armou-o com o montante formidável de Ganganelli (Saldanha Marinho).

(1) Conselheiro Nabuco de Araújo.

Dissolveu em 1872 a Câmara em que preponderava a massa emperrada e retrógrada de seu próprio partido, dirigida por Paulino de Sousa Júnior, que seria até ao fim do Império a sombra recalcitrante de Itaboraí. — Neste ato parecia provocar um rompimento com aquêle, onde sobressaíam Antônio Ferreira Viana, Domingos de Andrade Figueira, Francisco Belisário, Antônio Prado e José de Alencar.

Mas não rompia; avantajava-se.

Era uma translação para o futuro.

Refundiu a instrução pública, profissional e superior, criando em algumas escolas (a Politécnica e Militar, recém-formadas pela divisão da antiga Escola Central) cadeiras especiais, acompanhando ao ascender contínuo das ciências; e fundou a de Minas. Iniciou a tarefa complexa do levantamento da nossa carta itinerária e geológica, que seria abandonada pelos governos que lhe sucederam. Realizou a primeira estatística geral do Brasil. Atendeu as indicações de todos os competentes: André Rebouças demonstrara as vantagens da subvenção ou garantia de juros às companhias de estradas de ferro, e a lei de 24 de setembro de 1873 organizou-as, retravando-se a campanha contra um velho inimigo — o deserto. E as linhas férreas que em 71 atingiam a 732 km, subiram a 1 500 km em tráfego, em 75; além de 8 810 em construção, ou estudos, e 1 700 concedidos, recebendo tôdas um impulso que nunca mais parou.

Vincularam-se as províncias pelo telégrafo submarino costeiro, outro elo iludindo a vastidão do território; enquanto por outro lado se expandiram as linhas telegráficas terrestres (2 081 km em 71, 9 281 em 75). Lançou-se o primeiro cabo transatlântico; e a 24 de junho de 1874 estávamos a alguns minutos da civilização, recebendo-se o primeiro telegrama da Europa. Planeou-se garantir o Rio Grande contra uma vizinhança agitada, com as primeiras estradas de ferro estratégicas.

Subiu a média da imigração, quadruplicada, a 30 500 trabalhadores por ano. Por fim, as curvas no diagrama do nosso comércio geral direto e de exportação, deprimidas ambas há longo tempo, aprumaram-se em 1873 a um pon-

to a que só chegaram de nôvo em 79, acontecendo o mesmo com as rendas gerais. E o câmbio, que caíra em 68 a 14 e estacionara em 1870 em 23½, elevou-se numa continuidade invariável, chegando ao par em 73; e em 75 a altura que nunca mais alcançaria, $28^3/_8$.

Na política exterior atenuaram-se as conseqüências prejudiciais do Tratado de Aliança com o Uruguai e a República Argentina (1.º de maio de 1865), que dava a parte do leão à última nos efeitos da campanha do Paraguai, — firmando-se a linha do Pilcomayo, que ao mesmo passo resguardava o território da nação vencida e ressalvava os direitos da Bolívia.

* * *

Depois do Ministério Rio Branco, desenhou-se pela terceira vez no cenário uma dessas "épocas sem fisionomia", pressagas de transformações profundas. Mas, evidentemente, estas se efetuariam fora do aparelho monárquico.

Dizia-o o curso impressionador da História.

As nossas fases sociais tinham-se desdobrado com um ritmo perfeito, onde a dispersão e convergência sucessivas e alternadas dos acontecimentos denunciavam ao mais incurioso espírito o rigorismo inflexível de uma lei universal da vida.

A princípio: o agregado difuso, a nebulosa humana, desprendida do colonato, cindida de ideais revolucionários em uma larga dissipação de movimento, refletindo, no período de 1808-1831, o *processus* geral de tôdas as existências orgânicas. Depois, de 1831 a 1837: a delimitação dos lutadores nos três partidos definidos da Regência, traduzindo-se a tendência para uma fase mais definida, a par de uma distribuição mais íntegra e heterogênea do prestígio governamental, até então enfeixado na autoridade caprichosa ou inconstante de um príncipe. Subsecutivamente, com o crescer da reação monárquica, de 37, balanceando-se a simplicidade maior do govêrno com a complexidade maior da sociedade, evidenciou-se, iniludível, a refletir-se tangìvelmente no binário conservador e liberal, a marca gradual para o equilíbrio, das duas fôrças co-existentes, democrá-

tica e reacionária, que persistiam desde a Independência. Por fim, em 1848, e sobretudo com o Marquês do Paraná, na quadra que uma intuição de gênio resumiu na palavra "Conciliação" a harmonia completa dos lutadores, ultimando-se inteiramente a admirável evolução monárquica, no equilíbrio dos partidos.

O Império Constitucional atingira, de fato, o têrmo de suas transformações; e, de acôrdo com a própria lei evolutiva que o constituíra, iria desintegrar-se submetendo-se por sua vez ao meio, que até então dominara, e aos excessos de movimentos que êste adquirira.

Ora, esta dissolução é tão demonstrável, que até teve, e era necessário que o tivesse, o seu primeiro sintoma no primeiro retratar com a fidelidade de um decalque os estádios anteriores. Assim a Liga de 1862, surgindo do excesso do movimento do meio, nas eleições de 1860 — e logo depois dela o cisma dos "progressistas" e "históricos", diante dos "conservadores" transformados, reproduziram, sucessivamente e numa ordem inversa, os tumultos desordenados dos primeiros dias das lutas da liberdade e a tríplice fisionomia política da Regência. . .

Mas a nova concentração de fôrças e o nôvo equilíbrio já não se poderia fazer em tôrno do regime imperial. Os seus mais eminentes sustentáculos justapor-se-iam, sem o pensarem e sem o quererem, à nova diretriz dos acontecimentos — destacando-se, como expressivo exemplo, o próprio Ministério Rio Branco, tão acentuadamente demolidor e reconstrutor, ao mesmo passo que com as suas medidas administrativas memoráveis derivara para o campo das agitações políticas as energias renascentes da sociedade.

Depois dêle — a atitude curiosíssima do Partido Liberal em todo o período que vai de 1878 a 1886 — de Cansanção de Sinimbu ao último ministério do Conselheiro Saraiva — já agitando estèrilmente, como reforma única, a pseudo-reforma liberal da eleição direta e censitária, já estonteando a opinião com os seus vários governos incoerentes sustentados antilògicamente com o amparo do elemento conservador, e caindo todos batidos por violentas moções de desconfiança dos próprios liberais — seria bas-

tante incisiva no delatar o artificialismo de um regime teòricamente extinto, e implicativo das novas aspirações sociais.

É, porém, uma história recente demais. Acotovelam-se, vivos ainda, alguns no fastígio da República, outros, na glorificação de um exílio virtual impôsto pela inflexibilidade de suas convicções — os seus principais atôres.

Como fato predominante dessa política artificial, espelhada no invariável contraste entre os velhos princípios que a alentavam e a situação verdadeira do país, o historiador futuro comentará, sorrindo, a abdicação graciosa e belíssima de 13 de Maio de 1888, em que o ministério conservador do Conselheiro João Alfredo cortou as últimas amarras do Império, abandonando-o na caudal irresistível das idéias republicanas.

* * *

Depois disto a República não podia ser uma surprêsa, inexplicável estribilho dos que enfermam da nostalgia dêsse passado brilhante, que também veneramos porque é tôda a justificativa do nosso regime atual.

Vimos, nas várias fases, a traços largos esboçadas, o constante despontar, cair e renascer de uma aspiração dispersa em movimentos isolados; suplantada a princípio pelo pensamento primordial da autonomia política, depois pela preocupação superior da unidade nacional. Impertinente em 1822, inoportuna em 1831, abortícia em 1848, era-o a República, sobretudo porque se não podia inverter a série natural da evolução humana.

Aspiração política, requeria que lhe propiciasse o advento o desenvolvimento social.

A sociedade não a repelia; prorrogava-a.

E a partir de 1875 começou a incorporá-la.

Mudáramos muito.

Diante da grande maioria indiferente e amorfa que ainda existe em virtude da lei universal da persistência — como um prolongamento da colônia — formando o *caput mortuum* do grande organismo dêste país, só se alevantara até 1875, através de agitações exclusivamente políticas, o

espírito crítico da metafísica revolucionária de que é impecável modêlo o próprio Manifesto Republicano de 1870. Mas êste, que ilusòriamente preside o ascender crescente do nôvo ideal político até 15 de Novembro de 89, resvalara a segundo plano.

A propaganda republicana (evitamos descrevê-la, inaptos para sintetizá-la, em meia dúzia de linhas, com o inconveniente de citar-lhe os protagonistas, na maioria ainda vivos) fazia-se por si mesma. Atribuir-lhe o sucesso feliz à palavra dos tribunos, ao jornalismo doutrinário ou agitador, ao entusiasmo de uma mocidade robusta, à indisciplina militar, e por fim ao levante de um exército que, como o de 7 de Abril, nada mais foi que a ordenança passiva da nação em marcha — equivale a atribuir a maré montante às vagas impetuosas que ela alteia.

Porque, na realidade, o que houve foi a transfiguração de uma sociedade em que penetrava pela primeira vez o impulso tonificador da filosofia contemporânea. E esta, certo, não a vamos buscar nesse tão malsinado e incompreendido positivismo, que aí está sem a influência que se lhe empresta, imóvel, cristalizado na alma profundamente religiosa e incorruptível de Teixeira Mendes. . .

As novas correntes, fôrças conjugadas de todos os princípios e de tôdas as escolas — do comtismo ortodoxo ao positivismo desafogado de Litré, das conclusões restritas de Darwin às generalizações ousadas de Spencer — o que nos trouxeram, de fato, não foram os seus princípios abstratos, ou leis incompreensíveis à grande maioria, mas as grandes conquistas liberais do nosso século; e estas compondo-se com uma aspiração antiga e não encontrando entre nós arraigadas tradições monárquicas, removeram, naturalmente, sem ruído — no espaço de uma manhã — um trono que encontraram. . .

Êste abalara-se de há muito. O nobre espírito do homem que o ocupava com a sua preocupação absorvente de perquirir ansiosamente as coisas da ciência, com o seu anelar o título de filósofo, com o ansiar pela camaradagem nobilitadora dos pensadores de seu tempo, a sua indiferença superior pela fôrça organizada, que lhe escorava o império, com o estimular os decretos libertadores, que lhe destruí-

ram o apoio da propriedade territorial — tornou-se no têrmo da vida o exemplo vivo da transmutação de seu próprio país.

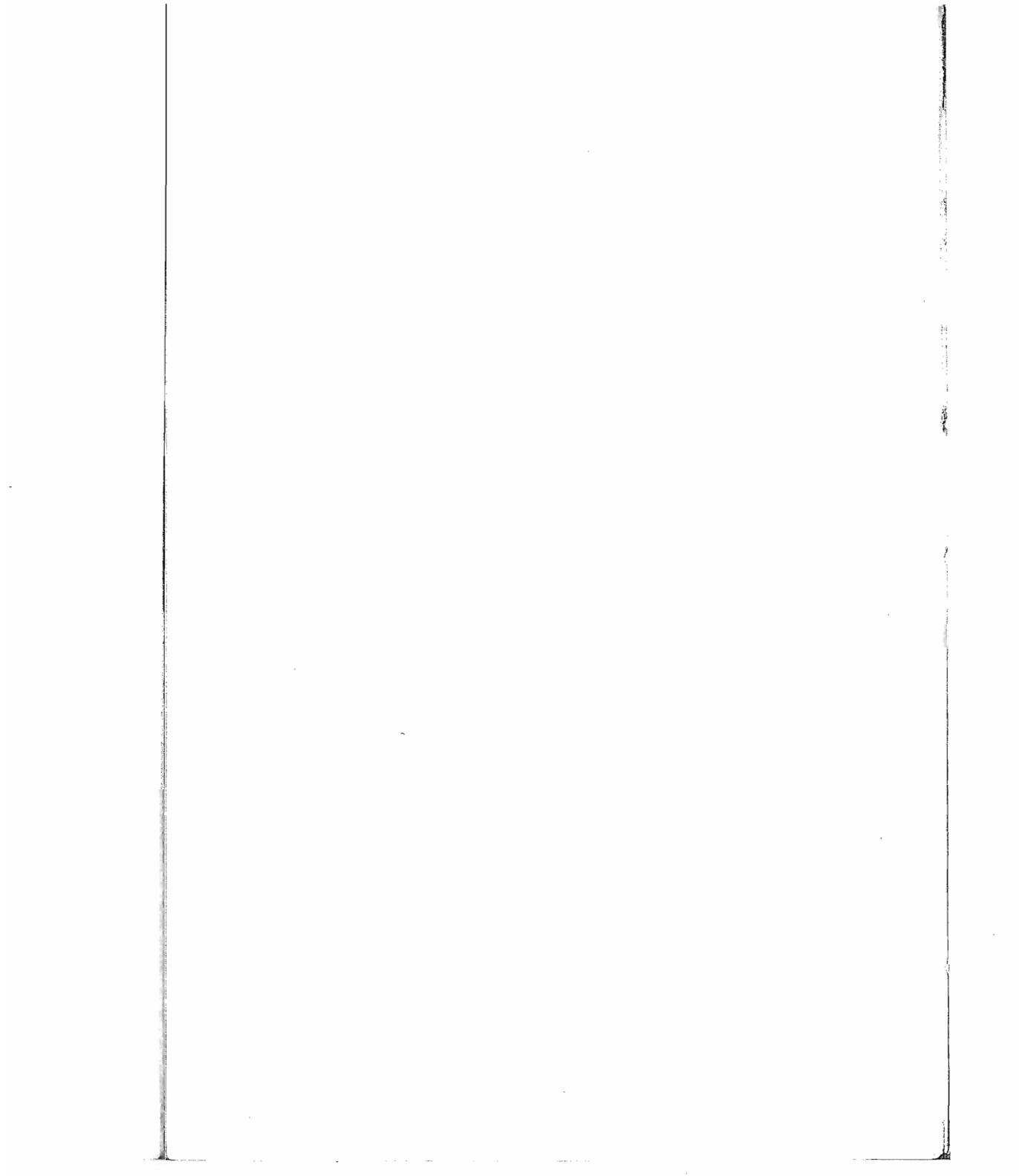
É natural que fôsse o seu último ministério conservador que realizasse, a 13 de Maio de 1888, a mais alta das reformas liberais; e fôsse o seu último ministério liberal que planeasse reviver as energias conservadoras das tradições monárquicas desfalecidas.

Não tinham mais significação os nomes dos partidos. Existiam pela fôrça da inércia. Tendo-se prendido ao curso irreprimível da propaganda abolicionista, iniciada ativamente em 1884, a Monarquia obtivera uma estabilidade momentânea, porque ia derivando ao som da correnteza democrática.

De sorte que, em 1889, quando o seu último ministério liberal tentou a última reação conservadora, ela caiu — porque não podia mais parar.

O 3.º Reinado, esteado na esplêndida envergadura do Visconde de Ouro Prêto, lançou-se como uma reprêsa na torrente.

Foi o que se viu a 15 de Novembro de 1889: uma parada repentina e uma sublevação; um movimento refreado de golpe e transformando-se, por um princípio universal, em fôrça; e o desfecho feliz de uma revolta.

Porque a revolução já estava feita.

IV PARTE

ESTRÊLAS INDECIFRÁVEIS

ESTRÊLAS INDECIFRÁVEIS

Conta-nos S. Mateus daqueles três reis magos, que abalaram de seus países em busca do Messias recém-nado, conduzidos por uma estrêla extraordinária que, improvisamente, resplandesceu na altura, em plena luz de um firmamento claro.

Não critiquemos, ìmpiamente, a narrativa singela do primeiro evangelista.

Justifiquemo-la. Por aquêles tempos, da Caldéia à Grécia e à Itália, à Índia e à China, os graves acontecimentos, ao parecer dos mais sisudos astrólogos, prenunciavam-nos os céus. Do *Maabárata* à *Ilíada,* alonga-se um imaginoso devaneio: quando nasceram Crichna e Buda, alumiaram-se os horizontes em resplendores de quedas de bólidos; propícios clarões lustrais banharam o berço de Esculápio; e ao ruir, trabalhada das catapultas, a derradeira cortina dos muramentos de Tróia, aflorara no espaço a sétima estrêla da constelação das Plêiadas...

Ora, para a vinda de Cristo aparelhara-se a antigüidade de esperanças religiosas tão vastas, que o messianismo judaico se generalizara em aspiração universal. Conchavavam-se, prognosticando-a, o histerismo das sibilas e o ilapso dos profetas: os cálculos imperfeitos dos primeiros astrônomos contemplativos, e os hexâmetros impecáveis dos poetas da Roma imperial. A cultura clássica, na sua plenitude, acolhia um eco longínquo das civilizações orientais, que terminavam. As rudes profecias de Balaão, pressagas do reinado deslumbrante de um deus nas terras eleitas de Israel, harmonizavam-se, de algum modo, às apóstrofes rítmicas do Prometeu, de Ésquilo, ao vaticinar, nos palcos atenienses, ante o assombro das platéias comovidas, a próxima abdicação de Júpiter. O *Livro de Daniel* prolongava-se nas éclogas de Vergílio. E o vate gracioso,

num rapto genial da fantasia, batera parelhas ao vidente: não lhe bastara o pressentir próximo renovamento dos séculos esgotados, trocando-se os sinais dos tempos; senão que ao espetáculo das sociedades novas, prefiguradas, ligou o império de uma criança maravilhosa, que ao nascer "faria estremecer a natureza inteira, da imensidade dos mares à imensidade dos céus." Foi além no descortino inexplicável. Previu que a nova ordem moral, instintivamente adivinhada, requeria outras linhas mais corretas, no próprio quadro da natureza física. Transfigurou-se, sem o saber, em êmulo de Pitágoras e precursor de Copérnico. De sorte que a primeira sacudidura na Terra, imaginada imóvel e a centralizar as caprichosas esferas de cristal, onde se clausurava o Universo, lhe desponta no vigor de um verso admirável: porque quando nascesse o infante predestinado.

no seu eixo abalado o mundo oscilaria... (1)

Assim avassalava as raças mais discordes ao anelo transcendental das profecias.

Não maravilha que os três magos, filhos da Caldéia sonhadora, arrancassem de seus lares remotos, norteando-se pela estrêla surpreendente. Iam-se em busca do Messias. Vindos de Sabá, ou da Babilônia, ou da Pérsia, marcharam longos dias, até que atingiram os terrenos adustos do Iémene. Calcaram-nos, sob os céus implacáveis da paragem estranha.

Em tôrno os móveis areais, transverberando a luz, mal lhes disfarçavam no chão revôlto, que pisavam, a escanceladura dos abismos, abertos pelo velho mar extinto, que por ali expandia outrora o Mediterrâneo, e hoje mal se adivinha, evanescente e estancado, na depressão profunda do Asfaltite. Romperam-nos, com o remorado andar das caravanas. Caminhavam na intermitência angustiosíssima dos dias adurentes e das noites enregeladas. E foram-se de

---

(1) *Aspice convexo nutantem pondere mundum...* — Vergílio, Écloga IV.

deserto em deserto, de oásis em oásis, das sombras zimbradas de lampejos das tamareiras altas, para os areais em fogo, onde agonizam os heliotrópios tolhiços e as pistácias deprimidas: — até que as suas vistas tontas das miragens distinguissem os primeiros rebordos dos pendores clivosos ao norte do Sinai, estalados e ásperos, estereografando ainda a convulsão vulcânica que lhes ergueu os cimos arremessados, de rocha viva, perpètuamente desnudos, para que o sol nêles renove sempre, no espadanar dos brilhos refletidos, a memória longínqua das sarças ardentíssimas dos profetas.

Transmontaram-nos, tornejando-lhes as encostas mal vestidas da flórula bravia das acácias espinhosas; e seguiram, lentamente, até Jerusalém... Não pararam. Deixando a "cidade compacta", entre as apreensões de Herodes e as conjeturas dos sacerdotes suspicazes, reaviaram-se, rumo feito ao norte. Dirigiram-se, sem o saberem, em demanda da menor das vilas de Judá. Adiante, imóvel no horizonte replandescente, atraía-os a estrêla radiosa; e ela foi conduzindo-os até Belém, onde os seus raios tranqüilos se joeiraram na cobertura humilde de um estábulo.

Penetraram-no. Foi um encanto e um desafôgo: os olhos encandeados no refulgir dos plainos incendidos, repousaram, suavemente, na auréola ideal de uma fronte loura de criança.

Despuseram-lhe, depois, aos pés, as preciosas dádivas que traziam. Prostraram-se. Adoraram-na.

Então a estrêla se apagou na altura...

* * *

Mas não se extinguiu para sempre. Por singular que se afigure, a ciência entre tôdas senhora dos fenômenos que a constituem, durante longo tempo, pela voz dos que melhor a versaram, planeou ajustar ao misticismo incomparável de S. Mateus as suas fórmulas rigorosamente positivas. Não tolheu os sábios fascinados a simples consideração do absurdo, ou da impiedade, sem dúvida decorrente da só tentativa de subordinar-se às leis naturais um caso

que satisfazia, à saciedade, à crença religiosa com a simples circunstância de derivar-se da Onipotência Divina.

É que êstes sóis intrusos, ou "estrêlas hóspedes" do firmamento, consoante o pinturesco dizer dos velhíssimos astrônomos chineses, do *Ma-tuan-lin,* constituíram em tôdas as épocas a novidade mais emocionante do universo. Menos comuns que os cometas, por adstritas a um compasso mais vagaroso no ritmo das manifestações periódicas das aparências cosmológicas, talvez por isso mesmo foram sempre mais surpreendedoras. Observam-se de séculos em séculos. Em dois mil anos, desde a primeira estrêla variável que Hipareus registrou entre α e β do Escorpião, no ano de 143 antes de Cristo, até quase aos nossos dias, mal se apontavam 22 aparições verificadas; e em tôdas elas, quer os raios entrevistos se refletissem nas retinas encantadas dos antigos crentes, quer nos astrolábios medievos, ou nos telescópios modernos, deslumbraram por igual os fantasistas fervorosos e os pensadores tranqüilos: e apagaram-se despertando um sem número de hipóteses, tôdas até hoje inviáveis e vacilantes, desde a de Newton explicando-lhes a revivescência dos brilhos como um efeito da queda dos cometas, à de Maupertuis, das rotações regulares e contínuas de Bouiland, ou Goodricke, à dos fluidos elétricos de Arago, e inumeráveis outras, que constituiriam, por si sós, uma biblioteca singularíssima de conjeturas e de erros.

Porque a Astronomia não deu um passo para esclarecê-las. Neste lance está como em plena Média Idade. As suas fórmulas e sistemas não valem o latim aterrado dos astrônomos de horóscopos, tateantes nas miragens astrológicas. O ilustre Faye, por exemplo, não no-las explica melhor do que Hepidanus, o extraordinário monge de Saint--Gal., núncio da estrêla nova, de excepcional fulgor, que sobredourou durante três meses o signo de Áries, no extremo meridional dos céus. É como se passassem sôbre as ciências seiscentos anos inúteis. O raciocínio inflexível do cientista dêstes dias, apercebido de melhores lentes e de melhores fórmulas, diz-nos ainda menos que o espanto do asceta absorto ante o astro *insolitae magnitudinis, aspectu fulgurans et oculos verberans,* fulgindo espantosamente, e apagando-se tão de súbito que justificaria o pensamento

ousado de Chladni, no conjeturar as destruições violentíssimas dos mundos que se incendiam.

No entanto, apesar do incompleto dos antigos catálogos estelares, jamais passou despercebida a mais diminuta delas acessível a observação direta — desde a *Omieron* bruxuleante de David Fabricius, em 1596, à monstruosa estrêla, de constelação indecisa, que o *Ma-tuan-lin* registrou em 1578, "tão grande quanto o próprio Sol!"

E umas e outras despertaram em tôda parte os mais pertinazes estudos. Baldados todos. As teorias prestes levantadas, prestes decaídas, sucedem-se, ou revezam-se, insustentáveis na flutuação indefinida das hipóteses.

Aponte-se um exemplo clássico. Em tôrno da *Peregrina,* descoberta em 1572 por Ticho Brahe, debateram-se todos os naturalistas dos fins do século XVI; e acompanhando-se, quase justalinearmente, a narrativa do grande precursor de Kepler e de Newton, põe-se de manifesto que o acontecimento era, na verdade, de molde a impressionar os mais incuriosos espíritos.

O sucesso sobressalteou o sábio dinamarquês quando êle se dedicava a outras cogitações. Seguia da Alemanha para a Dinamarca; e como se hospedasse na Abadia de Harritzwald, e estivesse longe dos livros e instrumentos prediletos, entregou-se algum tempo, por desfastio, aos seus sonhos de alquimista, característicos da época. E atravessava os dias em um laboratório atravancado de fogareiros e retortas. De sorte que sòmente ao cair das noites, diante da janela aberta, lançava as vistas desarmadas para os céus, longo tempo, numa contemplação que era o próprio rever a sua carreira extraordinária balizada em cada um daqueles pontos luminosos. Mas estas romarias virtuais, pelo meio das constelações, interrompeu-lhas, certa vez, o caso inesperado. Foi num dos longos crepúsculos próprios àquelas altas latitudes. Ticho Brahe divisou de repente, perto do zênite, no grupo de Cassiopéia, uma estrêla fulgurante, de anômala grandeza, como ainda se não vira. O seu assombro foi indescritível. Acreditou numa alucinação. Inquieto e alarmado, ante a surprêsa que lhe apontava no infinito, ao cabo de tão longa vida passada entre as estrêlas, deixou de arremêsso o seu retiro tranqüilo: — e

chamou, aos gritos, os operários do laboratório, e interpelou os próprios camponeses, que lhe passavam à porta, voltando das searas, para confirmarem o fato inesperado...

A *stela nuova* era fixa, definida, e mais cintilante que tôdas as do firmamento. O seu brilho ofuscava os de Sírius, de Vega, de Júpiter e de Vênus ainda quando próxima da Terra. Distinguia-se em pleno rebrilhar do Sol meridiano. Nas noites tormentosas os seus raios coavam das nuvens, que se espessavam escondendo os céus.

Mas foi um resplendor passageiro.

A partir dos fins de 1572 diminuiu-se-lhe o fulgor. Ficou igual a Júpiter; e continuou no decair contínuo, ao mesmo passo que a primitiva brancura se alterava. Em março de 1573, reduzida a segunda grandeza, os raios, que se lhe avermelharam, equiparavam-na a Marte. Em julho, estava em terceira grandeza. Decaiu à quarta, em outubro. Em novembro, num súbito obscurecimento, mal se incluia na décima primeira — uma taxa imperceptível no espaldar do trono olímpico de Cassiopéia —; e logo depois se extinguiu (ou pareceu extinguir-se, porque o telescópio ainda não se inventara) depois de dezessete meses de existência misteriosa...

Tais pormenores, como observa Humboldt, delatam bem a influência que o fenômeno exercia nos espíritos e a importância que se dava aos problemas que êle sugere. Assim, o mesmo Ticho Brahe nêle baseou-se para agitar, num lance de gênio, que o faz invadir a glória futura de Herschel, a teoria da formação das estrêlas com a materia cósmica incompletamente adensada nas nebulosas.

Houve, porém, outro rumo às pesquisas astronômicas exercitadas a propósito do efêmero mundo de três meses.

De feito, para a maioria dos cientistas do tempo, êle traduzia o ressurgimento da estranha "estrêla dos Magos", que brilhara havia dezesseis séculos.

Nunca o misticismo e racionalismo se entrelaçaram mais estreitamente à luz de indagações tão positivas. O próprio Cardan alinhou-se entre os mais convictos no restaurar-se a antiga página do Evangelho, entressachando-a com as da ciência; e, ainda exagitado das últimas controvérsias da Reforma, um rígido protestante, Teodoro de Be-

za, sucessor de Calvino, esposou, lìricamente, a causa maravilhosa, versando-a nos cantos comovidos de um poema. Por fim Goodricke — o gênio mais singular da humanidade, um surdo-mudo que morreu aos vinte e dois anos deixando um traço imperecível nas ciências — procurou destacar, para a evidência infrangível da Aritmética, o milagre. Era o mistério a resolver-se em números. Partindo dos elementos fornecidos por um astrônomo da Boêmia, Cipriano Loewitz, relativos a duas estrêlas que apareceram em 945 e 1260, na mesma zona do espaço, perto da Via-Láctea, onde se mostrara a *Peregrina,* de Ticho — êle encontrou-lhes, no intervalo de 315 anos, a razão de uma série simplíssima; de modo que por diferenças sucessivas, a começar de 1575, data em que a estrêla de Ticho Brahe devera ter-se extinguido de todo, se pudesse ir, recuando no tempo, encontrar, matemàticamente, no seu primeiro têrmo, o primeiro ano do cristianismo. E traçou a progressão aritmética, evidentemente certa:

1575: 1260: 945: 630: 315: 0

Infelizmente, infirmavam-lha vários têrmos dúbios, ou falsos. Não só os astros de Loewitz eram contestáveis, como nenhuns catálogos inseriam a estrêla fugitiva, em 630 a 1260.

Mas êste malôgro não desenfluiu os sonhadores a caminharem tão aforradamente pela astronomia em fora; porque desde 1604 lhes tomou a dianteira, dirigindo-os com a mesma ansiosa e mística curiosidade, o mais ilustre entre os maiores astrônomos, Kepler, que, ao mesmo passo que deduzia as leis invioláveis da geometria planetária, reanimava o estranho problema bíblico-científico. É que o impressionara, como ao maior de seus antecessores, uma outra aparição luminosa, por igual surpreendente. A sua estrêla, que irradiara, de improviso, em 1604, no Serpentário — com a ascenção reta de 259°42' e declinação austral de 21°15' era, de fato, à parte a diferença de posições, em muitos pontos idêntica à de Ticho Brahe. Suplantava, no brilho, as demais, de primeira grandeza; refulgia num

cintilar agitadíssimo, que estonteava as vistas; e foi-se igualmente sumindo, com análogas fases na variedade das côres. Em janeiro de 1605 o seu fulgor amortecido mal a igualava a Antares. Em março, deperecia, equiparada às de terceira grandeza. Um ano depois desfez-se completamente no espaço.

Ora, simultânea com o seu aparecimento, ocorrera a conjunção de Júpiter e Saturno, a que se aditou logo após, em março de 1604, a de Marte, determinando conhecido fenômeno periódico dos céus, adscrito a intervalos regulares de vinte anos. Era, como se vê, um ponto de referência nôvo, que surgia entre as aparições até então de todo em todo imprevistas. Aproveitou-o Kepler. Esteando-se naquele período inviolável, procurou descobrir se se havia verificado a situação excepcional dos três planêtas, no ano do nascimento de Cristo, em que se observara a radiosa condutora dos Magos. E os resultados de um cálculo extremamente simples foram notáveis. Admitidas embora tôdas as surprêsas do acaso, realizara-se, pela primeira vez, uma previsão científica no complicado e misterioso assunto. De fato, à luz da profecia retrospectiva blindada de elementos tão firmes, o astrônomo deduziu que a conjunção inicial de Júpiter e Saturno se efetuara, realmente, no ano de 747, de Roma, na segunda metade do signo de Áries, completando-se logo com a de Marte na primavera de 748. Então, diante de datas tão eloqüentes, a ilação afigurou-se-lhe inflexível: a sua estrêla, como a de Belém, associando-se a idênticas manifestações planetárias regulares, periódicas, sucedendo-se, infalìvelmente, mercê das próprias leis geométricas que êle desvendara — era a própria estrêla que conduzira os Magos...

Não discutamos o parecer do sábio incomparável, que jamais realizou a mais rápida observação de uma altura sem dobrar-se, genuflexo, ante a majestade emocionante do Infinito.

Releva, porém, observar que, ainda mesmo de todo libertas de quaisquer intuitos religiosos — nos nossos dias àsperamente utilitários — estas estrêlas variáveis e repentinas, cujo número sobremodo avultou com o emprêgo de

melhores objetivas, das placas fotográficas e da espectroscopia — são ainda um verdadeiro mistério.

Estudando-as tem-se chegado, hoje, a resultados desalentadores. Não é apenas a ingerência anárquica do sobrenatural, ou do divino, que havemos de remover da frente, para vê-las bem, galhardeando a nossa magnífica ignorância inflada de teoremas — senão que ao mesmo tempo havemos de repelir o que até agora parecia intangível e inabalável: as nossas fórmulas mais bem decoradas, os sistemas mais rígidos, todos os raios vetores e elipses, e arremessadas parábolas a nos desenharem os projetos da arquitetura maravilhosa dos mundos, riscando-se além disto do mais suntuoso dos calendários os melhores santos da nossa impiedade, ou do nosso ultramontanismo sem Deus.

O Evangelho fecha-se com a astronomia.

Demonstra-no-lo um derradeiro exemplo que nos excusamos de longamente explanar trilhando os rastos de um cientista qualquer.

O mais bem estudado dêsses astros indecifráveis é β de Perseu, a clássica Algol dos árabes, descoberta desde 1667 por Montanari. As suas variações de brilho, sucedendo-se em curtos períodos de uma regularidade perfeita, tornam-na mais compreensível que as demais, vistas de relance. Por isto mesmo, Goodricke apresentou desde o século XVIII, acêrca dos períodos de suas oscilações seculares, uma hipótese, que está hoje unânimemente aceita sob o beneplácito de recentíssimas observações espectroscópicas. Consiste, de um modo geral, em admitir-se um binário de dois astros, tão achegados que parecem unidos às nossas vistas, e descrevendo ambos, em tôrno de um centro de gravidade comum, as suas órbitas elípticas, de modo que cada revolução corresponda a dois eclipses, de um e de outro, no mutuarem as suas inevitáveis ocultações intermitentes. Ora, discutindo-se, sob diversos aspectos, está hipótese, que é a única a não se retrair diante das objeções que se lhe antepõem, e é a única a explicar, consoante pareceres unânimes, a curiosa anomalia que surpreendeu por igual os magos primitivos e os mais robustos pensadores — convêm os astrônomos contemporâneos em que ela, por sua vez, acarreta outras hipóteses, e entre estas uma que

os perturba: a de sistemas cósmicos construídos de uma maneira inteiramente diversa da do nosso sistema planetário. O paracer é unânime; e nem carecemos demorar-nos pormenorizando-o. (1) Recentemente Zolner e Bruns, repugnando-lhes abandonar as trilhas tradicionais da astronomia, ou por evitar a derrocada de teorias tão brilhantes, demasiaram-se em argumentos armados a engenharem outras explicações. Baldaram-se-lhes as tentativas. Ficou de pé um conceito único: o caso das estrêlas variáveis, até agora incompreensível, escapa inteiramente aos métodos ordinários da mecânica celeste...

Ora, volvendo a β de Perseu, trata-se de uma estrêla que rebrilha com intervalos de excepcional regularidade. Além disto, inclui-se entre as mais humildes do firmamento. Nada possui do maravilhoso encanto da *Peregrina* de 1572. Ofuscá-la-ia o só aparecimento, a distância, da estrêla de Kepler. Perde-se nas alturas. Os astrônomos do Observatório de Yale, ao determinarem-lhe a paralaxe anual, com as suas lúcidas medidas heliométricas, encontraram o ângulo apertadíssimo de 0"035; e concluíram que se se transportasse o Sol a distância deduzida daquele elemento, êle se encolheria no espaço, menor que uma estrêla de segunda grandeza. Realmente, Algol, a estrêla diminutíssima que não distinguimos por demasiado perdida na poeirada cósmica, e que não atrairia os magos, nem deslumbraria Kepler, nem sobressaltaria Ticho Brahe — representa, conforme os cálculos severos de Chaze, um globo 52 vêzes mais volumoso que o nosso coruscante astro-rei, soberano na exigüidade de sua minúscula província planetária...

Quase se admite, por esta simples circunstância, que esta última se não possa erigir em modêlo impecável capaz de se ajustar a tôda a arquitetura do universo... E não nos espanta que após estudarem, sob incontáveis aspectos, os astros extraordinários, e de assistirem aos despencar escandaloso de tantas explicações, gizadas a esclarece-los com os nossos conhecimentos atuais, cheguem os cientistas

---

(1) Veja-se, a êste propósito, o ensaio notável — *Les Étoiles Variables à Courte Periode,* de H. Puisseux; *Revue de Mois,* première année, n.º 11.

de agora à melancólica conclusão da falência inesperada da astronomia, ante aquelas estrêlas flagrantemente rebeldes a tôdas as analogias oriundas do nosso sistema, e às fórmulas matemáticas mais seguras. Seguimos de bom grado, neste lance, a arrebatada ousadia de um dos mais belos espíritos da ciência contemporânea, H. Puisseux, acreditando que "a própria estabilidade das órbitas planetárias cessou de se erigir em lei universal"; e que as idéias consagradas de Herschel, de Laplace e de Newton, assinalando como objetivo uniforme da portentosa gestação das nebulosas o nascimento de globos sólidos, que se encarrilham logo após em órbitas invariáveis, e rolam, perpètuamente, na imensidade, sob o império das leis mais vastas da mecânica — se acham quase tão distanciadas de nós quanto a doutrina ontológica que imobilizava a Terra no centro invariável do Universo.

* * *

Como quer que seja, as nossas vistas cosmogônicas dilatam-se; e já não nos maravilha que a alma magnífica de Kepler passasse, com o mesmo entusiasmo fervoroso, do rigorismo impecável das suas linhas geométricas para os êxtases arrebatados dos crentes, consorciando, como nenhuma outra, o espírito científico, que nos desvenda o destino das coisas, ao espírito religioso, aviventado pela eterna e ansiosa curiosidade de desvendarmos o nosso próprio destino. E pensamos — maravilhados diante do crescer e do transfigurar-se da própria realidade, que, mesmo na esfera aparentemente sêca do mais estreito racionalismo, se nos faz mister um ideal, ou uma crença, ou os brilhos norteadores de uma ilusão alevantada, embora êles não se expliquem, nem se demonstrem com os recursos da nossa consciência atual, como se não demonstram, nem se explicam, malgrado os recursos da mais perfeita das ciências, os astros volúveis, que pelejam por momentos e morrem indecifráveis, como resplandesceu e se apagou a estrêla radiosa, que norteou os Magos no deserto, e nenhum sábio ainda fixou na altura.

FIM

ÍNDICE